

P. ERNESTO DE AMORIM MAGALHÃES



NO PASSADO

BARCELOS

NO PRESENTE



Manuela Martins

NO PASSADO

BARCELOS

NO PRESENTE

Legado
Álvaro Arezes L. Martins

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 60227

Barceliana

Composto e impresso na
Tip. «GIL VICENTE»
BARCELOS

ERNESTO DE AMORIM MAGALHÃES

NO PASSADO

BARCELOS

NO PRESENTE

///

EDIÇÃO DA
Papelaria «LIZ» Livraria
BARCELOS-1958

A Barcelos
e
aos seus Homens-Bons
dedica este modesto trabalho

O AUTOR

Aos raros leitores de *Prólogos*

Fruto de horas vagas — todas de pouca ou nenhuma inspiração — sai o presente trabalho acerca de Barcelos e seus arredores. E sai porque tendo procurado nas livrarias da cidade e na sede do Turismo qualquer coisa que, no género, alimentasse a minha curiosidade, foi-me dito nada existir à venda. Portanto, como onde devia haver não havia, alguns maus conselhos me levaram a architectar qualquer coisa que, de pronto, remediasse a falta, até apparecimento de coisa melhor.

E saíu então isto.

Se não vier a preencher lacunas também não será por completo inútil. Vem resumir um punhado de coisas dispersas que talvez interessem ao visitante apressado.

É uma descrição ligeira, em linguagem comum, de coisas fora do comum.

Barcelos ufana-se de possuir uma grande e velha História, concretizada nos seus monumentos, nas suas tradições, nos riquíssimos lances de patriotismo, nacionalidade e religião.

*

*

*

Barcelos é o que nós, nem por bem faremos maior, nem por mal, menor.

É o que é.

E o que é queria eu dizê-lo, sem exageros nem restrições. Ficarei contente se me puder obrigar a ser justo. E talvez.

Não sou de cá e também não tenho qualquer interesse comercial no trabalho. A primeira circunstância liberta-me de miragens bairristas, e a segunda, de influências interesseiras, deixando-me à vontade e fora de jeitos oficiosos.

Serão proscritas as exclamações adjectivantes e grandiloquentes, em benefício do que concretamente existe.

*

*

*

À elaboração do trabalho presidiu a falta de elementos incontroversos.

Há bibliografia razoável mas dispare nas opiniões. Muitas achei, incertas e até contraditórias. Não fui por nenhuma, geralmente. Registei as coisas e os lugares, um pouco da sua génese e, achar bonito ou feio, interessante ou nulidade, fica ao cuidado de cada um, como é natural.

*

*

*

Não escrevo nada de novo; quando muito, novamente. Não fui coevo dos condes-duques, não assisti às barricadas da ponte nem ao feito do Alcaide; conto o que contado já foi e aquilo que, pelos meios mais comuns, chegou até mim.

Neste contar de novo, esforcei-me por obter clareza e concisão. Por esse motivo, divido o trabalho em duas partes maiores — Barcelos e Arredores — subdividindo cada uma em partes menores.

Em todas tive pressa porque mais não poderá fazer o visitante a quem se destina o livro. Finalmente, parafraseando Quintiliano, escrevo para narrar, não para provar.

Ernesto de Amorim Magalhães

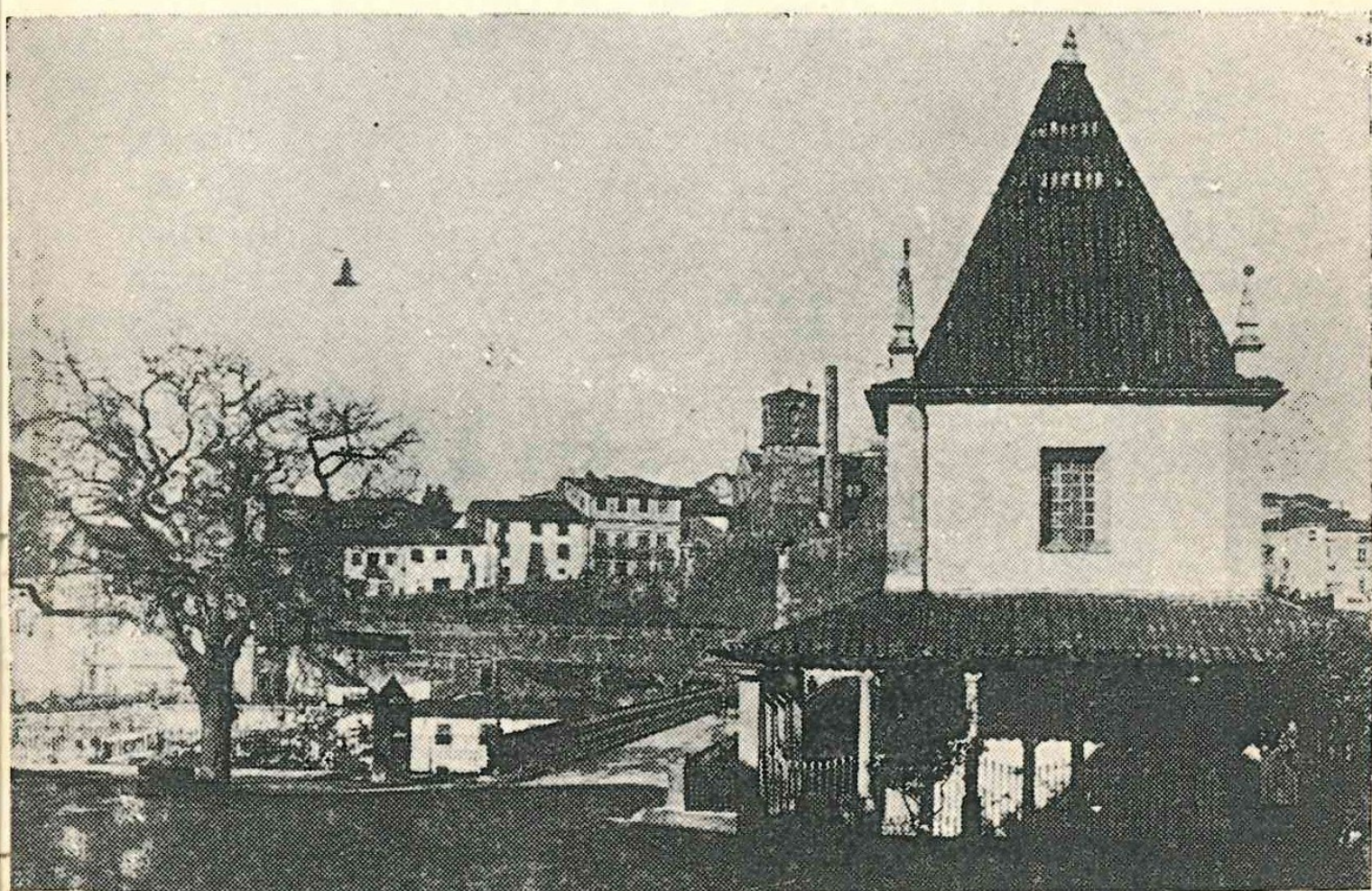


Turismo, Solar dos Pinheiros e Pelourinho

BARCELOS, pequena mas linda cidade que se remira no espelho das águas do rio que a banha — o Cávado — tanto lhe empresta uma rica incrustação de casario e monumentos históricos, como dele recebe uma fresca moldura de prata, enrameada pelo tufo exuberante da sua vegetação marginal.

Não sabemos que mais admirar, nem onde bem começa um motivo e termina o outro. Se em proeminência colocarmos a cidade, pode acontecer da vista se dispersar pelo bucolismo do seu rio em preterição da nobreza da sua rainha; por outro lado, se aos nossos olhos consentirmos o devaneio ribeirinho, este se verá igualmente num renhido concurso de apreço entre as suas características e as da cidade que banha.

Concordemos pois em não os separar e permitir que constituam um único e só ponto de vista da nossa apreciação.



Capela de Nossa Senhora da Ponte, a Ponte e o Carvalho «heráldico»

Descendo Barcelinhos (rua Miguel Miranda) logo divisamos a ponte que, transpondo o Cávado, liga Barcelinhos a Barcelos. Deste lado entesta no muro de suporte às ruínas do Palácio dos Condes de Barcelos e Duques de Bragança, motivo por que o trânsito aí se ramifica para o nascente e poente.

Antes de atingirmos a referida ponte e mesmo à sua entrada se notam, um de cada lado, dois motivos, ambos heráldicos, dignos de atenção.

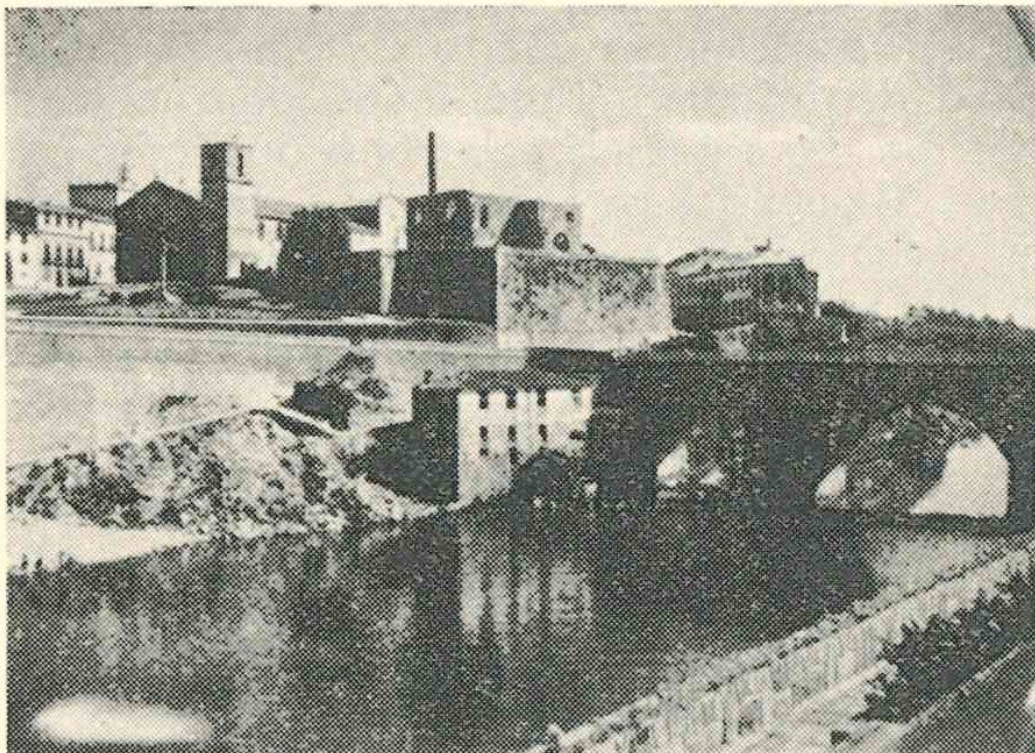
Capelinha e Carvalho

A Capelinha de Nossa Senhora da Ponte, à direita, destaca-se logo pela sua forma graciosa. Data possivelmente dos fins do séc. XIV e parece ter sido edificada dum modo diferente do actual. Encontra-se limpa e bem conservada, mercê dos cuidados da mesa da sua confraria, já secular.

No brasão de armas da cidade (descrito mais adiante) entra, como peça de composição, esta capela e

O Carvalho heráldico, figura importada da natureza que muitos interpretam como sendo o carvalho da ponte. Discute-se esta opinião — posto não custe a aceitar — por, em antigas vistas de Barcelos dos princípios do séc. VXi, a árvore não aparecer. Aceitando ou não, ele nas armas está, e não apareceu ainda outro significado melhor. Note-se, porém, que o actual carvalho substituiu um outro — que seria o do motivo — derrubado em 1827 para barricar a ponte, na luta entre Migue-
listas e Liberais, como se dirá, ao tratar da ponte sobre o Cávado.





Ponte sobre o Cávado

De cinco arcos com quebramares, muito sólida, nunca as maiores cheias lhe interromperam o trânsito.

Das duas vezes que isso aconteceu foi devido, segundo uns, aos danos causados pelo terramoto de 1 de Novembro de 1775 na torre do palácio dos Condes Duques, fazendo com que ela desabasse, cerca da meia noite, momentos depois da passagem do correio de Barcelos para o Porto que ainda seguia a meio da referida ponte; segundo outros, ao estado de ruína da mesma torre por infiltração das chuvas que produziram a sua derrocada (que bem pode ter tido o concurso do terramoto) pelo ano de 1800.

A segunda obstrução foi em Fevereiro de 1827 quando, em Barcelos, as tropas do marquês de Chaves, fiéis a D. Miguel, temendo o assalto dos Liberais, estacionados em Braga, cortaram a ponte do lado de Bar-

celinhos, atravancando-a com o carvalho *heráldico* que para isso derrubaram. Tudo inútil, porque tendo os Liberais forçado a entrada pela ponte de Prado, escorraçaram os Miguelistas para os Arcos e daí, até à Galiza.

Afirmam vários que é romana, outros que é do tempo de D. Afonso, 8.º conde de Barcelos e 1.º duque de Bragança. Há opinião também de que não se sabe quando e quem a fez. Ainda que se diga ser obra de D. Afonso, levada a cabo por 1401, sendo seu inspector Tristão Gomes Pinheiro, a verdade deve estar em que D. Afonso apenas a reconstruiu, pois, parece existir já no primeiro quartel do séc. XIV.

Era estreita, lajeada e protegida com guardas de pedra encimadas por ameias. Sofreu alterações e, na de 1881, foi alargada e substituídas as guardas de pedra por outras de ferro.

Oferece à vista um confronto de grandeza drástica nas cheias impetuosas de invernos rigorosos, e uma bela paisagem de frescura, na canícula do verão, distendendo para montante uma razoável e movimentada praia fluvial.

Lenda acerca da Ponte O povo antigo, na ingénua credence, atribuía à ponte sobre o Cávado virtudes obstétricas ou, mais claro, concessão de facilidades e segurança nos partos.

Era, em seu entender, castigo, praga ou má olhadura, de pessoas malfazejas, o caso de certas mulheres não vingarem capazmente os frutos do seu ventre. Estes, desde que as mães fossem vítimas de tais malefícios, durariam pouco, após o nascimento. Era certo que logo nos primeiros dias de lactação, *iriam para os anjinhos*.

Verificado o caso uma vez, para a outra resolvia-se proceder a um baptismo especial. Em vésperas de novo parto, homem e mulher dirigiam-se à ponte, esperando aí o bater da meia-noite. Nessa hora azada, convidando para padrinho o primeiro transeunte, procediam, servindo-se dum ramo de oliveira e de água comum, à aspersão do ventre materno. A criança viria a nascer robusta e saudável, atingindo *infalivelmente* idade provecta se passasse os oitenta anos, o que aliás acontecia sempre que fizesse boas digestões durante 30 mil dias. É só fazer os cálculos?...



O RIO

Nascido na serra do Larouco, próximo a Montalegre, começa por um fiozinho, correndo no fundo de enormes desfiladeiros, contrafortes da serra do Larouco e Gerez. Engrossava um pouco ao receber as águas cantantes das referidas serras e ao permitir entrada em seu seio às águas do Rabagão, do Caldo, do Homem e doutros ribeiros de somenos importância.

O Cávado antigo Sujeita à Roma toda a Península Ibérica, foi dividida e organizada à feição dos vencedores. Estes, quer pela superioridade das suas armas que não estiveram isentas de perfídia nos piores momentos de luta, quer pela sua mais avançada cultura, por cá se mantiveram durante dois séculos, levantando tropas, cobrando tributos e impondo a sua civilização.

Nesse longo domínio, períodos houve de relativa paz e progresso, com algumas gentilezas a que os romanos eram dados, por vezes. Destas participou Braga, honrada pelo imperador

Tibério com o nome de Augusta, tendo inscrito os seus moradores na tribo Quirina—uma das trinta e cinco romanas—privilégio esse que dava aos bracarenses foro de cidadãos romanos.

A importância desta cidade — urbe — e a riqueza da região contribuíram eficazmente para que viesse a tornar-se um grande centro comercial. Este facto aliado à sua posição estratégica explica a existência de cinco vias romanas — duas para Lugo, duas para Astorga e uma para Lisboa — e cujas distâncias, inscritas nos miliários, eram dela tomadas, como acontecia com Roma.

Estas vias, das quais restam ainda bem conservados troços apesar de muitos séculos por elas terem passado, encontram-se mencionadas numa relação de estradas e estações feita no tempo do imperador Antonino Pio — no poder de 138 a 161 — relação conhecida pelo nome de «Itinerários de Antonino».

Entre as de Braga conta-se uma — *per ora marítima* isto é, por mar, ainda que não toda. Se é indiscutível a sua existência outro tanto não acontece com a sua localização. As opiniões dividem-se mas vários arqueólogos estudiosos do assunto ⁽¹⁾ fazem-na passar por Barcelos, descendo o Cávado até Fão — do termo Fanum (templo) — outrora designado Aquis Celaenis. Seguia depois o mar até Grandimiro, na Galiza, passando aí a via terrestre, com as distâncias assinaladas agora em milhas, enquanto pela água, segundo o costume romano, o eram em «estádios». ⁽²⁾

Sendo também terrestre no seu início, de Braga até ao Cávado, entrava neste no chamado sítio da Furada, acima de Vilar de Frades.

Posta de lado a opinião de que o rio Torto tivesse sido canal de ligação entre a cidade e o Cávado, é fora de dúvida que esta se fazia por calçada romana, de que ainda existe um troço no lugar da Naia, freguesia de Ferreiros.

Existe na toponímia do local subsídio capaz, em favor do asserto; a bouça da barra onde Contador de Argote põe o embarque da 4.^a via romana, e o *Porto de Martim*, lugar antiquíssimo, são dados que não se podem desprezar.

Depois, apesar de ser mais longa que as restantes vias, a sua conveniência era patente, visto por ela tornar-se mais fácil o trans-

(1) D. Jerónimo Contador de Argote, Hübner, Diogo de Vilas Boas, Albano Belino, D. Rodrigo da Cunha, João Baptista de Castro, Pinho Leal, Pereira Caldas, Azevedo Menezes.

(2) Estádio, medida itinerária grega equivalente a 185 metros. Vem da arena de Olímpio onde uma corrida de 600 pés gregos era designada por estádio. Milha romana era a soma de 8 estádios, 1.480 metros.

porte, quer de tropas, mas sobretudo de produtos da agricultura e artefactos de indústria, em quantidade tal que, por terra, atento o acidentado das estradas e falta de gados de tracção, seria bem mais difícil.

Torna-se ousado, porém, aceitar estes transportes pelo Cávado, tal qual ele se encontra agora, mas, há cem anos, as barcas de Fão encostavam na ponte de Barcelos, descarregando sal, das salinas que lá existiam. Menos açoreamento, ausência de açudes e talvez mais água. De resto se diz que o sítio designado Maresses recebeu o nome de, até lá chegarem outrora as águas vivas do mar, o que aliás não repugna, desde que tenhamos presentes os movimentos orogénicos que obstruíram a foz, ou mesmo as regressões marinhas que a geologia aponta e a experiência nos mostra; haja em vista, por exemplo, o que acontece na Vila de Espinho e noutras regiões costeiras. E a ausência de miliários não faz prova contrária, porque estes não eram usados nas medições fluviais ou marítimas.

Finalmente, para guarda desta via poderemos aceitar os castros da Pousa, Oliveira, Franqueira e Rio Tinto. E, ao encerrar, citando Argote, direi que boas opiniões sustentam esta via ter sido por Barcelos, patenteando graves motivos e refutando tudo em contrário, o que não cabe nem no género nem no tamanho do presente trabalho. Fiel ao princípio de narrar e não provar, apesar de mais autorizadas opiniões existirem a favor, fecho com a de D. Jerónimo Contador de Argote :

«A segunda via militar que de Braga sahia para Astorga, parte era marítima, parte terrestre. Sahia de Braga e buscava o rio Cávado, e alli embarcavam as Milicias ou Pretores, e por água hião a águas Celanas que he onde hoje vemos Fão, e contavam de Braga até alli cento e sessenta e cinco estadios que montão cinco legoas, pouco mais segundo a maior parte dos Códices de Antonino referem». (1)

*Por os castros citados
sabemos esta estrada
protegida naquele tempo. É esta
estrada.*

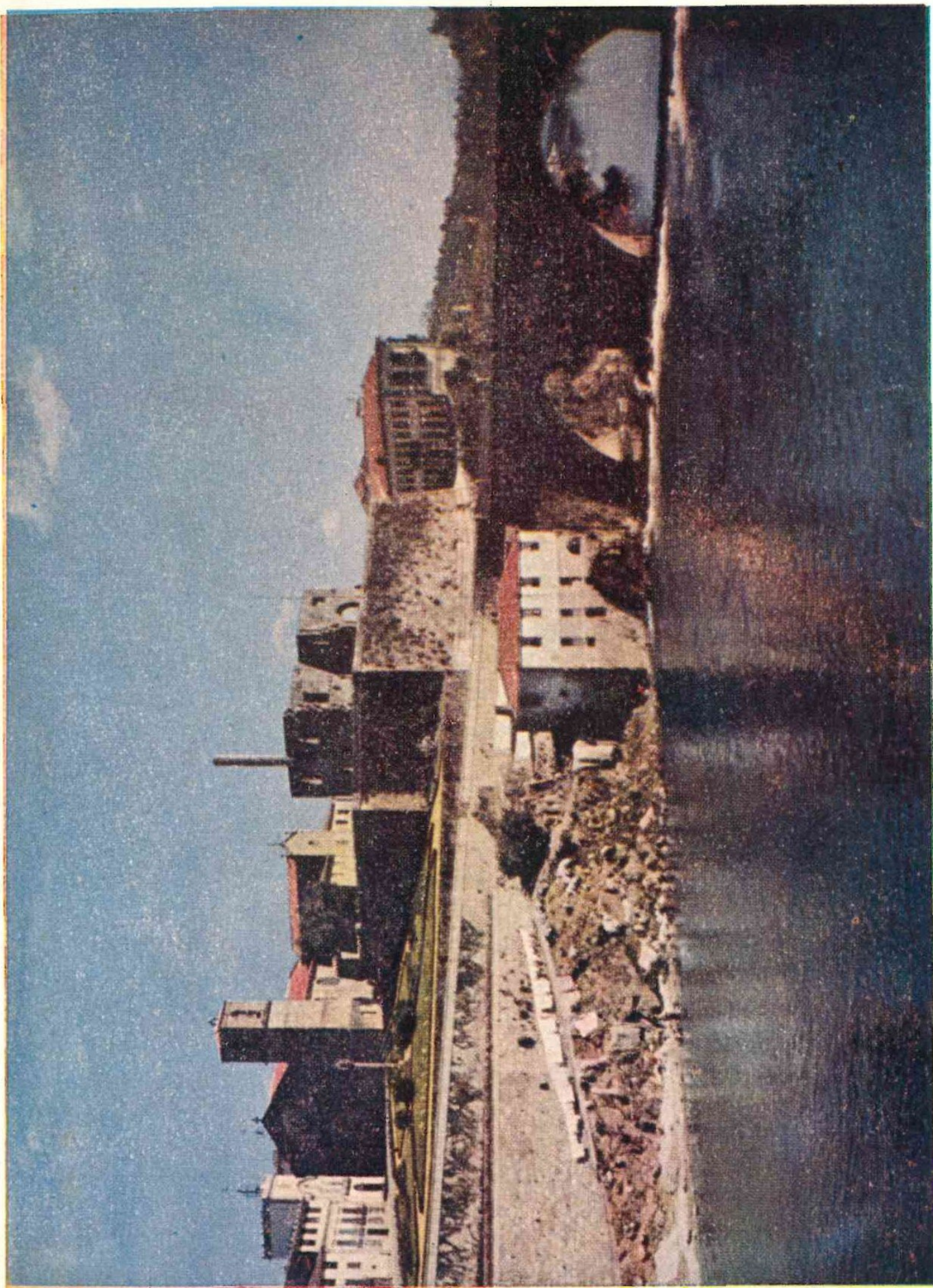
(1) Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, Tomo II.

O Cávado actual É hoje um dos rios portugueses mais condicionados e industrializados, de largo futuro para a Nação.

Em Paradela do Rio, Montalegre, as suas águas são presas e desviadas a tomar altura junto às que vêm do Rabagão que, por sua vez, também foram represadas na Venda Nova — vila que submergiram — e as duas, em grossas condutas, descem, longa e rapidamente, sobre a central de Vila Nova cujas turbinas accionam, para uma produção permanente e anual de 200 milhões de K. W. H.

Mal saídas das turbinas, estacionam em novo encoro, o da barragem de Salamonde, de central subterrânea. Após o seu aproveitamento a uma profundidade de 121 metros, para produzir 20 milhões de K. W. H. são restituídas ao antigo leito que vão apanhar mais abaixo, por um túnel de fuga, com cerca de 2 quilómetros de comprimento. Aí entram na maior e mais colossal barragem de todo o sistema do Cávado — a da Caniçada — em cuja enorme bacia se lançam as águas do rio Caldo e Gerês. Para tal o Cávado submergiu fertilíssimas terras na sua fria cobertura, levada junto do Gerês, de S. Bento da Porta Aberta, de Salamonde, S. João da Cova, Rio Caldo, Valdozendo e Caniçada, com total desaparecimento da povoação e veiga de Vilar da Veiga. A 134 metros de profundidade accionam dois grupos geradores de electricidade e saem por um túnel de descarga, com duas vezes o comprimento do do Rossio (mede sete quilómetros e meio), voltando a ocupar o leito antigo, no sopé de Friande — Concelho de Vieira do Minho —.

Seguem tranquilas, depois, à Ponte do Bico, onde se juntam com as do Homem. Banhando Prado, correm mansas até à freguesia da Pousa, já do concelho de Bar-



Rio, Ponte, Paço Ducal e Igreja Matriz

celos. Aí, de novo são condicionadas para o aproveitamento na barragem da Penide.

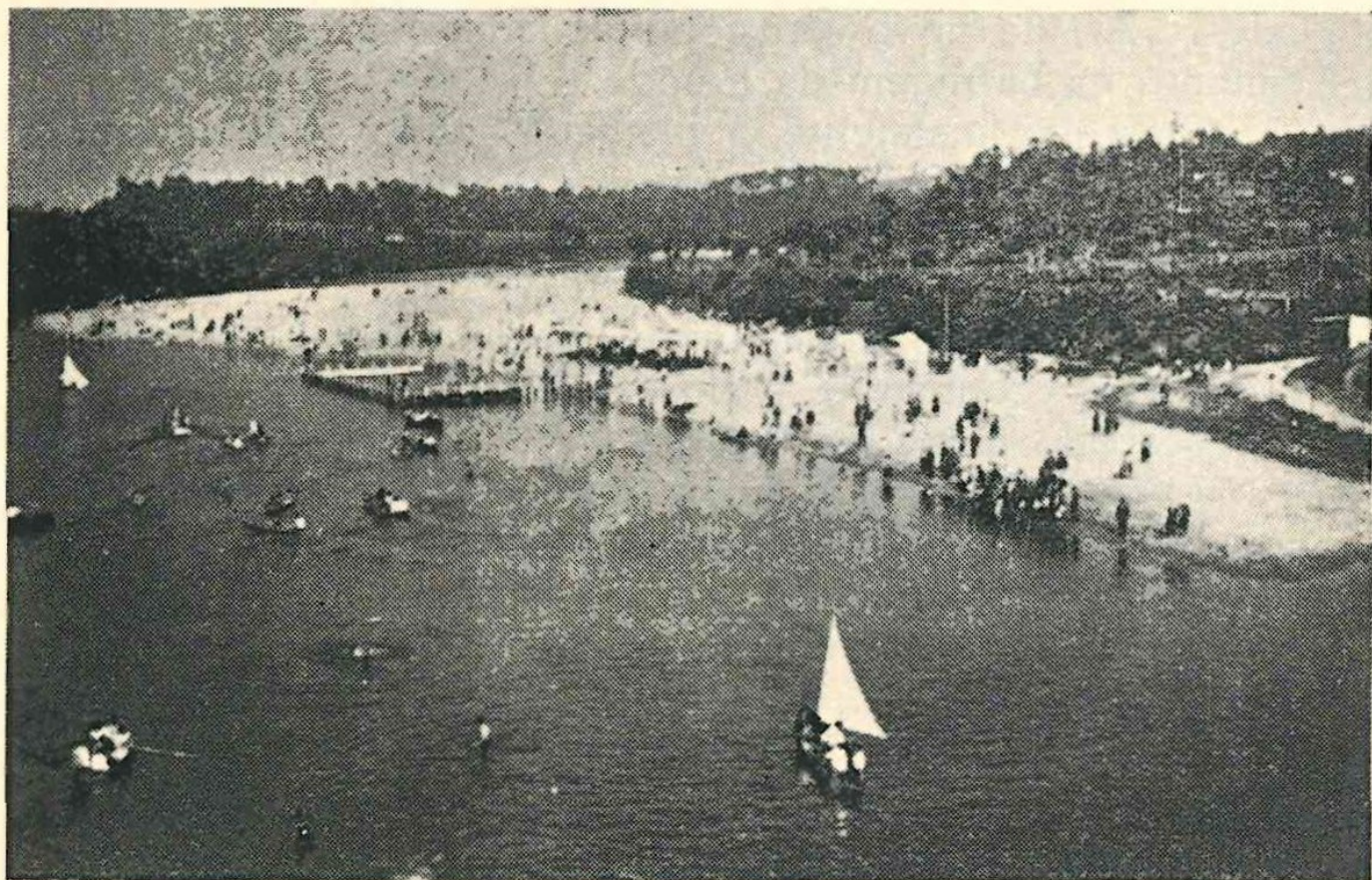
Descem, finalmente, a banhar Barcelos, que lavam, abastecem, refrescam e dão graça, seguindo a lançar-se ao mar, em Fão, depois de produzirem, muito brevemente, cerca do bilião de K. W. H.

O seu antigo nome usado por Gregos e Romanos — Celano — contribuiu, como veremos adiante, para a formação do nome de Barcelos.

O seu actual — Cávado — parece ter sido formado, após várias transformações fonéticas, do termo suévico *Kat* — proximidade — e do latino *avum* — ave —. Ainda em velhos documentos aparece o termo *Katavum*.

. . .

Areal de Caíde Ao sul da barragem de Penide, na freguesia de Areias de Vilar, estende-se um enorme areal, com a fama de ter sido outrora uma quinta, cujo dono, mau e avaro, a deixou em legado a uma matilha de cães. Por castigo de Deus o rio a levou, reduzindo o sítio a um extenso areal a que ficou limitada a quinta foreira aos cães,



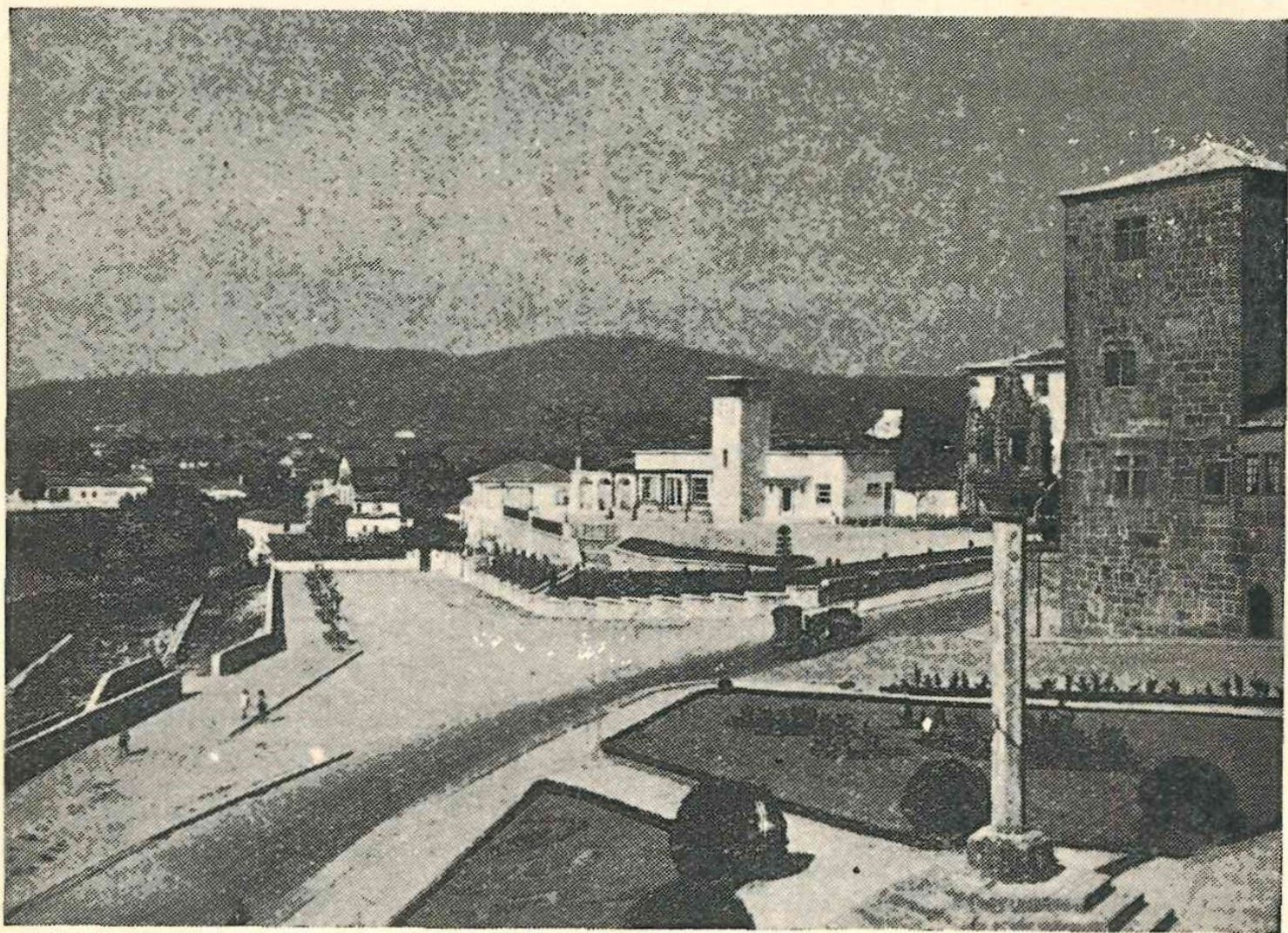
A Praia Fluvial

Vista da Ponte ela é, nas horas de lazer dos barcelenses e barcelinenses, uma nota de movimento a que o Clube Desportivo de Barcelinhos deu vida, há poucos anos. Pessoas cujos trabalhos ou condições económicas lhes proibem estadia nas praias da beira-mar, têm nesta um recurso a que não falta música e... água doce.

Nela se tem realizado algumas competições desportivas de remo e natação, funcionando, durante toda a época, uma escola desta última modalidade. E os resultados mostram-se bem lisonjeiros, porquanto, no ano de 1955, filhos desta escola trouxeram para ela, e consequentemente para a terra e clube que lhe deu vida, o campeonato nacional de natação.

Atravessada a ponte, estamos agora junto dos muros de suporte às ruínas do Paço dos Condes Duques que, como ficou dito, obrigam o trânsito a ramificar-se, em estreita bifurcação, para nascente e para poente.

Antes mesmo de falarmos destas célebres ruínas sigamos o rumo do pôr do sol. Uns metros adiante, pela esquerda abre-se o recinto, cómodo, vistoso e de rico panorama, a que preside a Sede do Turismo.





Sede do Turismo e Esplanada (Restaurante)

Além da sede do Turismo local, primeiro motivo da presente visita, nela se encontram dois outros a que muito em breve nos vamos referir: o Pelourinho, em 1.º plano, à direita, e uma das torres da Casa do Barbadão, atrás deste.—v. gravura anterior.—

A sede do Turismo, edifício de pequena envergadura, mas muito airoso e moderno, deve ser das primeiras visitas a efectuar, em Barcelos. Não tanto por si nem mesmo pela rica paisagem que a cerca, mas pela utilidade das informações nela prestadas, deve o visitante procurar saber o que mais lhe mereça a sua atenção para ficar a conhecer Barcelos. E, fora de reclame, pode mesmo retemperar as forças no bar-restaurante da esplanada, para, com melhor disposição, visitar a cidade. Embora dele nos ocupemos ao tratar de *Pensões e Restaurantes*, pela oportunidade da passagem, aqui o citamos.

Na esplanada ou fora dela tentemos esquadrinhar, uma vez que já estamos dentro dos seus muros, a história da cidade, tocando apressadamente as épocas mais notáveis até nossos dias, depois do que prosseguiremos na visita.



A CIDADE

Está situada junto do rio Cávado, sobre o qual lança uma sólida ponte de ligação com o sul.

Próxima de Braga, cabeça do distrito a que pertence e com a qual se liga por 17,5 quilómetros duma rica estrada, a paralelo, fica relativamente próxima doutras povoações e terras importantes como a Póvoa de Varzim, (V. N.) Famalicão, Fão, Esposende, Viana do Castelo, donde se pode seguir a Valença do Minho, com passagem para a Espanha.

Além de estradas magníficas (todas as que servem as mencionadas terras, ou são de paralelo ou de asfalto)

possui Barcelos numerosos e cómodos transportes, traduzidos pela frequência de autocarros de diversas companhias, como pela quantidade de táxis da sua praça, como finalmente pelo número de comboios, visto encontrar-se ligada pelos caminhos de ferro a todo o país e estrangeiro.

Garantidos os transportes (dado que o visitante não tenha) igualmente se pode garantir os serviços de hospedagem, porquanto, tem Barcelos boas pensões e óptimos restaurantes que, à limpeza e higiene das acomodações aliam o esmero duma cozinha apurada, na confecção de pratos regionais, como de muitos outros, capazes de total agrado à exigência dos diferentes paladares.

São ainda dignos de menção, os serviços da ordem, coadjuvados pela educação dos barcelenses e por razoável número de polícias dispersos por toda a cidade para, dum modo preventivo ou mesmo repressivo, se necessário, garantirem o sossego e a tranquilidade.

Por fim existe o serviço de informações que, dum modo permanente, funciona na sede do Turismo, não obstante qualquer pessoa prestar-se a dar as mais comuns, quer no que respeite a monumentos, museus e outras obras de arte da cidade, quer no que respeite aos motivos interessantes — e muitos são — dispersos pelos seus arredores.

Resumo Histórico

Barcelos, cidade desde 1928 e zona de Turismo desde 1933, regista nos seus pergaminhos parte activa e relevante na História de Portugal.

A data referida não diz que seja uma povoação recente.

Se é fora de propriedade dizer-se que a origem de Barcelos se perde na noite dos tempos, também não é menos certo que se conheça a data ou mesmo a época da sua fundação,

Os investigadores não conseguem acertar-lhe a idade, discordando entre si e alegando cada um suas razões.

Não temos nem sustentamos opinião própria, limitando-nos, mais a título de curiosidade que outra coisa, a registar algumas das muitas, criadas talvez pela lenda ou fertilidade de imaginação desocupada.

A que dá mais idade a Barcelos é aquela que diz ter sido fundada pelos Gregos, sob a designação de Ambrácia, no ano de 1.150 A. C. apontando-a como local do martírio de Santo Epícteto.

Vem uma outra, mais benévola, afirmando remontar ao ano 230 A. C., época dos Barcinos, o que é contestado por outra que diz nessa data, ou melhor, ao tempo das invasões cartaginesas (227 A. C.) Barcelos não existir ainda.

Ao menos, parece que no ano 230 da nossa era, já estava constituída em sede episcopal, sendo conhecido em 363 o seu bispo, pelo nome de Eusébio, e em 424 outro, com o nome de Maximino, refugiado em Viana do Castelo por causa da guerra dos Suevos.

Do que não resta dúvida é da sua antiguidade, fosse a cidade fundada por Gregos, por Barcinos, por Cilenos ou tivesse resultado dum cómodo entreposto, criado no outeiro marginal do rio, pelas necessidades comerciais de antigos povos, moradores de citânias e castros de aquém Cávado.

Também há divergências de origem quanto ao nome. Enquanto uns afirmam vir de Barra Celani que deu Barracelos > Barcelos, outros defendem a origem de Barca Coeli, *barca do Céu*, nome duma velhíssima barca existente para travessia do rio.

Por outro lado, não poucos sustentam Barcelos ter sido a antiga cidade das *Agoas Celanas*, onde S. Paterno, arcebispo de Braga, presidiu a um concílio aqui realizado, pelo ano 400, e S. Balcónio, a outro, em 412 contra os priscilianos. ⁽¹⁾

Não deixaremos de referir a que diz terem os Celtas franceses (Cilenos) no ano 930 A. C. fundado a povoação junto ao Cávado (Celano) designando os seus habitantes por Barcilenos, de *Bar* e *Cilenos*, filhos de Cilenos.

Finalmente, a exuberância de imaginação leva a origem do nome de Barcelos à Fenícia, não tanto por obra directa do seu povo, mas sim do Cartaginês que, invadindo a Península Ibérica onde fizera importantes conquistas por volta de 227 A. C. comandado por Amílcar Barca, por seu genro Asdrúbal e seu filho Aníbal, da família cartaginesa dos Barcas, teria contribuído para a feitura do nome com o apelido da célebre família de guerreiros, ao conquistar ou fundar o aglomerado à margem do Celano. Mas, é tida por mais provável a origem de Barc-ellus, sendo o termo *Barc* fenício, aliás donde procederam os Cartagineses, junto ao diminutivo *ellus*, dando, Barcelos, barca pequena.

Si non é vero...

(1) Povos hereges.

Barcelos e a Dominação Romana

Pouco se sabe do tempo da dominação romana. Admitindo facilmente a influência da sua civilização em Barcelos, temos para a aceitar, o facto de situar-se nas proximidades de Braga que foi campo de triunfos e de desgraças nas invasões dos bárbaros, ao cair o Império Romano do Ocidente, 476, fazendo compartilhar dos seus destinos os povos das vizinhanças.

Embora de alguma paz gozasse com a incorporação no reino suévico, derrotado este pelos Visigodos (584) nova época de sofrimento lhe veio quando, em 710, os Árabes invadiram a Península, numa avalanche feroz, semeando a morte e a ruína, frutos dignos dos seus generais, como o terrível Almançor.

Sepultadas no silêncio da sua desgraça, viveram, durante largos anos, algumas terras, inclusive Barcelos, enquanto nas Astúrias o célebre Pelágio mantinha e alargava um reduto de independência.

Anos passaram até ao aparecimento e restauro de alguns reinos cristãos, e Barcelos pôde ter ressurgido das cinzas quando Braga também o fez, ao restabelecer a sua diocese com o repovoamento do seu burgo em 1071.

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

Barcelos e o seu Foral

O 1.º Condado Vitalício

Caminhando a Península na luta contra a invasão árabe, tiveram os novos soberanos o cuidado de galardoar os serviços que, em tal empresa, lhes prestaram diversos fidalgos. Foi assim que o conde D. Henrique recebeu o Condado Portucalense, a breve trecho convertido por seu filho D. Afonso Henriques numa independente e principiante nação.

Barcelos já nessa época distante devia ter tido certa importância para, no alvor da nossa nacionalidade, ter merecido, por parte do 1.º rei D. Afonso, a concessão do mais antigo foral.

Ainda pela prestação de serviços a Portugal foi o rico homem galego D. João Afonso de Meneses, em 1298, tornado conde de Barcelos, por D. Dinis, em carta datada de Santarém a 8 de Maio do ano citado. Já antes existiam condes, mas sem terras anexas.



Barcelos e a Restauração

D. JOÃO IV

Reinando em Portugal Filipe III, o seu ministro Olivares atendeu do modo seguinte as reclamações do Povo Português, esmagado por tributos: *abolição plena dos impostos, substituídos pela avença de meio milhão de cruzados que os municípios distribuiriam livremente entre si, e pagariam.*

Era o dobro do que somavam os impostos abolidos! Ardiloso, este Olivares! Mas, ao sarcasmo respondeu Barcelos, galhardamente, pelos vereadores da sua Câmara.

Vinda a ordem de cobrança, a vereação de Barcelos resolveu não lhe dar seguimento. Tal atitude manteve-se irrevogável, e nem a reunião do clero, nobreza e povo, conseguiu alterá-la. Foi preciso que a argúcia de Olivares baixasse ao 3.º duque de Barcelos e 8.º de Bragança, D. João, depois reinante, solicitando o favor de intervir, no intuito de pôr fim a tão desacostumada atitude por parte de povos subjugados.

Só deste modo os vereadores se submeteram, mas... por respeito ao seu senhor. Foi por pouco tempo. A revolução avizinhava-se, os nobres conspiravam. Cerca de três anos depois o mesmo 3.º duque de Barcelos e 8.º de Bragança era surpreendido pelos revolucionários Jorge de Melo e Pedro Mendonça que, ao seu paço de Vila Viçosa o foram chamar para que em Portugal restaurado reinasse, com o nome de D. João IV.

Barcelos ainda desempenhou papel importante nos anos seguintes, nas lutas da consolidação da independência, as quais se mantiveram até 1668.

Mobilizou três terços ⁽¹⁾ de infantaria, mil e quinhentos gastadores e quinhentos carros, efectivos que tomavam parte em muitas acções de guerra, inspirando a Manuel de Gallegos aquele verso:

*Só em Barcelos houve alarde um dia
Em que o sol pelos campos dilatados
Com terrível e fera galhardia
Dezassete mil peitos viu armados.*



(1) O equivalente a três regimentos actuais.

Barcelos Moderna

Foi da segunda metade do século XIX em diante que a cidade tomou aspectos novos, pela iniciativa dos edis de então.

Rasgou-se a Avenida Alcaides de Faria que dá acesso à estação dos caminhos de ferro, pelas mesmas alturas inaugurado, transformou-se a ponte, concluíram-se as obras da Câmara Municipal e Repartições Públicas, foi abastecida de água a cidade, inaugurou-se a luz eléctrica, e, mais recentemente, construiu-se um bairro económico de cem casas e o Matadouro Municipal.

*

*

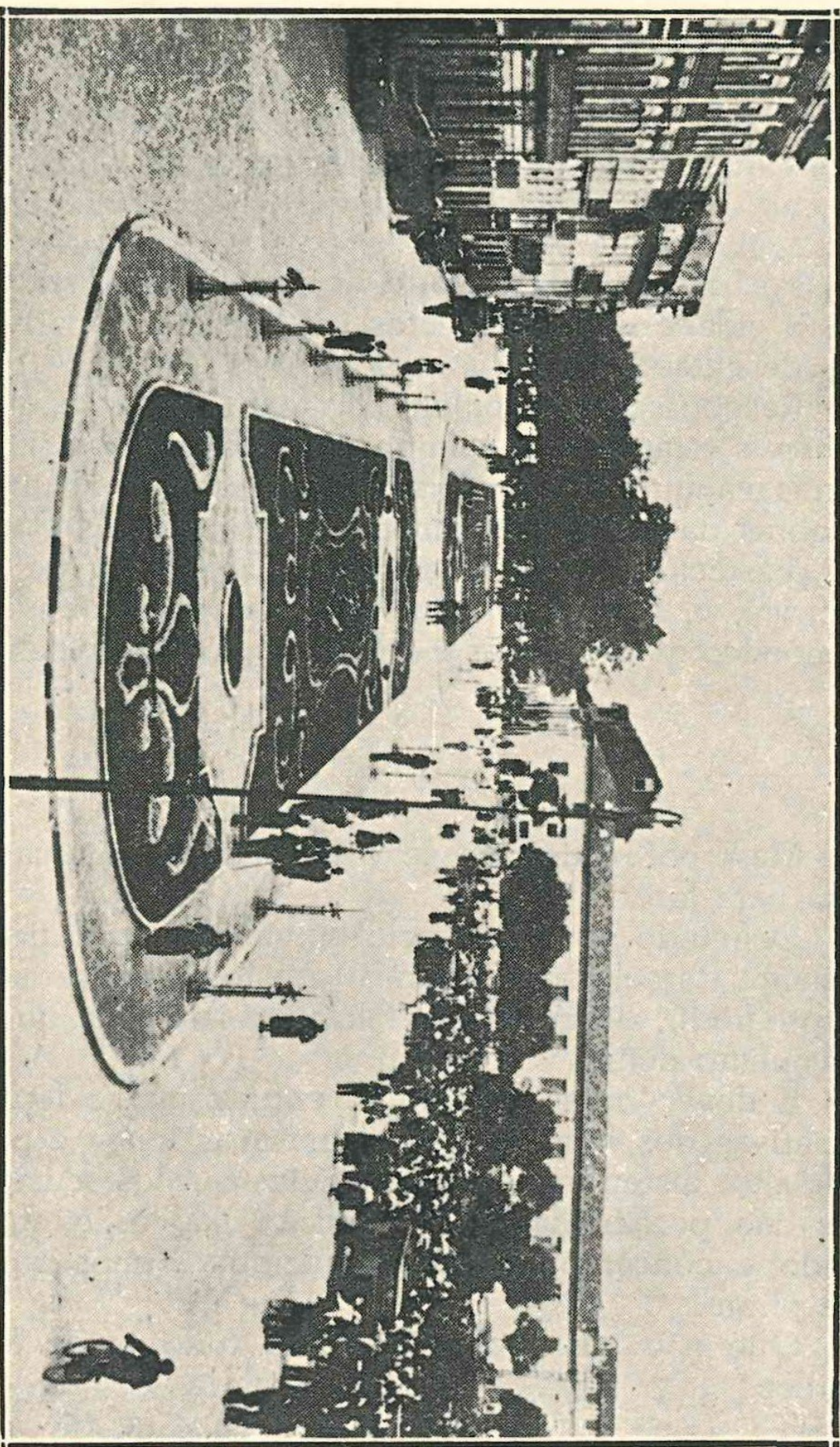
*

Mas, por mais que se faça, sempre alguma coisa resta para fazer.

Definindo-se a vida pelo movimento, tem necessariamente Barcelos de continuar a esforçar-se no sentido de progredir, de contrário, faltar-lhe-ia a vida que só o movimento define.

É dever nosso, acarinhar, entusiasmar e louvar as iniciativas dos homens que olham mais longe e pensam mais alto, distendendo os benefícios que os seus cargos lhes dão possibilidades de realizar, não os circunscrevendo e concentrando nos reduzidos termos das ruas que pisam.

Que não olhem à crítica que tudo exige e nada oferece.



AVENIDA DR. OLIVEIRA SALAZAR

Que se mantenham sem vaidade que só deprime, na elevação dos seus cargos, dispondo, administrando e distribuindo sempre mais e melhor, ainda que de louvores morram pobres, ou que os tenham na boca dos humildes que, quando louvam, o fazem geralmente com sinceridade no coração.

Que não desfaleçam no caminho árduo que a Providência lhes impôs ou, abnegadamente, sobre si traçaram; que se incutam de ânimo forte e entusiasmo novo por cada obra feita, com o merecimento de terem passado a Terra, trabalhando acima do comum dos mortais.

Distintos e bem distinguidos os que, nos seus altos cargos, servem eficazmente a humanidade e não se servem nem daqueles nem desta para pascigo de intenções menos rectas, não desperdiçando finalmente energias com coisas tão pequenas que se tornem indignas dum pretor.

*

*

*

Barcelos de nossos dias atravessa uma hora de intenso labor, caracterizado por um novo e louvável aspecto de progresso—a distribuição de melhoramentos por todo o concelho—.

Era moda (e ainda o será em muitas terras) unicamente pôr-se atenção na sede de concelho, de distrito, etc. E, enquanto estas progrediam, mesmo assim lentamente, as aldeias, mais mulas de reforço ou de carga, eram apenas conhecidas para recolha de tributos, parte dos quais depois gastos no alindamento da sua sede que afinal, só era sua, dum modo muito passivo. E foi por isso que encontrámos aldeias desprovidas de tudo quanto represente uma nesga de progresso, traduzido por caminhos, fontes, luz, telefones, etc.

É dito isto à maneira de um prólogo curto, mas oportuno, à compreensão que têm tido os homens actuais, quando voltam, dum modo tão eficaz, os seus olhos para as aldeias. Muito há para fazer ainda, mas, se atendermos a que eles começam, medindo o ritmo das suas realizações, já os vemos com uma boa trajectória descrita.

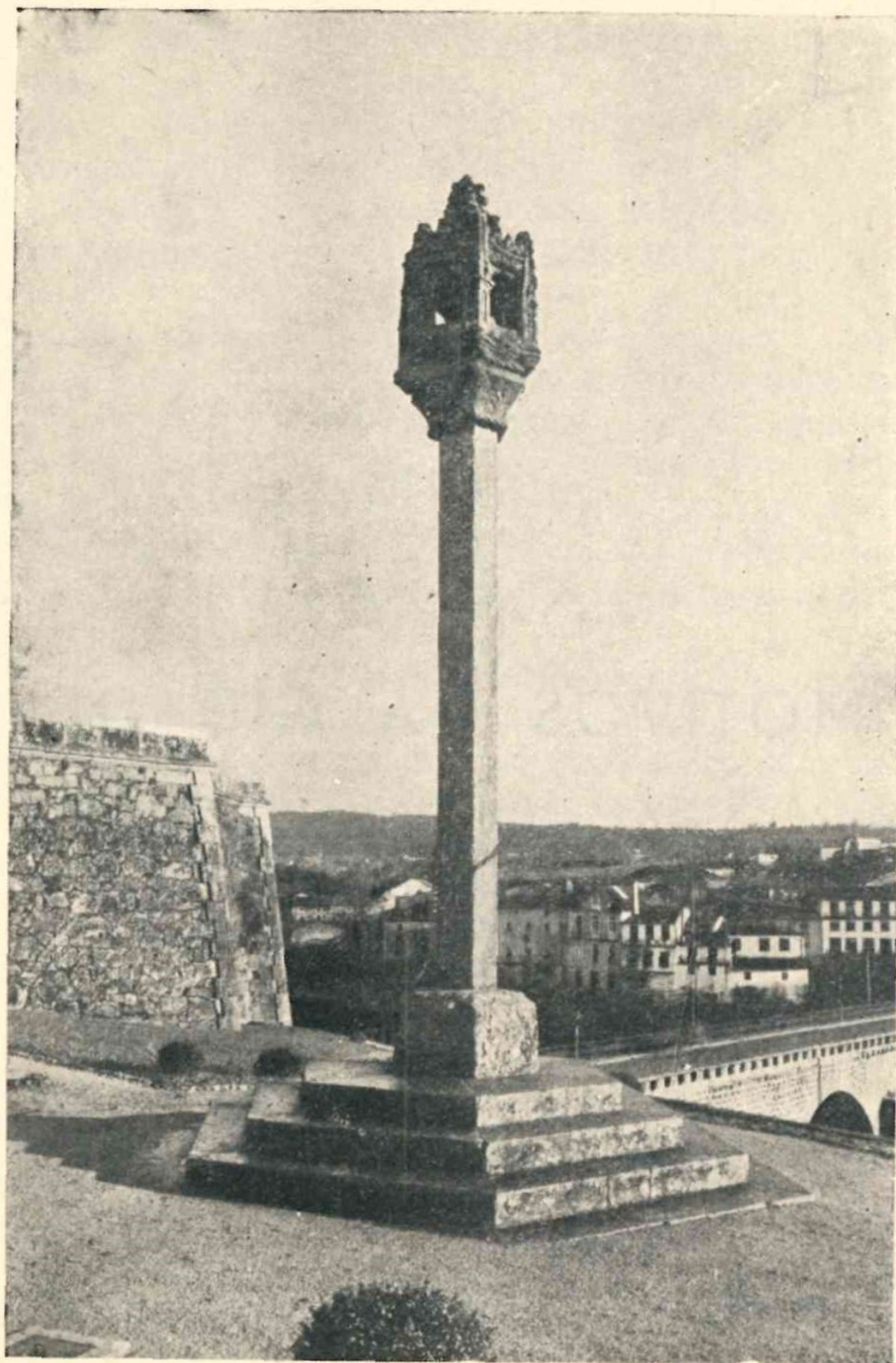
Não tem constituído a sede o único objectivo desses homens. E se alguém nela houvesse descontente por isso, o que não cremos, seria o mais egoísta e o menos português dos homens que, riria das necessidades alheias, impante de comodidades que não pagou e por elas nada fez, invectivando sempre terceiros para que as façam e mantenham em bom estado de uso e conservação.

O tamanho e a natureza deste trabalho não permitem descrever o nível de quem vive abstinido de tudo quanto as sedes possuem para regalo dos seus moradores, nisso diferentes dos restantes cidadãos da ruralidade.

Porém, ser-nos-á possível e grato registar, no que de resto seremos acompanhados por todos os munícipes rurais, um entusiástico AVANTE.

I PARTE

MOTIVOS DA CIDADE



Pelourinho com a gargalheira presa ao fuste

À esquerda, os muros do Paço Ducal, e ao fundo, a ponte e parte de Barcelinhos.

I

Solar dos Pinheiros (casa do Barbadão), Igreja Matriz, Paço Ducal (ruínas) e Pelourinho

Deixada a sede do Turismo, aparecem-nos quatro motivos para larga demora e aturado estudo que, apesar disso, temos de reduzir a ligeira descrição.

Por conveniência, começaremos pelo último, já que às vezes os últimos são os primeiros.

PELOURINHO

Colocado no jardim que antecede, a poente, o muro das ruínas do Paço dos Condes Duques, passou pelas ruas da amargura, até lhe ser dado este lugar. Mas nunca é tarde para se fazer justiça; também a este instrumento da Lei chegaria a sua vez.

Assentara primeiro na Praça Municipal, donde a Câmara o arredou, substituindo-o por um chafariz. Depois foi montado no Largo da Porta Nova, onde se conservou até 1865. Aí, como diríamos hoje, o camartelo do progresso o perseguiu, derrubando-o, para arranjo do Largo. As pedras, na sua maioria, levaram sumiço, e valeu à coluna ter sido aplicada num candeeiro de iluminação pública.

A gaiola não teve pretendentes de maior até que, terminadas as bolandas em 1905, a Câmara o reconstituiu no presente local, adicionando-lhe o cadeado que aparecera nuns esconderijos da torre da Porta Nova.

Com fuste encimado por uma linda *gaiola*, de estilo gótico florido, tem, em sua volta, a corrente de gargalheira e algemas com que eram presos os malfeitores, para execução das justiças. ⁽¹⁾

(1) Havia, entre outros instrumentos da Justiça passada, o pelourinho e a forca. A esta nos referiremos ao descrever o recheio do museu arqueológico. Àquele, embora já o venhamos fazendo sob a sua epígrafe, acrescentaremos, para elucidação duma minoria é certo, que se destinava ao cumprimento duma pena infamante, i. e. exposição do criminoso ao público que o injuriava.

De entre os vários tipos de pelourinhos havia, como principais, este usado em Barcelos, em que o malfeitor era acorrentado, e a roda girante, mais complicada. Daquele vieram locuções como... *vereador do Pelouro, andar amarrado ao Pelouro, i. e. sob infâmia, etc.*

Solar dos Pinheiros

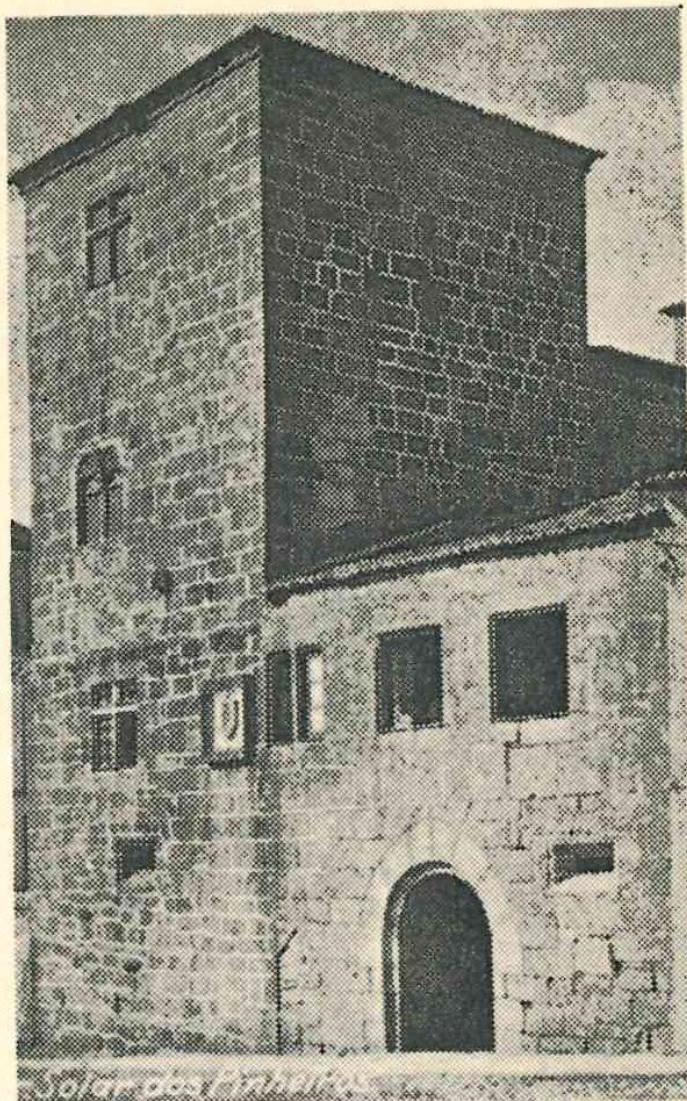
Fácil de localizar mesmo para quem desconheça a nomenclatura das ruas de Barcelos, defronta ele a sede do Turismo.

Dão na vista as duas torres que se erguem, respectivamente nos lados norte e sul do edifício.

Esta Casa, hoje considerada Monumento Nacional, foi mandada fazer por Tristão Gomes Pinheiro. O seu início parece datar da construção do palácio dos Condes Duques. Não tinha, de começo, a configuração que hoje apresenta, o que foi realizado em três ocasiões diferentes.

O Dr. Pedro Esteves, casado com D. Isabel Pinheiro, construiu a parte sul e colocou-lhe um brasão, onde, além do seu nome, insculpiu a data da obra — 1448 —.

Foi o seu filho Álvaro Pinheiro Lobo, Morgado de Pouve, que aumentou a Casa para o lado poente, jun-



tando-lhe as referidas torres, relativamente altas, de três pisos e com janelas. Colocou na do sul, o escudo com as armas dos Pinheiros, do Dr. Esteves e dos Lobos.

Ainda nesta e razando o beiral, à semelhança dum modilhão, existe uma carranca puxando as barbas.

Parece significar, segundo uns, a ira de Tristão Gomes Pinheiro contra o duque D. Afonso que lhe embargara maior altura das torres, das quais bem se devassava o palácio; segundo outros, o desespero do morador pela afronta dum nobre do paço na pessoa duma sua filha, cuja fé manchara.

No incipiente museu arqueológico do qual brevemente nos ocuparemos, há mais deste figurado.

Discute-se a natureza da árvore que figura nas armas de Barcelos, dizendo-se ser pinheiro, deste Solar.





Igreja Matriz

Entre o Paço dos Condes Duques (ruínas) e os Paços do Concelho, com frente à sede do Turismo, está a Igreja Matriz.

De estilo românico com transições para o gótico, data do século XIII, tendo sido erecta colegiada por esforços de D. Afonso, conde de Barcelos.

Este nobre introduzira vários melhoramentos na igreja para a qual se mostrara generoso, valendo-lhe o carinho do Arcebispo de Braga D. Fernando Guerra com as suas provisões de 1433—34 e 36 para a referida erecção, que veio a efectuar-se em 1460.

Mas a obra só foi terminada por seu filho D. Fernando, 9.º conde e 2.º duque, respectivamente, de Barcelos e Bragança, que elevou a 13 o número de cónegos.

Foi extinta esta Colegiada em 1848, falecendo o seu último D. Prior em 1905.

O edifício, tal qual se encontra, tem suportado todos os *melhoramentos* possíveis.

Desde a cobertura a argamassa das suas paredes à de azulejo, desde a mistura de pedra historiada com lisa, de estilo e sem ele, desde o corte de algumas capelas àquele do órgão para poder-se arrumar, pacífica e inútilmente, num dos *falsos* laterais, tudo por ele tem passado, ou não traduzisse, na sua mística, as virtudes da... *paciência, sofrimento e resignação*.

A fidelidade à técnica do estilo abastarda, geralmente, o próprio estilo, fazendo resultar uma manta de cores em que sobressai aquela para a qual o manufacturante mais se inclinou.

A frente da igreja tem a esbelteza do seu estilo. Abre por um belo pórtico com cinco arquivoltas de arcos apontados, sucessivos e reentrantes, em decrescendo, apoiados em quatro pares de colunas lisas, com bases e capiteis historiados. Ladeiam-no dois contrafortes ou botaréus, morrendo na base da rosácea que, nas últimas obras, substituiu um janelão; por sua vez, noutro *melhoramento* passado, este substituíra a primitiva rosácea.

A torre, alta e sem cúpula, fica-lhe ao lado sul, mas fazendo linha com a frente. Tem vestígios de um passadiço entre o côro e o Paço Ducal.

O corpo da igreja é de três naves, separadas por arcos do estilo dos do pórtico, apoiados em colunas fasciculadas, com capiteis historiados.

As paredes e fustes, de granito, foram no séc. XVII cobertas a azulejo, trabalho que, em parte, subsiste ao último restauro.

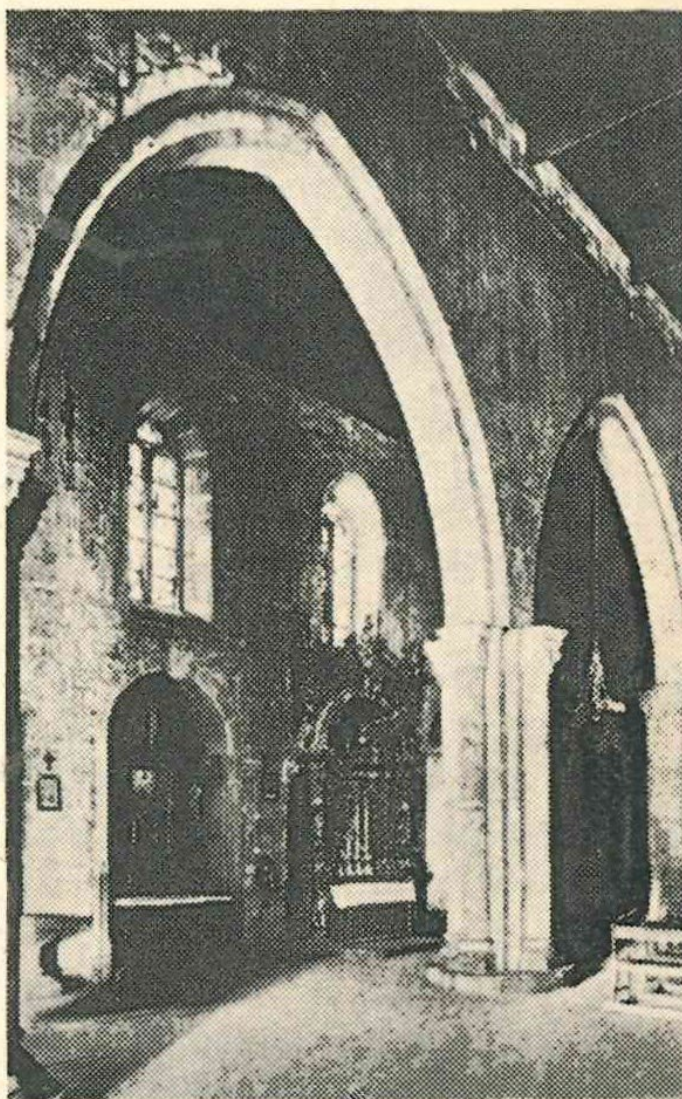
A capela-mor é reconstrução da antiga. É espaçosa, de ábside quadrangular, com janelas guarnecidas de ricos vitrais trazidos de Barcelona. Cobre-a granítica abóbada, por aresta, em cujo boceto ou fecho existe o monograma da Eucaristia — J H S — adornado por uma cercadura em que se lê:

Esta obra fez Barcelos na era de 1504.

Tem, distribuído por ambos os lados, um rico cadeiral trazido do côro, e que substituiu outro mais modesto.

O altar, muito simples e sem retábulo, apoia-se em colunas, deixando uma passagem descoberta, por detrás, para além da qual se encontra um pequeno sacrário, e, em plano superior, uma cartela, sustentando a linda imagem, em estilo barroco, de Nossa Senhora da Ascensão, padroeira da freguesia, a que a igreja serve de paroquial, Santa Maria.

Ao substituir o velho cadeiral, foram descobertas duas portinhas em arco, dando



IGREJA MATRIZ — Interior

comunicação para as capelas laterais que são também cobertas por abóbadas do estilo da mor. No pavimento da do lado direito, dedicada a S. João Baptista, há uma sepultura, tendo gravado um escudo, com as armas dos Barbosas e a inscrição:

Aqui jaz Manuel Barb. Faleceu a 25 de Janeiro de 1595. Este Jazigo pert. a seus descend.^{tes}.

A primeira capela da nave direita é dedicada ao Santíssimo Sacramento. O que de mais curioso possui é a rica e bem conservada tribuna, em estilo barroco, e que para ali fora trazida da capela-mor.

Segue-se uma outra, coberta por granítica abóbada, em boca de canhão. Aparecem mais dois altares, e, ao fundo, um arco tumular metido na parede, com as armas dos Pinheiros e a inscrição:

Sepultura de Alvaro Pinheiro, capitão da vila e de seus ascendentes e descendentes.

Um dos interessantes motivos do lado esquerdo é o órgão que ocupa o espaço duma antiga capela, desaparecida para arranjo da Praça Municipal.

Este pobre órgão que deve ter sido bom, foi sacrificado ao estilo, e, trazido do côro para aquele arrumo, ali se conserva mudo e truncado.

Não cabendo, pelo seu tamanho, no espaço que lhe reservaram, foi reduzido até caber, como se fosse razoável cortar a um carro em vez de aumentar à garagem, truncar um morto para caber no túmulo.

Ou porque não dissesse com o estilo do côro ou porque a obsecação do mesmo estilo superasse, nos responsáveis, o gosto pela música, foi ele diminuído até poder encaixar-se naquele falso, onde não lhe resta

mais possibilidade de encher, de novo, aquelas velhas naves com seus graves e sonoros arranques festivos ou mesmo gritos de dor e repulsa contra quem lhe reduziu o corpo e abafou a alma.

Faz-lhe as vezes uma pobre concertina, posta junto do transepto, cujos rachados balidos não atingem a porta do fundo. E naquilo está a alma musical da velha Colegiada, que não chega a debelar o frio das suas naves nem a pôr vida na grandiosidade dos seus actos solenes.

Paço dos Condes Duques

Ao lado da Igreja Matriz, mesmo sobre o Cávado estão as ruínas do Paço Ducal.

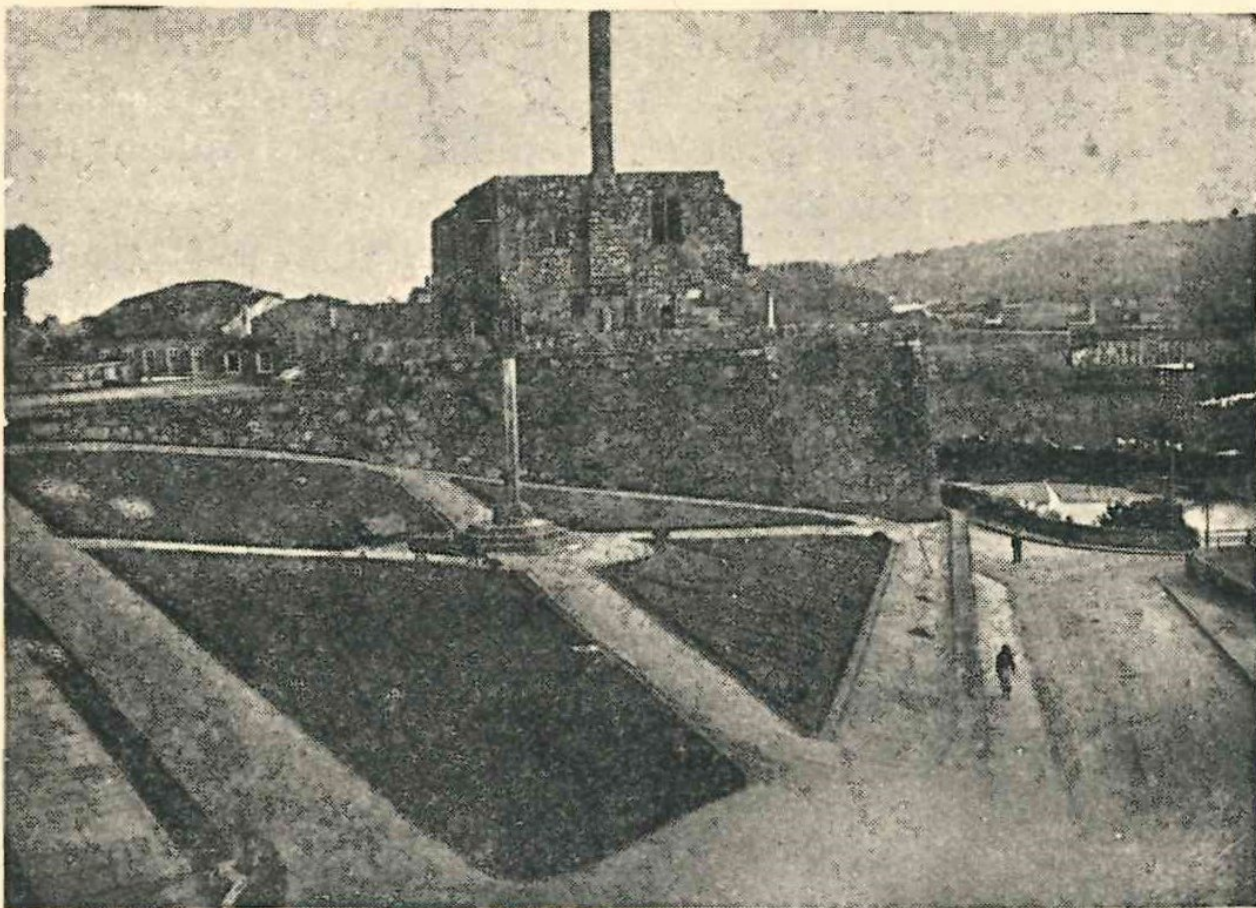
Altaneiras aquelas ruínas falam-nos da sua grandeza e da sua desgraça.

Grandeza porque abrigaram altas gerações, encabeçaram o Condado Barcelense e foram, por vezes, sede do de Bragança.

Numa ascensão histórica notável, este Paço albergou príncipes, reis e imperadores, como veremos.

Rápida, porém, foi a sua ruína. Motivos discutidos ⁽¹⁾—desgostos dos nobres, morte de seus membros, núpcias para fora, longas estadias por outros castelos ou

(1) Novas edificações em Guimarães e Chaves, deslocação dos nobres para o Alentejo, no século XVI (Vila Viçosa), subida ao trono (D. João IV em 1640), falta de permanência no Paço em Barcelos, segundo opiniões, atribuída ao suicídio, dos muros abaixo, de pessoa querida dos titulares, o terramoto de 1755 e o desabamento em 1800.



Vista do Pelourinho e ruínas do Paço

paços,—trouxeram a ruína a este, ruína trabalhada ainda pela incúria dos homens e inclemências do tempo.

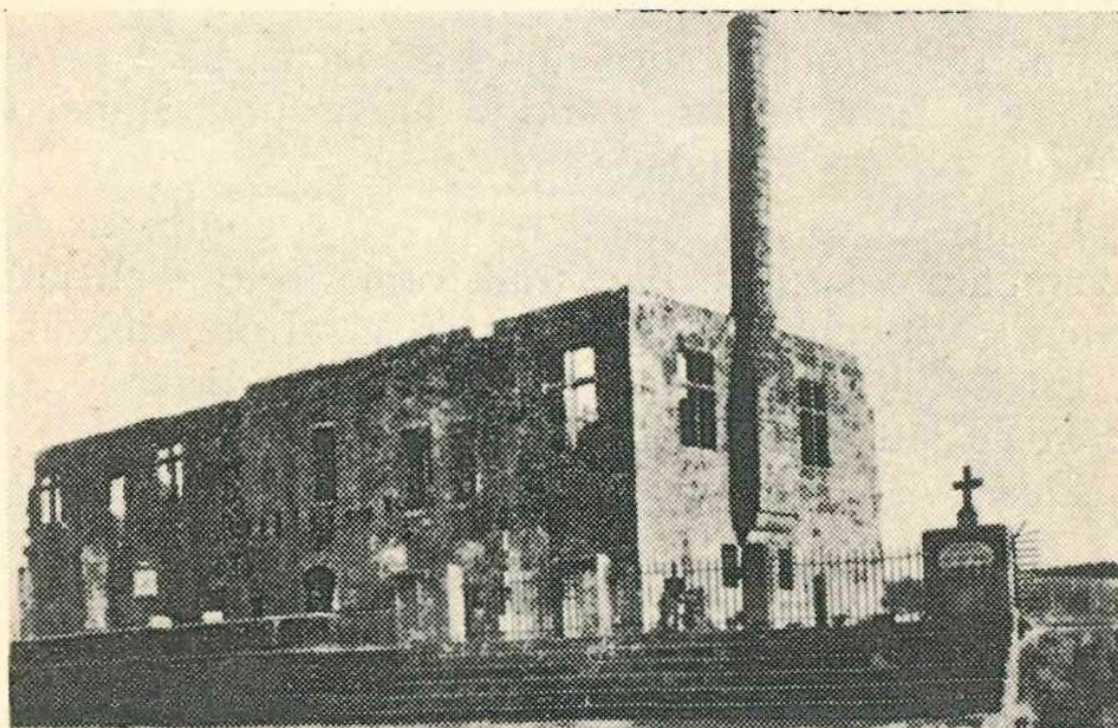
Constituídas por algumas paredes e uma estreita e alta chaminé redonda, de pedra, recordam aos tempos a linhagem e a grandeza dos seus moradores, alguns dos quais dignos obreiros da nossa História.

Mandado construir por D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança, filho legitimado de D. João I e genro de D. Nuno Álvares Pereira pelo seu casamento com D. Brites Pereira, filha do Santo Condestável; pelos seus ilustres moradores e até por um certo capricho na sua distribuição—o Paço comunicava

com a torre de defesa ao sul e com a Igreja da Colegiada ao norte — realizava em si aquele paralelo notável que foi lema dos nossos Maiores e causa primordial da nossa epopeia — a Cruz e a Espada, a Fé e o Império.

Foi a um dos seus senhores, D. João, 3.º Duque de Barcelos e 8.º de Bragança, que a revolução de 1640 surpreendeu, chamando-o ao supremo poder para que reinasse em Portugal restaurado, sob o cognome de Restaurador. Por este rei fora o Paço dos Condes Duques domicílio da nobilíssima Casa de Bragança, tronco de reis, geração de fidalgos.

A data em que o Paço entrou em ruínas não é conhecida. Em 1704 D. Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra e regente de Portugal, na ausência do irmão D. Pedro II, cedeu alguma pedra duma casa



Outra vista das ruínas do Paço

ligada ao Paço, para edificação ou reparação da torre da Colegiada.

Diz-se ter sido o terramoto a principal causa da ruína do Paço, mas tal opinião é fundadamente repelida por alguns investigadores que indicam o ano de 1800 para a queda da torre e de grande parte do Paço, data em que, por isso mesmo, fora segunda vez obstruída a ponte sobre o Cávado.

De 1820 a 1822, por culpa dum vereador da Câmara, parece terem saído do Paço uns 10 mil carros de pedra, proveniente de apeamentos do muro voltado à Colegiada, da torre, das varandas e chaminés. Em 1820 foi demolido o corpo do edifício que se estendia para norte, até à dita Colegiada.

Em 1838 esteve instalado nestas já adiantadas ruínas um teatrinho que numa hora da infelicidade ardeu, acrescentando novos estragos.

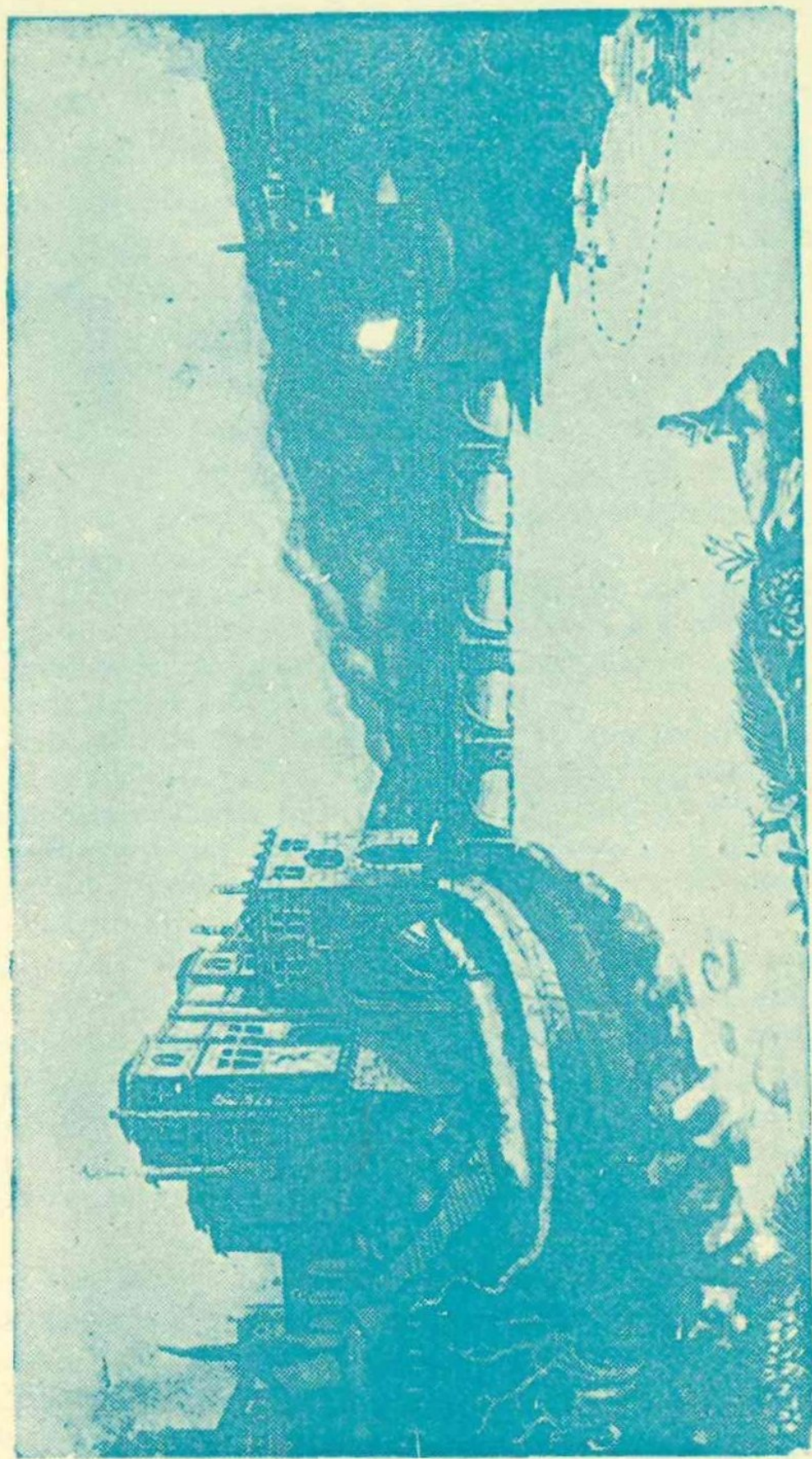
Em 1870 um morador junto à Matriz, para ver uma quinta em Barcelinhos, mandou apear um cunhal que lhe estorvava a visibilidade.

Diante disto a Câmara requereu o completo desaparecimento das ruínas para transformar o local em jardim público. Não chegou a consumir-se tal pretensão.

Em 1874, D. Carlos, cedeu ainda à Câmara o que restava de tão nobre Casa.

Desde 1903 em diante começaram a ser vistas com mais carinho as ditas ruínas que foram calçadas pelos muros de suporte hoje existentes, e convertidas numa recolha de alguns achados arqueológicos.

Fala-se em restauro, mas essa ideia—ótima aliás—já vem de 1820, data em que a Câmara exigiu uma indemnização à viúva do vereador responsável pela venda dos referidos 10 mil carros de pedra.



Palácio dos Duques de Bragança em 1786

As vereações modernas têm impedido a continuação dos demolimentos, admitindo-se a esperança dum possível restauro cujo projecto, bem fundamentado — outros projectos, diligências e até participações pequenas antecederam, inútilmente, este — se encontra pronto para execução, aguardando, por valioso, a primeira oportunidade, sendo destinado o edifício a biblioteca e museu. ⁽¹⁾

No presente, estas ruínas guardam valiosos achados, alguns dos quais com o adorno de curiosas lendas. Daqui, o pomposo nome de

Museu Arqueológico

Assim lhe chamam pela recolha de interessantes «velharias» bem dignas duma visita.

Se não constituem uma riqueza vistosa e por demais útil, mereceriam abrigo mais capaz que, cremos bem, um dia terão.

Encontram-se disseminadas num arranjo mais artístico do que propriamente técnico ou até cronológico.

Todavia são de fácil análise, uma vez que todas as peças têm etiqueta, em azulejo, com um mínimo de informações.

Algumas vieram da Igreja Matriz, por ocasião do seu restauro. Outras foram colhidas na cidade e arredores. De entre elas destacaremos, começando do lado nascente e terminando no mesmo ponto depois de as circundar:

Tampa de Túmulo com uma cruz de Cristo e tesoura gravadas (séc. XIV). A tesoura é o símbolo dos alfaiates, e significa ser o túmulo pertença da confraria dos mesmos, erecta na antiga Matriz.

Um cruzeiro de pedra, de bom tamanho, com uma pintura de Cristo — Cristo imberbe, séc. XVIII. — A pintura está quase apagada, pelo que acreditamos que seja imberbe, contra a maneira comum de representar J. Cristo, geralmente com barbas.

(1) Está publicado este projecto que é da autoria de Francisco de Azeredo, Arq.^{to} pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, Conf.^a «O Paço dos Condes Duques de Barcelos — Projecto de Restauro, Porto, 1954».

Umas alminhas do séc. XVI, em nicho, com grades. O fundo é de madeira onde a pintura está imperceptível, e em que se nota uma perfuração de bala, atribuída aos franceses das Invasões Napoleónicas.

Um galheteiro (boca de armário, em pedra) estilo renascença, com cruz de ordem de malta, séc. XVI.

Um capitel moçárabe, um nicho tumular gótico.

Uma coluna, de estriado oblíquo, estilo românico.

Dentro das paredes do ângulo nascente sul estão alguns símbolos e brasões. Fora, na parte sul, sobre o Cávado, além duma linda pia de água benta, estão duas tampas tumulares, sendo uma do séc. XIII, com gravação de um machado, e outra, com os símbolos de sapateiro: **godo (?) palmilha e faca**. Esta deve ter pertencido à confraria dos sapateiros, também erecta na Matriz, e cujos estatutos já em 1545 sofreram reforma.

No compartimento do poente existe uma **pia baptismal epigrafada**, na qual outros querem ver uma medida de côngrua, com o símbolo de Inocêncio III e registos de aferição.

No canto a noroeste está um lindo **arranque gótico, de absidíolo**

A meio, um curioso **arcaz tumular** com excesso de ornato.

Dispersos, restos duma **fresta gótica, de tijolo, de ladrilhos e argamassa** feita com barro, areia e óleo ou azeite.

Fora, a norte, vêem-se **túmulos românicos com cabeceira, brasões, marcos da Casa de Bragança** e, nas paredes do Paço, **dois painéis de azulejo** com panoramas antigos de Barcelos, um deles, de 1507.

No recinto, a poente das ruínas, existe um **cruzeiro**, trazido de Barcelinhos. Insculpido de curiosos desenhos ele é sujeito de não menos curiosa lenda que passamos a contar, descrevendo-o.

Lenda do Senhor do Galo

Diz a lenda, e na lenda vai, que um filho da Galiza, por cá em viagem, fora acusado de haver morto um homem, crime que lhe valeria a morte, por enforcamento.

Na sua inocência e aflição pedira a Nossa Senhora e ao seu patrono Santiago que o livrassem de tal pena.

Teve a inspiração de ir falar ao Juiz que, mesmo a jantar, ouviu os seus protestos e juras de inocência.

As razões não teriam convencido o magistrado que, céptico em absoluto, atirara uma prova difícil: acreditar na inocência do réu se o galo assado que fazia parte do jantar, de pronto se erguesse e cantasse.

A Fé do estrangeiro aceitara, e, acto contínuo, o galo, erguendo-se e batendo as asas, cantou. O prodígio convencera o meritíssimo que ordenara agora a libertação do condenado.

Em memória de tão eloquente prova fora levantado este padrão junto à forca, montada no Areal de Cima, em Barcelinhos, onde ainda hoje se notam vestígios do estrado de pedra que lhe servia de pedestal.

Trazido para o museu, encontra-se reconstituído sobre uma base de cantaria com dois degraus. Ao centro do pedestal levanta-se o cruzeiro, de cerca de metro e meio de alto, feito de uma só peça, e no qual as figuras insculpidas evocam o milagre.

Tem, desse lado, lavrada a figura dum homem, pendente duma corda bamba, amarrada ao pescoço. Debaixo dele, outra figura de homem parece sustê-lo com a mão esquerda, tendo na direita o pau e a cabaça com que nos aparece adornada a imagem de Santiago.

Do outro lado tem, ao cimo, a figura do sol e da lua, ao centro a de Nossa Senhora, e em baixo, uma outra que parece ser a de S. Bento.

Remata o pedestal uma cruz com a imagem de Cristo crucificado, aos pés da qual se vê um galo, logo seguido pela cabeça do réu.



Padrão do Senhor do Galo



Vista do conjunto do Paço Ducal e Colegiada no séc. passado, possivelmente antes do incêndio que mais estragos acarretou para o já arruinado Paço.

II

Paços do Concelho, Monumento a D. António Barroso e Museu de Cerâmica Regional

Se deixarmos a Igreja Matriz pela porta travessa em uso, logo se estende a ampla Praça Municipal que, na parte sul, toma o nome de *Largo D. António Barroso*, por aí se encontrar a sua estátua, seguida de escadaria e jardim, sendo, na parte norte, fechada pelo grandioso edifício dos Paços do Concelho.

Nele se encontram reunidos quase todos os serviços públicos — Câmara, Tribunal, Registo Civil, Administra-



ção, Polícia, Caixa Geral, Finanças, Tesouraria, Biblioteca, etc. —

É uma vasta e bela construção que, se não fosse o teatro Gil Vicente nas suas traseiras, ocuparia todo um quarteirão da cidade.

Tem uma imponente fachada, com duas torres de relógio e sino para horas.

O rés do chão, hoje com janelas para a Praça, conserva vestígios dos arcos em que outrora se apoiava o edifício. Este, que era pequeno, sofreu contínuas ampliações desde 1849 até princípio deste século.

Albergou a Misericórdia e, depois, um batalhão de infantaria. Também lá estiveram os C. T. T. hoje, em casa própria.

Monumento a D. António Barroso

Ao cimo duma larga e monumental escadaria, ladeada por jardins, encontra-se grandiosa estátua, em bronze, deste ilustre barcelense. Como referimos, ocupa o largo que tem o seu nome, a partir com a Praça Municipal, de frente dos Paços do Concelho. Fica ali bem, voltado para a sua terra natal — Remelhe, onde descansa eternamente — e para o sol do meio dia, símbolo da Fé com que alumiou e aqueceu largas terras do nosso vasto ultramar.

Nascido em Remelhe, termo de Barcelos, em 1854 ordenou-se sacerdote, depois dos estudos feitos em Braga e em Cernache, em 1897.

Pouco tempo depois foi para o Congo onde passou 8 anos a desbravar selvas e homens. Em 1891 foi elevado a bispo de Himéria. Em 1892 partia para Moçambique como seu bispo e, dois anos depois, para a Índia, onde, em 1897 foi nomeado bispo de Meliapor. Aí dis-



D. António de Sousa Barroso, Ilustre Bispo do Porto

tinguiu-se na defesa das suas igrejas do Maduré, então encravadas na Índia e sob pretensa jurisdição alheia. Após 20 anos foi nomeado bispo do Porto que ocupou em 1899. Foi surpreendido pela República que o destituiu das suas funções, mercê da luta que travou na defesa dos direitos da Igreja, postergada pela demagogia liberal. Rejeitou a pensão de exílio e, em 1914 foi reintegrado nos seus direitos e diocese. Em 1917 foi exilado pela segunda e última vez, pois, um ano volvido, já anulado o decreto que o exilou, deixava o campo da luta terrena, onde, mais gasto que velho, sucumbiu a 31 de Agosto de 1918. Jaz em Remelhe.



Monumento a D. António Barroso

Por ocasião do 1.º Congresso Missionário Português realizado nesta cidade em 1931, Barcelos levantou-lhe o presente monumento, no qual escreveu:

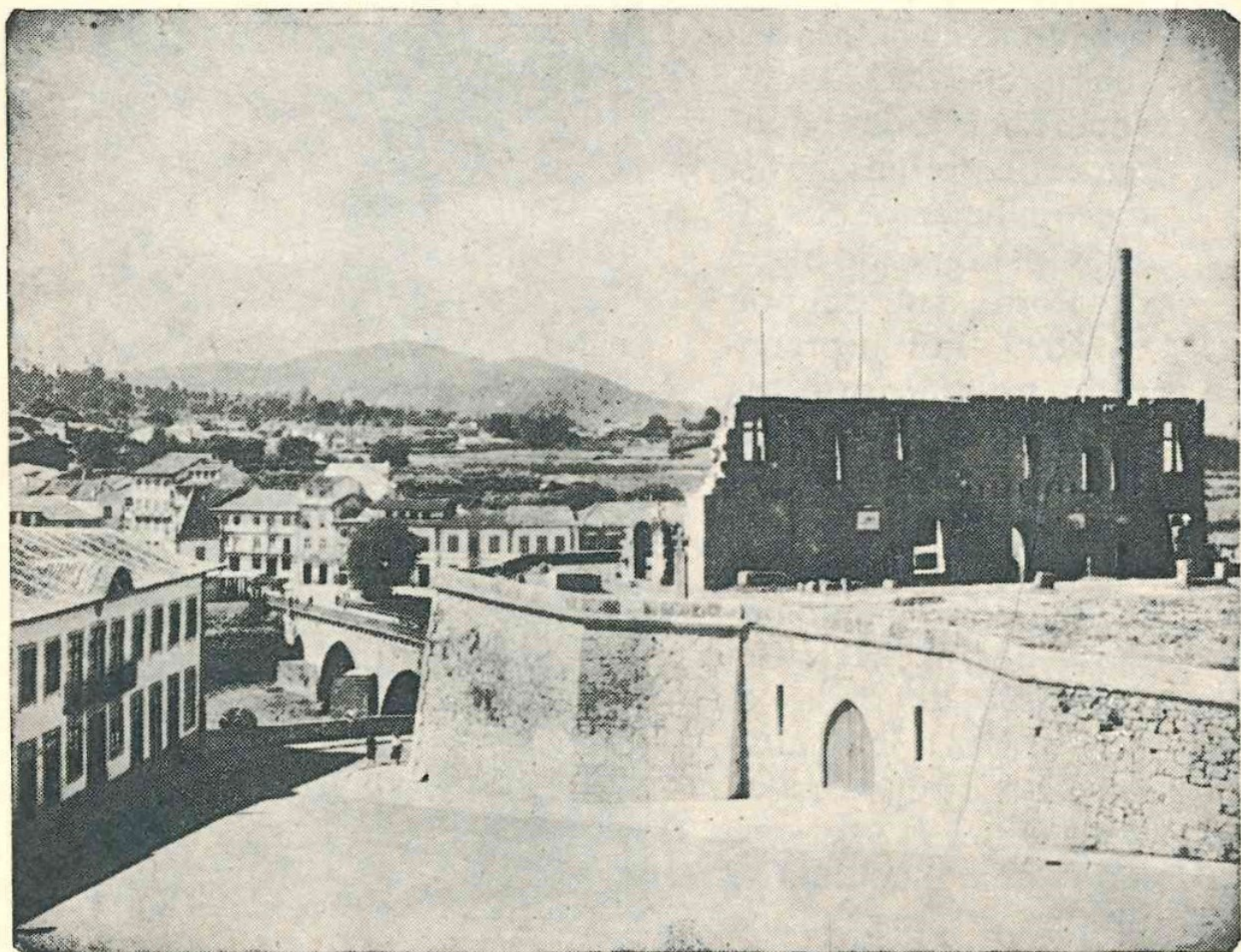
Dilatando a Fé e o Império

(Lus. Cant. I, Est. II)

A D. António Barroso MCMXXXI.

Por subscrição pública

MDCCCLIV – MCMXVIII



Museu de Cerâmica Regional

(Porta à direita, ladeada por frestas)

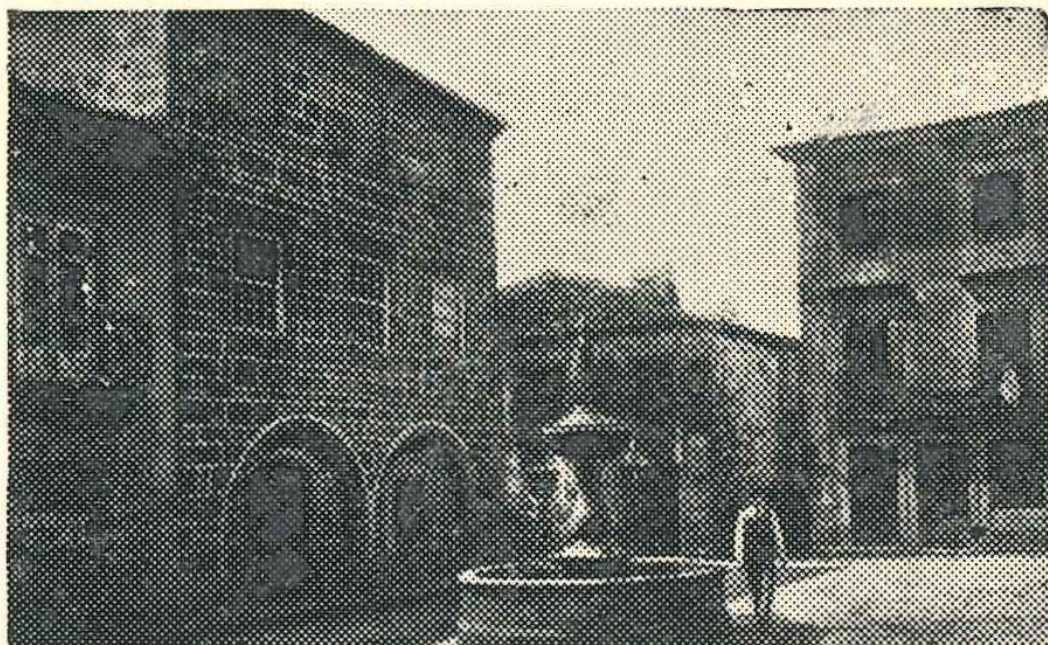
Quase por debaixo das ruínas do Paço Ducal e ao lado da escadaria do Monumento a D. António Barroso, existe uma dependência subterrânea, mas espaçosa, onde, numa boa e moderna arrumação se encontram expostos os espécimes principais da olaria barcelense.

Como está em génese, posto que adiantada, limito-me a citá-lo, apenas, e sob o título dado por um barcelense de lei.

III

Largo do Apoio, Casa do Condestável, Casa do Alferes Barcelense

Quem subir, retrocedendo do ponto em que íamos — Museu de Cerâmica — os metros da rua Visconde S. Januário que ladeia a parte poente dos Paços do Concelho, logo chega a um largo, com um chafariz, a seguir ao qual existe um cruzamento de ruas estreitas e ainda lajeadas.



Largo do Apoio, vendo-se ao lado o Morgadio dos Carmonas

Largo do Apoio

A sua importância não lhe vem de ter servido, antigamente, para o mercado diário, mercado depois transferido para o largo da Porta do Vale, daí para o da Porta Nova, e ainda deste, para a Praça D. Pedro V, onde se conserva hoje.

O cenário quinhentista é que lhe dá direito a uma demorazinha. Compõem-no, propriamente, além do chafariz, a Casa Carmona, unida em 1649 ao vínculo do mesmo nome em S. Pedro de Alvito, a Casa do Alferes Barcelense, de que nos ocuparemos, e, a dar para a Rua de S. Francisco, a

Casa do Santo Condestável

Do séc. XIV, chamada também a «Casa Nova» ostenta um brasão com a cruz floreteada dos Pereiras. Na sua frontaria lê-se:

Casa do condestavel dõ nunalvares pereira

Será oportuno lembrar aqui, embora se repita mais adiante, a opinião que admite a árvore estilizada nas armas da cidade ser pereira, do apelido de D. Nuno. Tudo, porém, só acidentalmente se relaciona com o Condestável, como passamos a referir:

Na batalha de Aljubarrota — 14 de Agosto de 1385 — e ao serviço do rei de Castela perecera D. João Afonso Telo, 6.º conde de Barcelos, ficando o título vago.

Após Valverde, deu D. João I o condado de Barcelos ao Condestável D. Nuno Álvares Pereira que pouco tempo o possuíu, por dele ter feito dote a sua única filha, D. Brites Pereira. Casada esta a 8 de Novembro de 1401 com D. Afonso, filho legitimado daquele

monarca, ficou este na posse do condado, em 8.º lugar; e, tendo em 1442, subido a Duque de Bragança, ficou a ser o 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança.

A D. Jaime, 11.º Conde de Barcelos e 4.º Duque de Bragança, foi concedido poder dar ao primogénito, qualquer dos seus muitos títulos, o que o fez escolher para o filho D. Teodósio, o de Duque de Barcelos. A regalia foi confirmada em 1562 na pessoa do filho deste, D. João, e ampliada com o privilégio de, para futuro, os primogénitos da Casa de Bragança virem a chamar-se Duques de Barcelos.

Desde então o título de Duque de Barcelos com todos os largos rendimentos ficou sempre na posse dos primogénitos do rei, como veremos, pela nomeação de D. João IV, motivo bastante para Barcelos se orgulhar de ter sido cabeça do ducado dos primogénitos de Bragança e, conseqüentemente, da Casa Real Portuguesa, bem como de muitas casas reais da Europa: reis de Castela, França, Inglaterra, Hungria; imperadores da Alemanha, príncipe de Parma e duques de Sabóia.

Casa do Alferes Barcelense (1)

Alcácer Kibir

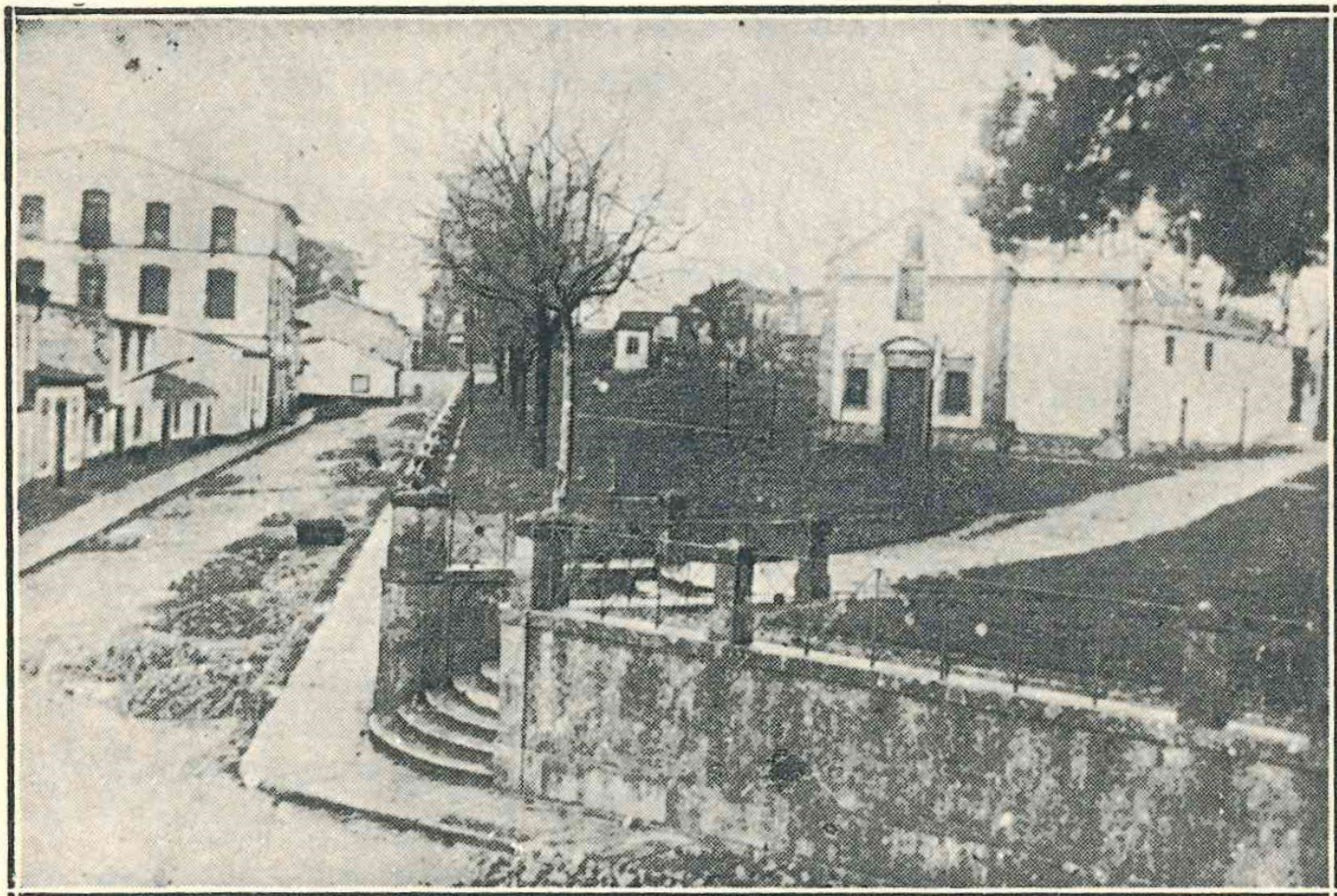
Ainda neste largo de que íamos falando está a casa do valente guerreiro e heróico barcelense, notabilizado em Alcácer Kibir, Gaspar Góis do Rego, porta bandeira do donatário de Barcelos, naquela expedição.

A 25 de Junho de 1578, com uma esquadra de oito centas velas e dezoito mil guerreiros, partia D. Sebastião para a mais luxuosa e terrível aventura — Alcácer Kibir.

(1) Havia a bandeira do reino, a das Quinas e a de cada um dos titulares e donatários que na peleja se apresentassem em auxílio do rei. O alferes barcelense conduzia a bandeira do Duque de Barcelos, enquanto a do Reino e a das Quinas eram conduzidas, respectivamente, por D. Luís de Menezes e D. Jorge Telo

O combate travou-se feroz, mas a sorte derrubou todo o galhardo espanto da hoste lusitana. A flor da cavalaria aí ficou, e com ela, o seu rei. Dos mouros, dois reis pereceram no mesmo combate, pelo que este se tornou conhecido pela *batalha dos três reis mortos*.

Com os reis morreram muitos dos seus respectivos vassallos e, entre estes, alguns barcelenses, ou não estivesse lá a gente do Duque de Bragança. Este fez-se representar na expedição por seu filho primogénito D. Teodósio II que ficou prisioneiro dos mouros. Mais feliz foi o alferes Barcelense que soube morrer de pé, hasteando, até ao último alento, a bandeira do seu Duque. Chamava-se Gaspar Góis do Rego, e era senhor do Morgado de Merece em S. Pedro de Calvelo, freguesia natal do autor destas linhas.



Capela e Campo de S. José

IV

Mercado diário, Capela e Campo de S. José

Data de 1867 a construção da Praça D. Pedro V na qual se efectua o mercado diário. Este realizou-se no Largo do Apoio, como referimos, donde foi transferido para a Porta do Vale. Daqui passara ainda à Porta Nova para, finalmente, se fixar na citada Praça.

É espaçosa e bem lançada. Tem duas séries de galerias cobertas, para talhos e fressuras, respectivamente, a sul e norte. Em pequenos quarteirões descobertos, se vende de tudo quanto a cidade consome.

Ao centro, no sentido nascente-poente, coberto de frondoso arvoredado, existe um passeio que dá para a rua Barjona de Freitas e para o largo da

Capela de S. José

Muito antiga esta capela! Sabe-se apenas que teve obras em 1680. Tem pequeno torreão para dois sinos e, além do corpo pròpriamente dito, tem sacristia e casa de arrecadação.

Nas suas traseiras fica o Campo de S. José.

Campo de S. José

Antigamente chamado da Madalena, consta lá ter-se efectuado outrora uma feira semanal, de gado. É fama ter-se transferido para este largo, o mercado semanal do campo da feira quando nele apareceram as Cruzes. Além do bom desejo de, com isso, reverenciar o chão assinalado, foi tempo perdido; as Cruzes passaram a aparecer neste campo também, junto da capela de S. Bento da Buraquinha, como se dirá noutro lugar.

A poente fica o colégio externato D. António Barroso, para rapazes, até ao 5.º ano dos liceus.



Externato D. António Barroso

V

Campo da Feira

Por campo da feira convém entender todo o vastíssimo campo, limitado por edifícios nos cinco lados que ele possui. Assim, para facilitar a apreciação do conjunto, dentro da área referida englobaremos:

O Jardim das Barrocas, o Passeio das Obras, o Largo da Porta Nova, o Templo do Senhor da Cruz, as Avenidas Sidónio Pais, Dr. Oliveira Salazar e dos Combatentes, podendo incluir-se, como dentro da mesma topografia, o Jardim António Fogaça, não falando já no centro do campo, designado por Campo da Feira.

Tudo em conjunto forma o mais desafogado recinto que, no género existe.

Convirá, colocados nele, analisá-lo por partes.

Jardim das Barrocas

Começando pelo Jardim das Barrocas, situado na parte sul do campo da feira (Campo da República) e por debaixo do Passeio das Obras, umas dezenas de metros antes, pela esquerda, fica um troço das muralhas

antigas que, do Paço dos Duques de Bragança corriam até à Torre de Menagem, um pouco acima. Duma espessura invulgar, guardavam outrora a Vila, de investidas guerreiras que, valha a verdade, nunca tiveram repercussão de maior.

Destruídas pelo progresso ou aforadas a particulares para construção de moradias, delas resta pouca coisa.

Chegámos ao Jardim, que é um dos mais lindos e bem cuidados do país. Verdade incontestável!

Impossível descrevê-lo na graça e mimo de que, em diferentes épocas do ano, se reveste. Abundante e criteriosamente povoado de variadíssimas plantas, ele forma um rico matiz, balisado pelas graciosas cambiantes de cor, numa distribuição tão geométrica quanto admirável. Passeá-lo, com demora, valerá a pena!

Passeio das Obras

Logo por cima e a norte do Jardim das Barrocas fica o chamado *Passeio das Obras*, monumental trabalho, do séc. XVIII, em estilo D. João V. Consiste numa extensa balaustrada, recortada de mirantes com peitoril e assentos, dando vista sobre o Jardim. Possui, para maior beleza e frescura, um fontenário em cada um dos dois lances, deitando as suas águas para o lado posterior das Obras numa oferta ao viandante (é o lado do trânsito) para fácil e cómoda dessedentação, salvo se a sede não for de... água. Separa-os uma elegante escadaria ladeada por altos e trabalhados obeliscos.

Dos tanques com que estavam guarnecidos, apenas resta um.

Os fontenários, dos quais um na fotogravura abaixo nos dá a ideia da sua imponência, formam com os obeliscos da escadaria central um desafio às árvores que nos arredores se levantam, para uma graciosa e ornamental confusão.



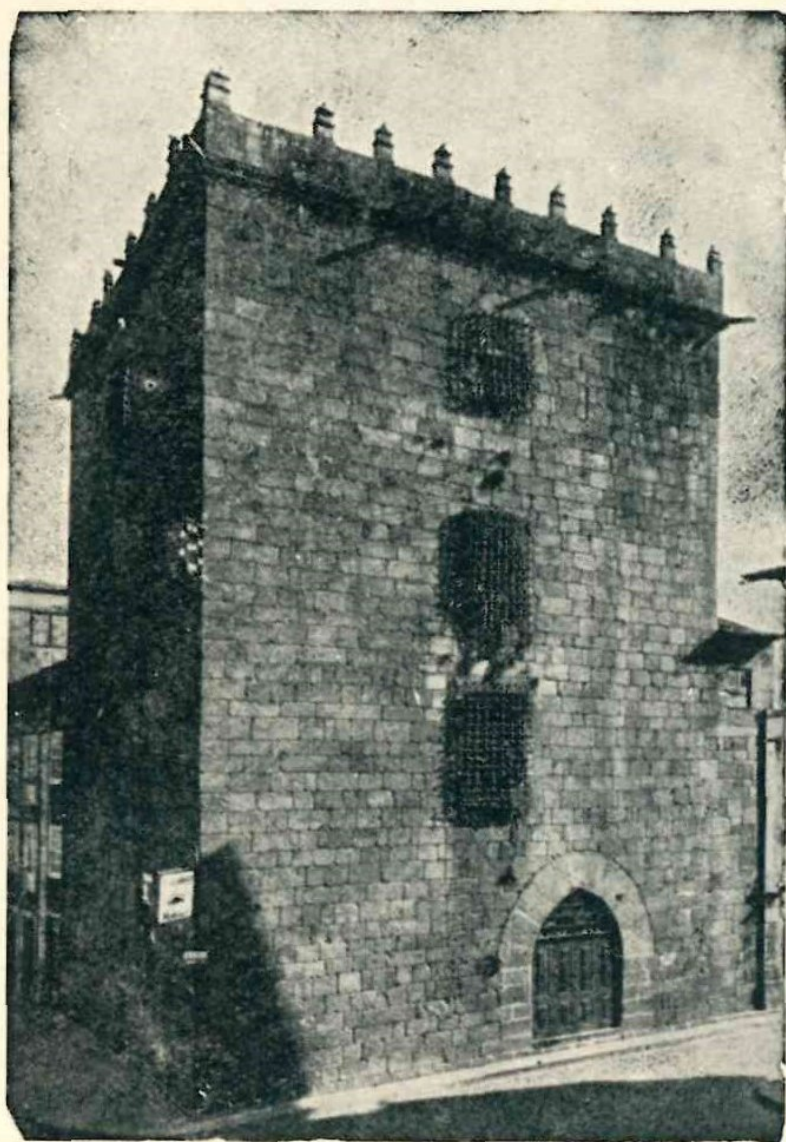
Passeio das Obras e Jardim

Torre de Menagem e Largo da Porta Nova

Em frente ao templo do Senhor da Cruz levanta-se altaneira, dominando o Largo da Porta Nova, a Torre de Menagem, única existente, das três (?) que serviam Barcelos.

Alta, quadrangular, coroada de ameias, fora a moradia do Alcaide da Vila. Razoavelmente conservada, ainda há pouco, servia de Cadeia. Em 1936 foi declarada Monumento Nacional, passando a recolher algumas lembranças com que se pretende constituir o recheio dum museu — Alcaides de Faria.

Embora surjam opiniões para a sua adaptação a biblioteca, talvez não seja peor a do restauro do Paço Ducal, para esse fim muito mais apropriado, pelo local e amplidão.



Torre de Menagem



Largo da Porta Nova

Chama-se assim àquele entre a Torre de Menagem e o Templo do Senhor da Cruz.

Veio-lhe o nome de, à saída da actual rua Direita, ter existido outrora uma das portas que atravessavam as muralhas, porta chamada Nova. Ligava aquela rua com a calçada do Senhor da Cruz.

No seu fecho existia um oratório com a imagem de Nossa Senhora da Abadia, pela qual os locais tinham grande devoção.

O Largo, hoje sala de visitas da cidade e centro de maior movimento, encontra-se muito bem cuidado, e ostenta, nas grandes festas, vistosos enfeites e deslumbrantes iluminações.

Museu Alcaides de Faria

Seja-nos permitido, aliás com grande dose de benevolência, chamar assim ao edifício de que nos vimos ocupando.

É, sem dúvida, uma vasta torre, que ainda hoje nos revela, não só a solidez da sua fábrica, mas ainda a oportunidade da sua localização.

Circunstâncias várias não têm permitido fazer-se dela um museu no sentido verdadeiro do termo, apesar de bons esforços nesse sentido.

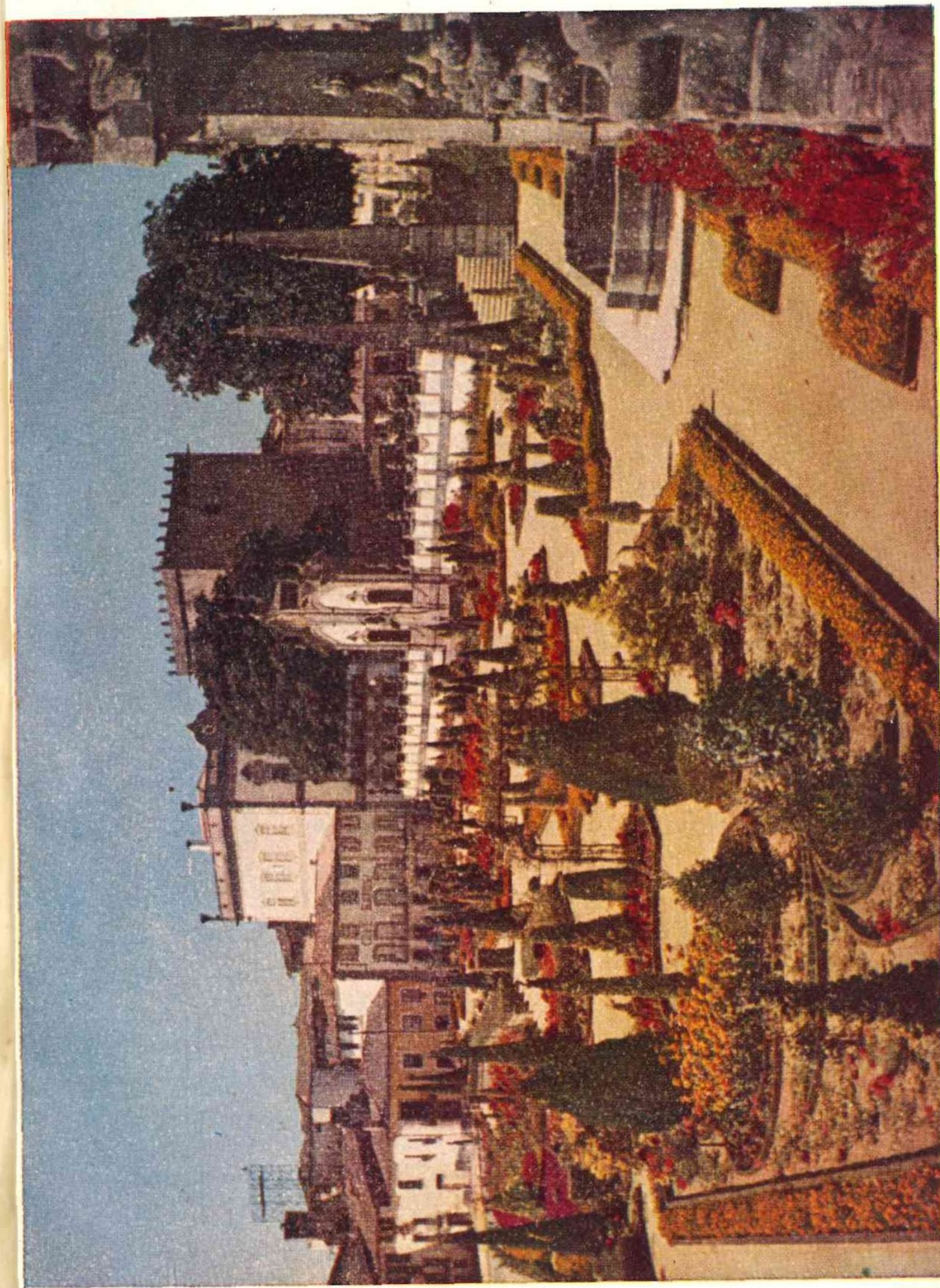
Alberga, em dois dos seus pavimentos, numerosos achados arqueológicos, alguns de longuíssima data, e todos com muito louvor para quem ali os juntou — um punhado de bons barcelenses, conhecido por *Grupo Alcaides de Faria*. —

Não cabe aqui a história deste patriótico agrupamento, embora também não seja legítimo passá-lo em branco, atentos os seus trabalhos no propósito de tornar conhecido, não só o feito heróico do Alcaide, mas ainda tudo o mais que se relacione com o seu Castelo, de nome e glória imperecíveis.

O Castelo de Faria que a marcha dos tempos quis sepultar no esquecimento, teve, neste Grupo, mentores felizes da sua recordação passada e lembrança futura aos que, acima da matéria, ponham o valor do espírito.

Fundado em 1929, foi seu lema investigar e achar, com exactidão, o local do célebre Castelo de Faria, de nome imorredoiro.

O tempo é mais lento que o homem, e se o primeiro teve parcela de culpa na ruína do Castelo, mais teve o segundo quando, por 1563, lhe aproveitou os materiais para a reconstrução do Convento da Franqueira.



Jardim das Barrocas e Torre de Menagem (hoje Museu)

Por meio de aturadas e criteriosas escavações descobriu o Grupo a existência de uma remotíssima citânia pré-histórica, sobre a qual se fundou, depois, um castro romano e, na reconquista cristã neo-goda, se ergueu um castelo que, no séc. XIV e reinado de D. Fernando, escreveu, pelo seu Alcaide, uma das páginas mais belas dos nossos oito séculos de Fé e de Império.

Estas escavações levaram aos mais lisonjeiros resultados, pelo feliz aparecimento de inúmeros vestígios de civilizações passadas.

Reunidos, pelo Grupo, na torre de que vimos falando, são, dentro dela, a maior causa da visita que merece.

Ali, com ordem—apesar de não existir catalogação que seria de grande proveito—se encontram muitas *velharias* que bem nos falam do velho labor.

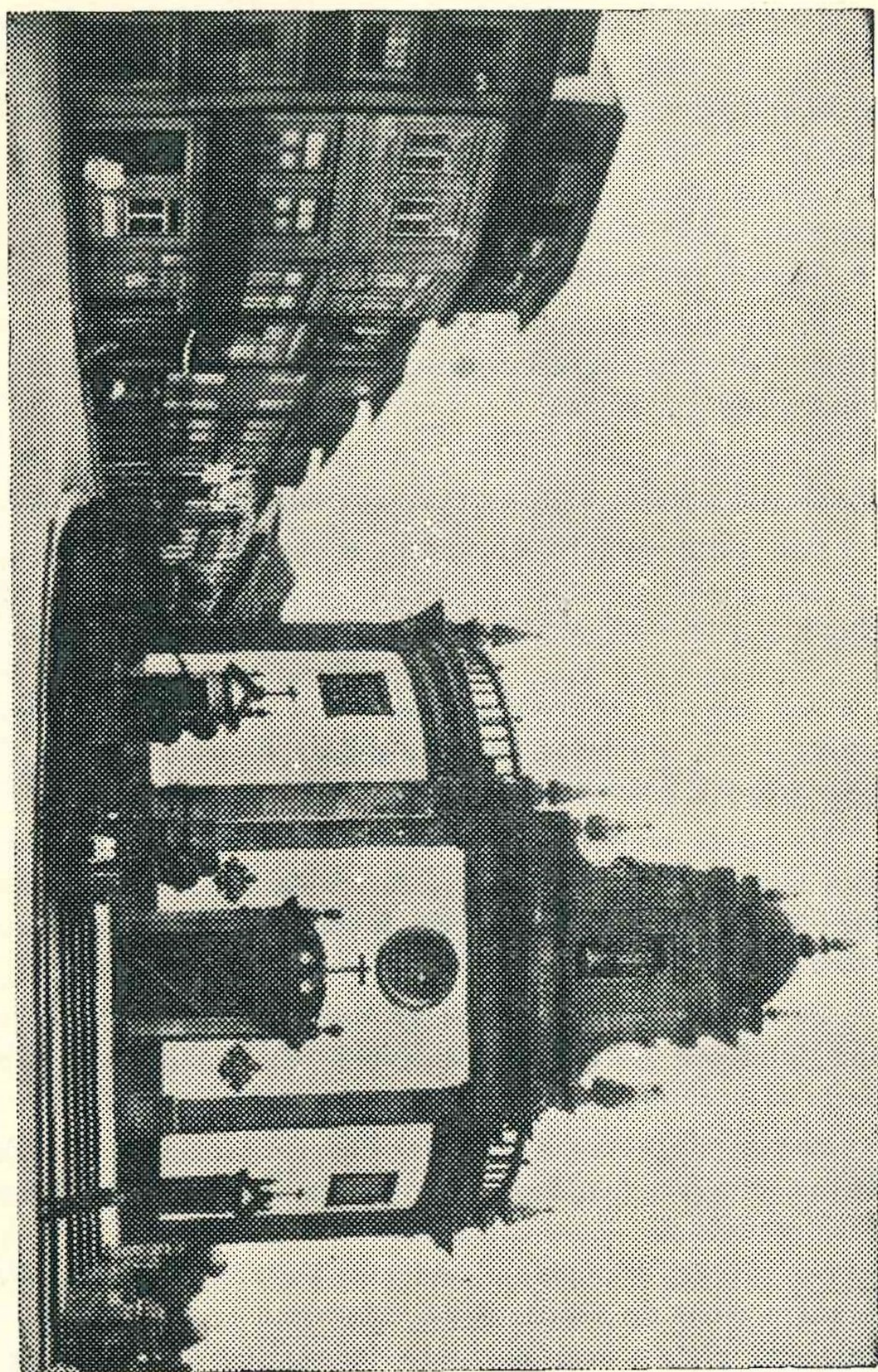
Dos tempos pré-históricos, temos lá a **pedra lascada, machados, picos, martelos, mós de mão** e diversos utensílios caseiros—o **trigo** e a **fava céltica equina**.

De povos primitivos, abunda a cerâmica, escura ou còrada, e muitos símbolos de rudimentar indústria louceira, como **restos de telha—tégula nimbex—pesos de fuso, testos, asas, bordos e fundos de vasos com desenhos manuais—gráfitos.**—

Do romano, há fragmentos de **ânforas, lâmpadas e partes duma fundição de metais**, aparecida em Milhazes, e cuja descoberta se encontra fotograficamente bem documentada.

Pontas de setas e dardos, esporas antigas, lâminas de arnezes, chaves, fivelões, adornos de bronze e de cobre são curioso recheio de alguns escaparates.

Na secção de moedas antigas, **as romanas, medievais, pilartes e reais do século XVI**. Merecem especial referência as moedas de prata—uma **barbuda fernandina** e um **tornez de D. Pedro I.**—



TEMPLO DO SENHOR BOM JESUS DA CRUZ

Templo do Senhor da Cruz

De entre os motivos de que se ocupa o presente capítulo está em lugar proeminente o Templo do Senhor da Cruz. Ele assinala e testemunha o facto mais assombroso que a Barcelos foi dado constatar—o aparecimento de inúmeras cruzes misteriosamente traçadas no chão que o templo hoje cobre.—

Pelas nove horas da sexta-feira, dia 20 de Dezembro de 1504, próximo à capelinha chamada do Salvador, appareceu no chão e formada por terra negra, uma como nódoa, em forma de cruz.

O facto causou justificado alarme, tanto mais quanto eram desconhecidas as causas.

Cavada essa terra, diferente na sua cor e intrigante nas linhas, ela de novo se renovava, conservando sempre a primitiva cor e os limites da cruz. ⁽¹⁾

Para sua veneração logo as esmolas acorreram. Com elas construíram os homens do tempo uma abóbada com quatro arcos apoiados em quatro pilares, cobrindo o solo tão maravilhosamente assinalado.

Pouco depois um comerciante barcelense adquiriu na Flandres uma piedosa imagem de Nosso Senhor da Cruz que foi colocada junto da que, no chão apparecera.

(1) Anos em que foi testemunhada a aparição das Cruzes:

1638 Pelo Arcebispo de Braga e Matias Pais de Faria.

1648 Por Martinho Afonso Coelho, desembargador no Porto.

1707 Por D. Rodrigo de Moura Teles, Arcebispo de Braga.

1730 Por 3 missionários franciscanos e 30 mil pessoas.

Há 35 anos, junto da capela de S. Bento da Buraquinha, sendo viva gente que viu.

Sofrendo algumas modificações, a referida construção existiu até 1705, data em que foi iniciado o grandioso templo que hoje se admira no mesmo local.

É uma bela e sólida construção, tendo o interior em forma de cruz latina com abóbada de pedra e zimbório no centro.

O exterior é octogonal pelo fecho dos braços da cruz, com lados rectos, e as suas intersecâncias, por obtusos.

Tem três altares, de talha doirada, renascença.

Tem dois púlpitos do mesmo estilo, côro, e balaustadas. No côro vêem-se tubos dum órgão igual ao da Matriz e, como ele, igualmente calado.

Tem torre com sinos e um adro muito interessante. Do lado esquerdo da entrada principal lê-se:

Construído em 1504.

E do direito:

Aumentado em 1705.

Dentro, no arco que forma o lado esquerdo da cruz — forma da igreja — tem outra inscrição latina que significa:

«Em 20 de Dezembro de 1504, numa sexta-feira, pelas 9 horas do dia, apareceu neste lugar a primeira cruz, que, cercada com uma pequena capela, veio a servir de solo ou altar do Senhor com a cruz às costas, em honra do qual o mesmo século, para memória sempiterna, com esmolas e expensas públicas, erigiu este templo».

Nele tem sede uma antiga confraria cujo princípio não é sabido mas a que já em 1609 o Papa Paulo V concedera indulgências.

Teve côro instituído em começos de 1729 com 7 capelães, aumentado para 9, e dois meninos de côro.

À volta deste templo têm lugar as primeiras festas do ano e as maiores do Minho — as Cruzes — efectuadas nos primeiros dias de Maio.

O Milagre das Cruzes

No ano de 1504, principiou o portentoso milagre do Aparecimento das Cruzes de Barcelos, que ainda hoje, como testemunha todo Portugal, se admira repetido nos dias 3 de Maio e 14 de Setembro. Vêem-se elas como pintadas na superfície da terra; mas examinando o lugar como ainda hoje se faz, por mais que se cave, sempre vão aparecendo na mesma forma. Não aparecem logo perfectas, mas principiam por uma como nódoa de sombra, e visivelmente vão crescendo até que formam a Cruz. Não se vê sempre o seu número igual, nem a sua quantidade, por que umas vezes são mais e outras menos; umas maiores e outras mais pequenas; umas com seus pés, calvário e títulos e outras sem eles.

O Campo da Feira é o teatro desta maravilha; e no ano de 1570, parecendo ao Senado indecentissimo, que se fizesse semelhante função em lugar que Deus se servia santificar com um tal prodígio, mudou para outro a feira,

mas quando foram a ver o campo, não acharam uma só Cruz, e acharam muitas no Campo Novo; à vista de cujo portento julgaram que Deus se não dava por servido da mudança, e restituiram a feira ao seu antigo sítio.

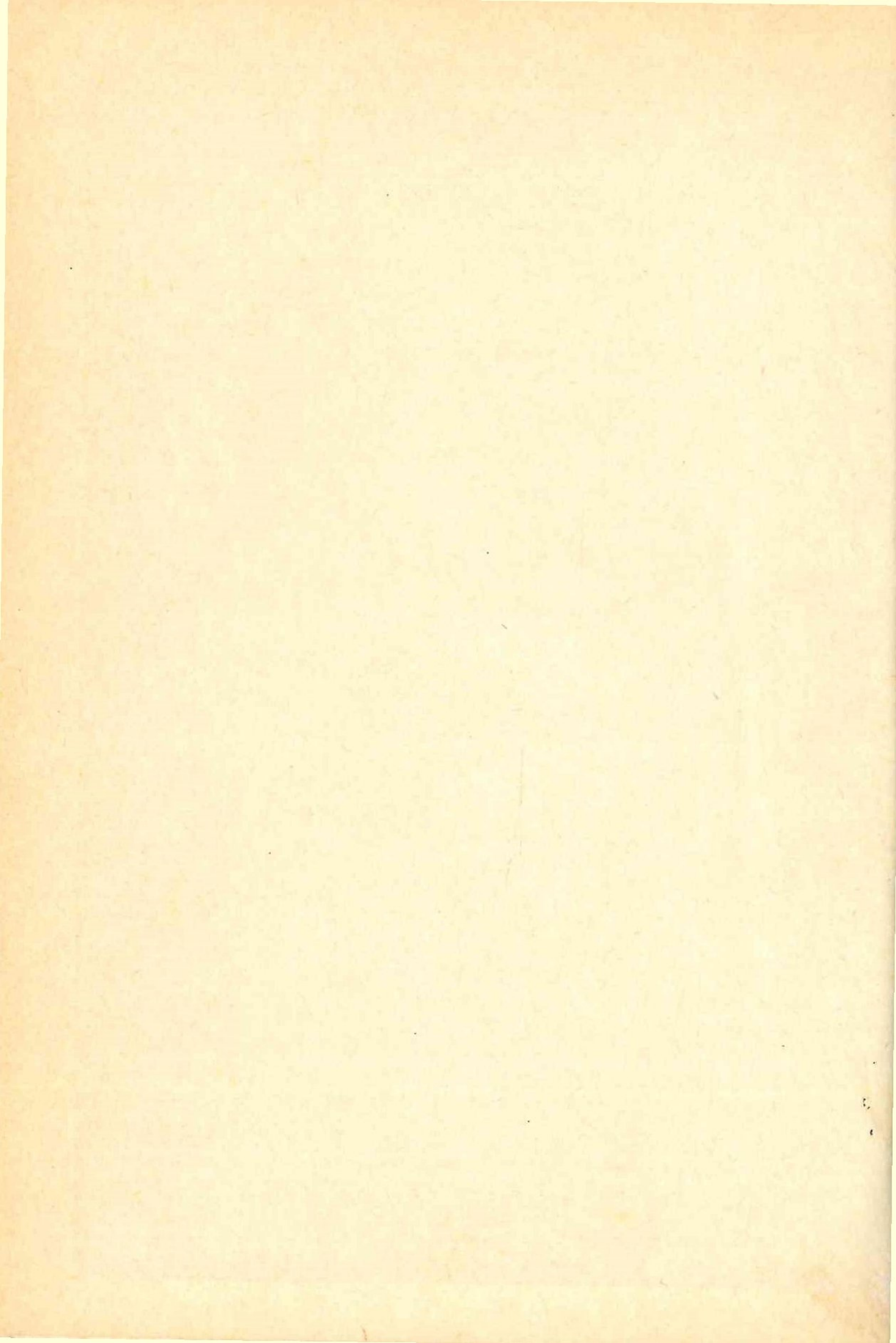
Dizem que a primeira vez que se viu, foi em uma sexta-feira, 20 de Dezembro do referido ano, e que ainda se conserva na Igreja uma Cruz coberta de ladrilho e nesta, que tem um orifício, por onde um Capelão nos dois dias do milagre está continuamente tirando terra, que reparte pelo concurso, que é numerosíssimo: e dizem que ainda que se tirem consideráveis porções (e às vezes para a tirar é preciso meter o braço inteiro) no dia seguinte está outra vez cheio».

— Sob o altar da invocação do patrono da Igreja — Nosso Senhor da Cruz — construída para comemorar o facto, torna-se possível ver no chão uma comunicação directa ao solo Virgem, e pela qual ainda se podia continuar a tirar terra da Cruz.

(Cópia de parte do documento autêntico existente no arquivo da Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz).



Templo do Senhor da Cruz e Largo da Porta Nova



LENDAS

O povo, sempre pronto a enfeitar com a lenda qualquer facto menos comum, também, ao que parece, inventou um para a imagem do Senhor da Cruz.

Conta então que, naquele tempo, lavrava cruel perseguição da heresia iconoclasta nos países do norte, destruindo e lançando ao mar as imagens dos santos. E foi o caso que três destas, trazidas pelas ondas do mar até às nossas praias, foram por elas deixadas, uma em Fão—**Bom Jesus de Fão**—outra em Matosinhos—**Senhor de Matosinhos**—e outra, empurrada pelo refluxo das águas do Cávado, veio até Barcelos onde, recolhida por uma piedosa mulher tomou o nome de — **Senhor da Cruz**. —

E assim o acontecimento foi registado nas quadras que o povo canta:

«O Senhor de Matosinhos
Mandou dizer ao de Fão
Que dissesse ao de Barcelos
Que eram todos três irmãos»

«O Bom Jesus de Barcelos
Escreveu para o de Fão
E o de Fão para o de Matosinhos
Que todos três são irmãos»

Também é fama que, em tempos remotos, uma pobre velha andou pelas devesas (hoje campo da feira) em procura de lenha. Apanhou bastante e, quando cozia o pão, notou que parte dela saltava do forno. Um artista tomou-a e fez uma imagem de Cristo que foi levada em procissão para uma capela nova construída no Campo do Salvador. Essa imagem ainda hoje se vê denegrida pelo fogo que então não quis queimar a madeira de que foi feita.



O vasto campo onde todas as semanas se efectua a maior feira do País, e no qual têm lugar as Festas das Cruzes, todos os anos, nos primeiros dias de Maio.

À direita, parte do Passeio das Obras, e ao fundo o Hospital da Misericórdia. Vê-se ainda uma igreja—a antiga dos Terceiros—que não existe por ter sido transferida para a Avenida Alcaides de Faria. Aí se conserva sob a designação de Igreja de Santo António da Cidade, confiada aos M.^{tos} Rvr.^{dos} P.^{es} Capuchinhos.

As Festas das Cruzes

Em volta deste templo e no amplo terreiro tem a cidade do Cávado o maior cartaz de propaganda na realização da festa das Cruzes.

De um a cinco de Maio, Barcelos toma um movimento inimitado; são dias de festa, ruidosa e colorida, em que uma avalanche de forasteiros, de perto e de longe, acorre à cidade ver as Cruzes.

As estradas e caminhos de acesso, sempre atulhados, fazem desaguar na urbe festiva rios de gente, em desafio e graça de mal contida inveja para com os de carro, eles que fazem dos socos e botas as suas rodas; são os de perto. Em negaças de quem vai chegar primeiro desfilam os motorizados de toda a sorte, ronceiros, matrículas, silenciosos e do último modelo; são os de longe.

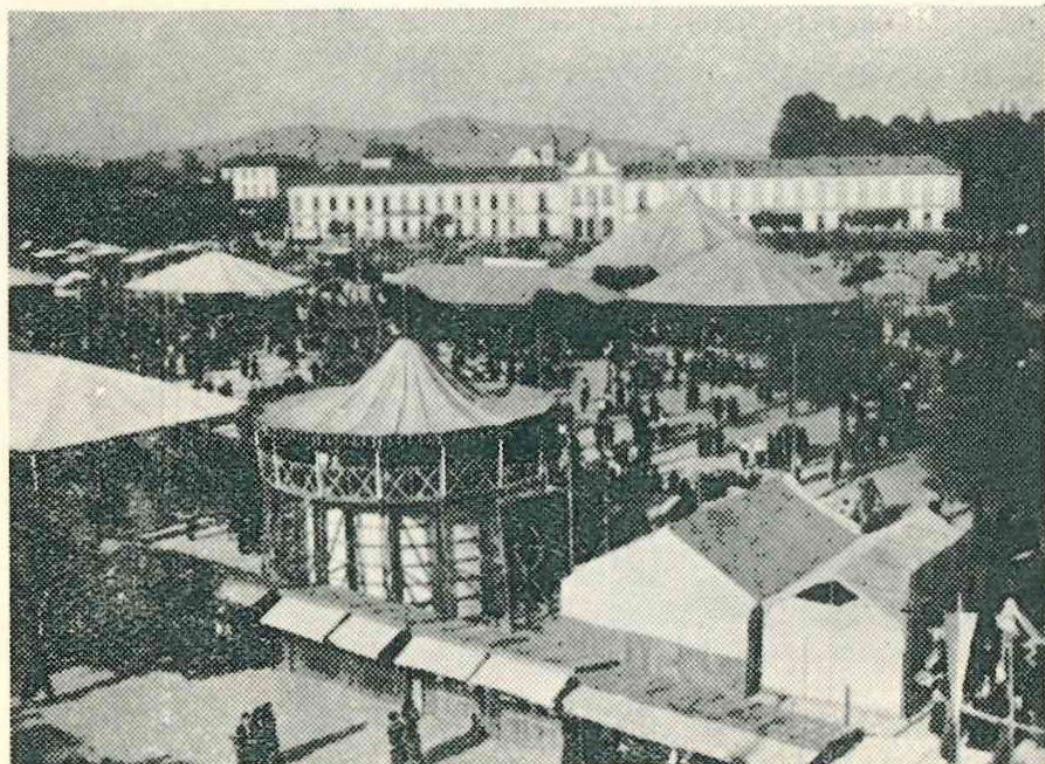
Todos chegam àquele aturdimento a naipe de pregões, assobios, gritos e música infrene de cem bocas falantes, em último registo de som, abarcando tudo numa só corda coral, assinalada compassadamente pelas explosões nas barracas de tiro e no pilão das forças. É um pandemónio vivo, agravado pelo repicar dos sinos, o estrondear dos foguetes, o ribombar dos zés p'reiras que avolumam assustadoramente a chinfrineira.

Amaciando o ambiente alacre das ruas em que passam ou tocam, numerosas bandas atacam duro os buazes com que atiram alto as notas solenes ou vibrantes de escolhidas partituras, sem falta do *1812*, da *Tosca*, e da *Cavalaria Rusticana*.

Nos seus coretos, infelizmente próximos do bruá geral, ora polvilham de música graciosa e leve os afei-

çoados presentes, ora, em explosão violenta, atiram sobre eles florestas de notas, solenes, grandiosas, vibrantes ou estridentes, em braçadas e bouquetes seguidos, criando a euforia da vida, escape livre para as agruras do espírito. São as Cruzes em Barcelos.

O seu vasto campo da feira está pejado, Toda a sorte de caça níqueis ali assentou: Rodas de cavalinhos,



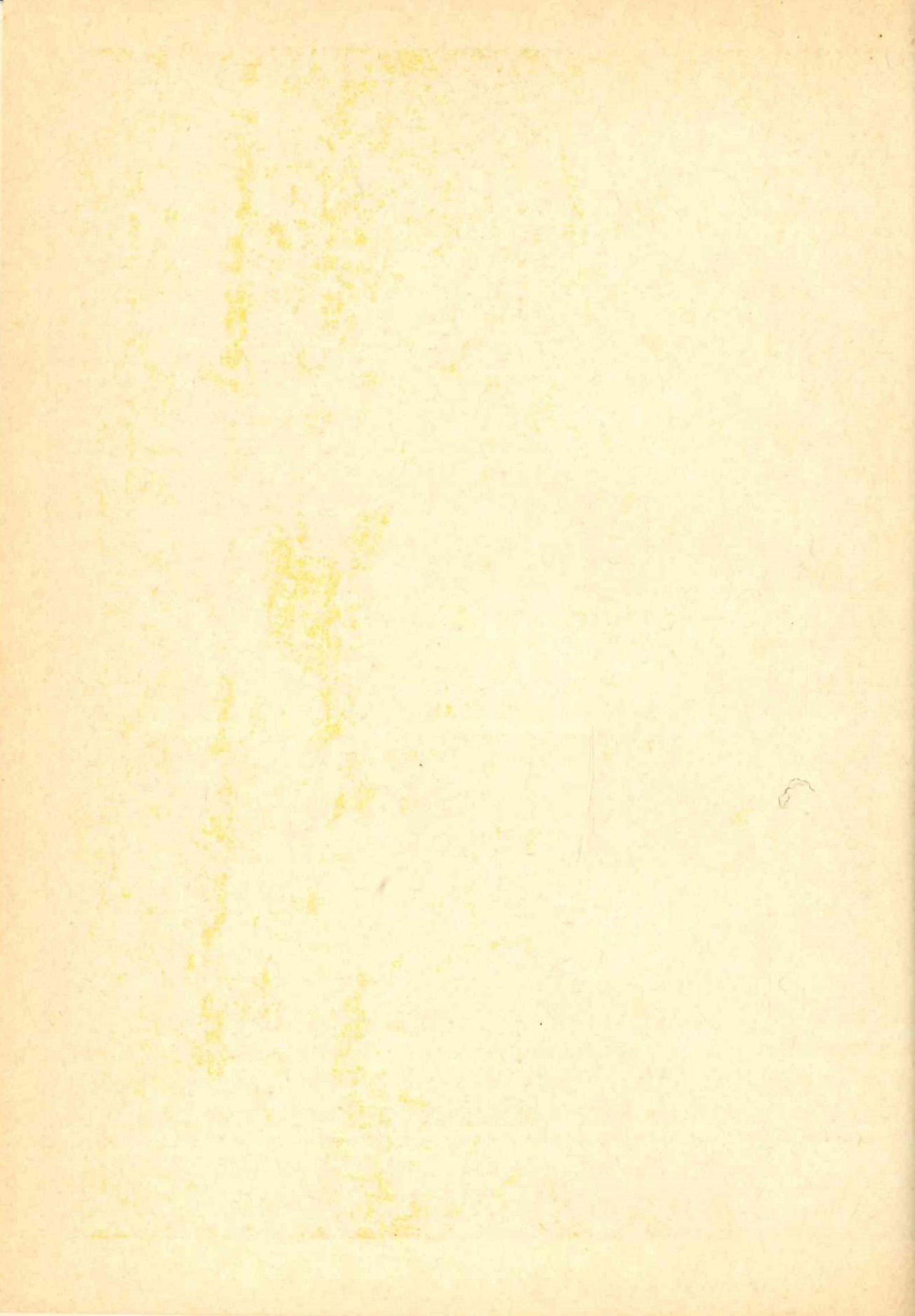
Campo da Feira em dia de Cruzes

de aviões, de cestas voadoras, tendas de maravilhas, assombros e fantasmas; barracas de olaria, bugigangas e artefactos.

Acima de todos, o circo. Sempre o circo, alvo-roço de velhos e novos, constitui número de fundo nesta magnífica desordem. Desde o arame aos quadros vistosos, tudo ajuda a manter o ambiente hílare que



Escadaria do Jardim das Barrocas



só muda com a chegada das feras. Então cada um se agarra à cadeira e encolhe nos últimos limites circunscrevendo do seu físico, na esperança pequena de escapar, se as feras partirem as grades.

Também traz palhaços, alegria de todos; pobres homens, com o rosto patusco e o fato mirabolante, alegres por fora, tristes por dentro, lestos no salto, arrastados na fala, encarnam muito do que a vida tem; ilusões e desenganos. Representam uma verdade, verdade que nos faz rir, mas que é a parte da vida que a todos cabe.

Esta é a folgança do povo, do Zé, a festa barata, sem bilhetes, festa de olhos e de ouvidos perdidos na cor e no som que, grátis, a cidade lhe oferece.

No templo do Senhor da Cruz, para os crentes e devotos, a mística dos seus milagres, as memórias da terra que se estigmatizou com a Cruz, chão rubricado pelo Senhor, numa restrição autêntica de quem para si reserva pouco do muito que tem. Um mimo de luzes e flores — está-se em Maio — veda bem o ruído folgazão opondo-lhe as belezas do espírito.

O tapete! No chão lá está o tapete, feito exclusivamente de pétalas de flores naturais, tão belo e mimoso que mais parece trabalho de fadas que de mãos humanas. Ele cobre o chão tradicional da manifestação celeste, **do doce lenho, da árvore nobre, árvore única, da Cruz do Senhor.**

Em recintos fechados, com entradas pagas ou não, também cabem os gostos selectos. No parque da cidade, mais de dez mil pessoas, atentas a um espectáculo colorido e grácil, acomodam-se, por horas, remontando séculos atrás, na apreciação de trajes, alguns com mais de 300 anos de existência. É uma passagem de modelos

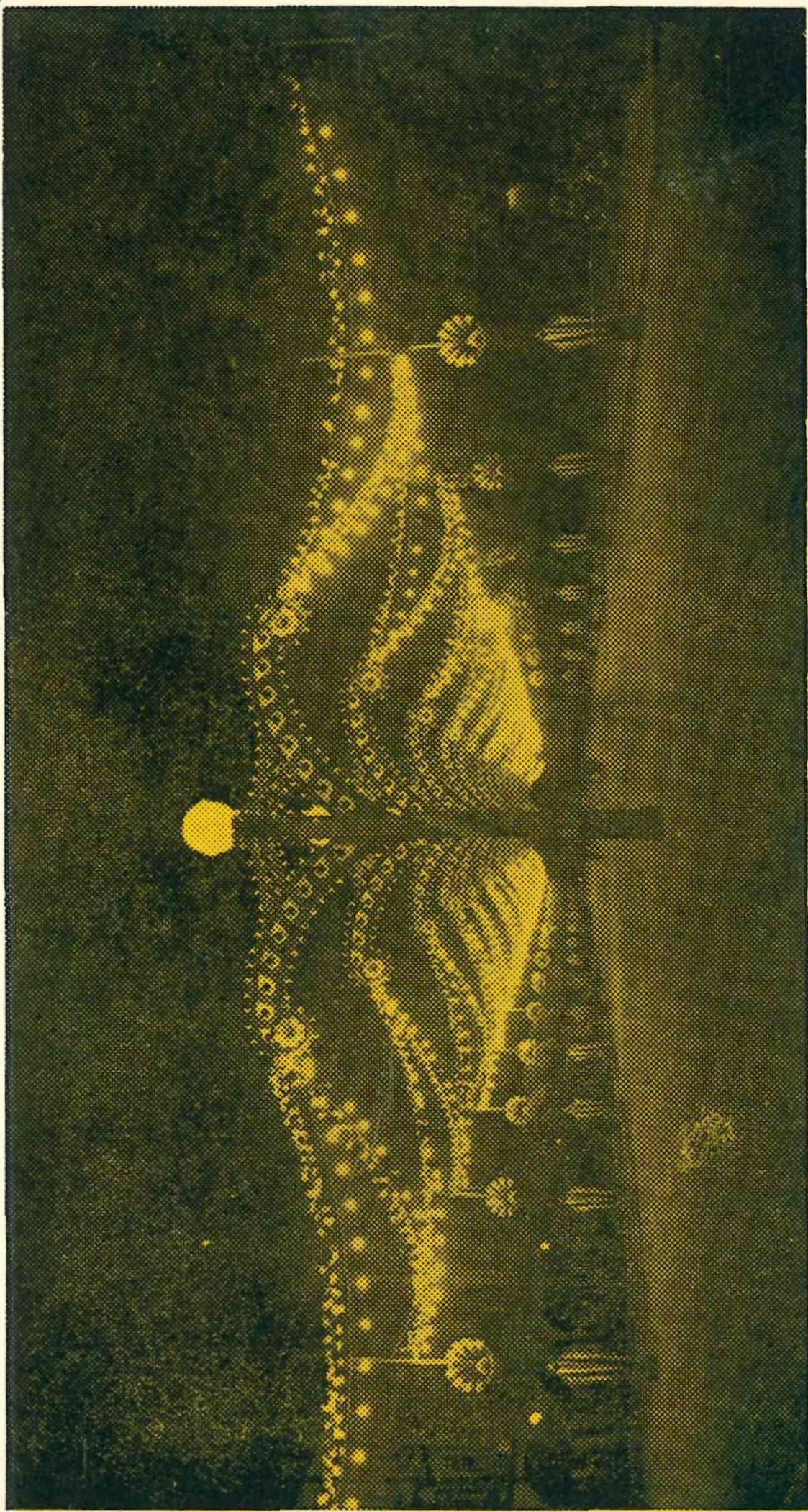
campestres, sempre lindos, sempre honestos, ingenuamente amorosos; coisas que as cidades não têm.

São muitos; leva tempo mas é um tempo que não pesa. Exibem-se os ranchos nacionais e estrangeiros. São embaixadas oficiais de regiões amigas, pujantes de mocidade, polícromas sem fantasia. São o que são; mostram o que vestem, e cantam a música da sua terra, sem autor e sem cartaz, música simples, harmoniosa, viva e sã, porque é filha do coração triste ou alegre da gente do campo. Ele reina com toda a sua grandeza, amor e humanidade.

E assim por toda a parte decorrem animadas as festas para satisfação de todos e descanso de árduas tarefas.

Alguns cobres de reserva põem a vida na sua curiosidade de apreço a tudo quanto possa distrair. Também se ultimam negócios, outros se começam e muitos se efectuam. São festas e feiras.

Por fim as iluminárias do campo da feira, do templo do Senhor da Cruz, da Torre de Menagem, da Misericórdia, dos jardins, da esplanada e das margens do Cávado, põem uma nota de fogo no ambiente a que deslumbrantes sessões pirotécnicas oferecem extraordinário realce em clarão de incêndio sobre o casario do velho burgo.



...as luminárias põem uma nota de fogo...

VI

Igreja da Misericórdia, Hospital, Asilo e Parque

A nascente do Campo da República — campo da feira — desdobra-se a grande fachada do hospital da cidade, com sua igreja ao centro.

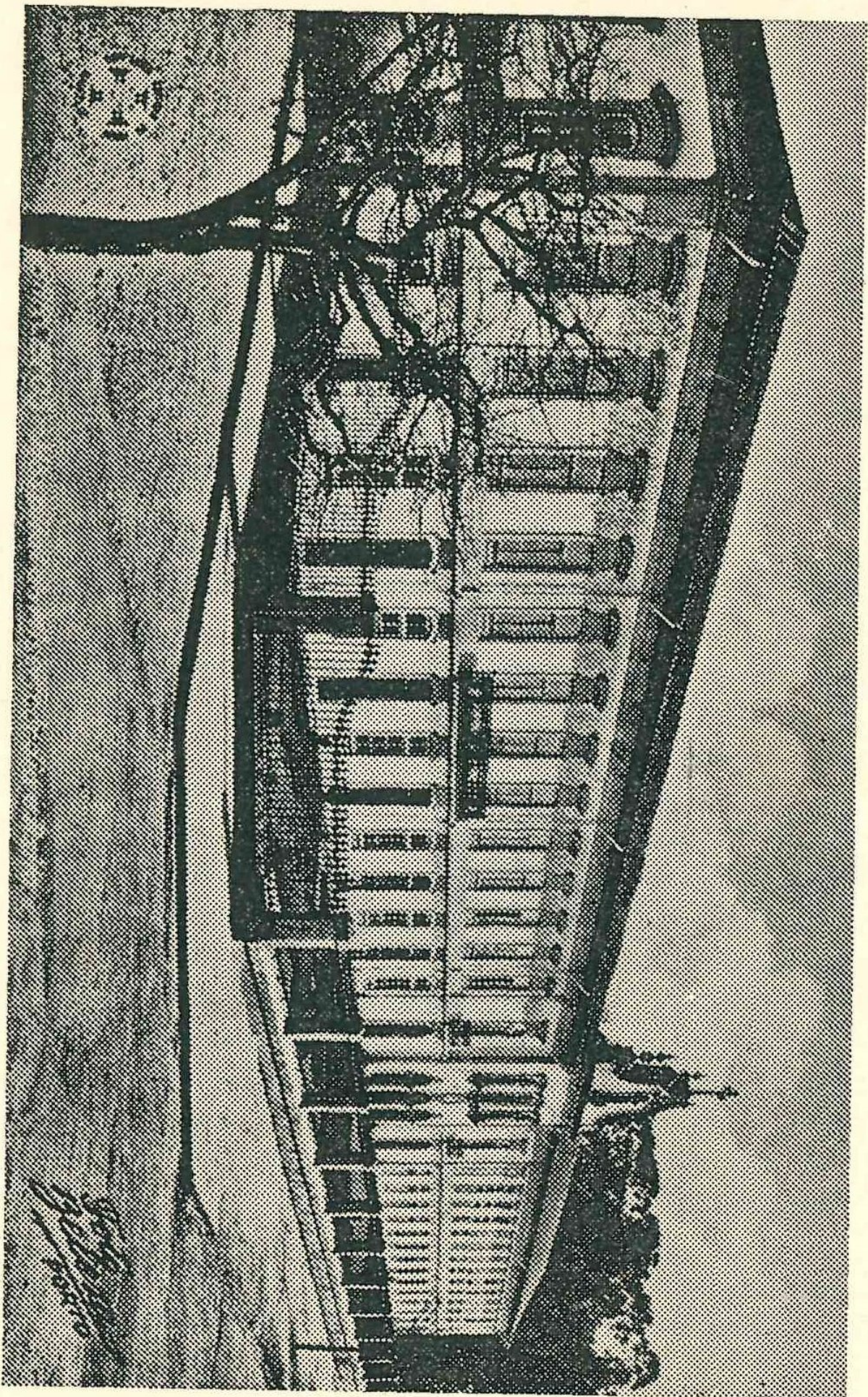
Este vasto edifício não foi, de começo, destinado a hospital, e é mesmo posterior a tal estabelecimento em Barcelos.

A cidade já pelo ano de 1356 o possuía, embora como Misericórdia só viesse a existir em 1518, situado onde hoje está o tribunal — ao tempo rua de S.^{ta} Maria.

Data rigorosa da existência hospitalar em Barcelos, não é conhecida.

Sob as mais variadas formas, melhor ou peor, desde tempos remotos se tratou de doentes em Barcelos. Com o nome de Misericórdia é sabido ter começado no tempo da rainha D.^a Leonor, esposa de D. João II, em Agosto de 1498, e foi a instâncias de Frei Miguel de Contreiras, frade trino.

Por isso em 1627 — 27 de Abril — foi criada uma bandeira com a imagem dum frade trino e as iniciais do primeiro, F. M. C. para todas as Misericórdias.



Hospital, Igreja da Misericórdia e Asilo

Pondo de parte a forma por que, depois disso, a assistência se administrou, vejamos antes:

Em 1464 já existia, fora da Vila, junto à Fonte de Baixo, o sítio chamado Ordem — nele havia prazos da Ordem da Malta — uma casa com adega, uma vinha e deveza em volta, tudo pertencente a uma gafaria ou hospital de leprosos.

Teve várias dotações.

Com D. Manuel I iniciou-se o hospital propriamente dito na área da Misericórdia, ao qual em 1520 o monarca juntou as rendas da gafaria, por ausência de doentes nela.

Tiveram, mais tarde, os mesários o bom desejo de ampliar a igreja e edifício, para o que foi lançada a 1.^a pedra em 22-1-1593 onde hoje é o tribunal.

Em 1836 foram demolida a igreja e transferidos os serviços hospitalares para o convento franciscano — edifício actual — então vago pelo decreto de 1834 que extinguiu as ordens religiosas em Portugal.

Era portanto um convento que os Barcelenses de 1630 começaram sob o padroado de Nossa Senhora da Conceição, destinando-o para abrigo de freiras. Porém, no ano de 1641 foram as obras cedidas aos padres Bernardos de Fiães que, embora as aceitassem em 1642, não as ocuparam, motivo talvez para serem oferecidas de novo aos frades capuchos do convento do Bom Jesus da Franqueira.

Estes tomaram posse em 1649 e prosseguiram as obras para as quais os lavradores de uma légua em volta deveriam acarretar a pedra. Em 1652 era inaugurada uma grande parte, tendo, dois anos depois, o povo ajudado com 70 mil reis as obras de águas.

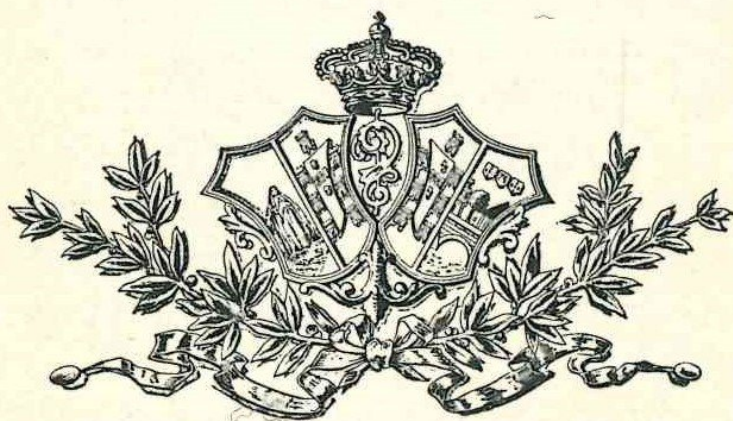
À saída do decreto referido de 1834 ainda os frades não se haviam transferido totalmente da Franqueira para

este convento, o que não chegaram a fazer, de acordo com a lei que os mandou vagar este e os demais.

Assim ficara a assistência hospitalar definitivamente instalada no vasto edifício de hoje, o qual compreende um asilo para inválidos, de ambos os sexos, e o hospital propriamente dito, tudo sob a administração da Santa Casa da Misericórdia.

Possui os mais modernos requisitos a começar pelo gabinete de Raios X e a terminar pelo laboratório.

Distribui por diversas enfermarias os serviços de medicina, cirurgia, maternidade, pediatria, dispondo ainda, muito recentemente inaugurado, dum pavilhão para tuberculosos, em edifício próprio e independente, com capacidade para 30 camas. O seu movimento, apesar de se tratar dum hospital sub-regional, é relativamente maior que o da sede do distrito.

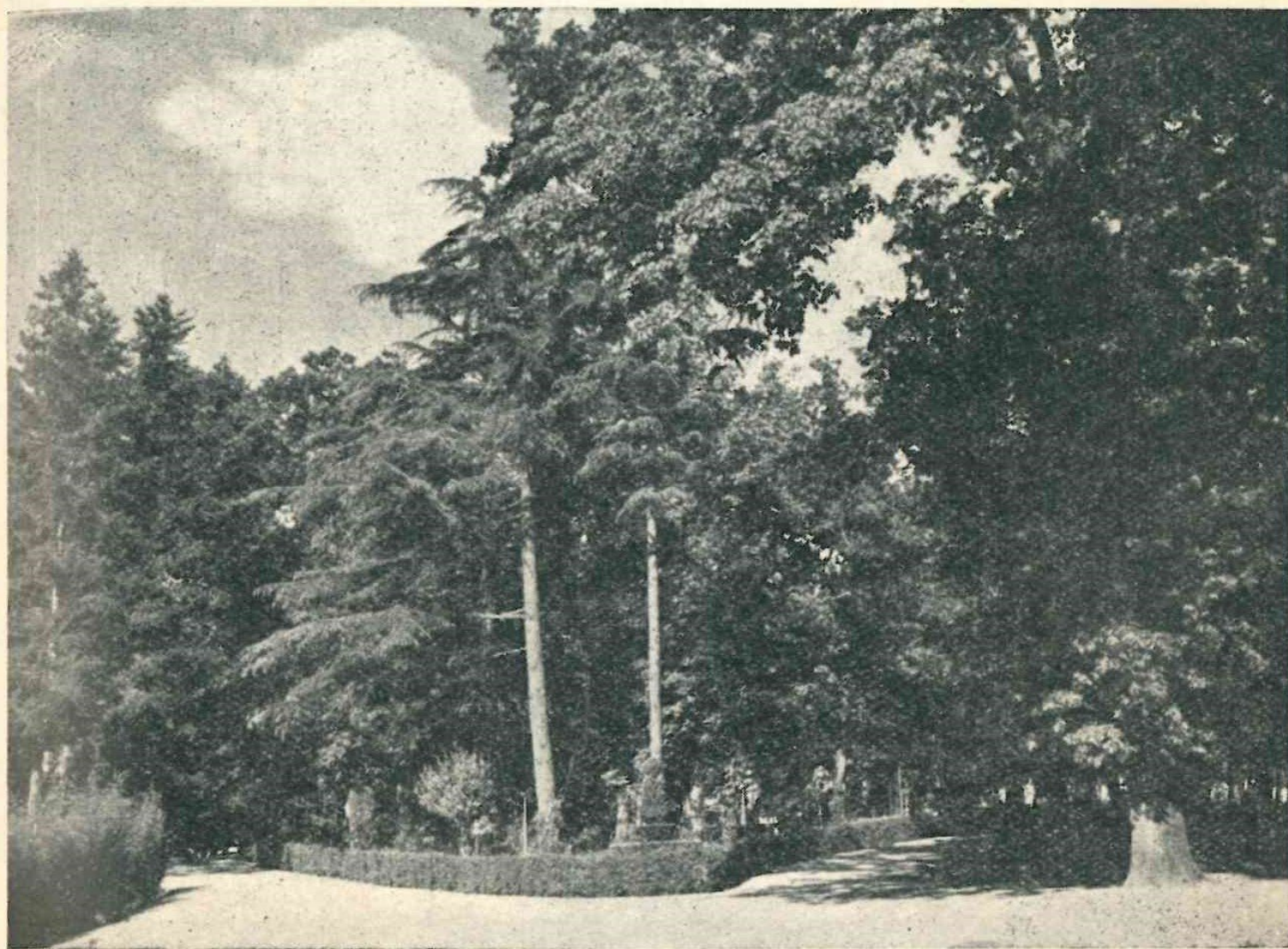


Brasão com as armas
da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos

PARQUE

Anexa à Santa Casa existia a cerca do convento, hoje repartida em quintal daquela Casa e em parque da cidade.

Este consiste numa intensa mata com lugares aprazíveis, sombras que velhas árvores projectam sobre as



Um trecho do Parque

alamedas e passeios, fonte, lago e mirantes, campo de patinagem, parque infantil e um bar—Bar do Parque—com doce e bebidas.

Zelado pela Comissão Municipal de Turismo, mostra, de ano para ano, o progresso que lhe dá a categoria bastante para nele se realizarem os certames internacionais de folclore por ocasião das festas das Cruzes.



Outro trecho do Parque

VII

Alguns Monumentos—Igreja do Terço

Tem a cidade, na parte norte do Campo da Feira, uns três interessantes monumentos, sendo o primeiro

AO BOMBEIRO VOLUNTÁRIO

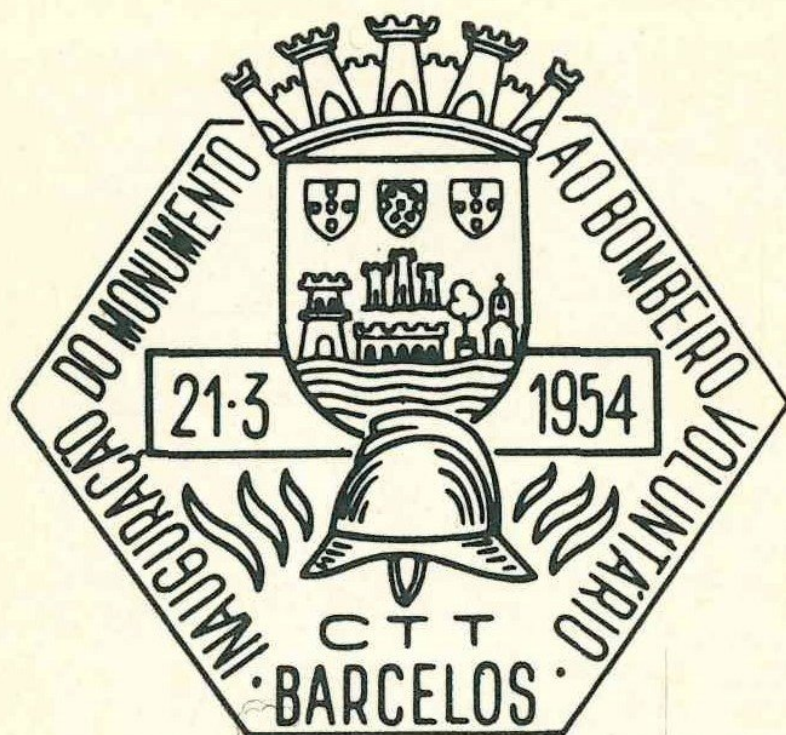
Ao cimo da Av. Dr. Oliveira Salazar (conf.^a fot. da pág. 32) ergue-se o monumento ao Bombeiro Voluntário, considerado o **primeiro na Europa**.

Sobre uma curta mas larga pilastra poisada num supedâneo de dois degraus está um bombeiro de bronze, em tamanho natural, transportando nos seus generosos e possantes braços uma criança.



O conjunto, bem harmonioso e expressivo de aflição e sacrifício, interpreta a nobre atitude, tantas vezes experimentada e nunca por demais encarecida, dos humanitários Soldados da Paz.

Praticando a caridade pela caridade, esses Homens encarnam um dos mais nobres dos ensinamentos do Filho de Deus quando, esquecidos de si mesmos, acor-



Carimbo postal comemorativo da Inauguração do Monumento ao Bombeiro Voluntário

rem a salvar o seu semelhante, por cuja vida arriscam e perdem a sua própria. Por isso mesmo e por identificação com a doutrina de Jesus Cristo, S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, no discurso de inauguração sublimou-lhes a actividade ao afirmar que o mesmo Jesus Cristo fora o **Primeiro Bombeiro Voluntário na Terra.**

Foi inaugurado este monumento em 21 de Março de 1954. Nesse dia, bem grato a Barcelos, houve aqui a maior concentração de bombeiros que teve lugar em Portugal.

O conjunto, cuja realização se ficou a dever ao ilustre barcelense Manuel Augusto Vieira, tem na base a seguinte inscrição:

Pela frente:

A O
B O M B E I R O
V O L U N T Á R I O

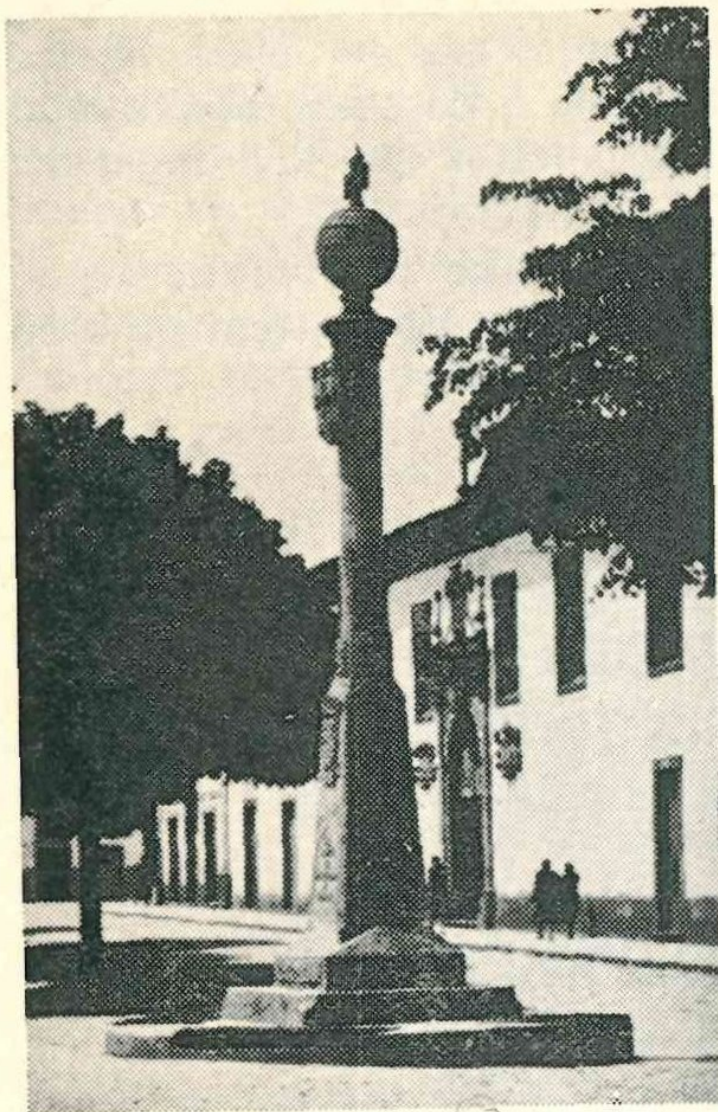
E pela rectaguarda:

POR SUBSCRIÇÃO PÚBLICA
XXI — III — MCMLIV

AOS MORTOS DA 1.^a GRANDE GUERRA

Encontra-se este na placa central da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

Barcelos sofreu na carne de muitos dos seus filhos o estrago *daquele monstro...* que leva fazendas e vidas, e que nada resolve para os povos e para as nações. Dele só lhes fica a ruína e uma longa convalescença, se puderam sobreviver. Talvez ganhem heróis que depois gravam a letras de oiro em mármore eterno, ganhem



um monumento e até um soldado desconhecido, mas tudo é nada para o enorme preço do *monstro*.

Quando muito, uma ilusão com que os homens tentam doirar a inutilidade e dureza de tamanha desgraça. Mas... sempre as teremos.

Barcelos tem um monumento comemorativo. Constante dum obelisco com o escudo das armas e seguido duma esfera armilar, ele remata com a Cruz de Cristo.

Na base lê-se:

AOS
MORTOS
DA
GRANDE GUERRA
DE
1914—1918
PELA JUNTA DE FREGUESIA—1930

Na Câmara Municipal, sobre um pano do compartimento da Tesouraria está uma pedra mármore com o nome dos barcelenses que foram à guerra e nela tombaram. Aqui os registamos igualmente:

*Para porem as coisas em memória
Que merecem ter eterna glória!*

(Lusíadas, C. VII, E. XXXII)

BARCELOS

**Aqui faz gravar em ouro os nomes dos seus mortos
em França, que honraram a Terra e Raça**

Gueral	Manuel Ferreira da Torre	Cond. Obuzes
Cambezes	João Gomes Morais	»
Lijó	Domingos Correia Barbosa	»
Rio Côvo	Domingos Ferreira da Costa	Servente
Bastuço	Francisco Ferreira da Silva	Cond. Art. 5
Rio Covo	Manuel da Silva (a)	Serv. Met. 5
»	José Pereira	Sold. Cav. 4
Fragoso	Lourenço Queiroz da Rocha	1.º cabo Inf. 8
Palme	João Joaquim de Sá Faria	2.º cabo Inf. 8
Alvelos	António da Silva Ferreira	Sold. Inf. 8
Paradela	José Ferreira Pedrosa	»
Roriz	Domingos Barbosa Araújo	»
Monte de Fralães	António de Araújo	»
Alvelos	José Martins Pereira	»

(a) Nota do autor. Este soldado, pela bravura de que deu provas no combate que o vitimou, foi-lhe dada, por parte do inimigo — os Alemães — sepultura de oficial, tendo-lhe colocado o seguinte epitáfio: «Aqui jaz um heróico soldado português».

Gamil	Manuel de Faria	Sold. Inf. 8
Viatodos	Joaquim Gonçalves Menezes	»
Vila Cova	Francisco Fernandes Meira	»
Alvito	Manuel Rodrigues	»
Fragoso	José António Braz	»
Alvelos	José Joaquim Fernandes	»
Palme	Manuel de Faria	»
Alheira	António Lopes Pereira	»
Várzea	João José da Costa Júnior	»
Barcelos	António Rodrigues Torres	»
Góios	António José da Silva	»
Vilar de Figos	Joaquim Luís da Silva	»
Lama	João Gomes	»
Aborim	Francisco Magalhães Lima	»
Fragoso	António da Costa Vaz	»
Palme	Adelino José de Sá	»
Areias de Vilar	Agostinho Matos Dias	»
Pousa	José Joaquim de Sousa	»
Ucha	António Gonçalves dos Santos	»
Midões	António da Cunha	»
Mondim	Domingos Rodrigues	»
Chavão	Joaquim José de Oliveira	»
Barcelos	Domingos Barbosa	»
»	Manuel de Araújo	»
Barqueiros	Júlio Ribeiro Gomes	»
»	António Alves Pontes	»
Cambezes	Joaquim da Costa Gomes	»
Alheira	António Barbosa	»
Vilar de Figos	Manuel Luís da Silva	»
Milhazes	Manuel Jesus de Campos	Sold. Inf. 29
Pousa	João Correia	»
Ucha	Alexandre de Macedo	»

Esta página seria destinada à memória daqueles barcelenses, que, durante a mesma Grande-Guerra caíram em defesa da nossa África. Que em breve os seus nomes constem em pedra igual à dos que caíram em França.

AO CONSELHEIRO JOSÉ NOVAIS

No extremo do jardim António Fogaça, prolongamento da Av. Dr. Oliveira Salazar, levantou a Câmara a presente memória ao conselheiro José Novais. Porque dele nos tornaremos a ocupar muito em breve — no capítulo «Homens Célebres» — aqui deixamos dito, apenas, que o seu busto em bronze constitui o remate duma coluna quadrada, em pedra, a cujos lados e naquela adossadas se encostam outras duas, todas sobre um plinto de forma octogonal.

A meia altura da coluna central lê-se:

AO
CONSELHEIRO
JOSÉ NOVAIS
O
MUNICÍPIO
DE
BARCELOS
1938

IGREJA DO TERÇO

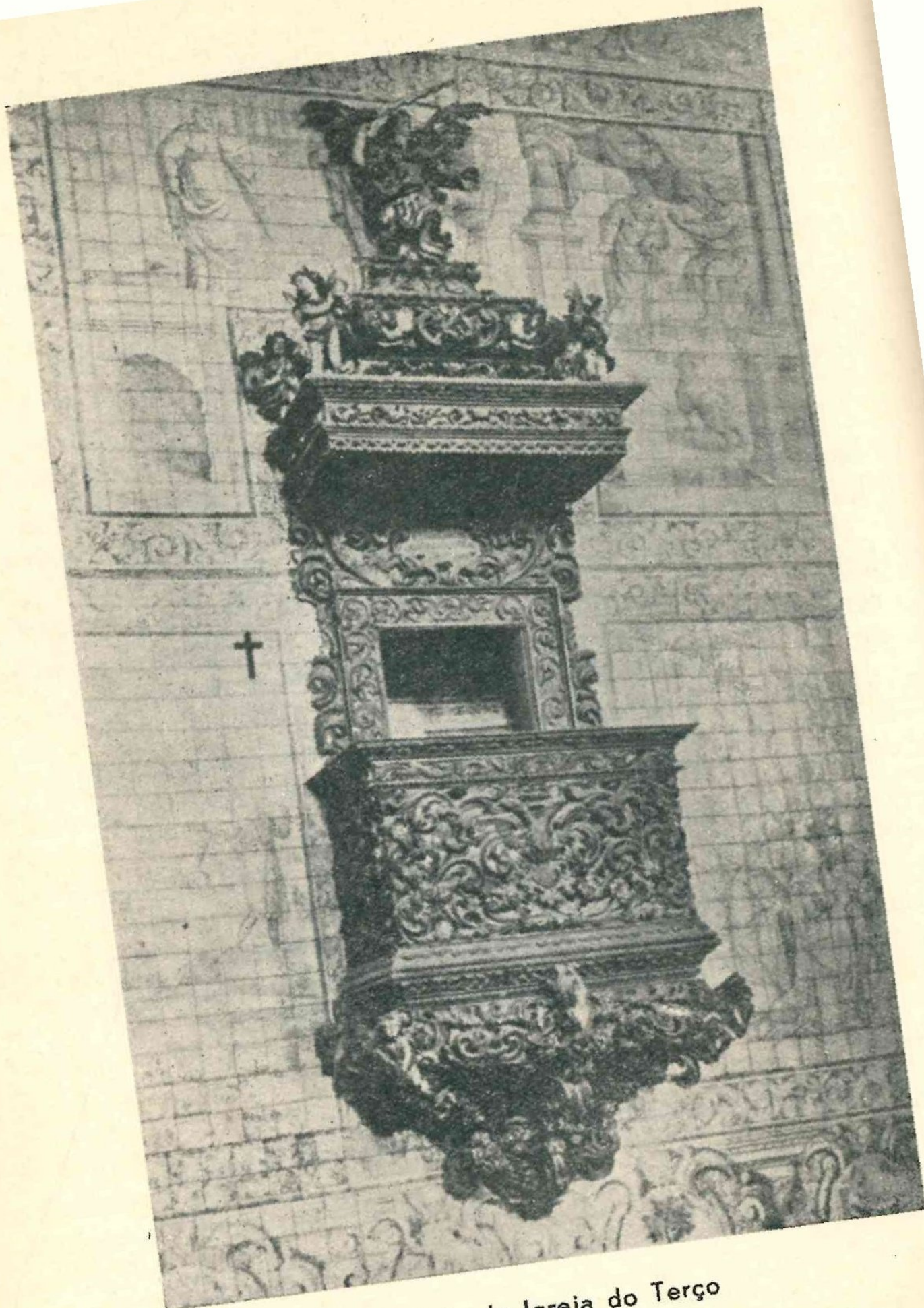
Situada quase ao princípio da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e faceando com ela, esta Igreja não salta à vista como qualquer outra.

Não possui frontispício e a porta principal é ao lado, para a Avenida, contendo duas inscrições latinas referentes à dedicação e lançamento da primeira pedra em 14 de Agosto de 1707.

Dentro é sumptuosa pela sua talha doirada, estilo rococó, dos seus altares, e pelos artísticos azulejos com extractos da Bíblia, cobrindo as paredes.

O púlpito é notável pela talha resplandecente de oiro. Dele juntamos fotogravura.

Esta igreja pertenceu às freiras beneditinas até 1834, data em que passou à posse do Estado. Em 1846, porém, foi entregue à Irmandade do Terço.



Púlpito da Igreja do Terço

Para encerrar os principais motivos do centro da cidade lembro que nesta zona ainda se encontra o colégio Alcaides de Faria, para meninas, até ao 5.º ano dos liceus.

Em ponto final registo o artístico chafariz ao centro



do campo, e que é de grande préstimo para os feirantes, mais para manter frescas as verduras, do que, pròpriamente, para dessedentar gargantas. Estes, como bons portugueses, preferem ajudar o compatriota, a viver, bebendo nos diversos e múltiplos fontenários dos arredores do campo, nos quais o verde nunca falta.

E deixemos o campo onde tem lugar uma das maiores feiras semanais do País, já pelo seu tamanho já pelo volume de mercadorias nele expostas.

COLÉGIO ALCAIDES DE FARIA
(Para meninas)

VIII

Igreja dos Terceiros — Casa dos Rev.^{os} PP. Capuchinhos e Estação dos Caminhos de Ferro

Seguindo para o nascente do Campo da Feira, aparecem-nos os supramencionados motivos, dignos duma referência como os demais. Quase todos se situam na Avenida Alcaides de Faria que, do referido Campo, nos leva à estação dos C. F.

Esta avenida, com bonitas casas residenciais e ampla bastante — tem-se falado em colocar-lhe uma placa central — lembra o nome do glorioso alcaide, do seu feito e também a existência dum grupo a que já me referi ao tratar do museu respectivo, na Torre de Menagem — Museu Alcaides de Faria.

Com votos de alma nova e vida mais intensa para os Alcaides, passo à

Igreja de S. António da Cidade

De fachada pobre mas elegante pelo seu estilo moderno, enfrenta um pequeno jardim e separa o Campo 28 de Maio da Avenida Alcaides de Faria, para a qual mostra um pequeno alpendre em colunatas.

O seu interior é de grande simplicidade. A torre, bastante alta, tem um carrilhão que de vez em quando alegra a cidade com as suas músicas festivas.

Pertencente à Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, esta igreja deve-se às esmolas de devotos e ainda aos materiais aproveitados duma outra existente sob a mesma invocação no Campo da Feira, e para tal demolida em 1931.

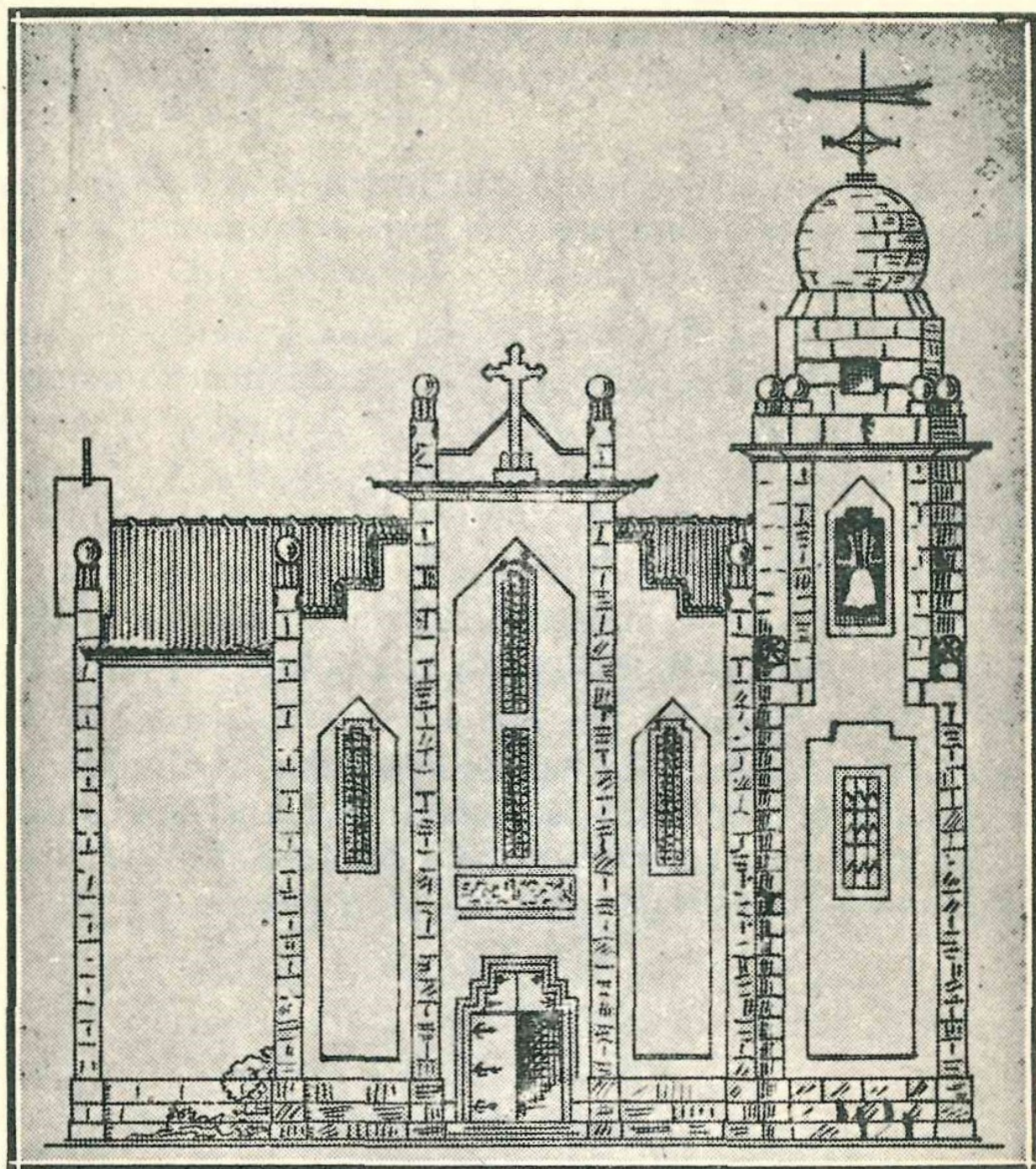
A esta última igreja fez-se referência na pág. 76 em cuja fotogravura se vê, inacabada. Não se disse que teve início em 1634, prolongando-se as obras até alturas de 1800, à excepção das torres, visto a da esquerda ter-se completado em 1648, ruindo em 1912, e a da direita não ter passado da cornija como se vê na dita fotogravura da pág. 76. A administração da actual está confiada aos Rev.^{os} PP. Capuchinhos.

Casa dos Reverendos PP. Capuchinhos

Ligada à igreja está a Casa dos PP. Capuchinhos. De grande préstimo para a cidade e para todo o concelho ao qual se estende a sua benéfica actividade religiosa, ela começou a funcionar pelos fins de 1934, com dois padres e um irmão.

Sujeita hieràrquicamente a uma das divisões espanholas (Província da Ordem a que preside um Padre Provincial) em 1939 desligou-se dela, devendo em seguida obediência ao Padre Geral que, em Roma, preside a toda a Ordem.

Ainda no ano de 1939 começou a ter os primeiros alunos de preparatórios, curso que dura cinco anos.



A Igreja de Santo António da Cidade

De 1942 em diante começou a ter também o curso de Filosofia que pouco durou por ter aumentado, entretanto, a frequência.

Passou então para a Espanha não só o de Filosofia, mas também o de preparatórios, pelo que na Casa de Barcelos ficou o Noviciado.

Este, com a duração de um ano, é feito ao cabo dos cinco de preparatórios. Não se destina ao estudo, e pode chamar-se-lhe, geralmente definido, o tempo de prova em que o aspirante analisa, medita e estuda a Ordem, e esta o estuda a ele. Depois seguirá ou não os estudos superiores.

Em 1957 foi esta Casa elevada a Comissário Provincial, ficando a depender do respectivo superior que reside em Lisboa.

A sua fecunda actividade engloba a prègação, a catequese, o confessorário, o trabalho em capelarias e igrejas que os seus PP. dirigem como a dita de Santo António e a da Misericórdia, no Hospital.

* * *

S. Francisco, chamado de Assis por ter nascido em Assis, na Úmbria — Itália — onde viveu de 1182 a 1226, foi o fundador da ordem com o seu nome, à qual deu um regulamento, sendo a prática da pobreza uma das suas mais notáveis características.

Instituiu regras que destinou a homens, criando a ordem dos frades; orientou Santa Clara, que veio a iniciar o movimento das ordens femininas de S. Francisco — Clarissas. Por fim destinou a leigos, muito

ocupados com as coisas do século, algumas normas de perfeição acompanhadas de privilégios; daí resultaram as Ordens Terceiras.

Tornando à primeira, a dos frades, cumpriu durante muito tempo com zelo e escrúpulo as regras que o fundador lhe destinou.

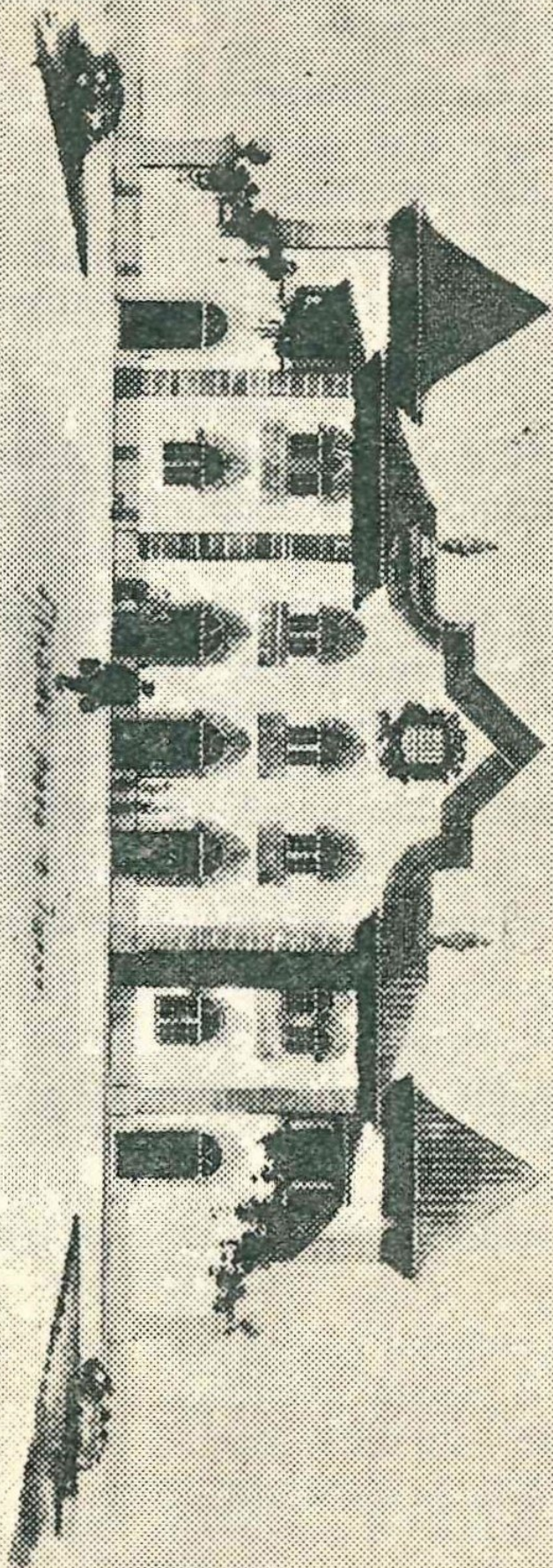
Mas o tempo parece ter criado o espírito de abrandamento em determinados aspectos das mesmas.

Da restituição à sua antiga pureza surgiram os Capuchinhos. Assim, dentro da referida Ordem formaram-se três categorias de seguidores: os observantes, os conventuais e os Capuchinhos a que me estou a referir.

Têm a sede em Roma onde um superior — o Geral da Ordem — preside e regula tudo quanto a ela e em todo o mundo diga respeito. Divide-se depois pelas nações onde forma as chamadas Províncias da Ordem, presididas pelo Padre Provincial.

Estas Províncias podem ser várias em cada nação como ter várias nações incluídas numa.

Aparecem ainda os Comissários com superiores próprios, e as Casas, com os locais.



Este projecto do Edificio de
 Passageiros para a Estação de Barcelona

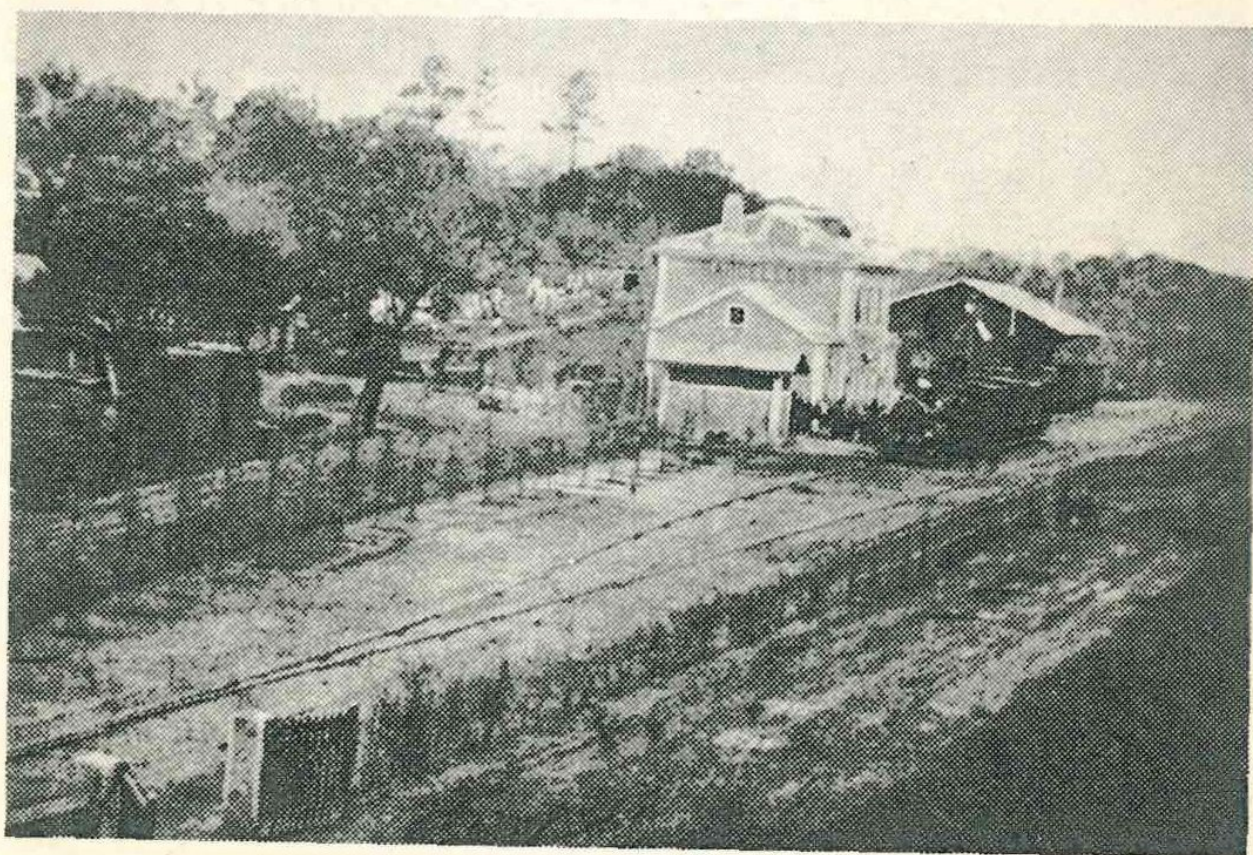
1888

1888

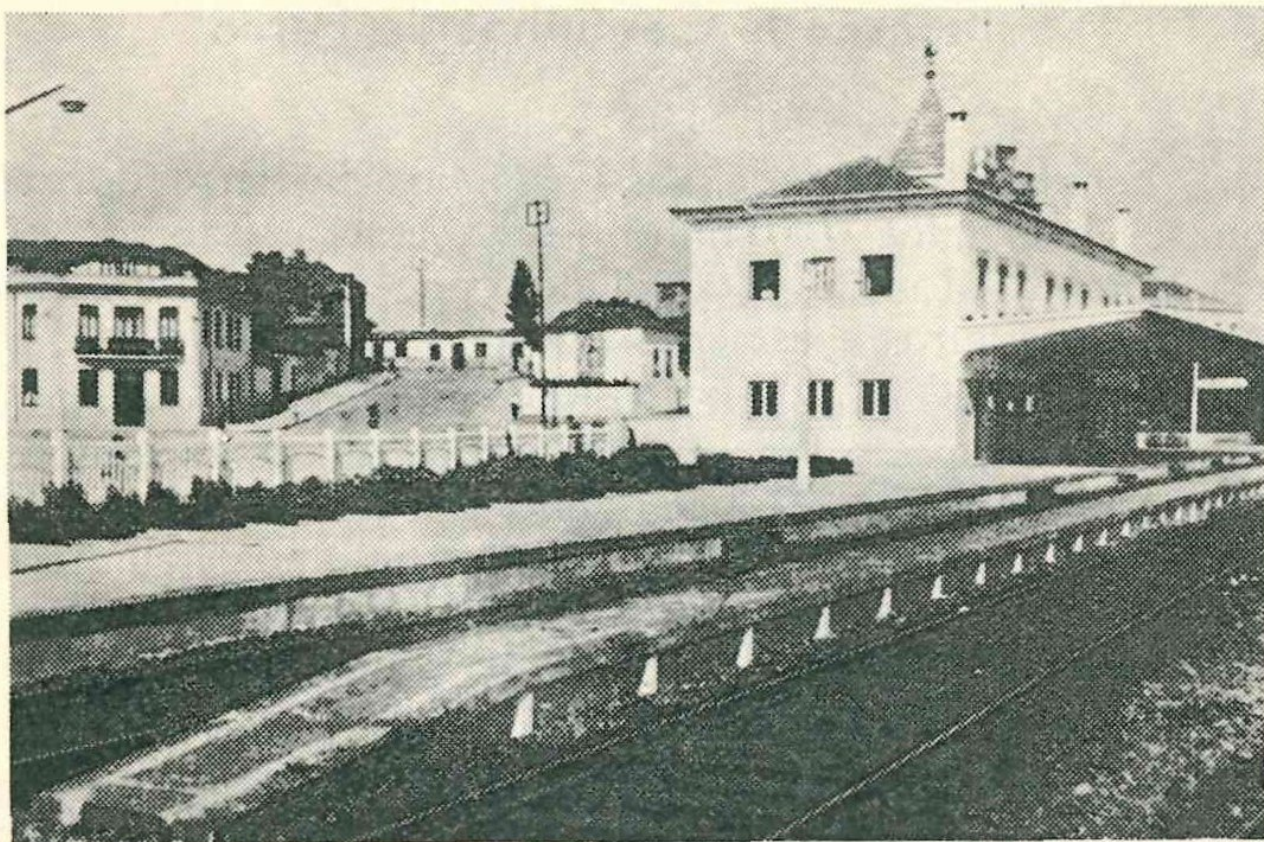
Estação dos Caminhos de Ferro

Está ligada a cidade aos Caminhos de Ferro Portugueses pela linha do Minho. Esta, como é sabido, vai do Porto a Monção e conta no concelho de Barcelos vários apeadeiros e estações que já citaremos.

Inaugurada em 21 de Outubro de 1877, foi o grande meio de transporte logo a fazer um século de existência, servindo a Província. Escusando-me, por supérfluo, de encarecer-lhe o valor, apenas direi que ainda hoje, não obstante o desenvolvimento da camionagem, do automobilismo e ciclismo, é o grande e mais barato meio



A velha estação dos Caminhos de Ferro dias após a sua inauguração (21-X-1899).



O actual edifício da Estação dos Caminhos de Ferro

de deslocação. Outra coisa não se pode concluir dos dezoito combóios que nela diàriamente trafegam, servindo, no seu movimento, Barcelos. Destes, seis são semidirectos.

A linha conta na sua extensão dentro do concelho uma ponte de ferro sobre o Cávado, um túnel de 980 metros desde S. Fins do Tamel a Aborim, os apeadeiros de S. Miguel da Carreira, da Silva, de Carapeços e de Durrães; as estações de Tamel e Midões, ambas de 3.^a, e a de Barcelos que é de 2.^a.

Não tem no concelho ramais — apenas fora dele conta o de Braga, o de Viana do Castelo e o de Valença à ponte.

Tornando, para acabar, à estação de Barcelos, ela funcionou até há três anos num edifício que já não oferecia as condições exigidas pela importância da cidade e volume do seu comércio. Por isso foi demolido completamente e levantado novo com todos os requisitos do movimento actual e da época que atravessamos.

Foi inaugurado em 1 de Maio de 1956.



Ponte dos Caminhos de Ferro sobre o Rio Cávado

IX

Rua D. António Barroso, Teatro Gil Vicente, Rua Infante D. Henrique — Judiaria —, Biblioteca, Caixa Geral de Depósitos e Conservatória do Registo Predial

Embora tenha escrito que o Largo do Senhor da Cruz é a sala de visitas de Barcelos, como seu prolongamento ou fazendo as vezes de coração da cidade encontram-se os motivos do presente capítulo.

As ruas designadas são o que para Lisboa representa o Chiado, para Braga a rua do Souto: o maior centro comercial, a retalho.

Ao desprender-se a Rua Infante D. Henrique da de D. António Barroso, —antiga Direita— fica o Largo Martins Lima, e, com serventia para este, o

Teatro Gil Vicente

De boa fachada, como de resto toda a construção, o que de mais notável possui é, na verdade, o seu nome. Se outro tivesse, não seria tão formidável o contraste, pois, muito despropósito se aponta na escolha do nome do fundador do Teatro Português para baptizar a sala de espectáculos da cidade.

Em parte, deve-se ao acendrado bairrismo dos barcelenses que apontam seus argumentos para assentar aqui a naturalidade do «Plauto Português».

E não serei eu quem vai contestar-lhe os argumentos, embora também não lhos aceite, como referirei no capítulo dos «Homens Notáveis».



Em frente ao Teatro Gil Vicente encontra-se esta casa típica quatrocentista

Contestaria sim, se pudesse, o nome à Casa. O que é de somenos, às vezes, não participa dos louros a que, por ventura, se associe; abate-lhos, simplesmente.

Para 1902 ainda a coisa teria desculpa. Muitos anos passaram, pelo que se tornou destoante para o nome que tem, e imprópria para a cidade que serve. Preciso se torna entrar no caminho da sua actualização

para que venha a ser oportuna a melhoria de programas e até de ambiente que, uma vez por outra, abre luta com o atrasado sossego de alguns espectadores.

* * *

Os espectáculos antes de 1902 eram dados no *Ginásio Barcelense*, ou seja onde hoje é a Assembleia, no Largo Dr. José Novais. Passado pouco tempo, reuniram-se alguns barcelenses para concretização duma ideia —de António Fiuza—o arranjo de uma casa adequada. Formou-se uma sociedade por quotas, houve polémica rija a que *A Lágrima*, jornal humorístico do tempo, deu forma de imprensa, mas a Casa abriu, muito patriótica e bairristicamente em 1903, levando à cena, em dupla estreia portanto, a revista «*Barcelos Por Dentro*» peça em três actos, urdida por Augusto Soucasaux —único sócio da fundação que ainda vive moço aos 85 anos — tendo por colaboradores outros barcelenses ilustres como o Dr. António Martins Lima, Arnaldo Braz, Artur Vieira e Domingos Carreira—este na música e aquele no verso. Depois foi uma ascensão vertical. Cinema e teatro, concertos, sessões de congressos e comícios, tudo deu vida à Casa, pela qual passaram Chaby Pinheiro, Palmira Bastos, Alves da Cunha, Vasco Santana e outras figuras marcantes da Cena Portuguesa.

Judiaria

Tempos houve em que os Judeus, por menos desejados, tiveram de viver em bairros próprios—judiarias—e não raro pagar tributos a que não estavam obrigados os restantes moradores. Sobre eles, como de resto

sobre muitas associações e entidades menos suspeitas —v. g. conventos e paróquias—desciam as garras avaras dos morgadios, padroados, etc., sugando-lhes o corpo e a alma com tributos e outras exigências das quais algumas bem indignas e vergonhosas, se acreditarmos nas crónicas do tempo.

Em Barcelos antiga também os Judeus viveram em bairro que se ajustou, precisamente, à rua de hoje, Infante D. Henrique. Como regra, permanecia fechada nas servidões maiores —cancelas para o exterior. Apenas se abriam para receber o Morgado, recepção que tinha de ostentar o maior aparato e solenidade em honra da desonra de alguns desses senhores.

A rua era alcatifada de flores e nela erguidos três arcos e festões, sob os quais o alto visitante, a cavalo ou de carro, desfilava com o séquito num ambiente de pompa a que estava ligado o pagamento de um marco de prata por cada judeuzito nascido. Morgados houve cujo poder de *recolha* se estendia às judiarias de diversas cidades.

Caixa Geral de Depósitos, Conservatória do Registo Predial e Biblioteca

Nesta rua — Infante D. Henrique — ficam as repartições dos serviços públicos mencionados em título:

Funcionam como todas as demais, no género, e apenas me refiro, dum modo especial, à Biblioteca.

Ocupando um vasto salão do 1.º andar, é formada por alguns milhares de volumes, alguns dos quais por catalogar ainda. Ao que parece, resultou mais de circunstâncias fortuitas do que, na verdade, dum plano

inicial ou pré-estabelecido. E isso deduz-se do que agora está sendo feito e da remodelação por que está a passar.

Entregue ao falecido Major Mancelos, estudioso e culto investigador, durante anos viu a sua actividade mais profícua reduzida à aquisição de novos livros.

Foi ultimamente confiada a um novo, entusiasta e devotado à causa, António Baptista, cujos projectos e receios pude ouvir.

Começo pelos últimos aos quais faço introdução.

Há cargos que, não obstante a sua transcendência, são entregues à boa vontade deste ou daquele estudioso e apaixonado que chega a tirar tempo dos seus afazeres.

Depois, porque primeiro e muito justamente está o pão, relega-se o trabalho desses cargos para as horas vagas, com sacrifício, mesmo assim. Daí pode haver no interessado a competência precisa, a boa vontade e compreensão precisas, mas ele não dispor do tempo preciso e das horas mais convenientes.

Finalmente, para gosto num trabalho todo de isenção, e para despesa que a organização do mesmo importa, torna-se necessário algum metal sonante que as gerais faltas de verba e orçamentos não prevêem.

Ora, este caso de bibliotecas rurais e quase rurais — com perdão da que me ocupo — é um problema. Algumas *funcionam* quase sempre fechadas.

Falta de organização? Talvez.

Falta de frequência? Sem talvez.

Esta afigura-se-me preciso criá-la.

Como?

Se eu o sei, os entendidos melhor.

E, a bem da verdade, as Bibliotecas Itinerantes, os milhões de volumes do Plano de Educação Popular, etc., fazem-nos admitir, sem favor, que de cima vem um bom exemplo!

Ora, tornando à de Barcelos, disse-me o novo bibliotecário que está a organizar o catálogo dos volumes nela existentes.

Ao mesmo tempo prepara um ficheiro de dupla ordem — onomástica e didascálica.

Se os cálculos lhe não saírem gorados conseguirá, ajudado pela Fundação Gulbenkian, uma biblioteca itinerante.

Cuidará de obter mobiliário adequado — estanteria e apetrechos para a sala de leitura —.

Numa secção especial pensa arquivar toda a bibliografia de Barcelos.

Estuda a maneira de adquirir uma Duplicata da Biblioteca de Braga.

Finalmente, pensa em fazer diligências junto dos autores e editores para conseguir a entrada de um exemplar na Biblioteca de Barcelos, de cada um dos trabalhos, à medida que forem sendo publicados.

Bons propósitos para os quais auguro o melhor sucesso.

Livros

De entre as principais obras que enriquecem a biblioteca barcelense citarei as de interesse regional e que são as seguintes:

A Portada Românica de Vilar de Frades e o seu simbolismo, Arqueologia, do Padre Manuel d'Aguiar Barreiros; **Um Sinete Interessante**, Heráldica, de José de Mancelos Sampaio; **A propósito do Pianista e Compositor Miguel Ângelo Pereira**, Música e Biografia, de Bertino Daciano R. S. Guimarães; **A Servidão de Barcelos a Guimarães**, História, de J. Mancelos Sampaio; **Barcelos — O Solar dos Braganças: El-Rei D. João IV e o Milagre da Restauração**, História Política, de Adélio Marinho; **Barcelos na Fundação e na Restauração de Portugal**, História, de Joaquim Furtado Martins;

1640 em Barcelos, História, de J. Mancelos Sampaio; **Ninharias**, História, de José de Azevedo e Menezes; **Barcelos — Resenha histórica-pitoresca-artística**, Monografia, de J. Mancelos e A. Soucasaux; **D. António Barroso**, R.—Biografia, de António Ferreira Pinto; **Memórias de Vilar do Monte**, Monografia, de Manuel José da Silva Gomes; **Exposição Regional de Linho e Lã em Barcelos**, Etnografia (Artesanato), Comissão organizadora; **Livro de Registo dos Fogos e Moradores de Barcellos**, História, Governo das Armas da Província do Minho; **Tradições Populares, Toponimya e Linguagem de Barcelos**, Etnografia, de A. Gomes Pereira; **Esboço Biográfico de D. António Barroso**, Religião, do Padre Sebastião de Oliveira Braz; **As Águas Sulfúreas do Mosqueiro e de Santa Maria de Galegos**, Medicina, de José Júlio Rodrigues; **Barcelos — Guia Ilustrado**, Monografia, de Joaquim Leitão; **O Traje Regional de Barcelos**, Etnografia, Comissão de Iniciativa e Turismo; **Monografia Geográfica de Barcelos**, Monografia, de José Joaquim Ferreira Barroso.

Medalhística e Numismática

Quando, a grosso, descrevi o Museu Alcaides de Faria — pág. 68 do presente trabalho — referi algumas moedas lá existentes a par doutras antiguidades.

Ao ver a quantidade das que, por diversos escapes na Biblioteca estão distribuídas, saio fora, por momentos, do que prometi na introdução — abster-me de opiniões pessoais —.

Há coisas, porém, sobre que não é possível manter-se indiferença.

Ora vejamos:

Uma colecção de velharias adorna o Museu Arqueológico — ruínas do Paço Ducal —. Descrevi-a na pág. 48.

Está quase fechada.

Outra de barros, dardos, machados de pedra, utensílios caseiros, moedas e medalhas ocupa o Museu Alcaides de Faria. Descrevi-a na pág. 69.

Está fechada.

Uma de barros e fechada também existe por debaixo das ruínas ducais—. Citei-a na pág. 56.

Finalmente, uma razoável colecção de medalhas e moedas completa o recheio da Biblioteca que também não podemos, por ora, dizer aberta.

Para quê e que proveito traz esta dispersão de coisas?

Três museus e uma biblioteca com artigos de museu!

Repito-me:

Só o restauro do Paço Ducal e a colocação de tudo lá, seria trabalho acabado.

Como já fiz das outras vezes e nas páginas citadas imediatamente, também segue a lista das principais medalhas e moedas da Biblioteca.

Numismática

À colecção pertencem exemplares raros e antigos. Compreende moedas dos principais países do mundo, correntes em diversas épocas. Lá estão representadas dezassete nações da Europa, oito da Ásia, seis da África, dez das Américas, com um total de 537 moedas, além do nosso País com 263, e uma colecção que foi legada por D. António Barroso à Biblioteca, composta de 1.042.

Do total — sem o legado — 5 são de ouro, 160 de prata, 217 de cobre 87 de níquel, 29 de bilhão e 39 diversas. Das de ouro, 4 são portuguesas, e uma de Veneza, notável pela raridade — Doges, séc. XV. —

Das dezassete nações da Europa, com um total de 160 moedas, saliento, pelo número delas: a Alemanha, a Espanha, a França, a Holanda, a Inglaterra, a Rússia, a Turquia e a Suíça, além do Império Romano.

Das seis da África, com o total de 11, saliento o Egipto, a Tunísia e a União Sul Africana.

Das oito asiáticas, com o total de 20, destaco a Arábia, a China, as Filipinas e o Japão.

Das dez das Américas, com o total de 78, distingo a Argentina, a Bolívia, o Brasil, o Chile, o Canadá e os Estados Unidos.

Portuguesas

O total de moedas portuguesas que fazem parte da colecção é de 263, assim distribuídas:

Monarquia

Ouro	.	.	.	.	.	4
Prata	.	.	.	.	.	72
Cobre	.	.	.	.	.	76
Bilhão	.	.	.	.	.	28
Níquel	.	.	.	.	.	4
						184

República

Prata	.	.	.	.	.	5
Cobre	.	.	.	.	.	9
Níquel	.	.	.	.	.	14
Diversas	.	.	.	.	.	2
						30

Portugal Insular

Cobre	.	.	.	.	.	9
-------	---	---	---	---	---	---

Portugal Ultramarino

Prata	.	.	.	.	.	12
Cobre	.	.	.	.	.	9
Níquel	.	.	.	.	.	2
						23

Portugal «Fichas»

Prata	.	.	.	.	.	3
Diversas	.	.	.	.	.	14
						17

Total	.	.	.	263
-------	---	---	---	-----

As da Monarquia distribuem-se por vinte e dois reinados da época entre D. João I e D. Manuel II. De todos, os mais bem representados são os de D. João I com onze moedas de bilhão; D. João V com três de ouro, sete de prata e oito de cobre; D. Maria I com dez de prata; D. Maria II com sete de prata e treze de cobre; D. Pedro V com uma de ouro e quatro de prata, e D. Manuel II com cinco de prata e duas de cobre.

Legado de D. António Barroso

Deixou este grande bispo barcelense uma preciosa colecção de moedas, que hoje constitui legado da Biblioteca da cidade.

Todas de cobre as expostas, num total de 404, enchem quatro escaparates.

Do primeiro constam 220 que circularam na Arábia, na Pérsia, na Mauritânia, no Sião, na China, nas Índias Holandesas e nalguns Estados Indianos.

Do segundo fazem parte 45, todas de Portugal e Brasil.

O terceiro guarda 69, de nações europeias, dos Estados do Papa e do Império Romano.

No quarto há 70 de diversas nações, estados e companhias da Ásia, da América do Norte e de algumas nações da América do sul.

Em dezanove rolos há, repetidas e em cobre também, mais seiscentas e trinta e oito moedas, portanto, totalizando a soma de mil e quarenta e duas.

VÁRIOS

ARMAS DE BARCELOS

Embora a Heráldica por si constitua uma enciclopédia, dela resumiremos alguns dados para ilustração do presente capítulo, acerca das armas de Barcelos.

Por armas, aqui, entenderemos o conjunto de hieroglifos que, por uma conveniente e recta disposição, se exibem como insígnia de Barcelos.

Encontram-se criteriosamente dispostos num escudo ou brasão, aliás uso conhecido já pelos Assírios, Egípcios, Gregos e Romanos. Só muitos séculos depois, e alguns antes de nós, colocou Barcelos num escudo para insígnia própria, elementos que haveriam de identificá-la e torná-la presente em qualquer parte em que eles fossem mostrados.

Deixando para o fim a ordem e a linguagem técnica ao brasonar as armas, prossigamos na explicação e concerto dos hieroglifos das mesmas, permitindo-nos, entretanto, algumas referências a termos próprios da Heráldica para melhor entendimento da leitura final.

Variando os escudos segundo a forma, o das armas de Barcelos como a maioria dos escudos hoje em uso, ⁽¹⁾ é arredondado na ponta.

(1) Parece que só o oval é usado pelos eclesiásticos da Itália.

Teòricamente distinguimos no escudo nove partes formadas por duas divisórias horizontais, interceptadas perpendicularmente por outras duas verticais.

Para leitura do brasão, torna-se preciso gravar o nome dessas partes.

Assim, diz-se **chefe** a superior do meio; a descer e à do meio chama-se **centro**, à do fundo, **ponta**. Tomando agora as divisões que ficam à nossa esquerda — que é a direita do brasão — lendo pela ordem descendente, teremos **cantão dextero da frente** o de cima, **flanco dextero** o do meio, **cantão dextero da ponta** o do fundo.

Passando às do outro lado, à nossa direita que é a esquerda do brasão, teremos a mesma nomenclatura, substituindo o **dextero** por **sinistro**. Assim, facilmente atingiremos a razão de se dizer **estrela em chefe**, **árvore em ponta** etc., como vamos achar.

A ordem por que temos de ler o brasão põe em primeiro lugar, as cores dele — que a Heráldica chama **esmaltes**, designando-as por **metais** se essas cores são de ouro ou prata. As cores costumam ser cinco, cada uma das quais tem seu significado próprio, não sendo portanto livre nem arbitrária a coloração dos brasões.

O campo do escudo das armas de Barcelos é azul, cor que corresponde ao ar e significa zelo, caridade e lealdade em assistir ao seu rei. Outra terra em Portugal não existe com exemplo de lealdade ao rei, tão frisante, como aquele do Alcaide de Faria a que nos referiremos ao tratar do seu castelo.

Os hieroglifos ou figuras colocadas nos escudos podem ser de significado heráldico ou importadas da Natureza, da Arte ou da Fábula. No presente brasão temos quase de tudo: pròpriamente heráldicas, os es-

cudetes; importadas da Natureza, uma árvore e a água; da Arte, uma ponte, um castelo, três torres e uma ermida.

Em **ponta** aparece uma ponte com cinco arcos e sete ameias na guarda. Está **metalizada** a prata, como regra, a cor das construções nas quais não tenha havido acontecimento guerreiro notável, pois, neste caso seriam a ouro.

Saínte da ponte vemos um ondeado a **prata** (cor com que se figura a água) e a **azul**—cor do campo.

À **dextera** da ponte está um castelo a **prata**, cor das construções—e à **sinistra** uma árvore de sua cor—**sinople**, verde—posta numa arca de **prata**, e uma ermida, em **prata** também.

Ao **centro** três torres de **prata**—há quem as figure a ouro para o que não conhecemos feito notável... excepto se for por uma das significadas e ainda existente ter servido, em tempos, de cadeia comarcã!!

No meio e em cima—em **chefe** portanto—está um escudete dos Duques de Bragança com uma cruz vermelha—**golés**—em aspa, sobre um campo de **prata**. Nos cantos **dextero e sinistro**, em alinhamento com o escudete em chefe, há dois escudetes com as armas nacionais antigas, isto é, sobre **campo de prata** cinco besantes, representando as cinco chagas.

Em algumas figurações deste como doutros brasões de concelhos aparece em **timbre** uma coroa Mural, formada que é por torreões sobre um círculo, à maneira de cortinas de fortaleza. É certo que semelhante timbre é próprio das cidades, mas quando se trata de escudos na sua forma clássica (curvo na parte inferior) deveriam figurar-se sem timbre. Os torreões são cinco para as cidades como o presente caso. Seriam quatro para vilas e três para aldeias.

O significado dos hieroglifos das presentes armas acerta-se pela forma seguinte :

Água é o rio Cávado ; **ponte**, é a ponte sobre o mesmo ; **castelo**, paço dos condes duques ; **três torres**, as três torres das muralhas antigas de Barcelos que eram, uma sobre a ponte, outra no antigo senhor do Lírio e outra, que ainda existe, no Largo da Calçada, hoje, da Porta Nova.

A **árvore** significará o carvalho heráldico, derubado, como referimos, para obstruir a ponte, e em cujo lugar foi colocado outro que é frondoso e já velho.

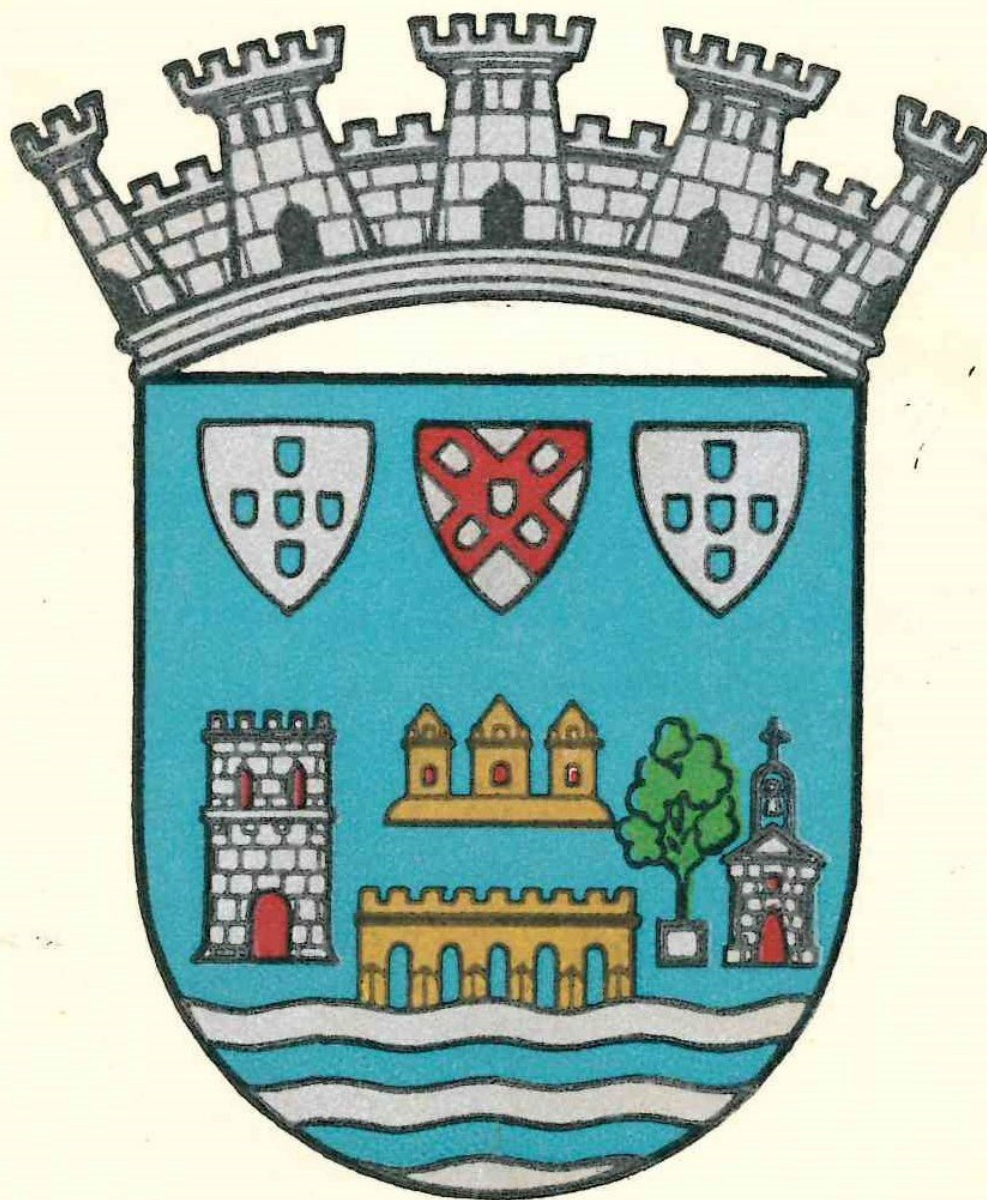
Há opiniões discordantes desta, fundadas em que na mais antiga vista panorâmica de Barcelos—Duarte d'Armas, séc. XVI—ele não existe.

Por outro lado, na mais antiga expressão das armas de Barcelos—do mesmo séc. XVI—uma pedra que figurou no antigo Município e que depois de vários emboléus parou no Museu Arqueológico, nas ruínas do Paço Ducal, consta a árvore.

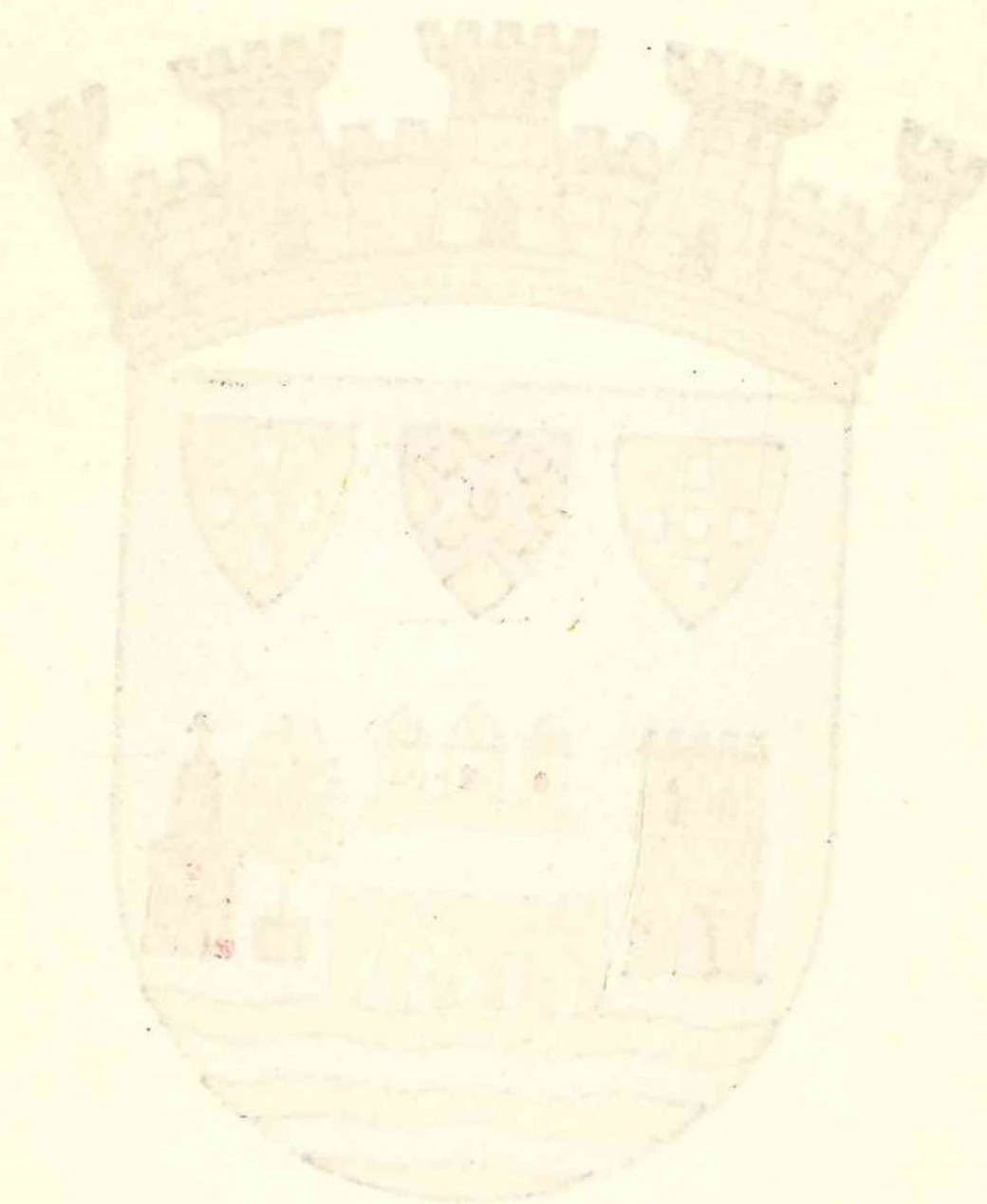
Na forma definitiva do brasão, aprovada pela Associação dos Arqueólogos Portugueses em 28 de Maio de 1924 figura a árvore. Não repugna admiti-la, portanto. Há quem diga ser uma pereira, da Família de D. Nuno Álvares Pereira, ou pinheiro, da ilustre também Família dos Pinheiros.

A **ermida** é a de Nossa Senhora da Ponte.

Há discussão quanto à origem destas armas. Não sustentámos, mas escrevemos as duas principais. Segundo uns, foram concedidas por D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos e 1.º Duque de Bragança ; Segundo outros,



armiger
121



são armas assu...s, isto é, criadas pela antiga gens barcelense para insígnia própria.

Passemos a ler o brasão.

«De azul. Uma ponte de prata de cinco arcos com sete ameias na guarda, saínte dum contra-chefe aguado do mesmo e do campo. A ponte leva à dextera uma torre de prata, quadrada torreada, e à sinistra uma árvore de sua cor, plantada numa arca do primeiro, e uma ermida do mesmo com sua sineira; e é encimada por três torres quadradas, do mesmo, cobertas e assentes num terrado de sua cor.

Em chefe, alinhados, um escudete dos duques de Bragança, acompanhado por dois de Portugal antigo».

II

Igrejas, Capelas, Solares e Casas Antigas

Quando, de bordo do Vera Cruz, os nossos olhos poisaram curiosos sobre a cidade da Baía, no Brasil, foi a minha atenção despertada pelo grande número de campanários, dominando o casario.

Soube então que tivera outrora a cidade 365 igrejas, o que dava uma para cada dia, nos anos comuns. Mas, nos anos bissextos não chegavam, pelo que os baianos acrescentaram outra ao número, e... acêrtaram o negócio.

Milagres do Senhor do Bonfim!

Barcelos não tem tantas, mas tem muitas.

Milagre do Senhor da Cruz?!

Ela também possui o Senhor do Bonfim mas, em nicho, no Largo do Benfeito.

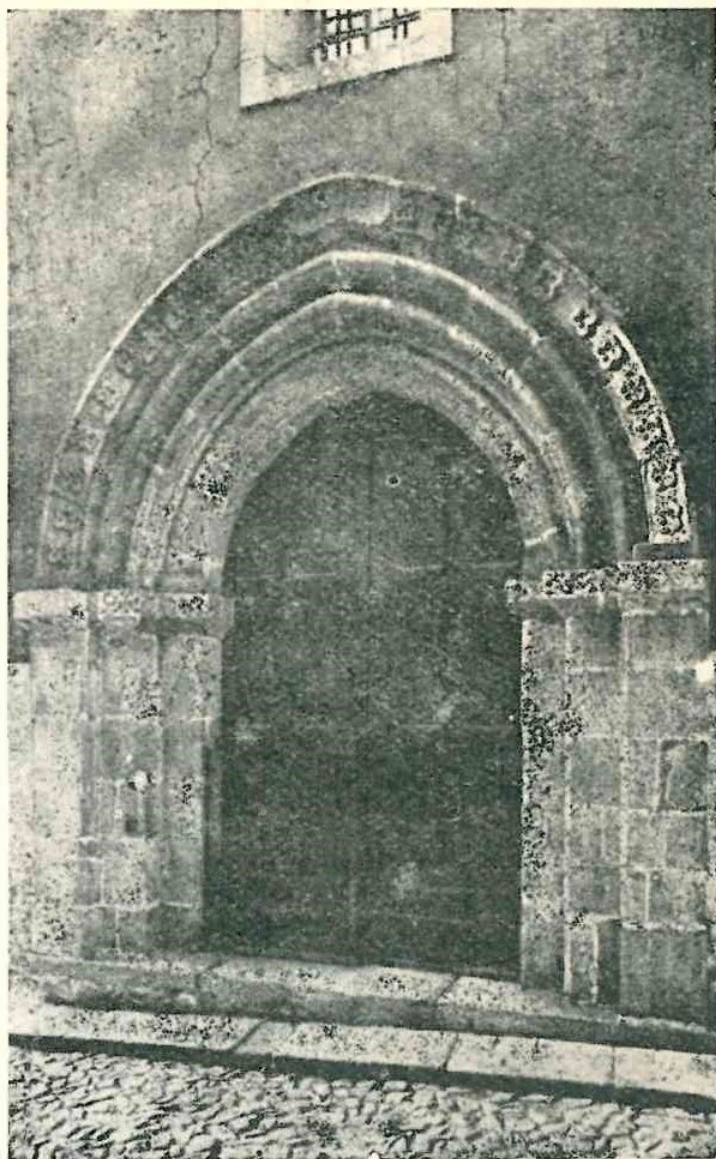
Depois de nos referirmos à Matriz, ao Senhor da Cruz e à Misericórdia, lembrando antes as capelas que desapareceram — a de Santa Maria na rua Visconde de S. Januário, a da Misericórdia (antiga) na Praça do Município, a de Santiago no Largo da Porta Nova, a da Senhora da Conceição e a do Espírito Santo no Campo



Recolhimento do Menino Deus

da República, a de Santo André junto do Campo 28 de Maio, a dos Sagrados Corações, próximo do Solar dos Pinheiros—citaremos, de passagem, as restantes existentes:

A de S. Sebastião na Rua Manuel Viana (profanada) a do Bom Sucesso junto ao cemitério, a de Nossa Senhora da Conceição que existia na cerca do hospital e foi mudada para o Cemitério Municipal, a de Santo António da Cidade (igreja) entre a Avenida da Estação (Alcaides de Faria) e o Campo 28 de Maio, a do Terço (igreja) voltada à Avenida dos Combatentes, a do Recolhimento do Menino Deus, à saída de Barcelos para Viana, a de Sant'Ana, estilo D. João V, junto à casa do Benfeito, a de S. José no campo do mesmo nome — hoje Campo Camilo Castelo Branco — a de S. Bento da Buraquinha no começo da Rua Cândido dos Reis, a de S. Bento ao lado da Casa da Barreta e a de S. Francisco, na rua do mesmo nome.



Pórtico da Capela de S. Francisco

Quem entrar em Barcelos pela ponte sobre o Cávado, seguindo à direita, logo lhe aparecerá o Largo D. António Barroso com o seu monumento.

Deixando-o ficar à esquerda e prosseguindo pela rua Faria Barbosa, nela se encontram algumas casas dignas de menção. A primeira é a Casa Meneses que serviu de paço à rainha D. Maria II quando, em 1852, regressava de Viana do Castelo. Junto desta existe a dos Gaios e, entre a rua Manuel Viana, confrontando com o Largo da Escola Técnica, antigo dos Malheiros, e a rua que



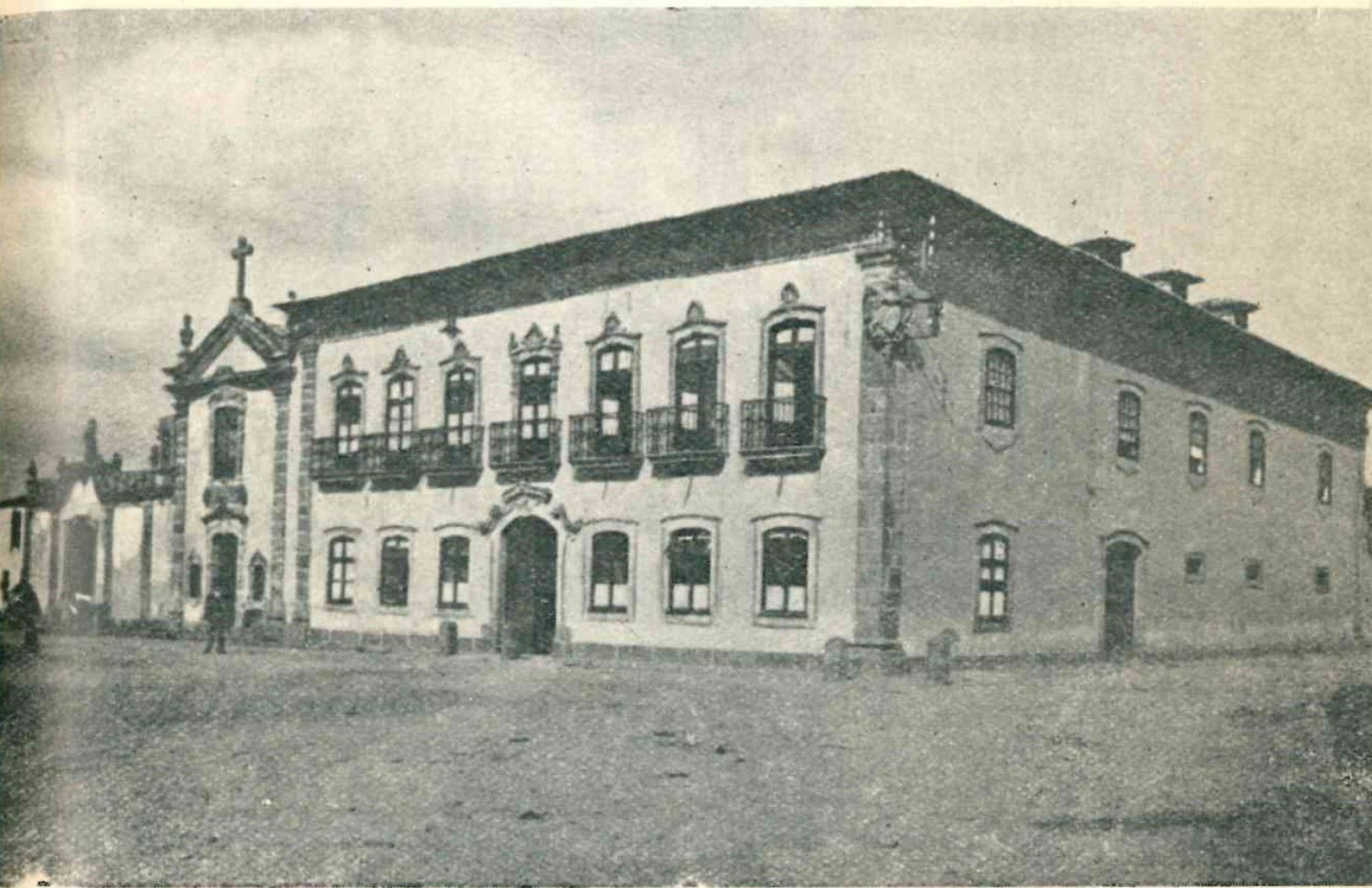
Casa de José de Beça e Meneses, brasonada

seguimos — Faria Barbosa — está a dos Carvalhos Mendanhas, hoje Escola Técnica.

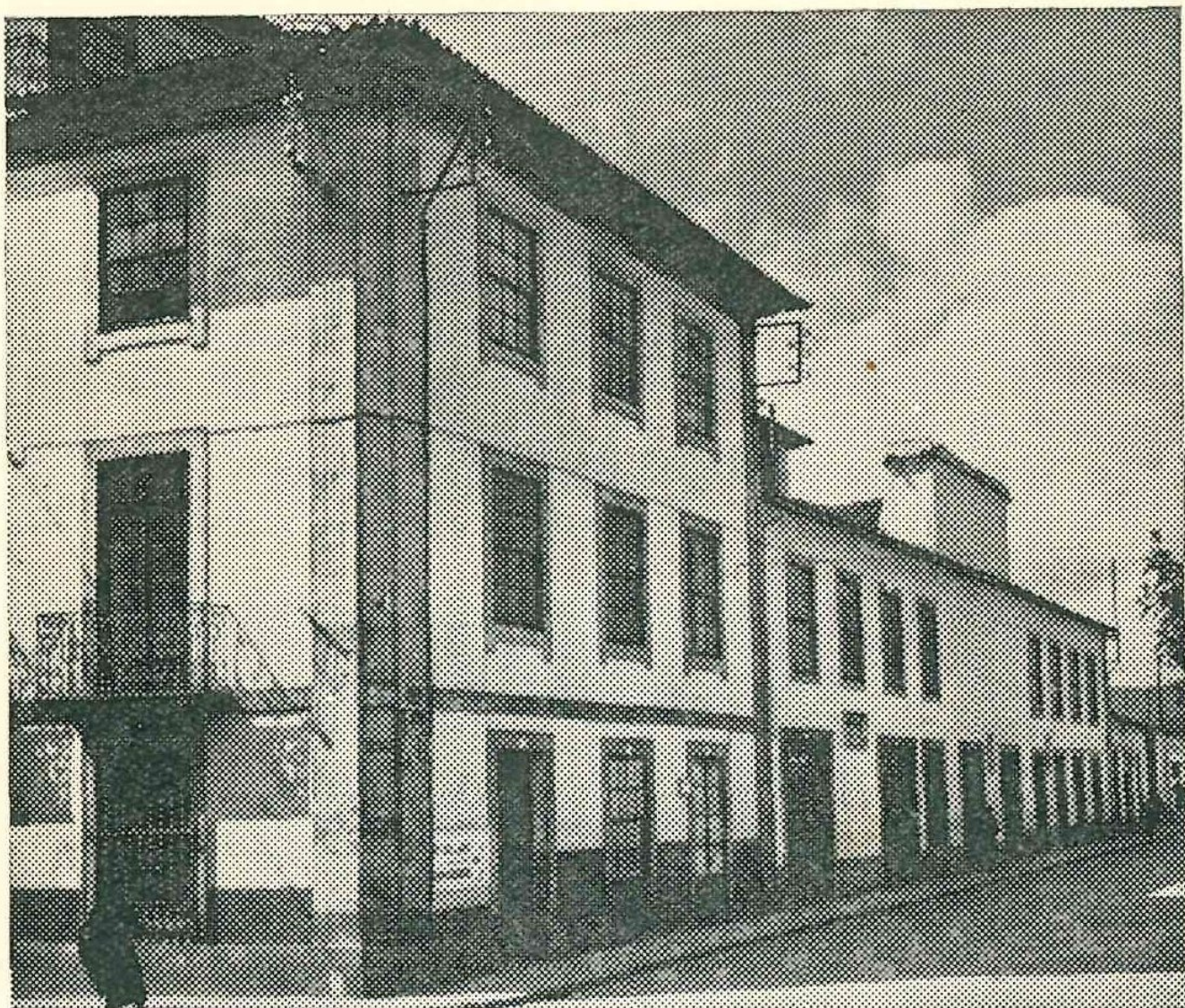
No Largo dos Malheiros — ou da Escola Técnica — existe a casa do mesmo nome e, de frente, a Casa do Tanque, hoje Grémio da Lavoura.

Mais adiante, na descida para o pessegal está a Casa do Rio em adaptação para, ainda neste ano lectivo, ser lá instalado um internato escolar, sob a designação de Lar de S. José.

No Campo da República há, a poente, a Casa dos Peixotos; no Campo 5 de Outubro, Jardim Velho ou An-



Casa do Benfeito — pertencente à Família Matos Graça —
Brasonada em ângulo.



Antiga casa das Senhoras Simões. Hoje da Família Salazar Norton
tónio Fogaça ou antigo de touros, também a poente, está a Casa dos Sousas, brasonada, e uma outra em que se lê a data de 1615.

No largo do Benfeito existe e em estilo D. João V, e brasonada, a casa do Benfeito.

Na rua Barjona de Freitas está a Casa Simões, na qual se hospedou D. Maria II e a família real, constituída por D. Fernando seu marido, pelo príncipe D. Pedro, mais tarde D. Pedro V, e pelo infante D. Luís, mais tarde D. Luís I, quando em 1852 se dirigia a Viana do Castelo.

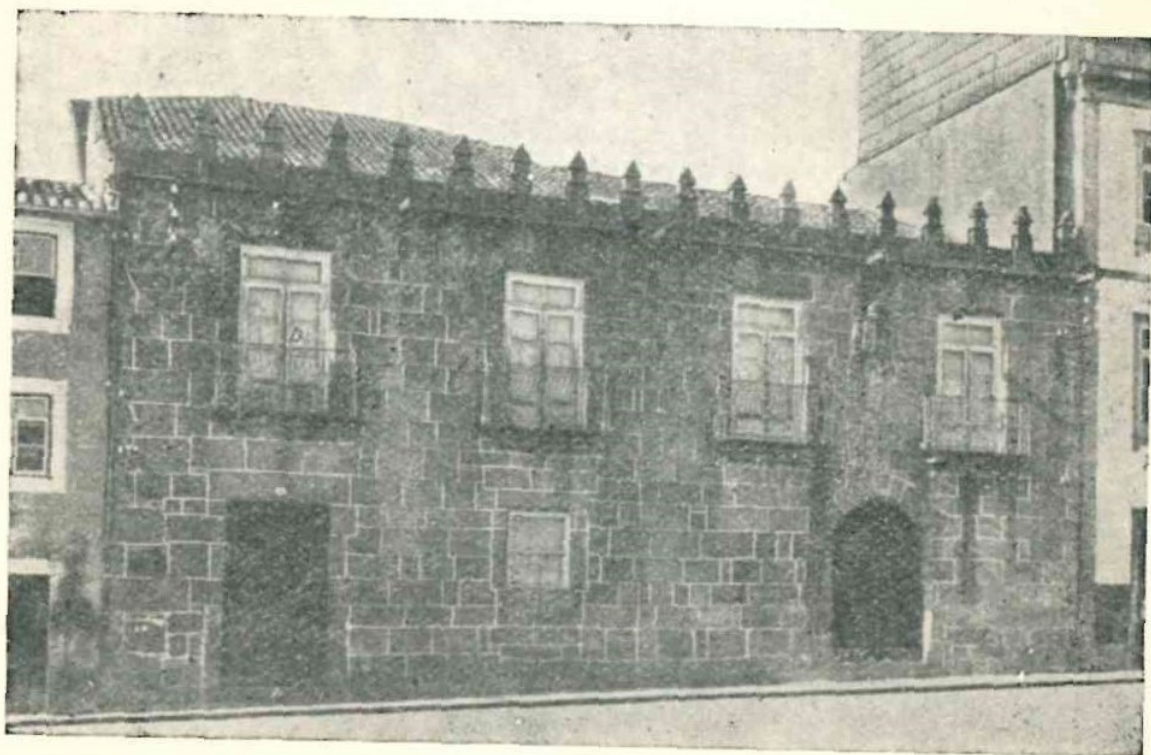
Da mesma casa teve de sair, em alvoroço e a custo, por nela se ter ateado um grande incêndio, pelas 10 horas da noite de 6 para 7 de Maio, cuja origem parece ter estado no descuido dos cocheiros do paço, ficando a casa totalmente destruída.

Foi, por tão inesperado acontecimento, transferida a família real para a Casa do Barão da Retorta, sita no actual largo Dr. José Novais, e onde se havia hospedado parte da comitiva real de que fazia parte o Duque de Saldanha, o Duque da Terceira e o Conde da Carreira.

Esta casa tem brasão. Nela se encontra actualmente instalada a Creche de Santa Maria.

No mesmo largo está a Casa Machados da Maia, em estilo manuelino e com brasão.

A poente da cidade, na rua da Barreta, existe a casa do mesmo nome, com capela e portal brasonado.



Antiga casa Machados da Maia.

Na rua Duques de Bragança temos a Casa dos Arriscados Mendanhas e dos Costas Chaves, ambas brasonadas.

Na rua de S. Francisco, perpendicular a esta dos Duques de Bragança, há a dos Brandões, também brasonada. Seguindo por esta rua chegaremos ao Largo do Apoio onde se encontram a Casa Carmona, a do Alferes Barcelense e a de D. Nuno Álvares Pereira, das quais já falamos.



Casa do Senhor Dr. Domingos de Figueiredo

III

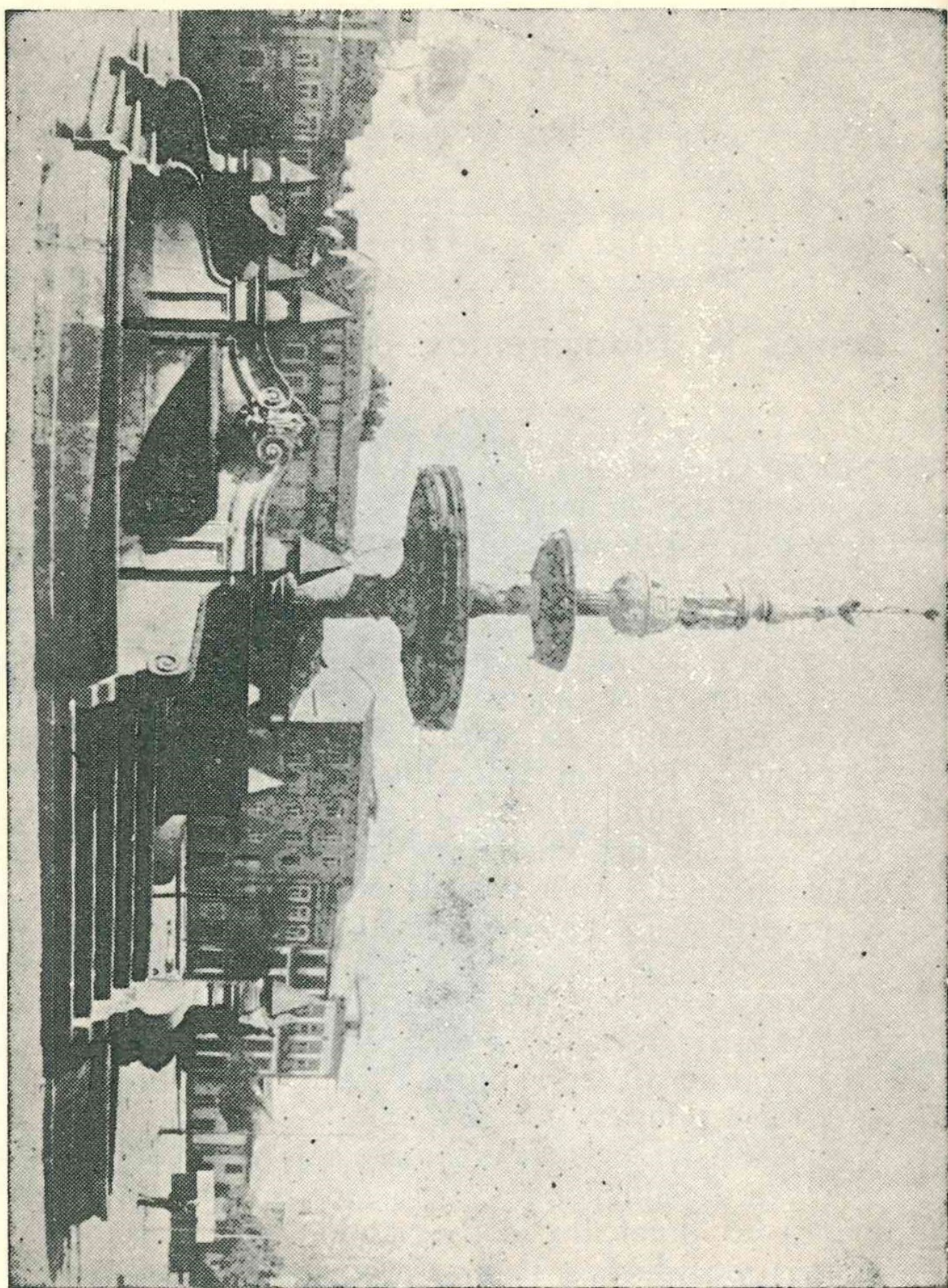
Fontes e Monumentos declarados Nacionais

Tinha Barcelos, antigamente, seis chafarizes, sete tanques e três fontes. Era a água uma das preocupações graves dos antigos urbanizadores. Ela constituía o melhor dos adornos e, posto que monótona, a mais útil das músicas caseiras.

Não existiam os rádios e nem ainda os pianos, mas nos jardins, nas pracetas, nos claustros e nos pátios ouvia-se o cantar da água, pondo uma nota de vida a esses ainda mal habitados lugares. Solar ou convento sem o murmúrio das fontes ou o espargir ruidoso de bons caudais em chafarizes artísticos, perdiam a sua graça. Galerias subterrâneas ou aquedutos de elevada altura drenavam, por quilómetros em derredor, as águas abastecedoras dessas fontes para que elas dessem vida às horas mortas dos pátios ou claustros que abasteciam.

Essa graça tende a desaparecer, em parte, devido ao progresso da agricultura para a qual todas as águas se tornam poucas.

Têm-se as Câmaras Municipais esforçado porque as sedes dos municípios, pelo menos, tenham abastecimento ao domicílio, conservando, quanto possível, as antigas recordações, nem sempre fáceis de manter.



...no Campo da Feira... um dos mais artísticos chafarizes...

Barcelos ainda hoje conta quase o mesmo número das suas antigas fontes. À excepção do chafariz da Praça Municipal e da fonte onde era a torre do Paço dos Duques, desaparecidas por causa de arranjos urbanísticos, todas as outras, com mais ou menos água, subsistem.

Assim, no campo da feira existe ao centro um dos mais artísticos chafarizes, com seu tanque sempre cheio para o qual as águas saem de duas formosas taças. Bem perto, no passeio das obras existe outro, com tanque na rectaguarda, enfeitando deste modo o passeio e o jardim. Outro, também interessante, é o que está no chamado Largo do Tanque—por detrás do Grémio da Lavoura; tem tanque. No Largo do Apoio está um, estilo quinhentista, e na Praça D. Pedro V ou seja no mercado diário existe outro, muito bem trabalhado, e semelhante ao que está no Campo de S. José.

Além destes chafarizes, mais ou menos artísticos, possui a cidade um razoável número de fontenários distribuidos por toda ela. Assim, à direita do Jardim António Fogaça está um quase monumental; os outros encontram-se no Campo 28 de Maio junto à igreja dos Capuchinhos, no Parque da Cidade, no Largo do Bom Sucesso junto ao Cemitério Municipal, ao fundo da rua Elias Garcia junto à Estação dos C. F., na rua Nova de S. Bento, perto da capela de S. José, na rua Miguel Bombarda junto à casa de Benfeito, e ainda o da antiga Fonte de Baixo no lugar assim chamado.

Monumentos Nacionais

Tem a cidade alguns monumentos declarados nacionais e já descritos atrás. São, em resumo, a Igreja Matriz, o Paço dos Duques de Bragança — ruínas — a Casa dos Pinheiros, a Ponte sobre o Cávado, o Pelourinho, a Torre de Menagem e, dentro dela, o Forno dos Mouros e a Laje dos Sinais, pré-históricos.

Nos arredores, a descrever na segunda parte deste trabalho:

A igreja de Abade de Neiva, românica — a de Vilar de Frades, manuelina, o chafariz do claustro no convento do mesmo nome e, ultimamente, as ruínas do Castelo de Faria.



Solar dos Pinheiros — Interior

IV

Ruas, Avenidas, Largos e Praças

Variando sucessivamente de nomes, algumas das ruas da cidade não são ainda conhecidas pelos que agora possuem. O popular dificilmente os aprende, e, se calhar de fixar um, não mais o larga para morrer com ele na cabeça. É a razão por que ouvimos ainda chamar rua Direita à de D. António Barroso, Jardim Velho ao de António Fogaça, Campo D. Carlos ao Campo 28 de Maio. À parte isso, também usa os seus nomes próprios.

O que lhe serve de base a toda a localização é o grande Campo da Feira. Nunca aprendeu a chamar-lhe Campo da República, e às avenidas que o limitam — Dr. Oliveira Salazar, Combatentes da Grande Guerra e Sidónio Pais — desconhece-lhes a existência.

Ora, amontoar os nomes das ruas, multiplica-los ou troca-los por outros de mais reconhecido mérito ou actualidade, se traz, por um lado, favor à escrita administrativa, por outro não deixa de causar uma razoável e duradoura confusão; há ruas com três nomes.

Se alguns nomes honram as ruas que designam, também sucede de outros serem por elas honrados, e ainda, o que é frequente, dar-e o caso de... *valer mais o nome que a propriedade.*

Porque é grande a confusão, citarei os nomes antigos e modernos que pude colher. Dividindo a caminhada, limitar-me-ei, para já, à referência das três vias pelas quais a cidade tem maior trânsito de carros e peões.

Delas farei desvios para registo dos nomes doutras que, por acaso, lhes estejam perto e em comunicação.

NA PARTE SUL E POENTE

Partindo da ponte, pode seguir-se a via da esquerda que sucessivamente tem a direcção do poente, sudoeste e norte até chegar ao Largo da Porta Nova.

Entretanto, podem ser dela tomados outros rumos como do Matadouro, da Fonte de Baixo, de Esposende ou do Benfeito.

Ainda da ponte pode seguir-se a via da direita que, uns metros adiante, em frente ao monumento a D. António Barroso se ramifica para norte, passando pela rua de mais comércio, com o nome daquele bispo, a sair no Largo da Porta Nova;

E para nascente, a passar entre a Escola Técnica e o Grémio da Lavoura, para dar no Jardim das Barrocas, contíguo ao dito Largo da Porta Nova.

Três acessos ao mesmo ponto que é fixável por enfrentar o templo do Senhor da Cruz e o Campo da Feira.

Daqui prosseguiremos depois numa quase segunda empreitada.

Por agora vamos percorrer cada uma das três vias em que divido esta parte sul e poente da cidade, a primeira das quais será

Da Ponte ao Largo da Porta Nova e Campo da Feira

(Pela Praça e Jardim Velho)

Tomando, ao deixar a Ponte, a esquerda, logo na referida mão se estende a **Esplanada do Turismo** e, na direita, o **Jardim do Pelourinho** faceando pelo norte com a antiga rua da **Igreja**, hoje **Mártires da República**.

Entra-se agora na dos **Duques de Bragança**, da qual partem para a direita a de **S. Francisco** e a do **Visconde de Leiria** que seguem ao **Largo do Apoio** onde se ligam com a do **Visconde de S. Januário** que ladeia o edifício da Câmara pelo poente, e a da **Esperança** que liga o Apoio à dita Duques de Bragança; esta parece ter tido antigamente o nome de **Travessa do Apoio**.

Continuando na dos Duques de Bragança, dela se desprende, na mão esquerda e prolongamento da de S. Francisco, a do **Arco**, assim chamada por ter sido uma das portas falsas, janelas ou arcos das cidade antiga, e a do **Poço**, em cuja entrada está um oratório com a imagem do Senhor pregado na cruz — **Senhor dos Aflitos**. Prossegue a via e rua dos Duques para, depois, num largozito, sair à esquerda e perpendicularmente a rua da **Barreta**, e à direita a citada da Esperança, para o Apoio, e a de **Trás**, para a **Travessa** da antiga rua Direita.

Emenda na dos Duques de Bragança a de **Barjona de Freitas**, antiga da Nogueira, que serve o mercado diário, para, no términus, ligar à de **D. Diogo Pinheiro** e à do **Senhor da Cruz** ou antiga da **Palha**. Logo no início desprende-se dela — Barjona de Freitas — a de **Filipa Borges** que dá para as traseiras do mercado e saída para Esposende.

Na junção desta com a da Barreta fica o **Largo da Madalena**, do qual segue outra com o mesmo nome, ladeando o poente do **Campo Camilo Castelo Branco**, Campo de S. José ou antigo da Madalena.

A rua da Madalena toma o nome de **D. Maria Pia, Miguel Bombarda** ou velha rua das **Capelas** na esquina do campo imediatamente citado, junto onde hoje está o Externato D. António Barroso, e vai dar ao **Largo do Bonfim**, logo seguido do **Benfeito**, onde está a Casa do mesmo nome.

Do Bonfim sai a rua **D. Maria II** ou **Gomes Freire** ou dos **Ferreiros** que dá para o **Jardim António Fogaça**, antigo **Jardim Velho** ou **Campo 5 de Outubro**, Campo Novo ou Campo de Touros.

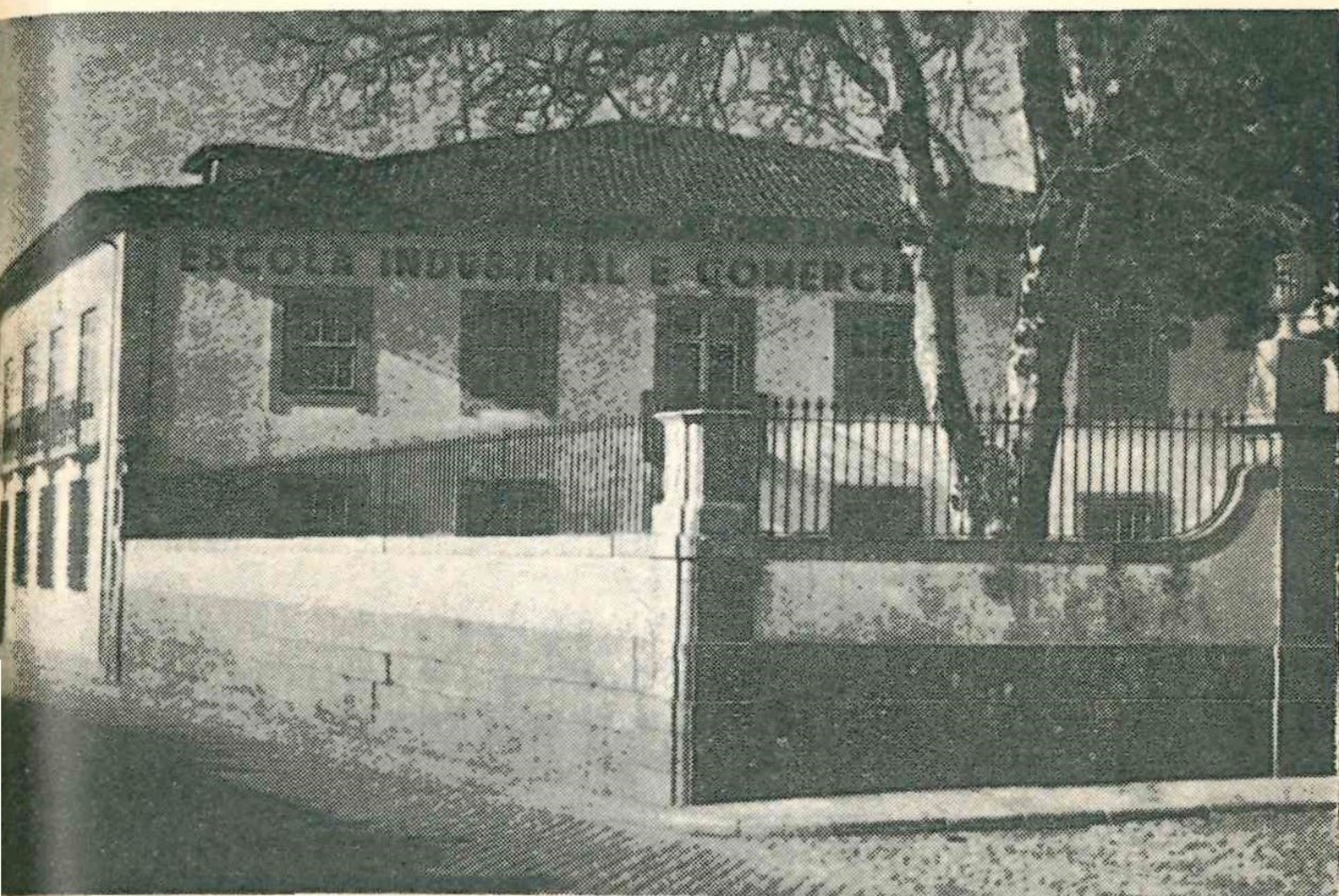
Temos de voltar ao Campo de S. José — Camilo Castelo Branco ou da Madalena — para vermos, na sua parte norte, a rua **Cândido dos Reis** ou antiga **Mangalha** e a do **Tenente Valadim**, antiga de **S. Vicente** ou **Manela** que, por detrás da capela de S. Bento da Buraquinha, liga com a de D. Maria II acima citada. Seguiríamos a de **S. José** para, do campo do mesmo nome, sairmos no **Campo da Feira**, entre o Jardim Velho — António Fogaça — e Avenida Dr. Oliveira Salazar, junto ao monumento ao Bombeiro Voluntário.

Da Ponte ao Largo da Porta Nova

(Pela Rua D. António Barroso)

Tomando, no remate da Ponte, o sentido do nascente, logo nos vem o **Largo de D. António Barroso**, segundo uns, por causa do seu monumento, e **Praça Municipal**, segundo outros, por enfrentar a Câmara da Cidade. Mas, com mais rigor Praça Municipal será o

largo entre a Câmara e a Igreja Matriz. Prosseguindo por este lado em torno da Câmara fica a rua do **Visconde de S. Januário**, que dá no Largo do Apoio. Deixando à direita a de **Manuel Viana** que dá no **Largo da «Escola Técnica»** antigo do **Malheiro**, segue-se, em frente, a do **Infante D. Henrique**, ladeando a mesma Câmara pelo nascente, rua esta que fora a antiga judiaria atrás mencionada. Outrora dita também do **Lanterneiro** dá perpendicularmente na de **D. António Barroso**. À esquerda fica o **Largo Dr. Martins Lima**, seguindo aquela que antigamente se chamava rua Direita, ao Largo da Porta Nova.



Escola Industrial e Comercial de Barcelos

Da Ponte ao Largo da Porta Nova

(Pelo Grémio)

Colocados, depois de atravessada a Ponte, no Largo D. António Barroso, para percorrermos a terceira via não deveremos subir o dito Largo, mas caminhar sempre encostados à mão direita, junto das casas, para logo entrarmos numa rua chamada de **Faria Barbosa**.

Esta rua, logo adiante, dá num largo onde se junta com a de **Manuel Viana** e serve a Escola. Deste largo que chamarei da «Escola Técnica» e era o do Malheiro, parte, à esquerda, uma travessa—da **Vinha Velha**—que vai dar à calçada—rua **Duques de Barcelos**—que liga a dita rua de Faria Barbosa com o **Largo Dr. José Novais**.

Prosseguindo na de Faria Barbosa, fica à direita, o **Largo do Tanque**, por detrás do Grémio. Este largo tem uma fonte chafariz e, na parede que fecha o recinto do Grémio há uma pedra com inscrição talvez referente a ela.

Reza: **Expensis Publicis**

Anno MDCXXVIII.

Reformatus

Anno MDCCCLXIX.

Sobe-se agora para o nordeste ainda e na mesma rua Faria Barbosa.

Ladeada por jardim à sua esquerda, passa junto dum troço das antigas muralhas no qual se pode admirar a espessura, e vai ter ao **Jardim das Barrocas** onde se ramifica para o **Largo da Porta Nova** pela antiga calçada do Senhor da Cruz, e para nascente, ladeando aquele jardim.

NA PARTE NASCENTE E NORTE

Chegámos, por quatro acessos, ao grande campo que, limitado embora na sua extensão por nomes diferentes dados a pedaços do mesmo, para o público se chama Campo da Feira, com o nome oficial de **Campo da República**.

A ele tornarei ao regressar das ruas que lhe ficam a norte.

Entretanto convém saber-se que na sua parte sul se chama **Jardim das Obras e Avenida Sidónio Pais**; na parte sudoeste toma o nome de **Largo da Porta Nova**, na do poente chama-se **Avenida Dr. Oliveira Salazar**, na do norte fica o **Jardim António Fogaça** e a **Avenida dos Combatentes da Grande Guerra**; só ao centro limitado pelas estradas nacionais n.º 103 e n.º 205 é que se lhe dá o nome de **Campo da República** ou Campo da Feira.

Faz lembrar uma grande veiga com vários donos acomodados em diferentes talhões de cultivo.

Recomecemos do Jardim António Fogaça, antigo Jardim Velho ou 5 de Outubro. Dele parte a estrada nacional n.º 103 para Viana que, à saída, toma o nome de rua **Dr. Manuel Pais**, antiga da Estrada.

Se tomarmos o caminho do nascente, mesmo encostados às casas que fecham o Campo da Feira, estaremos na **Avenida dos Combatentes da Grande Guerra** com o seu obelisco ao meio. Ao fim dela temos, para a direita a rua **Cândido Cunha** onde se situam três das grandes fábricas de Barcelos — Barcelense, Fiação e Tebe — e para a esquerda o **Largo 28 de Maio**,

antigo **Campo de D. Carlos** ou da **Liberdade**. Deste Campo sai a estrada n.º 306 que serve as Caldas do Eirogo e vai a Ponte de Lima por Freixo.

No trajecto descrito há uma rua, à esquerda, antes de chegarmos ao Campo 28 de Maio. Vejo-a designada por **Avenida Nun'Alvares**. Se há casos em que vale mais o nome que a propriedade, este é um deles, e bem flagrante.

Ao fim daquela Avenida encontra-se o **Largo da Estação** que aparece designado por **Largo Marechal Gomes da Costa**.

Paralela à citada Avenida e partindo do Largo 28 de Maio existe a rua **Elias Garcia** que, próximo da Estação se liga com o largo daquele nome pela rua de **Oliveira**. Ao lado e sobre a Estação existe a grande fábrica de farinhas e produtos «Vouga».

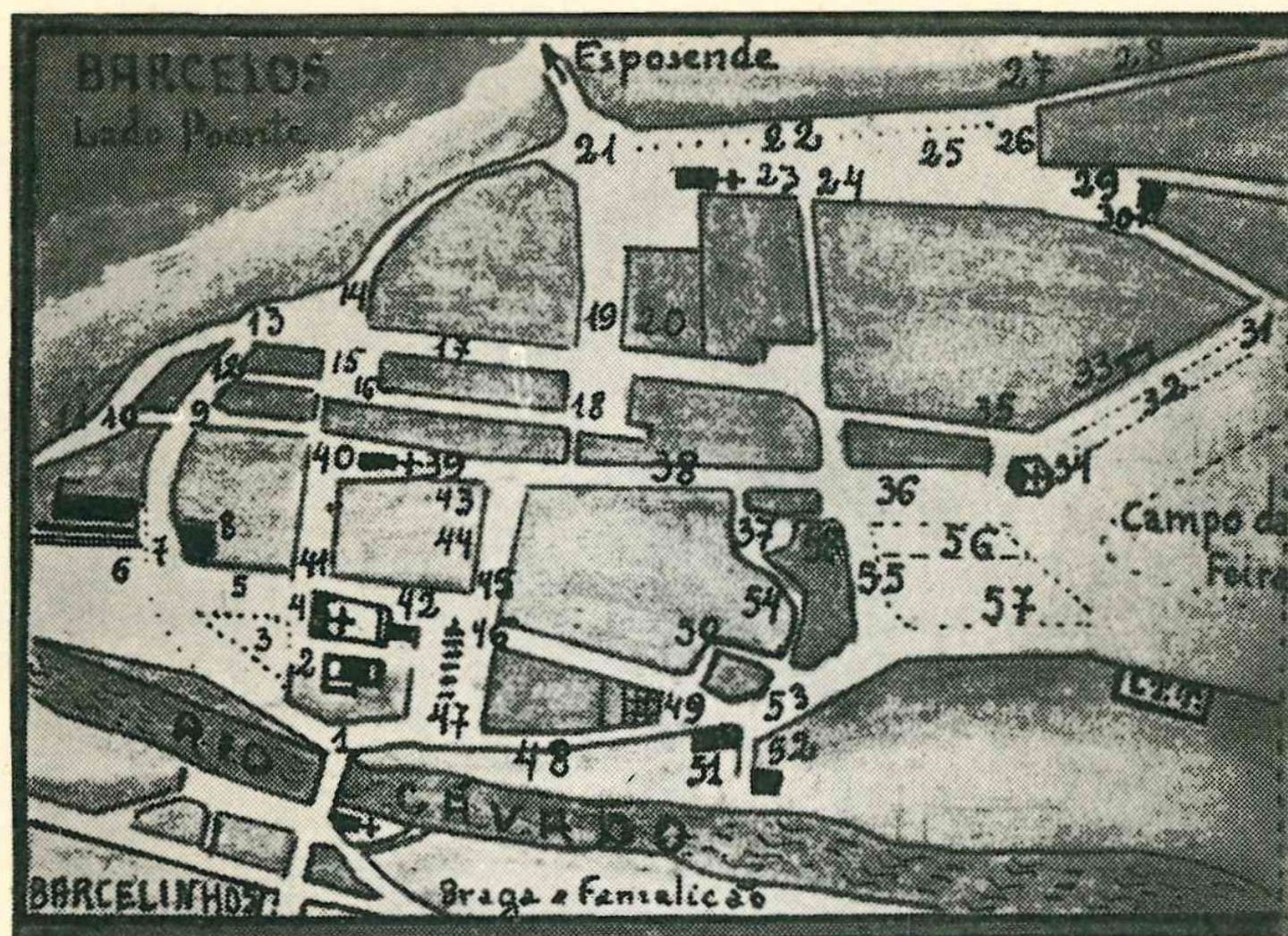
Deixando a Estação e seguindo para sul da mesma, a par da linha férrea até à passagem de nível da estrada n.º 205, para Prado, há uma rua, ao que parece, sem nome mas que é uma bonita artéria. Dela parte, a vir dar perpendicularmente ao **Largo do Cemitério** uma outra, com edifícios novos a ladeá-la e que já chamam de **Santa Marta**.

Deixando a passagem de nível para retomar o caminho da cidade, um pouco adiante e pela direita fica o cemitério da cidade, o campo da bola **Ribeiro Novo**, depois que reencontrámos a Avenida Sidónio Pais, na parte sul da rua Cândido Cunha e finalmente de novo, o Campo da Feira.



Parte dos arruamentos do Campo da Feira
(À esquerda, o Hospital)

Gráfico da parte Sul e Poente da Cidade

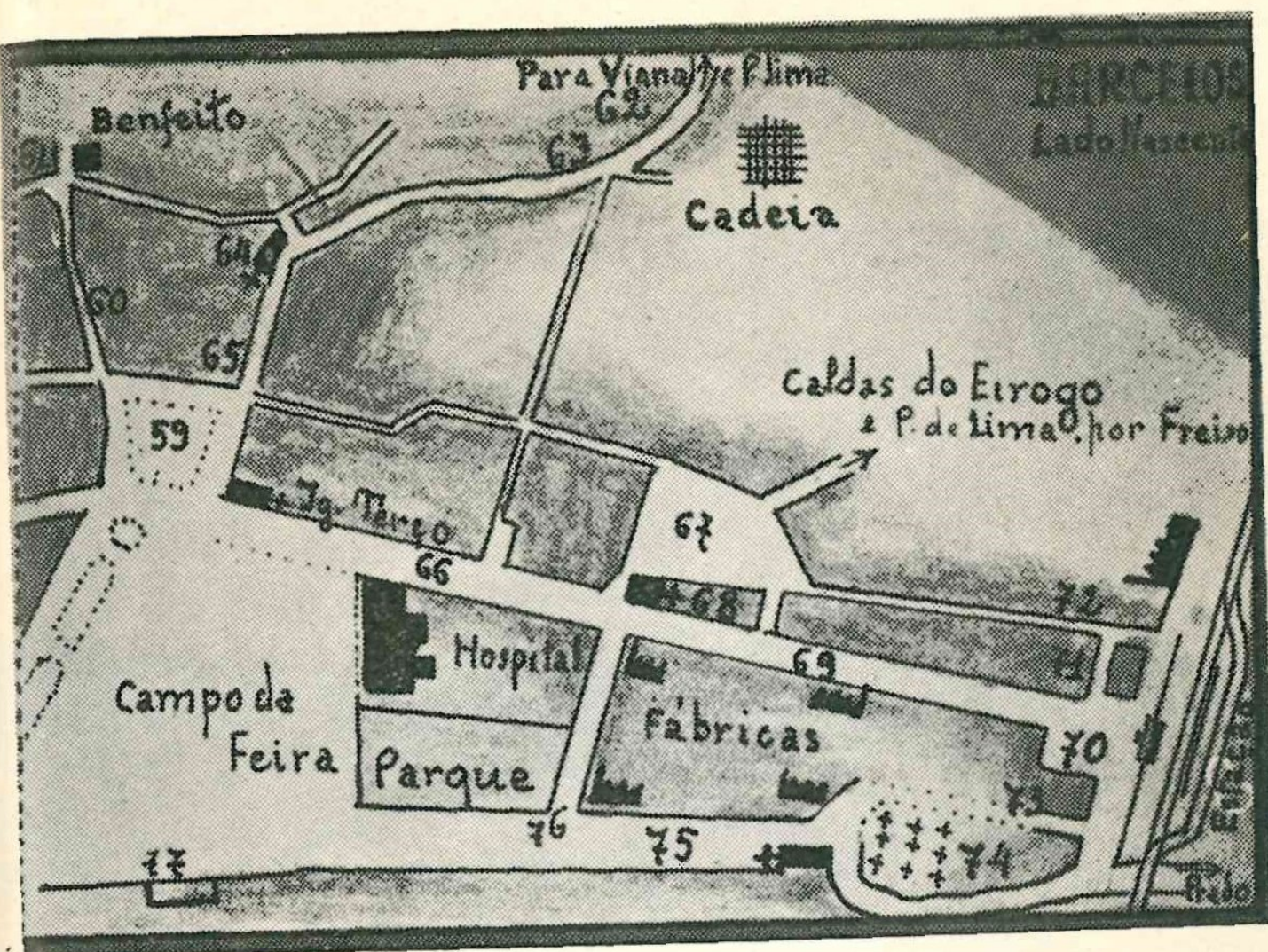


- 1 — Ponte sobre o Cávado, já existente em 1328.
- 2 — Paço dos Condes Duques — século XV — e Museu Arqueológico. Por debaixo, voltado a D. António Barroso fica o Museu de Cerâmica Regional.
- 3 — Pelourinho e Jardim.
- 4 — Igreja Matriz. Romano-gótico — séc. XII.
- 5 — Rua dos Mártires da República, ou antiga da Igreja.
- 6 — Esplanada, Turismo e Restaurante.
- 7 — Rua Duques de Bragança.
- 8 — Solar dos Pinheiros ou Casa do Barbadão.

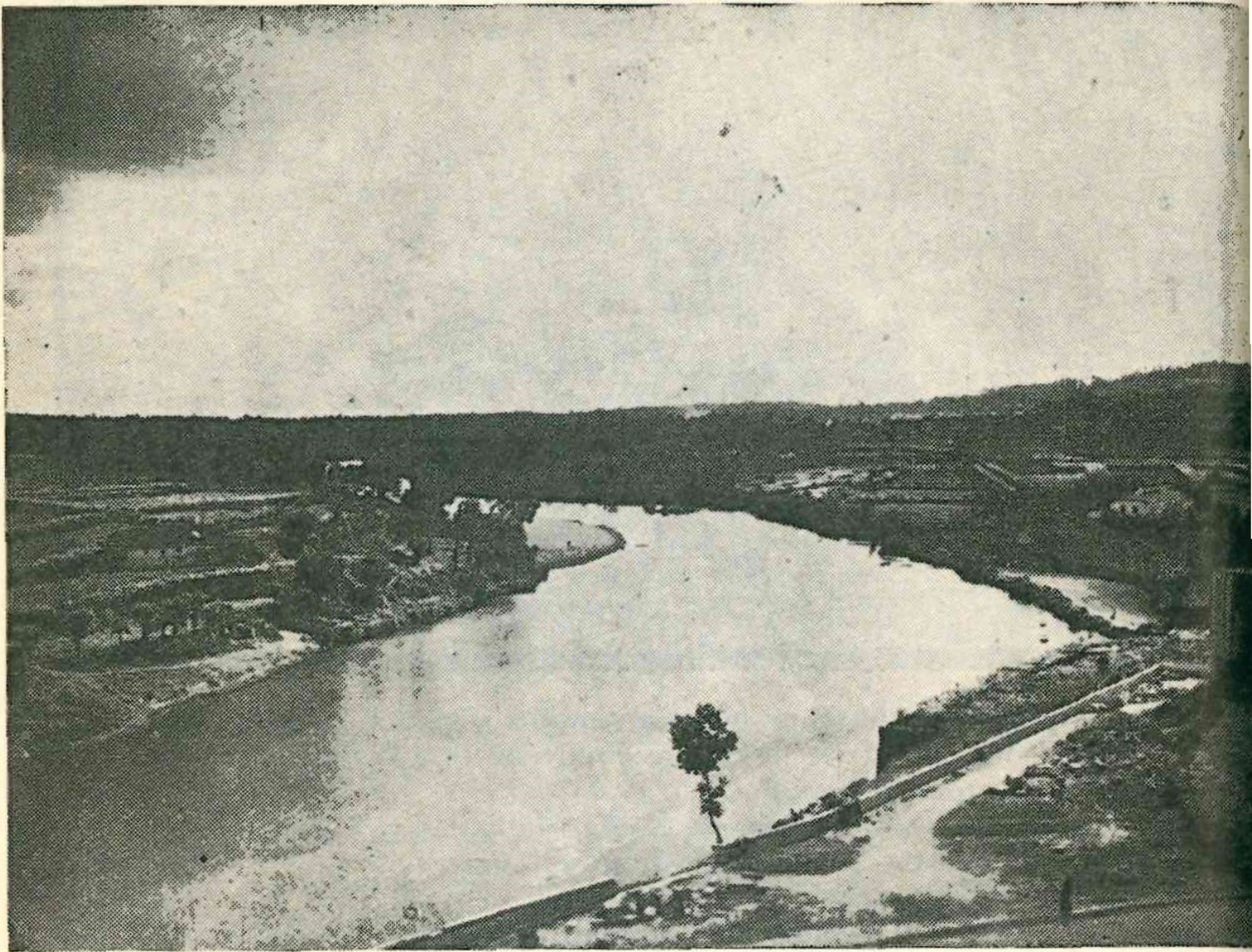
- 9 — Rua de S. Francisco, antiga dos^{os} Mercadores.
- 10 — Rua do Arco.
- 11 — Fonte de Baixo.
- 12 — Rua Visconde de Leiria.
- 13 — Rua do Poço e antigo Largo do Terreiro; fechava esta rua a antiga Porta do Vale.
- 14 — Rua da Barreta na qual se situam a Casa da Barreta e a Capela de S. Bento.
- 15 — Rua da Esperança.
- 16 — Rua de Trás.
- 17 — Rua Barjona de Freitas ou antiga da Nogueira, a qual se dividia em Nogueira de Baixo, até ao mercado, e de Cima, em frente a este.
- 18 — Travessa da antiga rua Direita.
- 19 — Rua Filipa Borges.
- 20 — Praça D. Pedro V — mercado diário.
- 21 — Largo da Madalena — estrada para Esposende.
- 22 — Rua da Madalena.
- 23 — Capela de S. José.
- 24 — Rua D. Diogo Pinheiro ou Rua Nova de S. José.
- 25 — Campo Camilo Castelo Branco, antigo de S. José e da Madalena. Em tempo aí se realizou a Feira.
- 26 — Parte norte do mesmo Campo.
- 27 — Externato D. António Barroso.
- 28 — Rua D. Maria Pia, Miguel Bombarda ou das Capelas.
- 29 — Rua Tenente Valadim, de S. Vicente ou antiga Manela.
- 30 — Capela de S. Bento da Buraquinha e Rua de Cândido dos Reis.
- 31 — Monumento ao Bombeiro Voluntário.
- 32 — Avenida Dr. Oliveira Salazar, antiga Pedra do Couto.
- 33 — Colégio Alcaides de Faria.
- 34 — Templo do Senhor da Cruz — séc. XVII.
- 35 — Rua do Senhor da Cruz, antiga da Palha.
- 36 — Largo da Porta Nova, antiga Calçada e do Mercado; hoje também conhecido por Largo do Senhor da Cruz.

- 37 — **Largo do Dr. José Novais.** Nele se situa a Casa da Sagrada Família, a Creche de Santa Maria e os Bombeiros Voluntários de Barcelos.
- 38 — **Rua D. António Barroso, antiga Direita.**
- 39 — **Largo Dr. Martins Lima, Teatro Gil Vicente e Capela de S. Cristóvão,** que fica entre os prolongamentos das ruas já citadas, **S. Francisco e Visconde de Leiria.**
- 40 — **Largo do Apoio** e chafariz quinhentista, Casas Carmona, do Alferes Barcelense e de D. Nuno Álvares Pereira. Neste Largo se efectuou o mercado diário.
- 41 — **Rua Visconde de S. Januário.**
- 42 — **Câmara e Praça Municipal, Tribunal, P. S. P., Finanças, Fazenda, Tesouraria e Conservatória do Registo Civil.**
- 43 — **Teatro Gil Vicente.**
- 44 — **Biblioteca, Caixa Geral de Depósitos e Conservatória do Registo Predial.**
- 45 — **Rua do Infante D. Henrique,** antiga Judiaria, dos Alanterneiros ou Nova.
- 46 — **Rua Manuel Viana.**
- 47 — **Monumento a D. António Barroso.** Largo do mesmo nome.
- 48 — **Rua Faria Barbosa.**
- 49 — **Escola Técnica.**
- 50 — **Travessa da Vinha Velha.**
- 51 — **Grémio da Lavoura.**
- 52 — **Lar de S. José — Internato para rapazes —.**
- 53 — **Largo do Tanque** com chafariz, antigo Largo das Velhas.
- 54 — **Rua Calçada dos Duques de Barcelos.**
- 55 — **Calçada do Senhor da Cruz.**
- 56 — **Passeio das Obras — séc. XVIII.**
- 57 — **Jardim das Barrocas.**
- 58 — **Torre de Menagem,** hoje Museu Alcaides de Faria.

Gráfico da parte Nascente e Norte da Cidade



- 59 — Jardim António Fogaça, antigo Campo 5 de Outubro.
- 60 — Rua D. Maria II, Gomes Freire ou dos Ferreiros.
- 61 — Largo do Bonfim.
- 62 — Quinta e Viveiros de Santa Maria.
- 63 — Casa de Saúde de S. João de Deus.
- 64 — Recolhimento do Menino Deus.
- 65 — Rua Dr. Manuel Pais, antiga da Estrada.
- 66 — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.
- 67 — Campo 28 de Maio, antigo de D. Carlos e da Liberdade.
- 68 — Igreja de Santo António da Cidade.
- 69 — Avenida Alcaides de Faria.
- 70 — Largo Marechal Gomes da Costa, ou da Estação.
- 71 — Rua de Olivença.
- 72 — Rua Elias Garcia.
- 73 — Rua de Santa Marta.
- 74 — Cemitério da Cidade.
- 75 — Avenida Sidónio Pais e Largo do Bom Sucesso.
- 76 — Rua Cândido Cunha.



Um trecho do rio Cávado, visto do Pelourinho

V

Homens Notáveis

Conta Barcelos no número de seus filhos alguns bem notáveis, cujos nomes se devem recordar, por o que eles representaram para as letras, as artes, a Virtude e a Pátria.

Começaremos um pouco de longe para que os mais velhos não sejam esquecidos, enfileirando com os mais recentes, porque todos honraram e prestigiaram a sua terra. Distinguiram-se:

EM RELIGIÃO

D. Godinho Pais, natural de Barcelos e Arcebispo de Braga de 6-12-1175 a 30-6-1188.

D. Diogo Pinheiro, prior de Guimarães, prelado de Tomar e bispo de Funchal, primaz das Índias 1514.

Há, na Cidade, uma rua com o seu nome.

D. Rodrigo Pinheiro, bispo do Porto, de 1552 a 1572.

D. Gaspar de Faria, **D. Ângelo Pereira** e **D. Francisco de Faria**, todos bispos de Martíria durante os reinados, respectivamente, de Filipe II, III e IV de Espanha.

D. João da Silva Ferreira, formado em Coimbra, cónego da Sé de Braga, deão de Vila Viçosa, bispo de Tânger aos 3-12-1742; conselheiro de estado e bispo do Porto.

D. Joaquim Ferreira Ferraz, lente em Coimbra em 1834, bispo da Guarda e Bragança em 1827, e de Leiria em 1853.

D. António Barroso, missionário no Congo 1880, prelado de Moçambique em 1891, bispo de Meliapor em 1897 e do Porto em 1899 onde faleceu em 1918, como foi dito ao passarmos pelo monumento que Barcelos lhe erigiu, na Praça Municipal.

S. Crisputo e Restituto, martirizados na perseguição de Nero.

Frei Inocêncio e Frei Pedro, aquele eremita de Santo Agostinho e martirizado em Lunetio-França, e este da Companhia de Jesus e martirizado no Brasil.

Frei Jerónimo do E. Santo e Frei Inocêncio, martirizados, respectivamente, na Índia em 1599, e pelos luteranos, na França em 1561.

NAS ARMAS

Nuno Gonçalves de Faria, valente alcaide do Castelo assim chamado. **Gonçalo Nunes**, filho do primeiro e que aguentou o cerco castelhano ao castelo. **Álvaro de Faria**, irmão de Gonçalo Nunes, e armado cavaleiro em Aljubarrota.

No Salado, 1340 — **Martins Gomes Gaio**, onde morreu.

Em Aljubarrota, 1385 — **Álvaro Gonçalves de Faria**, filho do alcaide, **Gonçalo Anes de Vilas-Boas**, senhor do Paço de Airó e Vilas-Boas, e **Lopo Dias de Azevedo**, senhor do solar de Azevedo.

Em África — **João Pimenta do Prado**, morto em Angola, 1471. **Henrique Pinheiro**, morto em Alcácer-Quibir e **Gaspar Góios do Rego**, comendador de Santa Olaia, e **morgado de Merece**, em **S. Pedro de Calvelo**, Alferes Barcelense em Alcácer-Quibir onde morreu heróicamente em 14-8-1578.

Nas lutas da Restauração — **Henrique Pinheiro**, neto do seu homónimo de Alcácer-Quibir, morto na Batalha de Montijo, 1649. **Pedro Carneiro Gaio**, da Casa da Fervença que fez explodir a nau Rosário para não cair nas mãos holandesas, com quem se batia nas costas do Brasil em 1648.

Na África — **João Carlos de Saldanha Oliveira Daun**, neto do 1.º Duque Marechal Saldanha, 2.º conde de Almoester, capitão morto em combate no Humbe, 1897.

Fernando de Magalhães e Meneses, 1.º conde de Vilas Boas, Torre e Espada por serviços nas campanhas de Gaza 1898, Barué e outras.

Na 1.ª G. Guerra—**Ten.-coronel Francisco Vila Chã Rodrigues Leite**, Cruz de Guerra, Torre Espada e mutilado do 9 de Abril.

Outros há como **António e José Plácido Barroso**, **Constantino e Francisco de Beça Meneses**, **João Joaquim Pereira**, **António de Passos d'Almeida Pimentel**, **José Vasconcelos Bandeira e Lemos**, etc., etc.

NAS LETRAS

O maior seria **Gil Vicente** se pudéssemos provar a sua naturalidade de Barcelos. Apesar da cidade ter posto o nome do fundador do teatro português ao seu grupo de futebol e à sua casa de recreio—o Teatro Gil Vicente—sem autoridade o digamos, não passa duma boa dose de bairrismo, visto que nada de certo existe. E quantas mais razões se aduzem, maior se torna a confusão. Tem-se apresentado como berços Guimarães, Barcelos, a Beira e Lisboa. A Academia das Ciências aceitou Guimarães, contra maiores razões da Beira. E, para findar esta abertura, vemos a dificuldade na abundância de homens que, com o nome de Gil Vicente, viveram no último quartel do século XV e primeiro do século XVI; nada menos de uma dezena deles, distribuída por Guimarães, Barcelos, Santarém, Lisboa, Ceuta e Índia. Passemos, portanto, aos menores, mas certos.

P.º Belchior da Graça, autor de «*Consultas Morais e Canónicas*» e dum tratado da «*Penitência*», escrito em latim.

Fr. Francisco de Barcelos, que escreveu entre outros, *Dos Triunfos da Cruz*, em latim.

Fr. Pedro Poiares, natural de Poiares como o nome indica, escreveu o *Tratado Panegírico em louvor da Vila de Barcelos*, e compôs o *Vocabulário Geográfico*.

António de Vilas Boas e Sampaio, 1629-1702, morgado de Airó, autor de vários trabalhos escritos, sendo o de mais valor a *Nobiliarquia Portuguesa*, o 1.º tratado português sobre o assunto. Embora haja dúvidas sobre a sua naturalidade barcelense, pelo menos viveu, teve casa e faleceu no termo de Barcelos.

Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, 1750-1831, autor do *Nobiliário de Famílias de Portugal*, em 32 grossos volumes, legados à Misericórdia de Barcelos.

P.º Domingos Joaquim Pereira, 1800. Entre outras obras escreveu *Crónica Abreviada*, *Memória Histórica da Vila de Barcelos*, *Barcelinhos e Vila Nova de Famalicão*. Ocupou várias dignidades na Colegiada de Barcelos e faleceu quando abade de Louro, Vila Nova de Famalicão.

Calando, para não repetir, os nomes de alguns bispos já citados, que também foram grandes nas letras, fecho o capítulo com alguns outros, escolhidos de entre os muitos que, pela escrita, honraram Barcelos:

Frei Francisco do Salvador, **Frei Boaventura de Barcelos**, **Frei António do Carmo Velho Barbosa**, **Dr. Belchior do Rego Andrade**, **Manuel António Lobato de Castro**, **Francisco de Sousa Alcoforado Rebelo**, **D. Joaquina da Encarnação**, **Henrique Ernesto de Almeida Coutinho**, **António Maria do Amaral Ribeiro**, **Manuel José Pinto de Oliveira**, **Jaime Siuve de Séguier**, **Alberto Malheiro de Magalhães Vilas Boas**, **Alfredo Carvalhais**, **António Fogaça**, e, nos nossos dias, mas recentemente falecidos:

Dr. Teotónio da Fonseca, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, autor de «*O Concelho de Barcelos — Aquém e Além Cávado*», 2 vols.; «*Esposende e seu Concelho*», «*Um punhado de Genealogias*», «*Mais Genealogias*» e «*Apontamentos Históricos e Genealógicos*».

Bento António Antas da Cruz, historiador, faleceu em 1950.

Major Mancelos Sampaio, falecido no ano passado (1957). Deixou, entre o mais, *Barcelos, Resenha Histórica-Pitoresca-Artística*.

POLITICA, JURISPRUDÊNCIA E ARTE

António do Rego de Faria Barbosa, senhor da Casa do Rio. Há, na Cidade, uma rua com o seu nome.

Dr. António de Matos e Silva, senhor da Casa do Benfeito, desembargador da Suplicação em 1760.

Albino José Rodrigues Leite, vindo de Vieira do Minho aos 10 anos. Foi vereador, mesário da Santa Casa, tesoureiro do Banco de Barcelos, um dos fundadores do Grupo Alcaides de Faria, redactor da «Folha da Manhã» e de «O Barcelense».

Dr. Luís José de Abreu do Couto Amorim Novais, da Casa de S. Bento-Balugães. Formado em Direito, foi advogado, tabelião, membro da Sociedade de Geografia, da Associação dos Advogados e Notários de Lisboa, do Instituto Portuense de Estudos e Conferências, tendo falecido naquela cidade, em 1917. Tem um largo com o seu nome e uma memória em Barcelos.

Conselheiro Joaquim Gualberto de Sá Carneiro, jurisconsulto de nomeada, falecido em 30 de Dezembro de 1946.

António Cândido da Cunha, professor de pintura na Academia de Belas Artes, do Porto, deixou vários quadros de mestre.

Há, na Cidade, uma rua com o seu nome.

Miguel Ângelo, 1843-1901 — Literato e, sobretudo, grande musicólogo.

E para terminar o assunto, seguem indiscriminadamente ainda na lista dos homens notáveis de Barcelos **Antão Gonçalves Pereira** no número dos descobridores da Guiné e Benim, 1486, **Pedro de Barcelos** que com João Fernandes Labrador descobriu a Terra do Labrador, na América, 1496, e **Tomé de Sousa**, 1.º governador geral do Brasil, 1549-1553.

ACTIVIDADES

NOTA

Os cinco capítulos que vão seguir-se merecem, por respeito aos possíveis leitores e às Casas, Firmas e Organismos deles constantes, uma explicação prévia.

Dadas as praxes dos tempos que correm, três coisas ressaltariam aos olhos menos avisados: reclame, interesse e falta de equidade.

Devo prevenir que nem parcialmente qualquer delas se verifica.

A quase totalidade dos atingidos pelas «Actividades» nem terá tido conhecimento prévio.

Trata-se dum registo para o Público e para o Tempo.

A enumeração é feita, não por categorias, mas por ordem alfabética.

Finalmente, qualquer deficiência que possa parecer injustiça no quadro geral formado, deve atribuir-se a desconhecimento, e não a restrições menos confessáveis.

E. A. M.

I

Barcelos e o seu Folclore

— Orfeão, Grupo e Orquestra —

Ainda que seja grande a extensão do termo *folclore*, pois ele engloba as tradições, as lendas, os jogos, as crenças, os provérbios, os contos, as danças, os trajes e os cantares dum povo ou região, aqui me refiro, dum modo restrito, às danças, trajes e cantares de Barcelos.

Ignoro até que ponto o artesanato barcelense sofreu influência do seu folclore ou vice-versa; que resulta de tradições locais, é, em grande parte, verdade. E se neste sector a diferença do que noutras terras existe é fundamental em volume e qualidade, outrotanto não se poderá dizer das danças, trajes e cantares, pois que eles são quase o comum do Minho, tão rico e abundante nestas manifestações.

Barcelos situa-se no coração da província. Mesmo que bastante próximo de terras com mais actividade folclórica — Viana do Castelo, Póvoa de Varzim e Vila do Conde — não seria para admirar ter sofrido influência daquelas; mas não aconteceu. Bem ao contrário, a linha comum que possa existir para além daquela nota predominante em regiões de curta separação, só explica a

influência de Barcelos nessas mesmas actividades em que se verifique tal presença.

A antiguidade do Concelho, o seu tamanho e o nível social que cedo começou a desfrutar—tem danças de sabor palaciano—a par doutros fenómenos, incluindo os de ordem administrativa que, para formação de novos concelhos e aumento de outros, levaram bastantes freguesias do de Barcelos (1), são razões bastantes para aceitarmos a dita influência activa da região do Cávado nas que a limitam.

Distinguindo, como convém, exibição folclórica de manifestação folclórica, até mesmo as terras vizinhas aceitam a prioridade de Barcelos, no segundo caso.

* * *

Analisada a sua própria evolução histórica, em paralelo registe-se a existência de vida folclórica, mais efeito que intenção.

Os trabalhos campestres, máxima actividade do Concelho, foram sempre as causas de fomento, conserva e transmissão de danças e cantares regionais.

A lavoura, sempre generosa e paciente, não conhece tristezas, mesmo nos piores dias. Em contacto directo com os inumeráveis mistérios da vida ela canta, não sabe se muitas vezes por tristeza — quem canta seus

(1) Além de todos os concelhos, coutos e honras desde o Vouga até Castro de Laboreiro, compreendia, ainda no séc. XIX Barcelos 296 freguesias, das quais 193 formavam os seu concelho. Deste foram suprimidas as que vieram a formar o concelhos de Esposende, Póvoa de Varzim, Vila Nova de Famalicão, e aumentar outros como Viana do Castelo, Vila Verde e Braga.

Veja-se, na parte final deste trabalho, o cap. «*Barcelos, Comarca e Concelho*».

males espanta — se por gratidão ao bom Deus que na seara abundante manifesta a sua Providência — quem canta reza duas vezes.

E são os campos que fazem chegar aos que deles se abastecem, mas neles não trabalham, a vida artística concretizada por vozes simples ou em coro.

Ao fim de cada trabalho e mesmo durante ele, onde haja gargantas e qualquer instrumento, logo vibram em cante e descante, quando não ao desafio, para remate ou tempero da faina.

Depois, nas eiras dos casais, na arrecadação ou preparo das colheitas, aumentam essas manifestações artísticas, enriquecidas por danças e instrumental numeroso, enquanto a alma do trabalho — o vinho — vai dando «rodas».

Temos ainda as romarias.

Não me refiro àquelas distantes — Senhora da Abadia, Senhora da Peneda, S. Bento da Porta Aberta e S. Torcato — que, registando até influência no cancionero português, foram, nos seus terreiros e caminhos de acesso, teatros constantes onde muito se exibiram e divulgaram as danças e cantares do povo. Considero as muitas que se efectuam no grande Concelho de Barcelos.

A tendência dos rapazes para se acompanharem de instrumentos de música, a alegria, a garridice dos trajes, o deslumbramento pelos «arcos, fogo, música e arraial tão lindo» eram factores importantes para a vida folclórica da região.

Mas esta vida tende a desaparecer. Em parte a mecanização da lavoura, em parte a fuga do pessoal para outras actividades mais rendosas ou até o estrangeiro vão-lhe dando o golpe mortal.

E temos aqui a razão por que entram em campo os grupos folclóricos.

Toda a vida portuguesa tem sofrido, por explicável motivo umas vezes, por vaidade outras, um abastardamento tão pronunciado que pessoas menos próximas desses «progressos» mal chegam a entender a fala do desportista, do cabeleireiro ou do modesto alfaiate. E é a fala o primeiro órgão de comunicação das ideias!

O mesmo acontece com as restantes manifestações da vida portuguesa, caminhando para o que ousou chamar uma *desnacionalização*.

Se as expressões máximas duma pátria estão numa bandeira, numa língua, num exército, num aglomerado regional ou circunscrição territorial, não é menos verdade que para sua salvaguarda contribui tudo o que represente independência, originalidade e feição própria.

Bem hajam pois os grupos folclóricos que, de sã orientação, nos levam à beleza do que é nosso, criando por ele renovado entusiasmo a transmitir às gerações mais novas para que, por sua vez, o leguem às futuras.

Desta maneira continuam as tradições naquilo que elas têm de incentivo amoroso ao que é português, continuando Portugal.

* * *

E vai, na verdade, por todo o País, um crescente entusiasmo por agrupamentos de carácter folclórico.

Alguns já antigos outros mais recentemente criados, são vivo cartaz, levando longe nas suas embaixadas artísticas, não só o nome das terras a que pertencem mas também o nome de Portugal, se saírem, como tanto se vê, ao estrangeiro.

Consigo levam e tornam conhecida a música alegre da sua região, da sua gente, música económica, cercada

de lenda por vezes, mas nem por isso falha de beleza. Música simples, alegre viva que levanta o ânimo para uma renovada esperança de vitória sobre os males que afligem a humanidade.

Uma onda de sons harmoniosos, de cantares sádios invade os recantos do País, conquistando a simpatia das gerações moças, numa luta vitoriosa ao *meladismo* piegas da música exótica, chorada ou estrídula, sem ritmo, sem compasso, sem linha melódica, sem nada; apenas ruído, estrondo e barulho em que cada executante toca ou guincha o que bem lhe apetece, numa desleal paródia à música dos cafres.

* * *

As danças e marcações, cheias de beleza, cor e movimento, são dignas e repletas de compostura. Podem carecer de feeridade corográfica, mas não lhe falta certeza, graça e significado.

Tornam-se, pela natural desenvoltura e perfeita segurança de execução, mais valorizadas nos espectáculos, pobres de cenários, mas ricos nos programas.

E os trajes, sempre garridos e sempre honestos, são a base da cor desses espectáculos. Uns mais e outros menos, todos extasiam os olhos habituados a tons constantes ou incertos num reflexo de meias tintas em panos que também não poderemos chamar inteiros no volume e dimensões.

Aos trajes me referi já no fim de «Festas das Cruzes», limitando-me agora a descrever os desta região naquilo que eles têm de permanente e característico, ou melhor, no seu padrão oficializado.

Antes, porém, alguns informes sobre o que precedeu a formação do «grupo».

Orfeão de Barcelinhos

Da cidade faz parte o aglomerado populacional de além Cávado—Barcelinhos.

Como é neste que tem sede o referido grupo artístico, dele toma o nome.

Há anos que alguém, de competência e boa vontade, depois sucedido por outrem não menos dotado ⁽¹⁾, agregando valores musicais dispersos, fundou, com sede em Barcelinhos, um orfeão com sua orquestra privativa. O empreendimento teve o mérito de ocupar em sã e útil recreação as horas vagas de muitos rapazes e raparigas, incutindo-lhes pacientemente — eles não tinham cultura musical—o gosto pela divina arte de produzir sons agradáveis ao ouvido.

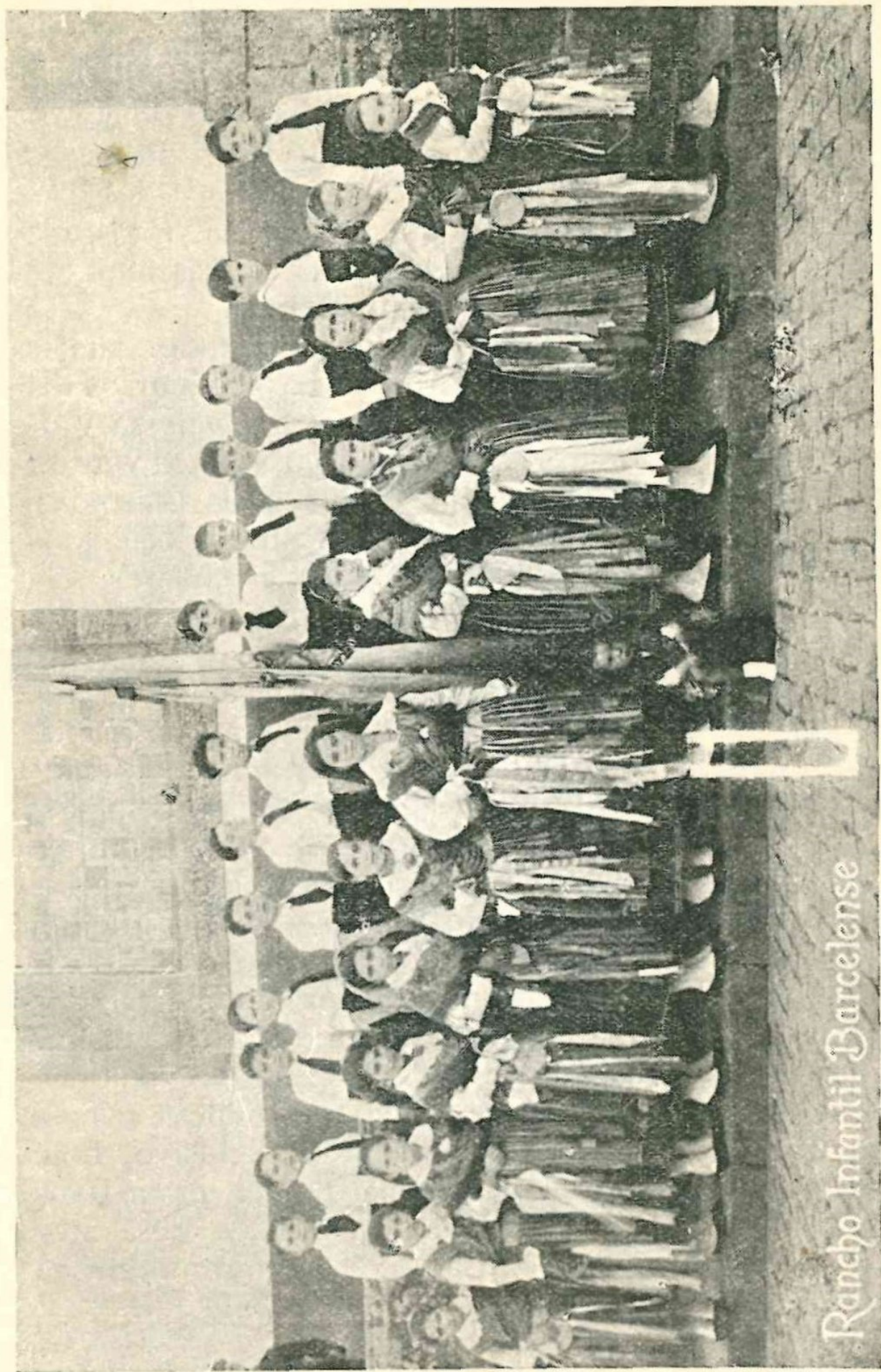
E essa medida foi tão oportuna quanto hoje estamos num ambiente de estrondos, ruídos, tiros e música estranha, da qual a última expressão parece estar no «Rok» e no «Calipso».

Rancho(s) Folclórico(s)

Como consequência do orfeão e mais recentemente que ele surgiu o Grupo Folclórico, chamado de Barcelinhos.

Sendo, creio que o primeiro desta terra, não significa novidade de maior, porquanto, teve a Cidade, em tempos passados e não distantes, três agrupamentos, quase simultâneos e com igual fim.

(1) Respectivamente, Armindo Maia e Costa Fernandes, a quem, contra a praxe do livro, nele deixo consignados votos de louvor.



Rancho Infantil Barcelense
(Extinto)

Infantil, Regional e Minhoto

Citando-os com o merecido louvor, vou demorar-me um pouco com o Minhoto, de maior projecção e durabilidade.

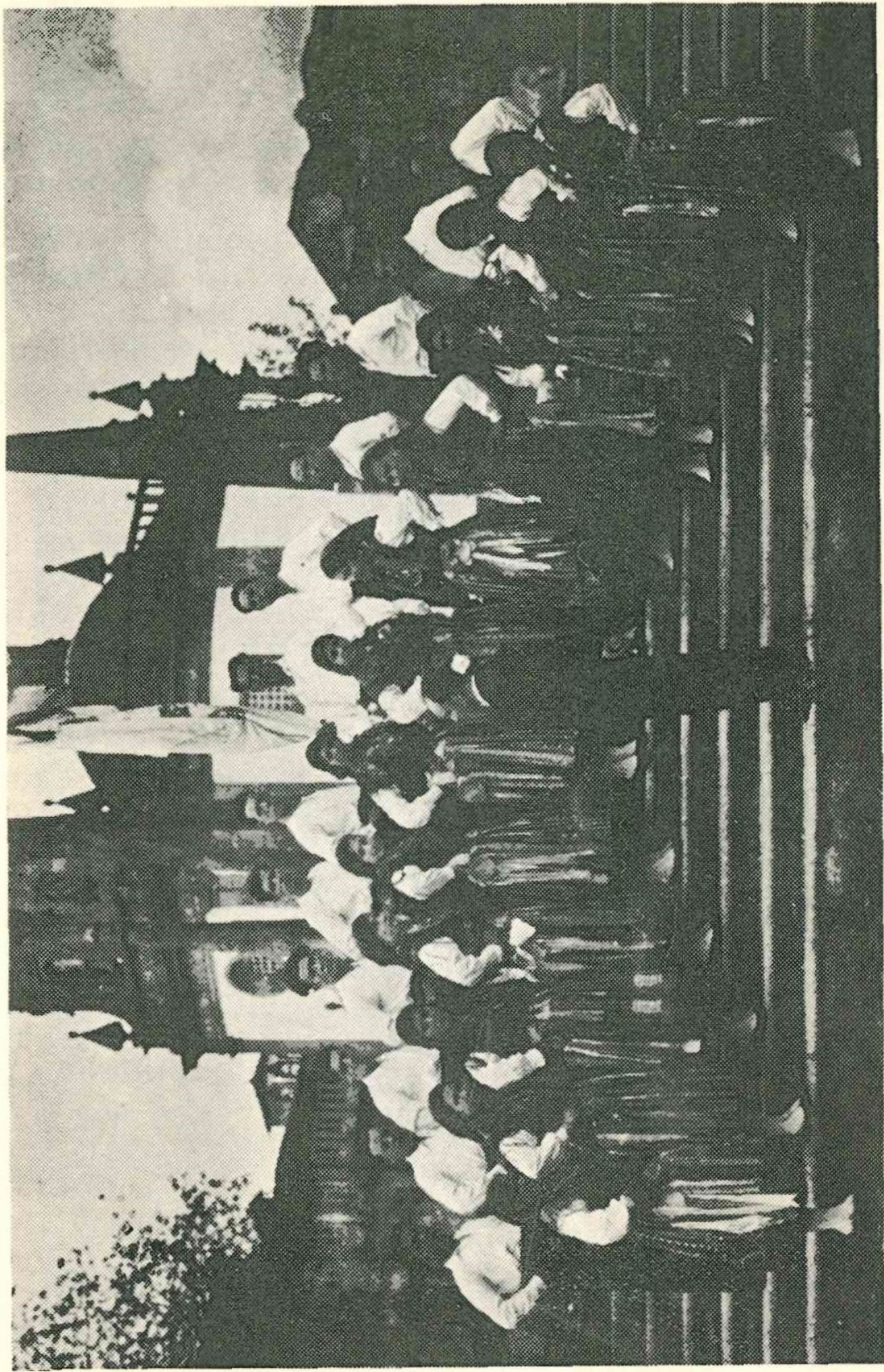
Acarinhado pelo que foi Conde de Vilas Boas, ele teve como director um modesto alfaiate, mas alma de artista, ora falecido, Manuel Pereira Rainha.

Conseguiu levar o grupo a um esplendor jamais alcançado. Nas Festas das Cruzes, nos concursos da Curia, nas visitas a terras distantes, nos festivais da Vinidmaria—Lisboa—onde, representando os vinhos verdes, competiu com o de Cantanhede (para o da Bairrada), Setúbal e Palmela (Palhavã e Moscatel), Vale dos Moinhos (Dão), Barqueiros (Douro) e Colares, em todos representou soberanamente a região e a Cidade de Barcelos.

Usou, como traje primeiro, o de Viana—Areosa—seguidamente, o de Barcelos, para voltar ao de Viana. O regional, então chamaríamos ao da terra, assemelhava-se ao que hoje usa o Grupo de Barcelinhos; apenas os chapéus dos homens eram mais fartos e pretos, e as calças eram brancas, de linho grosso, em rigor dos informes prestados, já naquele tempo — 1932 — por um velho lavrador de Chorente.

Por vezes, a fantasia reinava na confecção dos vestuários dos grupos que não tinham demasiado escrúpulo com o padrão que pudesse chamar-se regional.

Também às suas músicas, canções e danças faltava verdadeiramente o carácter regional e exclusivo, hoje tanto em voga. De qualquer forma, porém, eram Ranchos de bom gosto a que, como sempre, o desaparecimento dos chefes, a divisão e não raro a intriga puseram termo.



Rancho Minhoto
(Extinto)

Rancho de Barcelinhos

Com uns três anos de existência, apenas, já não desmerece dos que o precederam.

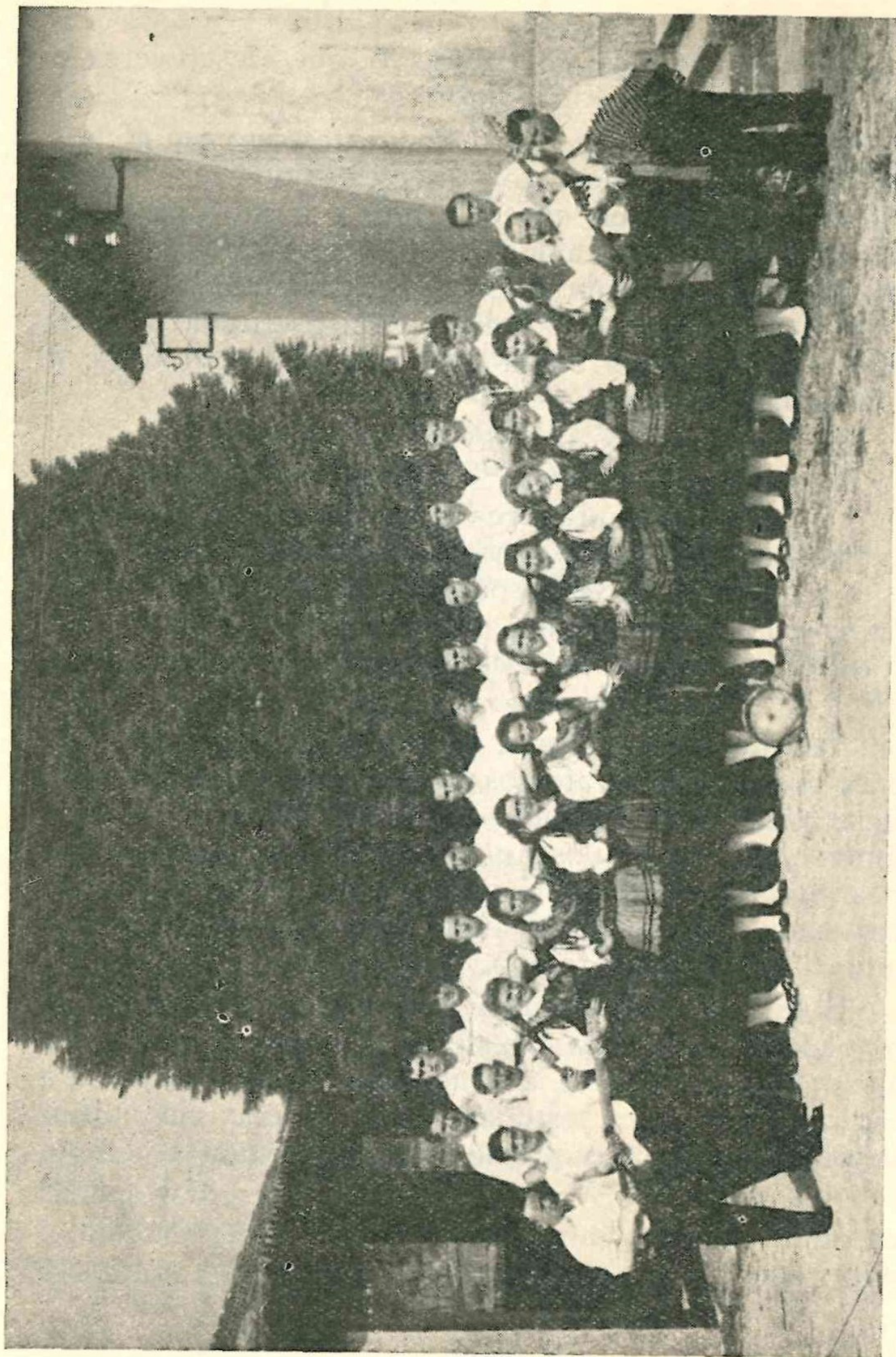
As suas danças e canções têm-lhe adquirido uma justa fama que já atravessou as fronteiras. Nos certames internacionais efectuados no nosso País tem-se ouvido com superior agrado, conquistando os primeiros lugares da classificação geral em tão louças como poéticas batalhas. As suas canções privativas merecem a atenção das Emissoras que nas rubricas de música regional levam ao mundo o nome de Barcelinhos, já que não pode, por modéstia de economias, levá-lo o seu grupo folclórico, para tal bem solicitado.

Com os seus programas atingiu um elevado e honroso lugar nos concursos por ocasião das Festas das Cruzes efectuados, em que os melhores grupos e ranchos portugueses e alguns bons do estrangeiro não ofuscaram o brilho com que pôde ter-se apresentado, sempre muito aplaudido nos seu trajes, nas suas músicas, nas suas danças e marcações.

Às três modalidades em causa deu vida com graça e saber, salvando do esquecimento aquilo que a região de Barcelos possui de exclusivamente regional.

Lima de Goios, Lima de Negreiros, o Sapatinho a Ciranda, a Vareira, etc.

Ainda que outros números façam parte da colecção que o Grupo canta, estes, por obediência ao dito carácter regional, merecem a abertura, embora registe apenas



Rancho Folclórico de Barcelinhos
(Em actividade)

a explicação de uns dois, após o que descreverei o traje e a composição do grupo.

Convirá frisar que neste, como de resto em muitos concelhos, o levantamento folclórico está por fazer. Tarefa morosa e delicada ela espera o feliz e muito problemático aparecimento de alguém que, aos afazeres pessoais acresça, relegada embora para os momentos de folga, se os tiver, a tarefa de coligir, com escrúpulo e carinho, o que o povo ainda conserva, respeitando-lhe a originalidade e feição.

O caso, porém, deixado à boa vontade e abnegação de amadores—e é uma sorte que os haja—redunda em fracasso. Os afazeres próprios e os defeitos alheios—incompreensão, egoísmo, ignorância destas coisas e a carência de verba para as despesas que a tarefa impõe—tiram, numa alta percentagem, o rendimento do esforço dispendido; deficiência no avanço pelos atritos da marcha.

Permita-se-me alvitrar, de passagem, que em cada concelho os homens affectos à causa recebessem encargo oficial, orientação, estímulo e subsídios pecuniários bastantes para, escrupulosa e eficientemente procederem ao estudo e recolha do que o povo ainda conserva. Não sendo assim, difficilmente se terá caminhado bastante, daqui a muito tempo.

E este *funcionário* não limitaria a sua actividade ao folclore, mas ainda à história, à literatura, à arte, ao cancionero, à música, à etnografia, à numismática, à pintura, à escultura, estudando e formando um museu biblioteca com tudo o que no concelho houvesse.

Barcelos, na economia que deixo descrita, apenas conseguiu juntar alguma coisa em três das oitenta e nove freguesias. Da recolha feita saliento:

A Lima de Goios

Do título se infere que pertence à freguesia de Goios, situada na parte sul do concelho de Barcelos.

Deixando a biografia da terra que alguma luz nos daria, transcrevo, com a devida vénia, o que a tal respeito no «Boletim Social da Tebe» — Maio de 1958 — e sob o pseudónimo «Cosfer» escreveu o Sr. Fernando da Costa Fernandes, zeloso e muito competente secretário da Câmara de Barcelos e director do Orfeão e Grupo Folclórico de Barcelinhos.

De entre as danças recolhidas, destaca-se a **Lima de Goios**, característica, desta freguesia.

Dançam dois pares, ou grupos de dois pares cada, podendo aqueles ou aquelas que ficam de fora da roda ou rodas, «roubar» no momento oportuno.

Os pares, na altura em que fazem a cruz, executam uma pequena vénia discretamente, o que constitui um certo pormenor de elegância e de delicadeza, fazendo concluir que esta dança teve a sua origem nas antiquíssimas danças de salão, como seja o minuête, que o povo copiou, interpretou à sua maneira e adaptou ao seu ambiente.

Passou depois a ser dançada em freguesias vizinhas, que a alteraram em certo pormenores, como se verifica, por exemplo, com a Lima de Negreiros, que é mais animada, mais viva e sem a vénia que substituíram por um rodar mais rápido, introduzindo-lhe outras variantes que, tornam a Lima de Goios bem mais distinta e inconfundível, até.

A Lima de Goios é a dança mais característica e destacada de toda a região minhota.

Com a vénia se buscou a semelhança do que, no salão de casas solarengas, exibiam os pares fidalgos de outros tempos.

Tornou-se a dança preferida pelas famílias mais gradas da freguesia por não requerer grande esforço físico.

É uma dança suave e vagarosa e presta-se a ser dançada por poucos pares em serões de carácter familiar.

Por isso, por ali se conservou e chegou até aos nossos dias.

De uma maneira geral, o povo tem mais tendência para danças de tipo malhão ou vira, em que toda a gente pode intervir e bailar, e até mesmo porque estão mais vulgarizadas e conhecidas.

Daí, uma das razões porque a Lima de Goios não tem qualquer afinidade ou semelhança com outras danças desta ou doutra região.

Porque não é de fácil transcrição a música, apenas o farei quanto à letra duma das suas quadras.

Cortei o bico à rola
As asas ao papagaio
Para que te livre amor
Das orvalhadas de Maio.

Lima de Negreiros

Em voga na freguesia do mesmo nome, como ficou dito na referência à de Goios, representa uma modalidade daquela, pelo que passamos já a outra, da mesma terra, designada por Vareira.

Vareira

Por este nome é conhecida no norte do País, ou melhor, na beira mar. A seu respeito, portanto, a música e dança em título. Com pequenas diferenças de música e marcação outros grupos a executam como própria, o que não significa que Negreiros não tenha também a sua Vareira, que geralmente coroa o remate das espadeladas.

De música alegre, bastante fácil e propícia a grandes conjuntos e vozes diferentes é um dos mais belos números que o Grupo possui.

Em marcação ela é o que há de mais simples e recatado.

Rapazes e raparigas formam alas a distância, enfrentando-se mutuamente. Aos primeiros arrancos da música aproximam-se dois passos, para retrocederem à posição inicial.

Dão um quarto de volta, pelo que ficam todos virados a um lado. Movimentam-se agora para a frente, aos pares. Alguns passos dados, cada par vira-se as costas e, numa volta, começa a formar novas alas por fora das existentes, mas no sentido contrário. Estas vão minguando pela saída dos pares que, a breve trecho, enfrentando-se em nova volta completa, retomam a inicial disposição em alas, para recommençarem os movimentos.

Da letra destacarei:

Ó Barcelos ó Barcelos
Ó Barcelos ó vádio
Caíste da ponte abaixo
Foste beber água ao rio.

A falar da vida alheia
A mulher tanto delira
Finge bem que é verdade
O que é pura mentira.

O Sapatinho

É um número mais próprio das desfolhadas. Ao cabo delas e nas eiras os rapazes e raparigas formam aos pares ou em grupos de pares que terão de ser em conta determinada — quatro ou grupos de quatro —.

A marcação deste número é um pouco complicada, pelo que a deixo, passando à letra.

Os sapatinhos do Minho
São de todos os mais belos
Mas têm de ser usados
Pelas moças de Barcelos.

O Sapatinho do Minho
É feito de pau de amieiro
Colhido nas margens do Cávado
Por ser o pau mais brèjeiro.

Traje de Barcelos

Antes de enumerar as peças que compõem aquele que o Grupo Folclórico usa, com a devida vénia transcrevo o que está num opúsculo sobre o assunto, editado pela Comissão de Iniciativa e Turismo, de Barcelos, em 1936. Diz na sua pág. 6:

«Tem o Minho litoral, chamando assim a toda a região desde a costa aos contrafortes serranos, um traje feminino a que poderemos chamar minhoto. — O modo de atar o lenço da cabeça, o lenço cruzado no peito, a saia de serguita de larga roda, o colete à vista sobre a camisa, e a profusão de adornos de ouro são comuns em toda a região.

Viana do Castelo, pela garridice do seu traje de Portuselo e Meadela, e ainda do de Afife, conseguiu manter mais viva a tradição, embora um tanto deturpada até tempos recentes.

Barcelos, concelho de mais de noventa freguesias, com extremos tocando Viana, outros a beira-mar, e ainda outros, as terras de Famalicão, e de Vila do Conde, vizinhas da Maia, — tendo a sede citadina no centro, sofreu, no período desnacionalizador do século XIX, todas as influências de deturpação e decadência do seu traje regional.

Em grande número de freguesias, a saia de pano azul ferrete, chamado de baeta-crepe, com adornos de veludo, e os aventais de veludo preto, com rendas, fizeram esquecer as saias e aventais característicos, a tal ponto, que a Ex.^{ma} Snr.^a D. Fernanda de Matos Cunha, no seu estudo sobre o traje barcelense foi vítima do erro de um estudo menos profundo e limi-

tado às freguesias suburbanas onde a culta investigadora residiu temporariamente, e fez centro dos seus estudos.

Mas, freguesias houve que resistiram, conservando os tecidos próprios e o conjunto barcelense, embora, numa ou noutra, levemente deturpado por influências do traje vianês.

Após demorado estudo, conseguiu-se reunir o conjunto puramente característico da região barcelense, sem confusão possível com qualquer dos trajes da região de Viana, que, como fica dito, são os mais conhecidos, embora através de alterações mais ou menos carnavalescas ».

*

«O traje apresentado é o traje regional de Barcelos que suporta, aqui e ali, algumas pequenas alterações de primeiro detalhe, e cuja saia, como o avental, são fabricados em combinações de várias cores, sempre dentro da tonalidade suave, *modesta*, segundo a fraseologia minhota».

*

«A saia de serguilha, como o avental, este mais claro com a sua barra («fôrro», em linguagem minhota), de côr preta, são totalmente diferentes das saias e aventais vianeses.

O colete de rabos, preto, com bordado a cores, é também inconfundivelmente barcelense, bem como a camisa de larga gola e ombros bordados a branco, característica original, pois nenhum traje vianês rigoroso tem camisa de gola larga bordada, como a barcelense. Cruza o peito lenço de ramagens, um de fundo mais escuro e outro de fundo mais claro, sendo característica inconfundível barcelense a combinação do lenço



Lavradeira com o traje da região

castanho e do lenço azul, este quase exclusivamente de uso barcelense.

Meias, chinelas, faixa, lenço de mão, tudo obedece a escrupuloso rigor.

É difícil a reprodução das jóias do traje barcelense. Não faz parte dos adornos a filigrana, sendo apenas usada, e não muito, a chamada estrela (espécie de Cruz de Malta).

Características, as argolas e coração de chapa, os cordões e a *borboleta*, assim como a cruz».

Traje do Rancho de Barcelinhos

Rapazes

Chapéu: Preto, de copa baixa e aba larga.

Camisa: Branca, de linho, com baixo cabeção de renda no pescoço em vez de colarinho, renda que guarnece a abertura até à cinta. Mangas com canhão de renda.

Calças: De mescla acastanhada, com faixa preta.

Meias: Brancas.

Calçado: Chinela [de atanado branco, de sola e bico largo—quase sapato aberto atrás.

Raparigas

Caxené: Há três tipos. De fundo azul com rosas vermelhas e amarelas; de fundo verde com rosas vermelhas e amarelas e de fundo amarelo com rosas vermelhas e amarelas. Tem frocos em volta.

Lenço: Dos mesmos tipos e cores.

Camisa: Branca, de linho, com golas e punhos rendados.

Colete: Preto, de veludo e bordado a vidrilhos.

Saia: Preta, com listras vermelhas, azuis, verdes e amarelas, todas dispostas no sentido vertical. Leva barra de veludo preto, em baixo.

Avental: Do mesmo tipo da saia.

Faixa: Preta, rematando em renda seguida de frocos.

Calçado: Chinela preta, de bico estreito e arrebitado.

Meias: De renda branca e até ao joelho.

Brincos: De ouro, sobre o comprido, quase até aos ombros.

Cordão: De ouro, com grande cruz e coração em filigrana.

Composição do Grupo

Oito pares que dançam, cinco raparigas e três rapazes que cantam, e oito que tocam; ao todo, trinta e duas figuras.

Instrumentos

Concertinas, clarinete, bombo, ferrinhos, viola e cavaquinho.

II

Artigos Regionais

Porque as louças constituem uma das actividades mais características e fecundas de Barcelos, justo é que vão em primeiro plano, salientando nesta rubrica outros produtos da região que, não tendo a importância dos primeiros, com eles perfazem o belo quadro do artesanato barcelense.

Barros

É neste ramo de indústria que Barcelos mais se caracteriza. As múltiplas olarias que em S. Martinho e Santa Maria de Galegos, na Lama, na Ucha, em Oliveira, Areias e Pousa têm as sedes de laboração, constituem centros de arte e trabalho bem regionais.

A eles me referirei quando a digressão pelos «Arredores de Barcelos» lá chegar, embora de todos me proponha tratar noutro trabalho.

Registando alguns dos espécimes mais fabricados, junto-me ao coro dos que apelam para uma organização e defesa dos barros de Barcelos. Neste sector, repetir-me-ei: a desordem é magnífica. Nem critério, nem selecção, nem defesa, nem propaganda,

nem registo nem nada. O barcelense da zona dos barros começa de criança a trabalhar, a criar, a modelar e... bem pode encontrar-se louça igual no extremo do País, como produção genuína de... qualquer parte, menos Barcelos.



A imitação não é difícil, tanto mais que os barros de Barcelos obedecem a uma infinidade de critérios, quase tantos quantos os fabricantes.

Depois, o que há que garanta ser de Barcelos e não do Algarve?

Quais mesmo as características rigorosamente exactas e reputadas para que não possam ser atribuídas a qualquer produto estranho a Barcelos?

Ouve-se falar no registo de propriedade, no registo de modelos. E daí?

Também pergunto.



Deixando de parte uma variedade infinita de figurado minúsculo que atulha bancas e escaparates do comércio local, recordo as peças de uso doméstico, com predomínio das de barro vidrado — talhas, alguidares,

jarros, tijelas, pratos, canecas — como as destinada à construção — telha, tejo, cano de grês e ladrilho —.

Mensão honrosa terão os

Galos de Barcelos

Frementes e gritantes no aspecto e vivacidade de cores, eles abundam, em todos os tamanhos e formatos.



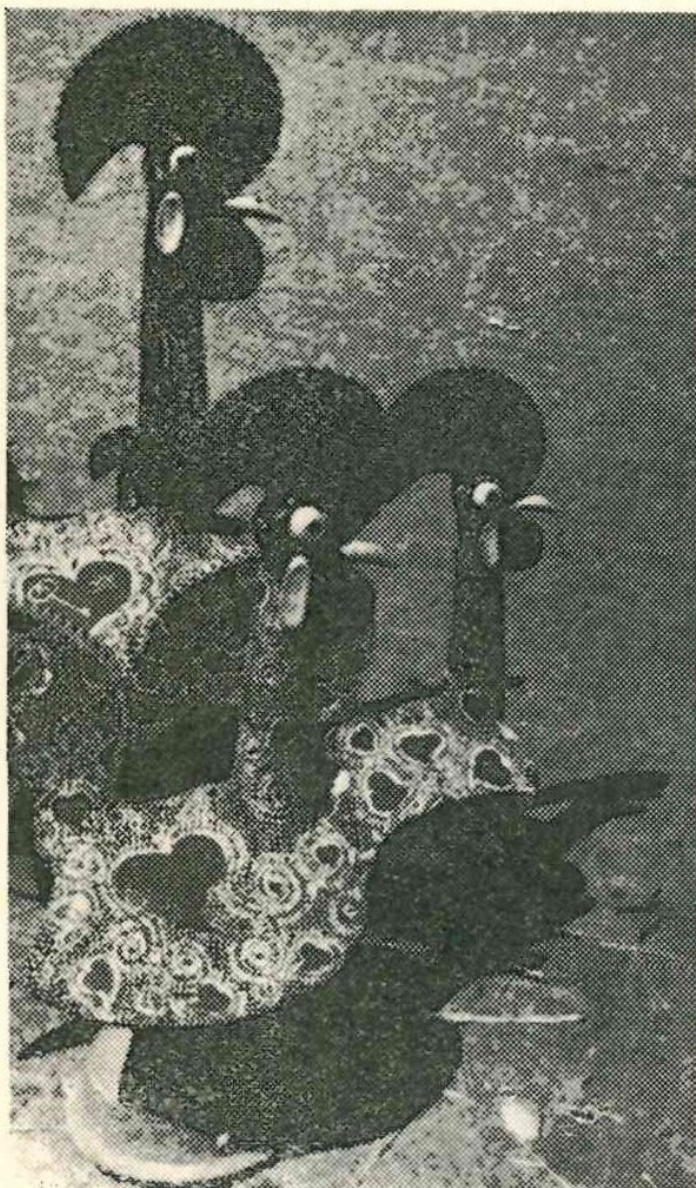
Fugindo, por vezes, ao rigor da anatomia galinácea, ficam muito acima dos aleijões observados em mamarachos da arte moderna.

Nas suas cores traduzem o ambiente de festa, que é comum na região de Barcelos e quase em todo o Minho.

Os fabricantes imprimem-lhe toda a garridice e altivez de que são merecedores, por serem galos e de Barcelos.

Numa variedade considerável inundam as feiras, os mercados e as romarias; viajam de combóio, carro, avião e navio para longínquas terras, onde são lembranças vivas do intercâmbio dos povos, no grande turismo que se avizinha.

A França é o maior cliente. Segue-se-lhe a Suécia, que eleva o seu comércio a centenas de contos. A Espanha, o Brasil e a América do Norte aceitam-nos como embaixadores alegres do optimismo do Povo Português.



Outros produtos da região merecem ser registados. De entre eles salientarei:

Bordados em crivo

Tão graciosos e apreciados, provêm das freguesias de S. Miguel da Carreira e de Fonte Coberta, sendo trazidos para venda à cidade.

Cestos

O mercado semanal é composto por uma larga secção destes produtos. Entre eles, porém, existe um



— o cesto de quatro asas — que é típico da região. E preferido pelas mulheres, que o acham mais cómodo, não tendo assim mãos a medir os seus fabricantes situados em Roriz, distante da cidade uns 9 kms.

Dobadoiras, espadelas, fusos, rocas e sarilhos

Ainda que pelas mais variadas regiões se encontrem destes artigos, a verdade é que eles não possuem nem a beleza nem a perfeição dos seus congéneres de Barcelos. A mecanização têxtil veio arruinar, quase de repente, a indústria caseira de fiação e tecelagem.

Pode aquela ser mais perfeita, mas não é económica nem tão resistente no que fabrica. E sobretudo não traduz carinho nem poesia. A máquina é bruta. Com que legítima vaidade não guardavam as moças doutroa o seu bragal de linho branco, rijo e saudável, mostrando-o com esta afirmação bem expressiva: tecido por mim!

Hoje, menos se cultiva o linho e é mais rara a lã. Apesar disso aparecem ainda aqueles instrumentos para sua transformação e indústria. Em casos, porém, já aparecem como adornos, sòmente.

São fabricados na freguesia de Milhazes, e vendidos na feira semanal.

Doces

Também esta indústria tem em Barcelos especialidades regionais limitadas à laranja doce e queijadinhas de Barcelos. A primeira consiste no entre-

casco da laranja recheada com chila, e a segunda, numa mistura de doce de ovos e amêndoas. Encontram-se em pastelarias e doçarias, especialmente na Confeitaria Salvação a que nos referiremos em «Doçarias».

Jugos

Entre as apeirias agrícolas da região figura com especial cuidado o jugo. E, na verdade, ele pode significar toda a força que em Portugal ainda impulsiona a



lavoura, porquanto esta é quase toda animal, e que para tudo carece de jugo. Será a razão para o legítimo orgulho do lavrador em possuir um artístico jugo que firma ao carro com uma grande e bem torneada chavelha.

São feitos em Carvalhal, freguesia a poente de Barcelos, de que dista 3 kms. pela estrada da Póvoa de Varzim, e em Viatodos, a 11 kms. na estrada para V. N. de Famalicão.

Aparecem no mercado semanal.

Dos jugos de Barcelos fazem-se lindos bengaleiros e bancos-encostos para figurarem como mobília rústica,

Frutas

Tem Barcelos toda a fruta que o Minho produz. Ela abunda no seu mercado diário ou semanal, e gozam de mais fama na região os melões de Vilar de Frades, Encourados, Pousa, Adães e Carvalhal. O Concelho é essencialmente agrícola, destacando-se Gilmonde, Fornelos e Vila Seca, pela produção de cebolas.



Enquanto se espera o freguês que possivelmente noutras bancas
aprecia o mesmo artigo, tiram-se dois dedos de conversa.

Negócio fraco!!

IV

Indústria

Não excluindo a existência de algumas serras, moendas e azenhas de junto do Cávado, data de 1904 a primeira indústria digna deste nome, com a montagem da fábrica de serrar, ainda em plena laboração, V.^a de Juan B. Domenech.

Outras se lhe seguiram—citá-las-ei no resumo — sendo de mais notoriedade aquelas que hoje constituem o orgulho e a justa razão da economia barcelense — de farinha, rendas e malhas, fiação e tecidos—concretizadas pelas grandes unidades produtoras: Vouga, Barcelense, Guial, Fiação e Tebe.

De qualquer delas saem produtos de primeira qualidade, capazes de rigoroso confronto com o que de melhor no mundo se fabrica.

Não devem, por justiça, ser preteridos para além duma ignorância qualificada na aquisição do que é estrangeiro, só por ser estrangeiro, pois, a excelência e a durabilidade dos artigos manufacturados nas sedes referidas estão acima de todo o reclame.

Se digo isto, é em modos de prevenção ao leitor incauto que, no assunto, me julgará officioso. Os motivos por que o faço residem, apenas, na consolação de

bem ter gasto o dinheiro quando, para uso pessoal ou doméstico, tenho adquirido os produtos em causa⁽¹⁾.

Onde, porém, a indústria barcelense toma um aspecto simpático, verdadeiramente humano e conforme à Ética Social, é no trato dos problemas respeitantes à massa operária.

Não sei se todos, mas de alguns centros fabris da região conheço as medidas sociais e assistenciais que muito os dignificam.

As suas entidade patronais, de há muito viram nos seus operários um aglomerado de homens e mulheres, com todas as circunstâncias inerentes ao indivíduo e às funções que ele exerce ou suporta na sociedade.

E posto esse aglomerado tenha aspirações carecidas de satisfação, até porque somos insaciáveis por natureza, não é dele que se tem visto sair elementos mais propícios às convulsões políticas.

Se noutros acontece, talvez se deva a ter-se descurado a sua respectiva educação moral, cívica e até profissional, pelo que, ao menor aceno de regalias utópicas ou promessas vãs, se revelam favoráveis a uma pronta reacção, por vezes tão injusta quanto significativa.

É que, nem só de pão vive o homem.

E sendo certo que o homem, quanto mais pão tem mais quer, nos meios onde só pão se dê, ainda que sob as mais variadas formas de salários, abonos, ajudas, gratificações, etc. sempre nessas massas, resta um sub-

(1) Não tenho mesmo o prazer de conhecer ou defrutar da amizade pessoal de qualquer patrão ou sócio das firmas citadas. E isto, se por um lado me traz gravame para a *importância* pessoal, traz-me também a liberdade de ser justo e insuspeito nas apreciações.

consciente adormecido, pronto a despertar na altura em que uma doutrinação aliciante chegue até elas.

Pois, se lá não existe mais nada que o faça ver a verdade das coisas e medir a responsabilidade das atitudes...

Metas altas de trabalho para o corpo e materialismo para a alma!

* * *

Não obstante esta rubrica ser destinada aos bons centros de produção industrial, é justo incluímos nela todas as actividades que, de algum modo, concorrem para o maior nome de Barcelos. Assim, a par das boas fábricas de fiação, tecidos, malhas, meias e rendas, faremos alinhar as serrações, as moagens, os lagares, as indústrias de papel, cartão, botões e louças, permitindo-nos a remissa para actividades congéneres expostos noutros capítulos.

Interessei-me por, ilustrar este capítulo, não só com as fotogravuras das principais sedes da indústria local —o que traria, algum valor estético ao trabalho—mas ainda com algumas informações que, embora de pouca utilidade para as mesmas indústrias, seriam entretanto, para Barcelos, títulos de justificada exaltação.

Não foi possível.

FÁBRICAS

Barcelense — Malhas, Rendas e Passamanarias.

Carvalho — Papel 'grosso, cartuxo e papelão — Maresses-Barcelinhos.

Empresa Têxtil de Barcelos, L.da — Têxtil e Malhas.

Fiação e Tecidos de Barcelos, L.da — Torcedora e tintos.

Guial — Malhas — V. F. S. Martinho.

Rio Cávado — Cartão e papel — S. Veríssimo.

Sibol — Botões e Fivelas — Monte de Fralães.

Sousa & Pereira, L.^{da} — Malhas — Arcoselo.

Vouga — Moagens e produtos Vouga — Estação dos C. de F.

OLARIAS

A Modeladora de Louças de Barcelos — louças regionais e artísticas — Galegos, Santa Maria.

Estatuária Barcelense — Louças regionais e artísticas — Galegos, S. Martinho.

Sociedade Decorativa de Louças de Barcelos, L.^{da} — Louças regionais e artísticas e fabrico de imagens em terra ,cota — Galegos, Santa Maria.

TIPOGRAFIAS

**Barcelense
Casa dos Rapazes
Centro de Novidades
Companhia E. do Minho**

**Gil Vicente
Liz
Vitória**

SERRAÇÕES

Na CIDADE:

**Costas & Quintela, Ld.^a
Francisco Lopes da Silva
Gomes & C.^a, Ld.^a
José Araújo Gonçalves
V.^a de Juan B. Domenech**

OUTRAS EM:

**Martim
Midões
Necessidades
Silveiros
Vila Seca**

VINHOS, VIVEIROS, CRIAÇÕES E LAGARES

Na CIDADE:

Quinta de Santa Maria

Na CARREIRA:

Quinta de S. Miguel

V

Comércio

Hotelaria, Cafés e Doçarias

Ainda que Barcelos não possua hotel, nem por isso deixa de receber e tratar condignamente os seus hóspedes.

Os restaurantes e pensões são em número e qualidade indispensáveis para a comodidade e gastronomia. Em alguns servem-se pratos regionais, e noutros, saborosas especialidades da casa. Todos se esmeram em servir bem e barato, segundo os seus próprios cartazes.

CAFÉS DOÇARIAS E PASTELARIAS

Arantes — Pastelaria e Pensão

Colonial — Doçaria, Pastelaria e chá

Da Praça — Em frente ao Mercado

Do Galo — Hoje Quiosque da Calçada

Do Teatro — Largo Dr. Martins Lima

Esplanada — Café e chá

Joca-Bar — Serviço de Restaurante — Largo da Porta Nova

Melo — Rua Infante D. Henrique, 24

Monumental — Largo da Porta Nova

Salvação — Confeitaria, especialidade em laranja doce e queijadinhas.

Serra — Confeitaria — Rua da Palha

PENSÕES E RESTAURANTES

Arantes — Pensão, com 12 quartos — Avenida Dr. Oliveira Salazar, 35.

Avenida — Pérola da ... Restaurante — Cozinha Portuguesa. Avenida dos Combatentes da G. Guerra, 102-108.

Bar da Gruta — Pensão, com 5 quartos — Cozinha Portuguesa. Rua D. Filipa Borges, 25.

Bagoeira — Pensão, com 25 quartos — Cozinha Portuguesa, especializada em sarrabulhos. Avenida Dr. Sidónio Pais, 53-57.

Bar do Parque — Dentro do Parque. No Verão. bebidas, pasteis.

Esplanada — Restaurante, chá, café, bebidas, bolos da Benamor de Braga, serviço à lista e mesa redonda. Esplanada do Turismo, magnífico panorama sobre o Cávado. Recinto fechado ou ao ar livre.

Miranda — Pensão, com 5 quartos — Campo 5 de Outubro, 16.

Urbana — Pensão, com 7 quartos — Avenida Dr. Oliveira Salazar, 50.

* * *

GARAGENS, GASOLINAS, ÓLEOS E OFICINAS DE REPARAÇÃO

Atlantic — Bomba, em frente ao Senhor da Cruz.

Auto-Cávado — da Garagem Avenida. Reparações, chapeiro.

Avenida — Estação de Serviço Shell, — Agência «Mabor», com gasolina e oficina de reparação. — Av. dos Combatentes da G. Guerra.

Lamela — Oficina — Rua Elias Garcia.

Machado — Largo 5 de Outubro.

Parque — Concessionário Opel e Bedford, reparações — bomba com gasolina — Avenida Dr. Sidónio Pais.

Sacor — Bomba, largo da Praça junto ao mercado.

BANCOS — Filiais

Caixa Agrícola
Caixa Geral de Depósitos
Ferreira Alves

Pinto & Sotto Mayor
Nacional Ultramarino
—

Há ainda vários correspondentes doutras Casas.

SEGUROS

Bonança—Delegação—Campo 5 de Outubro.

Comércio e Indústria—Delegação, Largo da P. Nova 39-1.º.

Confiança—Delegação—Av. Dr. Oliveira Salazar.

Sagres—Rua Infante D. Henrique.

Sociedade Portuguesa de Seguros — Delegação — Rua
Filipa Borges, 7 a 9.

Há ainda vários agentes doutras Companhias.

* * *

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTE

Transacção; Documentação — Rua de Trás, 2—1.º andar.

VI

Assistência Hospitalar

Santa Casa da Misericórdia e Asilo para inválidos.
Casa de Saúde de S. João de Deus, Casa de Saúde
Dr. Aires Duarte.

VII

Organização Administrativa, Judicial e Corporativa

No edifício da Câmara Municipal

Secretaria da Câmara, Gabinete da Presidência e Salão Nobre, Administração, Tesouraria, Fazenda, Finanças, Caixa Geral de Depósitos, Repartição Técnica de Engenharia, Registo Civil e Predial, Polícia de Segurança Pública, Secção de Justiça e Tribunal.

Outros. Sindicatos, Grémio da Lavoura, Grémio do Comércio, Associação de Socorros Mútuos, Cadeia Comarcã, Guarda Nacional Republicana e Polícia de Segurança Pública, Polícia de Viação e Trânsito e Caixa de Crédito Agrícola.

VIII

Cultura, Desporto e Recreio

Sendo Barcelos uma cidade de diminuta população, por isso mesmo será raro encontrar habitante que não esteja inscrito ou não pertença a alguma das suas múltiplas associações.

Sob esta designação incluo os agregados educacionais e instrutivos, começando, por citar estes em primeiro lugar.

Colégio Alcaides de Faria e D. António Barroso

Não falando nas escolas primárias, comuns felizmente a todas as terras e que em Barcelos dispõem duma dezena de lugares de professores, possui a cidade dois colégios para o curso dos liceus, até ao 5.º ano: *Colégio Alcaides de Faria*, na Avenida Dr. Oliveira Salazar, para o sexo feminino, e *Colégio D. António Barroso*, no Campo de S. José, para o sexo masculino ⁽¹⁾. Tendo em conta os resultados obtidos nos liceus, são de concluir as altas qualidades dos seus corpos docentes e carinho das Direcções.

(1) Confira, respectivamente a fotogravura da pág. 97 e 62.

Escola Industrial e Comercial de Barcelos

De criação muito recente pois só neste ano de 1958 começou a funcionar, ela veio de encontro às mais legítimas aspirações da gente de Barcelos que há anos por ela suspirava. Não cabe aqui relatar a sua génese mas apenas louvar entusiásticamente a todos quantos por ela trabalharam.

Funciona provisoriamente na «Casa dos Mendanhas» à Rua Faria Barbosa e Manuel Viana, devendo, em futuro que não vem longe, conseguir sede própria.

Colégio de S. João Baptista de La Salle

Situado em Barcelinhos na antiga Quinta do Galo, destina-se a preparar jovens para o magistério, segundo o espírito do Fundador e as exigências oficiais do País. Dele nos ocuparemos na digressão *Barcelos a Braga*.

Recolhimento e Asilo Menino Deus; Creche D. António Barroso

À saída de Barcelos na entrada para Viana encontra-se este Recolhimento do qual nos acuparemos igualmente na digressão *Barcelos a Viana*.

Creche de Santa Maria

No Largo Dr. José Novais, fundada pela Sr.^a D. Maria José Novais Pinto da Fonseca, em 1928.

Escola Agrícola

Em Barcelinhos, fundada pelo Gonçalo Pereira, em 15 de Fevereiro de 1907.

Casa dos Rapazes

Na Rua Infante D. Henrique e Rua Manuel Viana, fundada pelas Senhoras D. Joaquina Vieira e irmã, Maria Augusta, em Julho de 1945.

Escola de Nataçã e Remo

Na Piscina do Cávado, sob orientação do Clube Desportivo de Barcelinhos.

Bombeiros Voluntários de Barcelos

Largo Dr. José Novais, fundada em 1883.

Bombeiros Voluntários de Barcelinhos

Largo Guilherme G. Fernandes, fundada em 1921.

Socorro a Náufragos

Junto do Cávado, iniciado em 1955.

* * *

Grupo de Futebol

Gil Vicente Futebol Clube.

Grupos de Hóquei em Patins

Hóquei Clube de Barcelos, Clube D. da Tebe e Vitória Sport Clube de Barcelinhos.

Natação, Remo e Atletismo

Clube Desportivo de Barcelinhos.

Teatro Gil Vicente

No Largo Dr. Martins Lima, inaugurado em 1903.

Círculo Católico de Operários

Na Rua D. Diogo Pinheiro, fundado pelo Reverendo P.^e Bonifácio Elias Barbosa Lamela, em 1904.

Assembleia Barcelense

No Largo Dr. José Novais.

Grupo Alcaides de Faria

Para estudos arqueológicos, fundado em 1929.

Liga dos Combatentes da 1.^a G. Guerra

Na Rua Cândido dos Reis.

Dentro deste capítulo devo considerar, ainda que fora da cidade, o **Seminário da Silva**, na freguesia do mesmo nome e que é dos RR. PP. do Espírito Santo.

II PARTE

ARREDORES DE BARCELOS

Barcelos à Franqueira

**Barcelinhos — Frades, Castelo de Faria, Citânia
Templo da Franqueira, seguindo à Póvoa de Varzim**

Embora faça parte da cidade, razão pela qual já alguma coisa dissemos de Barcelinhos quando tratamos das actividades de Barcelos, tem esta povoação direito a uma referência à parte.



Parte de Barcelinhos vista da Esplanada

O povo benquisto de Barcelinhos tem com ele bairrismo e espírito de união. Se a desgraça une os homens, o amor à terra une os barcelinenses.

E, porque no presente trabalho apenas tratamos de coisas, temos de nos voltar para elas e prosseguir.

A origem de Barcelinhos confunde-se, de algum modo, com a de Barcelos. Se a barca do Celano ancorava de lá, também ancorava de cá; se do outro lado havia entreposto comercial de recolha, deste havia o de entrega.

Embora destituída de monumentos, é esta povoação também muito antiga.

Tendo sido Barcelos fundada em 930 A. C. pelos Cilenos—franceses celtas que ocupavam a região bracaraense—de igual modo povoaram a margem esquerda do Cávado que foi chamada dos *Barcilenos*, isto é, de *Bar* que significa filhos, e *Cilenos* que eram os de Barcelos.

Sejam filhos dos de Barcelos ou doutro honrado povo, a verdade é que nem ficam por isso deslustrados nem eles deslustram os seus ascendentes.

Já nos referimos ao Carvalho que substituiu o velho heráldico derrubado para as barricadas da ponte na luta entre Miguelistas e Liberais. Outrotanto fizemos quanto à capelinha de N. Senhora da Ponte quando, por este lado, entrámos em Barcelos.

Subindo a Rua Miguel Miranda vemos no cruzamento com a estrada da Póvoa uma fonte sobre a qual se lê a data de 1858, ficando por detrás um terreiro chamado Montilhão.

E, falando em fontes, convém lembrar a chamada de Ninães, perto e a caminho da capela de S. Braz, um pouco a nascente da igreja paroquial.

Conta-se que a água é tão boa que os arcebispos de Braga, principalmente D. Sebastião Matos, a mandavam buscar para seu uso diário, não obstante a distância de 15 kms.

A Igreja de Barcelinhos

(Festa de Santo André)

Era dantes no lugar de Maresses. Transferida para o local onde hoje se encontra, está nesta data a passar por um grande restauro. É um templo amplo e muito airoso. Nesse mesmo sítio existiu uma capela dedicada a S. Sebastião que em 1736 foi mudada para a casa dos Mendanhas, na cidade.

O padroeiro da freguesia é Santo André, festejado dum modo muito especial.

Costumam os lavradores cercar de silvas as redadas de uvas mais expostas, não só ao apetite de quem passa, mas também ao atrevimento do rapazio. Ora acontece que, apanhadas as uvas, perdem utilidade as silvas. E vem agora, já de tradição, a vingança dos rapazes:

Cada um procura arrastar para o largo da igreja a maior quantidade destas e doutras que possa encontrar. É uma limpeza, começada um mês antes da festa do padroeiro. Diariamente, no adro da igreja se amontoam silvas que ao fim somarão alguns carros.

E chegando o dia, após as solenidades religiosas na paroquial festejando Santo André, vem a festa da noite que consiste no incêndio daqueles restos de vedação.

As labaredas irrompem para as alturas e o rapazio, a que se junta muita gente grande, lá está presente ao sacrifício da mais modesta, barata e respeitada das vedações. Ao crepitar da fogueira junta-se o repicar dos sinos, o estralejar de foguetes e o acompanhamento

estrondeante dos Zés Preiras de S. Brás, a que não falta a gaita de fole.

A alegria é visível, ainda que, em parte, proveniente de garrações cheios pelos lavradores agradecidos. Justo é que, respeitadas as uvas, se prove do vinho.

* * *

Quase no alto da estrada de Barcelinhos, no lugar do Areal de Cima, à esquerda, encontram-se, numa bouça, vestígios da antiga fôrca de Barcelos.

Ao que parece, era esta com as suas congéneres do Porto e Lisboa o trio das únicas permanentes no reino. Consta dos documentos da Câmara que foi construída em 1712, mas a verdade é que ela substituiu outra mais antiga.

Do outro lado da estrada existiu aquele padrão —do Senhor do Galo—que hoje se encontra no Museu Arqueológico das ruínas do Paço Ducal, cuja fotografia está na pág. 51.

Por um desvio à esquerda vai-se para Remelhe, freguesia da naturalidade de D. António Barroso, cujos restos mortais lá se encontram.

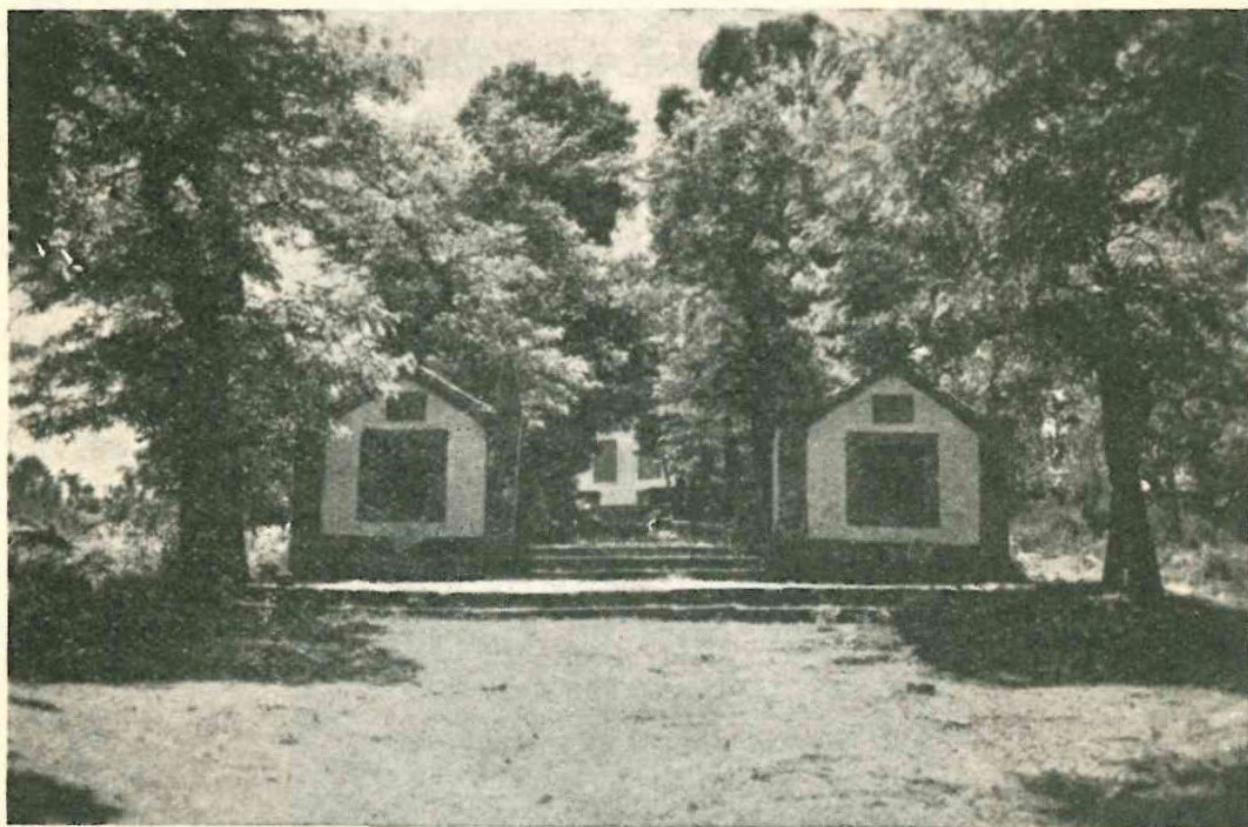
Finalmente, já quase no extremo, atravessa a estrada a maior freguesia do concelho de Barcelos—Macieira—.

Liga depois à estrada de Famalicão à Póvoa, no lugar das Fontaínhas.

A caminho da Franqueira

Deixando Barcelinhos pela estrada da Póvoa, cerca de um quilómetro depois, à esquerda, parte um desvio para o monte da Franqueira. Já a meio da encosta surge-nos à direita, no sítio denominado dos Frades, um aprazível lugar, assinalado com duas capelinhas e um escadório pelo meio, sob denso arvoredor.

Em 1391 um casal de abastados senhores, do Porto
—Catarina Afonso e Vicente, depois cognominado o
pobre—para aqui vieram, à procura de penitência
e recolhimento.



...duas capelinhas... sob denso arvored. (Séc. XVI)

Construíram pequenas casas de madeira e uma ermida sob a invocação de Bom Jesus, levando uma vida pobre e isolada, com o único privilégio, concedido em 1476 por D. Afonso V, de pedirem esmola.

Foram o princípio do

Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira

Pouco depois da morte de Vicente e Catarina Afonso, vieram habitar o local os padres claustrais, cerca do ano 1497, conservando-se até 1505, data em que foram substituídos pelos frades franciscanos.

Os padres teriam vindo do convento de Azurara que com o de Chaves e da Franqueira, foram inicialmente habitações de ermitães.

Encontraram ainda a ermida, cujo título conservaram, construindo, por sua vez, mais amplas acomodações, um pouco a nascente das dos fundadores.

Fonte do
Convento no
local do
primitivo
Cenóbio
(Séc. XVI)



Haviam os
Franciscanos
construído
uma fonte
para memó-
ria da primi-
tiva sepul-
tura de
Afonso e
Catarina

Em 1505, como se referiu, a pedido de D. Jaime, IV Duque de Bragança, cederam-no os Claustrais aos Franciscanos da Piedade, depois da Soledade, que durante 60 anos conservaram, sem alteração, as primitivas acomodações.

Como estivessem agora em estado de ruína, mandou reedificá-las D. Henrique de Sousa, último comendatário do mosteiro de Rendufe, por alturas de 1563, dando-lhes o aspecto quase actual.

Segundo as crónicas, foi nessa altura e nessa obra aproveitada a pedra do arruinado Castelo de Faria, que era junto, para poente.

Sofreu obras em 1678 e acréscimo em 1708.

Haviam os franciscanos construído uma fonte para memória da primitiva sepultura de Afonso e Catarina, cujos restos eles mesmos trasladaram para a igreja do convento onde lhe deram sepultura condigna.

Em 1740 instalaram, para comodidade dos romeiros da Franqueira e privilegiados da Porciúncula que por ocasião do jubileu afluíam ao convento, uma fonte junto da portaria do mesmo. Sobre ela teve um frade guardião, Fr. António de S. Jerónimo, a ideia feliz de colocar uma imagem de Jesus crucificado, oferecida por um ferreiro de Barcelinhos que, de alcunha o «Brazabú» nada teria a ver com este.

A imagem recebeu o nome de Senhor da Vida ou Senhor da Fonte da Vida, da legenda a seus pés: *Apud te fons vitae*.

«Começou logo o Senhor pela sua Santa Imagem a obrar prodígios e dispende liberalmente benefícios aos que com fé bebião a água da sua fonte e com devoção se encomendão a êle».

Esta fonte sofreu deslocação para uma capela, mandada fazer por frei António Aveiro Rosa no terreiro da portaria, e depois para uma sacristia, tendo Frei Manuel da Azurara colocado a imagem num altar da igreja onde se conserva, desaparecendo a referida capela.

Em 1834, por força do decreto do *matafrades*, foram os religiosos expulsos e vendido o convento e cerca por 800 mil réis.

Acabaram-se os hábitos por não se poder acabar com a Cruz!

Hoje pode juntar-se a tantos outros que, pela mesma lei, foram lançados às ruínas, notável estigma do princípio jurídico — *res clamat domino*.



Igreja do Convento

A igreja do convento é ampla, mas pobre. Tem dentro algumas sepulturas com os restos dos monges que aí dormem o sono eterno.

Ladeiam o antigo caminho e escadório de acesso ao convento seis capelas humildes, com os passos da Paixão do Senhor.

Castelo de Faria – Ruínas

Deixando o convento e prosseguindo na ascensão, quando a estrada, após uma grande curva, toma o sentido do poente, na margem direita vê-se uma placa indicando as ruínas do velho castelo. Ficam a metros de distância, num cabeço da encosta.



Muralhas defensivas do Castelo de Faria
(Ruínas)

Defendido o acesso por enormes blocos de granito e três cinturas de muralhas, deve o castelo ter sido guarda vigilante, durante séculos, do extenso vale que, a seus pés, se destende, ladeando o Cávado.

Desconhece-se a data da sua fundação e até a sua verdadeira origem.

Herculano escreve que sendo um castelo real da Idade Média «some-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito; mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de mármore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos membros e o antigo alcácer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caiu».

Opiniões razoáveis situam-na pelos fins do séc. X, para a luta entre cristãos e sarracenos do terrível Al-Mansor.

É fama também que teriam sido seus construtores os Francos, donde parece vir o nome de Franqueira. Será desse facto que as armas dos Farias se assemelham, pelas cinco flores de liz, com a antiga heráldica dos reis de França?

Tem-se confirmado a opinião de que ele resultou de sucessivas transformações e necessidades dum aglomerado pré-histórico, depois românico, de que falaremos a seguir. Desconhecendo as suas mais remotas actividades, limitar-nos-emos àquelas que, por mais conhecidas e célebres, nos merecem atenção, sobretudo por se relacionarem com a nossa História.

Sabe-se nele ter estado o nosso primeiro rei quando, na presença de sua mãe, fez couto ao mosteiro de Manhente, em 6 de Junho de 1126, e ainda, dois anos depois, já desligado da obediência materna, dele submeteu várias terras que se conservavam fiéis à rainha. Esteve também o seu aio Egas Moniz, como veremos, ao tratar da ermida.

D. Pedro I em 1357 concedeu-o a Nuno Gonçalves de Faria, obtendo este célebre fidalgo, dez anos depois, confirmação na posse, dada pelo rei D. Fernando

em cujo reinado, a par de tanta miséria e desgraça nacionais, se deu um facto luminoso para todos os tempos.

Antes, porém, de entrar nele, para mais real contraste, vejamos o quadro histórico do tempo.

Foi D. Pedro I chamado de cruel por ter vingado, dum modo bárbaro, os verdugos dos seus estranhos amores com D. Inês de Castro. Mas seu filho D. Fer-



Fortaleza (pedra mais)
A Alcáçova do Castelo

nando ganharia um título menos duro, ainda que, por suas leviandades em escolher mulher, em dar a filha e em faltar como um preto à fé dos contratos, sacrificasse milhares de portugueses, mortos como ratos, acarretando enorme ruína à Pátria que teve a infelicidade de o ter por rei.

Castela nos bateu uma e muitas vezes. Procurou pela força das armas obrigar o nosso rei a cumprir o que prometia. Lutou nos nossos campos, arrasou os nossos castelos, incendiou as nossas cidades, destruiu as nossas armadas, matou os nossos maiores, e, o que é pior, fez tudo isto, nem sempre sem razão.

Tratados que não se cumpriam, alianças que não se respeitavam, coligações duma imprudência classificada, eram outros tantos motivos de sobra por que Castela nos batia, até chegar e ultrapassar Aljubarrota que, se foi o mais brilhante facto militar dos portugueses, também não deixou de ser um enorme risco por que passou a Pátria.

E não queiramos esconder debaixo dumas tantas ou quantas medidas acertadas da sua governação os malefícios que dela nos vieram. É humano errar mas é loucura errar sempre; e o monarca não era louco, pois sabia bem o alcance funesto das suas vaidades, e prosseguia nelas.

Se qualquer dos seus conselheiros teimava em abrir-lhe os olhos como fez um quando o ouvira gabar-se de ir mover nova guerra a Castela, logo ripostou: *parece-me, conde que vos outros não compreendestes bem a maneira como vos eu isto disse, porque eu não vos pedi conselho se era bem de haver guerra ou não, porque eu quero-a haver em toda a guisa, não embargando todas as vossas razões e outras mais que queirais dar».*

Felicidades, majestade!

A inépcia do rei manifestou-se de diferentes maneiras, mas valerá a pena referir as duas que mais contribuíram para lhe fazer o cognome de inconstante.

Houve um trabalhão para sua majestade casar. Escolheu tanto e comprometeu-se tanto que iria acertar

pior. Prometeu-se para genro de D. Pedro de Aragão quando, aliado, batia Henrique de Trastâmara.

Em boa fraternidade agora com este celebrou esponsais com a filha, em detrimento(?) da primeira. Saiu-lhe cara (ao reino) a veleidade.

Por fim, no pior acerto, tomou por esposa(!) e fez rainha de tantos e honrados súbditos a, primeiro, adúltera Leonor Teles, mulher que era de Lourenço da Cunha, e segundo, a mesma vendida ao Andeiro. Abismo puxa abismo!

Daqui, as três guerras com Castela e uma vida de corte sombria, entenebrecida pela pérfida rainha — recordemos a morte de sua irmã Maria e o decreto para a do cunhado D. João, Mestre de Aviz, depois rei, e a entrega do reino com especiais exortações para obedecermos a sua filha Beatriz, rainha de Castela, da qual viríamos a ser *leais e fiéis súbditos*!

Esta pobre Beatriz, de berço ainda, já fôra prometida ao Duque de Benavente. Pouco depois seu régio pai ofereceu-a a D. Henrique de Castela.

Em terceiro lugar foi para Eduardo, príncipe inglês, filho de D. Isabel, herdeira de D. Pedro de Castela. Em quarto, tornou a ser contratada para o segundo filho de D. João de Castela, já que não foi para o primeiro — não seria aliás para nenhum —. Finalmente, num gesto de tresloucada conveniência política e ruína pátria, foi dada ao já entradote D. João de Castela. Cinco noivados aos dez anos de idade, não falando naquelas esperanças incutidas por Leonor no cunhado João, o que o levou a matar a própria esposa.

Só um rei tinha possibilidade de errar tanto!

Mas, vamos ao facto que marcou neste reinado.



Defende-te, Alcaide!

...foi o grito que há 600 anos um português notável e militar valente soltou, a plenos pulmões, de encontro às rochas denegridas do Castelo de Faria.

Ele mal pôde emití-lo porque dezenas de ferros, surprezos e cruentos, lhe penetraram ferozmente o corpo, cortando-lhe a voz, arrancando-lhe a vida que, por seu grito, comunicava aos defensores do Castelo.

Defende-te alcaide!...

...foi o grito heróico de 600 anos, mas que ainda hoje ressoa formidável para quem sobe aquele monte, ara de sacrifício de Nuno Gonçalves, em holocausto à Pátria. Ouve-se ainda ecoando pelas quebradas, batendo naquelas ruínas, e que reboando até ao mar, chegou, na ressaca, às praias de África, Ásia, América e Oceania.

Onde quer que o Império tenha chegado, onde quer que um português tenha vivido, lá chegou esse grito da hora suprema pelo qual um homem deu generosa e conscientemente à Pátria a sua vida para que ela pudesse viver.

Esse grito chegou até nós; nós passaremos e ele há-de continuar a ouvir-se sempre forte, sempre nobre e sempre heróico.

Heróis da História, heróis da lenda, a todos supera Nuno Gonçalves, valente alcaide do Castelo de Faria, pelo seu enexcedível amor à Pátria.

Morte do Alcaide de Faria

Mais uma vez o castelhano semeava a ruína e desolação por este infeliz reino, enquanto D. Fernando «andava de Santarém para Lisboa e de Lisboa para Santarém».

A província de Entre Douro e Minho fora invadida pelo adiantado da Galiza, Pedro Rodrigues Sarmiento.

O Conde de Ceia D. Henrique Manuel, tio do rei, saíu com a sua pouca gente a barrar-lhe o caminho. Com idêntico fim saíu do Castelo de Faria o seu alcaide moço Nuno Gonçalves, deixando-o entregue a seu filho Gonçalo Nunes. Chegou tarde, pois, já se tinha dado o encontro⁽¹⁾ no qual os castelhanos levaram a melhor, fugindo o Conde para Ponte de Lima.

Caíu, assim, o alcaide prisioneiro dos castelhanos. Temendo que o filho entregasse o castelo pela liberdade do pai, agora a ferros, estudou um ardiloso e admirável plano: Que o levassem às proximidades do castelo e ele aconselharia o filho a entregar as chaves.

Surtiu efeito a proposta. Conduzido até lá, no meio de muitos homens de armas, de entre eles destacou-se

Um arauto

«Um arauto saíu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan; todas as béstas se inclinaram para o chão, e o ranger das machinas converteu-se num silêncio profundo.

— «Moço alcaide, moço alcaide! — bradou o arauto — teu pae, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado de Galiza pelo mui excellente e temido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo, de fora do teu castello.»

(1) Por diversas circunstâncias parece este encontro ter-se dado na chã de S. Miguel, freguesia de Carapeços, do concelho de Barcelos.

«Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbican, disse ao Arauto — «A Virgem proteja meu pae: dissei-lhe que eu o espero».

«O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e depois de breve demora, o tropel aproximou-se de barbican. Chegados ao pé della, o velho guerreiro saiu d'entre os seus guardadores, e falou com o filho:

— «Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entregue à tua guarda quando vim em socorro e ajuda do esforçado conde de Ceia?».

— «É — respondeu Gonçalo Nunes — do nosso rei e Senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem.»

— Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas delle?»

— «Sei oh meu pae! — prosseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. — Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?»

«Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então:

— «Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver.»

— «Morra! — gritou o almocádem castelhano — morra o que nos atraçoou.» — E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.



E Nuno Gonçalves caiu atravessado de muitas lanças

— «Defende-te, alcaide! — foram as ultimas palavras que elle murmurou.

«Os castelhanos acommetteram o castelo mas o orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exercito castelhano foi constrangido a levantar o cerco.

«Conçalo Nuno acabada a guerra era louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fora encomendada por seu pae no ultimo transe da vida. Mas a lembrança do horrível successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide. Pedindo a el-rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavaleiro, para cobrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do santuario, era com lagrymas e preces que ele podia pagar a seu pai o ter cuberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.»

* * *

Em 1562 já o castelo se encontrava em ruínas, pelo que, na modificação do convento do Bom Jesus, foi a sua pedra aproveitada.

«Assim se converteram em dormitórios as salas de armas, as ameias das torres, em bordas de sepulturas, os humbrais das balhesteiras e postigos, em janelas claustrais.

O ruido dos combatentes calou no alto do monte e nas faldas dele alevantaram-se a harmonia dos salmos e o sussuro das orações».

Os Principais de Vilar de Figos

Como lenda o conhecemos e na lenda contamos um facto relacionado com o Castelo de Faria e que dera aos habitantes de Vilar de Figos o honroso apelido de *principais*. Sabe-se que em velhos registos da paróquia essa designação subsiste, embora se desconheça a extensão dela, isto é, se era para todos os habitantes ou para descendentes apenas dos velhos *principais*.

O caso foi que os árabes se apossaram, em tempos remotos, do castelo. Os cristãos tentavam a conquista tornada impossível pelo denodo com que os sitiados se defendiam. Recorreu-se então ao estratagema que a luminosa ideia do povo de Vilar de Figos suscitou: pelos campos e encosta daquele lado fariam subir, de noite, um grande rebanho de cabras (podiam ser mesmo carneiros) com luminárias atadas aos chifres. Se bem o pensaram melhor o fizeram.

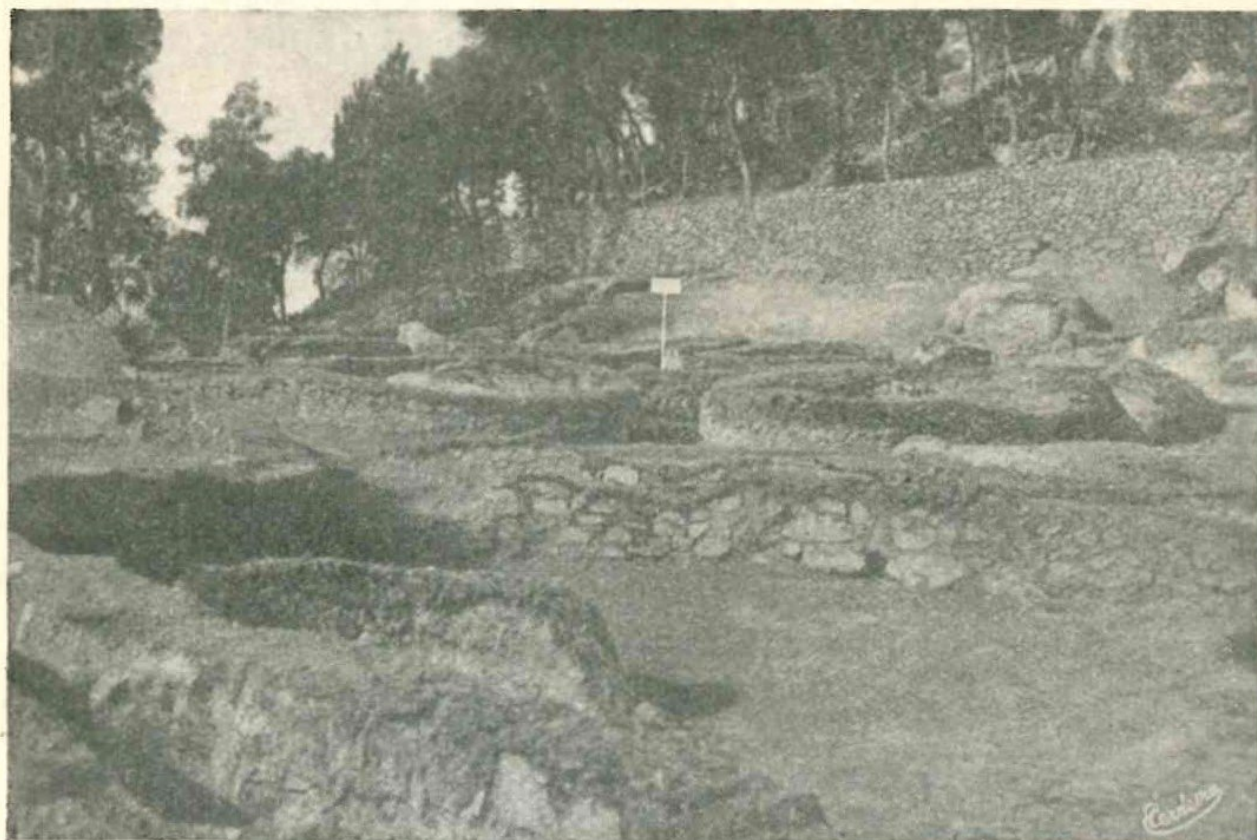
Os árabes notaram, pela noite escura, aquela aproximação de tanta gente que vinha, por certo, em reforço dos sitiados. Perante a *superioridade provada* do inimigo abandonaram o castelo e foram-se.

E assim, porque os moradores dessa freguesia mais contribuíram para a tomada do castelo, ficaram a ser conhecidos e nomeados por os Principais de Vilar de Figos.

A Citânia

O cume donde emergia o castelo era cercado duma tríplice muralha, como já se disse. Em escavações há anos feitas por iniciativa do Grupo Alcaides de Faria foram achadas e postas a descoberto as ruínas duma povoação pré-histórica que teria passado, mais tarde, a castro romano onde, por fim, se levantou o Castelo de Faria.

Situadas num declive a poente das ruínas do castelo são férteis em vestígios de construções primitivas, como grupos de casas de forma circular, rectangular e vias de ligação calcetadas, cuja largura chega em algumas, a três metros. Partes ainda estão por explorar,



o que é pena, pois, foram abundantes os achados arqueológicos que nos primeiros trabalhos apareceram.

Podem ser apreciados no *museu Alcaides de Faria* que, por iniciativa muita louvável do grupo assim chamado, tem a sua instalação na Torre de Menagem, a que já nos referimos.

O alto da Franqueira

Ao cimo da estrada que vamos subindo, no ponto mais alto do monte portanto, desenha-se um largo de

grandes proporções em cujo centro, aproximadamente, se levanta a capela de N. Senhora da Franqueira.

A vista que do alto deste monte se disfruta é deslumbrante, e o horizonte, vastíssimo. Seja qual for a hora a que lá chegemos, os nossos olhos sentem-se incapazes para tanto ver, duma só vez. Aquela imensidade nos diminui, pelo que logo formulamos o desejo



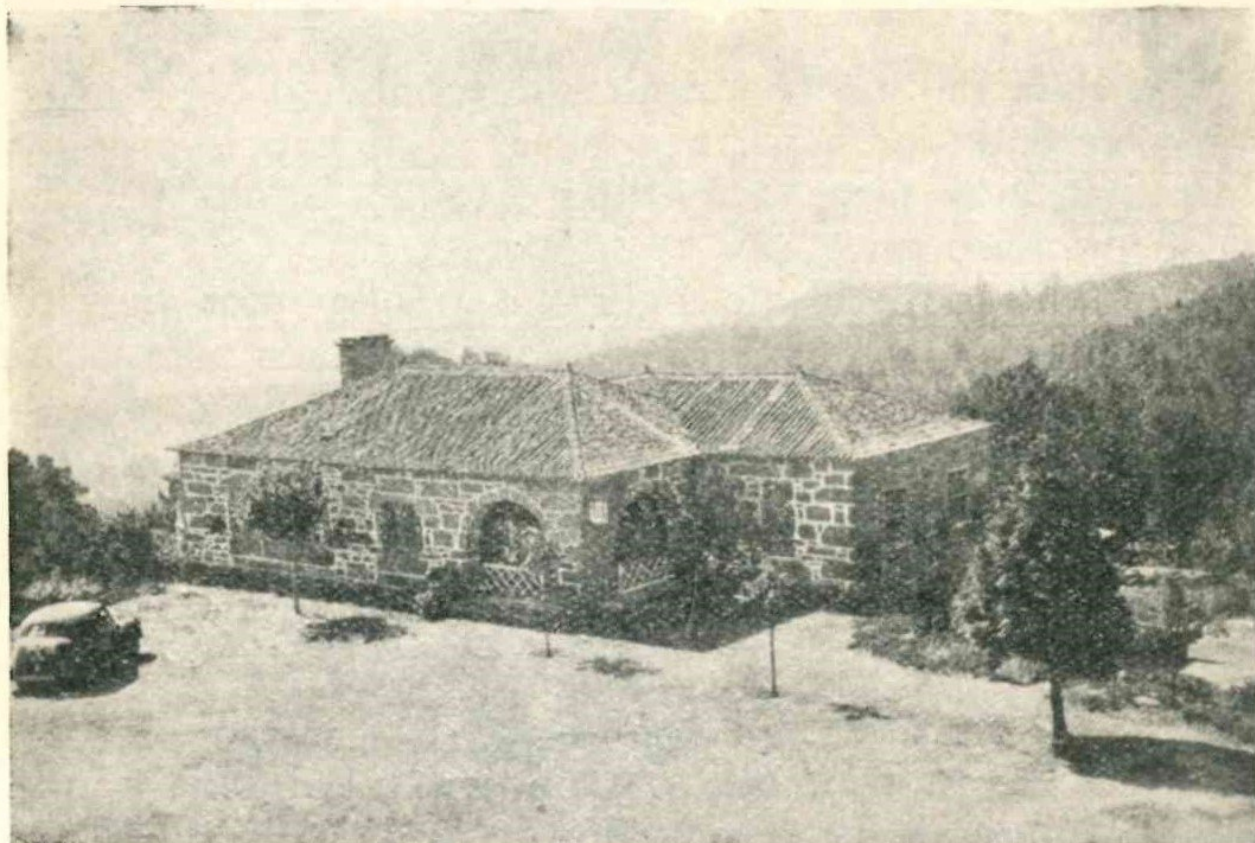
Monumento à Senhora da Franqueira

de fixação em pontos restritos, definidos e ordenados, a fim de, naquele sonho, alguma coisa de concreto podermos fixar.

O sol, em qualquer ponto da sua trajectória nos ilumina, de maneiras diferentes, o larguíssimo campo da nossa apreciação. Assim, a cada hora que passa, um quadro novo se nos apresenta, com tintas e perspectivas diferentes do anterior.

São os efeitos de luz que, incidindo nas catedrais verdes dos pinhais adjacentes, se contrastam com a maior luminosidade das planícies mosqueadas de habitações, entrecruzando-se em ofuscantes revérberos do espectro solar.

O matiz das glebas serpeadas caprichosamente por caminhos, estradas e rios, cria um aspecto novo para a



Pousada da Franqueira

nossa vista, extasiada e perdida, que só muito longe, na serra do Gerês ou no mar encontra descanso fugaz, depois de ter corrido todo o vale do Cávado, presa grandiosa daqueles distantes limites. E cansados de tamanha grandeza, recolhemo-nos dentro da nossa alma pequenina e crente nas maravilhas que Deus

colocou na sua obra imensa para utilidade e deleite nosso. Mas não se poderá exprimir toda a escala de sensações ali experimentadas, e, por isso, deixando o que de lá se vê, passemos ao que se vê lá.

Igreja de Nossa Senhora da Franqueira

Ao centro do espaçoso terreiro ergue-se a igreja em título.

A data da sua fundação é desconhecida. Tem-se como verdadeiro, a parte que serve de capela-mor ter sido mandada fazer por Egas Moniz, o aio fiel do nosso primeiro rei.

E em abóboda de pedra, e o altar-mor é feito duma só tábua de jaspe, muito fino, apoiada sobre três colunas do mesmo material — presume-se que na recta-guarda tenha outras três.

A procedência destas peças têm sua história, aliás curiosa.

Quando D. João I tomou Ceuta, ao fim da batalha e na hora da pilhagem, teria dito para seu filho bastardo D. Afonso, oitavo Conde de Barcelos e primeiro Duque de Bragança, que fosse servido de tomar para si parte dos despojos, ao que D. Afonso retorquiu preferir ser o último.

Foi então que mandou arrancar do palácio de Collumbencayla quinhentas colunas de mármore e a mesa em que comia o terrível Salat-ben Salat. Transportados tais despojos para o reino, da mesa fez o altar da Senhora da Franqueira que apoiou em 6 colunas da mesma procedência, gastando as restantes em outros locais como o paço da Barcelos.

4) Quanto à Franqueira diz-se ter sido promessa de D. Afonso Henriques num transe difícil com a mourama, em que ficou morto o seu cavalo.

2: O corpo da igreja atribui-se a D. Diogo Pinheiro, de Barcelos. O frontispício com a torre e sinos é obra do séc. XVIII, voto dum brasileiro.



Igreja de Nossa Senhora da Franqueira

Em frente, quase no extremo da esplanada, existe um monumento de pedra, encimado pela imagem de Nossa Senhora, com uma inscrição no pedestal, onde se lê o ano de 1929, o nome do ofertante—João Luís da Pena, de Milhazes—do arquitecto e mesários de então.

A actual Mesa da confraria tem-se esforçado pelo aformoseamento constante do local onde conta grandes obras feitas e a fazer.

De sua iniciativa foi a electrificação do templo e monumento, tendo sido inaugurada a luz na festa de N. Senhora da Conceição, a 8 de Dezembro do ano de 1956. Aberta durante a noite assinala nas trevas e até grande distância a presença da Virgem e a fé dos que crêem.

Ainda à dita Mesa cabe o mérito de ter posto água na estância e de procurar o aumento da devoção à Senhora da Franqueira, promovendo uma peregrinação da sua imagem através de todas as freguesias do concelho, o que, na verdade, foi um triunfo.

A poucos metros da capela, protegido por um pedestal, ergue-se um marco de pedra com as armas de Portugal insculpidas, e na base a sigla B; baliza dos bens da Casa de Bragança ⁽¹⁾.

Há uma pousada que, de encomenda, serve almoços.

Na ladeira norte existe uma coluna de pedra encimada por cruz românica em memória do fundador da capela, Egas Moniz.

. . . à Póvoa de Varzim

Ligada a Barcelos por magnífica estrada de asfalto, fica-lhe a uns escassos 18 kms.

Aparecem ainda marcos com o escudo de Portugal coroadado e com a letra B por baixo. Tais marcos pertencem ao séc. XVII, e seriam apenas oito, dos quais existe um junto do Recolhimento do Menino Deus, outro nas ruínas do Paço Ducal e outro em Creixomil. A delimitação de Barcelos é do tempo de D. João IV e os marcos constituíram uma 2.^a delimitação — extra-muros.



A bela imagem de Nossa Senhora da Franqueira

Milhazes

Além dos motivos atrás descritos, e retomando a estrada, convirá salientar nela as freguesias de Milhazes, Faria e Barqueiros.

A 7 kms. de Barcelos uma placa assinala **Faria**. Seguindo esse rumo, um pouco adiante, entra-se na freguesia de **Milhazes**, terra onde se fabricam as rocas, os fusos e as espadelas, com artísticos trabalhos. Da Casa do Forno que ainda existe em relativa prosperidade e estima de seus moradores, era o pai de Guilherme Gomes Fernandes, grande reformador da Associação dos Bombeiros Voluntários do Porto, o qual educado na Inglaterra, muito viajado e culto, atingiu um alto grau de especialização depois ministrada nas associações dos soldados da paz. Com inúmeras condecorações, inclusive a Torre Espada, faleceu em Lisboa em 1902, tendo-lhe a cidade do Porto levantado um monumento na praça assim chamada.

Foi num campo desta freguesia que apareceu o forno romano de fundição que se encontra no museu «Alcaides de Faria», na cidade.

Segundo opiniões, o nome desta freguesia—Milhazes—teria origem no facto da mortandade havida por ocasião duma grande batalha, em seus campos. Milhares de combatentes teriam sido prostrados, cujo sangue, correndo para o Ribeiro de Zarague, o tingiu. Este, por sua vez, tingiu as demais águas com que se juntou, dando motivo a chamar-se *Rio Tinto* ao afluente do Cávado que banha a freguesia do concelho de Esposende à qual também deu o nome—Santa Marinha de Rio Tinto.

Faria

Prosseguindo, um pouco mais além está *Faria* que foi Julgado até 1835, englobando diversas terras.

No séc. XIII foi aí instituída uma Honra que compreendeu toda a freguesia, ficando depois na Casa e Quinta de Pedregais.

A esta Casa e Quinta consideram muitos escritores o solar dos Farias de Barcelos que andou sempre na linha varonil de *Nuno Gonçalves de Faria*. Só em 1870 passou para estranhos, sendo retalhada em glebas a parte rústica.



Portão da Casa de Pedregais

Hoje resta apenas um portão, estilo D. João V, ostentando um brasão com as armas dos Farias, concedido em 1535 a Sebastião de Faria, quinto neto de Nuno Gonçalves.

Barqueiros

Barqueiros, freguesia no extremo do concelho de Barcelos a confinar com o da Póvoa de Varzim tem o santuário da Senhora das Necessidades, a baixada a norte conhecida por *Ponte do Estreito*, e, por curiosidade de passado histórico, a *Lagoa Negra*, no seu extremo sudoeste.

O majestoso templo de N. Senhora das Necessidades, situado na margem da estrada teve origem numa capela onde um senhor da Casa Veloso colocou a imagem daquela invocação. Num transe difícil fez voto de a oferecer, e tão depressa se tornou conhecida pelos seus milagres que logo a abundância de esmolas permitiu o início do santuário.

Elegante, em forma de cruz latina, tem este um alto zimbório, cujas luzes clareiam o transepto.

É tradição nas gentes do campo que a Senhora das Necessidades tira a sesta e a merenda, o que é lógico, pois, de 8 de Setembro, dia da festa, em diante, nem uma nem outra coisa se tornam necessárias.

A **Ponte do Estreito** parece ter dado o nome a Barqueiros, pois é um talho grande de terra pelo qual, no inverno, dado o seu baixo nível, penetram as águas do Cávado que com mais quatro ribeiritos o transformam numa razoável lagoa. Em tempos antigos teriam existido barcos e barqueiros para o tráfego entre povoações vizinhas.

Hoje é cortado pela estrada que emerge dum talude. Apesar disso as águas podem interrompê-la. Em tempos não distantes a deligência entre Viana e Porto foi aí arrastada pelas águas, tendo-se afogado os passageiros, entre os quais dois oficiais do exército espanhol.

A **Lagoa Negra** é um grande charco no extremo sudoeste de Barqueiros, e onde a água nunca seca. Por isso a crença popular o supõe ligado com o oceano. Em velhos cartapácios se refere ter sido uma exploração mineira do tempo dos romanos, e que estes faziam, servindo-se da estrada *per ora marítima* — o Cávado — de que falámos noutro lugar.

Há dois anos a curiosidade levou uns tantos ou quantos proprietários de motores de rega à tentativa de escoarem o charco, para lhe atingir o fundo, onde consta haver oiro — possível relação com os minerais falados.

Não vimos motores, mas fomos informados de ter sido vão o esforço para o escoamento que se fez todo à volta duma pipa lá assente, na mira do lucro, vazando verdinho para carburação dos ânimos menos afoutos.

II

Barcelos a Famalicão (V. N.)

Casa de Vessadas, Colégio Espanhol, S. Bento da Várzea, Quinta de S. Miguel; bordados e vinhos de fama

Ligadas por óptima estrada, distam entre si 21 quilómetros, cinco dos quais em comum com a de Braga que em Gamil se desprende da de Famalicão.

Pouco depois de termos deixado a ponte em Barcelinhos, a estrada entra na curva de Vessadas onde se levanta a Casa do mesmo nome, pertença da Família Távora e Noronha. Tem capela dedicada à senhora da Agonia, construída em 1885. Pertencia-lhe uma outra — Santo António — que a estrada separou, sendo hoje da administração da Fábrica de Barcelinhos.

Colégio Luso espanhol, também chamado dos Irmãos das Escolas Cristãs fica logo adiante, na antiga Quinta do Galo.

Destina-se à preparação intelectual e moral de jovens segundo os programas oficiais de cada país, e ao magistério em colégios que a instituição possui na Espanha, França, Itália e em Portugal.

Tem-se visto confundir os referidos Irmãos das Escolas Cristãs — fundação de S. João Baptista de La

Salle, francês—com os Salesianos—fundados por S. João Bosco, italiano.

Prosseguindo na nossa viagem, três quilómetros andados e teremos, à esquerda, a estrada para Braga, e em frente, aquela que nos interessa—para Famalicão—.

Tem esta, uns metros adiante uma passagem de nível, depois da qual e à esquerda, sai um estradão-zito para o

Mosteiro de S. Bento da Várzea

Este mosteiro está no lugar dum antigo convento do mesmo nome que, segundo as crónicas, foi fundado à maneira do de Vilar de Frades, por S. Martinho de Dume, em 570, destinado a monges beneditinos. Igualmente a invasão dos árabes o despovoou em 716, tendo sido reedificado e ocupado em 1110 pelos monges da mesma ordem.

Pelo século XV o abade deste convento, já reduzido a abadia secular, recolheu-se ao de Vilar de Frades, incorporando-o naquele. Pouco depois os frades do de Vilar, pelo novo despovoamento da Várzea devido às guerras, extinguiram a freguesia, unindo-a à de Airó, pelo que entre as ruínas apenas ficou a igreja com a miraculosa imagem de S. Bento.

Foi, bastante mais tarde, restaurada e refeita a população, tornando-se um centro de romagem por parte dos inúmeros devotos daquele santo.

E o número é excepcional por ocasião da sua festa grande—todos os anos a 11 de Julho.

Da festa, que compreende feira também, remontam as notícias ao tempo de D. Pedro II. Em 1699 já vinham sendo feitas no respectivo largo de S. Bento.

Em frente da igreja velha está sendo levantado um grandioso templo que suprirá aquela, demasiado pequena para as necessidades actuais.

Ao lado existe um nicho contendo a figura dum bem feio demónio, insinuando uma tentação a S. Bento. Não há romeiro que o não olhe com fastio, e rapaz que não deseje mandar-lhe uma pedrada, como já tem acontecido, tal é a *simpatia* da sua figura.

Segundo Herculano, parece ter sido neste terreiro e arredores ferida uma grande batalha entre leoneses e tropas de D. Afonso II que dali foram, apesar de actos de bravura acossadas para Braga, e daí, para o castelo de Guimarães onde se fez a paz.

Quinta e Viveiros de S. Miguel, na Carreira

Deixado S. Bento da Várzea e retomada a estrada para Famalicão (V. N.) em breve nos acharemos atravessando a freguesia de S. Miguel da Carreira, notável, não só pelo fabrico de rendas, mas ainda pelos grandes viveiros da Quinta de S. Miguel, com as suas árvores de fruta, as criações leiteiras e porcinas e os afamados vinhos verdes e espumosos «Tamariz».

III

Barcelos a Braga

Convento de Vilar de Frades, Barragem da Penida, Areal de Caíde

Dezoito quilómetros de magnífica estrada unem estas duas cidades. Os primeiros cinco, em comum com a de Famalicão ou vice-versa, levam-nos até Gamil. No capítulo anterior ficaram ditos os motivos existentes nesta 1.^a parte do trajecto em cujo prosseguimento nos manteremos até Adães, um pouco à frente, e terra afa-mada pelos seus melões.

Ao cimo da sua recta de estrada, uma placa nos indica um estradão, à esquerda, para Areias de Vilar, onde ficam os três motivos em subcapítulo.

Convento de Vilar de Frades,

Começando pelo Convento, célebre pela sua antiguidade, pelo seu estilo manuelino e pela sua enorme cerca,—a maior quinta agrícola do concelho—ele constitui um ponto obrigatório a paragem, na digressão presente.

Fundada por S. Martinho de Dume pelo ano 566 da era cristã, foi destruído na invasão árabe, reedificado na restauração visigótica e, pouco depois, acrescentado e enriquecido por D. Sancho I que lhe fez couto.

Em 1400, despovoado de monges beneditinos, passou a abadia secular, sob padroado do Arcebispo de Braga, que logo a seguir, o concedeu a mestre João Vicente e seus companheiros. Tendo acompanhado à Borgonha a princesa Isabel que fora receber por marido a Filipe, o Bom, seguiu dali mestre Vicente com Martinho Lourenço para Roma onde obteve o privilégio de usar hábito azul e a regra de S. Jorge de Olga, com o título de cónegos seculares de S. Salvador de Vilar de Frades. Aquele hábito lhes acarretou a designação de Lóios, por ser da mesma cor usada pelos congregados desta ordem.

Entrou em grande progresso, tornando-se sede de um couto que abrangia quinze freguesias, gozando dum ascendente que referiremos ao tratar do convento e couto de Manhente, na digressão imediata.

Passou o convento de Vilar de Frades por diversas transformações, sendo a maior no princípio do século XVI, patrocinada por D. Diogo de Sousa.

Ampliado e modificado, atingiu uma grandeza que ainda hoje não deixa de impressionar o visitante.

Como muitos outros não escapou à sanha do liberalismo que lhe tirou a alma, subtraíndo-lhe os frades ou, com mais rigor, tirando-o aos frades e reduzindo-o àquela vastidão a desmantelar-se por todos os lados.

Há, felizmente, uma grande esperança no seu restauro, uma vez que foi adquirido há pouco pela ordem dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus.

A igreja que hoje é a paroquial de Areias de Vilar tem, à entrada, um átrio, ao fundo do qual se vê um interessante pórtico manuelino. Aquele faceia com a torre, à esquerda, e início doutra à direita. Outrora existiram as duas, mas tendo sido apeada a da direita para reedificação, foi esta cancelada pelo aparecimento

do decreto do matafrades, expulsando os religiosos de Portugal — 1834 —.

O templo que é grande e duma só nave, coberta por abóbada manuelina, tem vários e apreciáveis capelas laterais onde se destaca a talha que as guarnece e o azulejo de que estão revestidas as paredes, embora tudo num razoável mau estado.

São de notar dois lindos chafarizes, um dos quais monumento nacional — o do claustro da portaria — que datando do século XVII, consta duma coluna encimada por uma coroa real sobre as cabeças de quatro águias pingando água pelos respectivos bicos para um tanque trabalhado.

O outro com data de 1732 foi retirado do claustro da Igreja e jaz nas traseiras do edifício.

Tinha o convento uma rica biblioteca, cujos livros foram para onde o vento os levou.

Alguns pararam amontoados em húmido compartimento da Câmara de Barcelos, até 1886, data em que se organizou uma pequena biblioteca com os que resistiram à traça.

Existira na cerca uma capela chamada do passarinho, por assinalar o local onde teria permanecido muitos anos encantado pelos gorgeios da pequena ave um frade do convento. Pela graça da lenda a contamos numa versão livre bem como ainda a do Sino Bento.

O Frade e o Passarinho

Em tempo muito afastado aconteceu de um frade, enquanto rezava o ofício no coro, ter a sua atenção despertada pelo seguinte versículo da salmódia :

«Mil anos à vista de Deus são como o dia de ontem que já passou».

Não entendia o bom do frade o significado, pelo que, no fim orou com mais fervor a Deus para que lho fizesse entender.

Saíndo do côro e ao passar no claustro do convento, ouviu o canto dum passarinho que o fez parar.

Em breve aquela avezinha se mudou, pelo que o monge a seguiu, na esperança de poder ouvir, por mais um pouco, os seus deliciosos gorjeios.

Já um pouco afastado, desapareceu de vez a ave que o encantara, a ponto dele suspirar :

Oh passarinho da minha alma, que tão belo e tão breve foi o teu cantar !

E voltou ao convento. Porém, com enorme surpresa notou que a porta já não era no mesmo sítio. Achou tudo bastante diferente e, ao bater, até o guardião do convento lhe era completamente estranho.

— Quem bate, e o que deseja, lhe perguntara este ?

Um irmão e humilde frade deste convento.

— Como, se cá não falta ninguém?

Falta sim ; ainda à nadinha daqui saí no encalço dum passarinho, cuja voz eu quis escutar. Segui-o até à orla da mata e, tão logo se calou, me tornei ao meu convento. Como, pois, não me conheceis?! É verdade que também vos não conheço!!

Foi o porteiro chamar o D. Abade a quem narrara, intrigado, o caso. Este não se surpreendera menos, e, postos a desvendar o mistério, consultando livros e registos, deles constava o desaparecimento dum frade, mas sobre o qual já haviam passado trezentos anos. Nunca mais dele houvera rastros ou notícias. Foi então que, por mais deligências, concluíram ter sido aquele para quem, miraculosamente, trezentos anos se passaram num momento. Assim, ele compreendeu que para Deus não há diferença de tempo.

Em memória do facto foi erguido uma capelinha⁽¹⁾ na cerca e local onde estivera encantado pela ave aquele frade.

(1) Fora destruída pelo primeiro possuidor leigo do convento e cerca.

O Sino Bento

Numa crónica da Congregação de S. João Evangelista vem narrado um fenómeno sucedido na igreja deste convento a 20 de Janeiro de 1616.

Por toda a região de Vilar estalara, naquela noite, ameaçadora tempestade.

No convento os frades espavoridos acolheram-se à igreja onde, em orações, resistiriam aos elementos em fúria.

Por nada o D. Abade teria morrido; ao dirigir-se ao coro ouviu umas vozes, e, parando, viu cair muito perto de si uma ameia da torre, arrancada pelo vento.

Ao mesmo tempo a porta principal se abriu e o vento desabrido atirou por terra os frades, revolvendo-lhe os hábitos, mas não lhes apagando as velas.

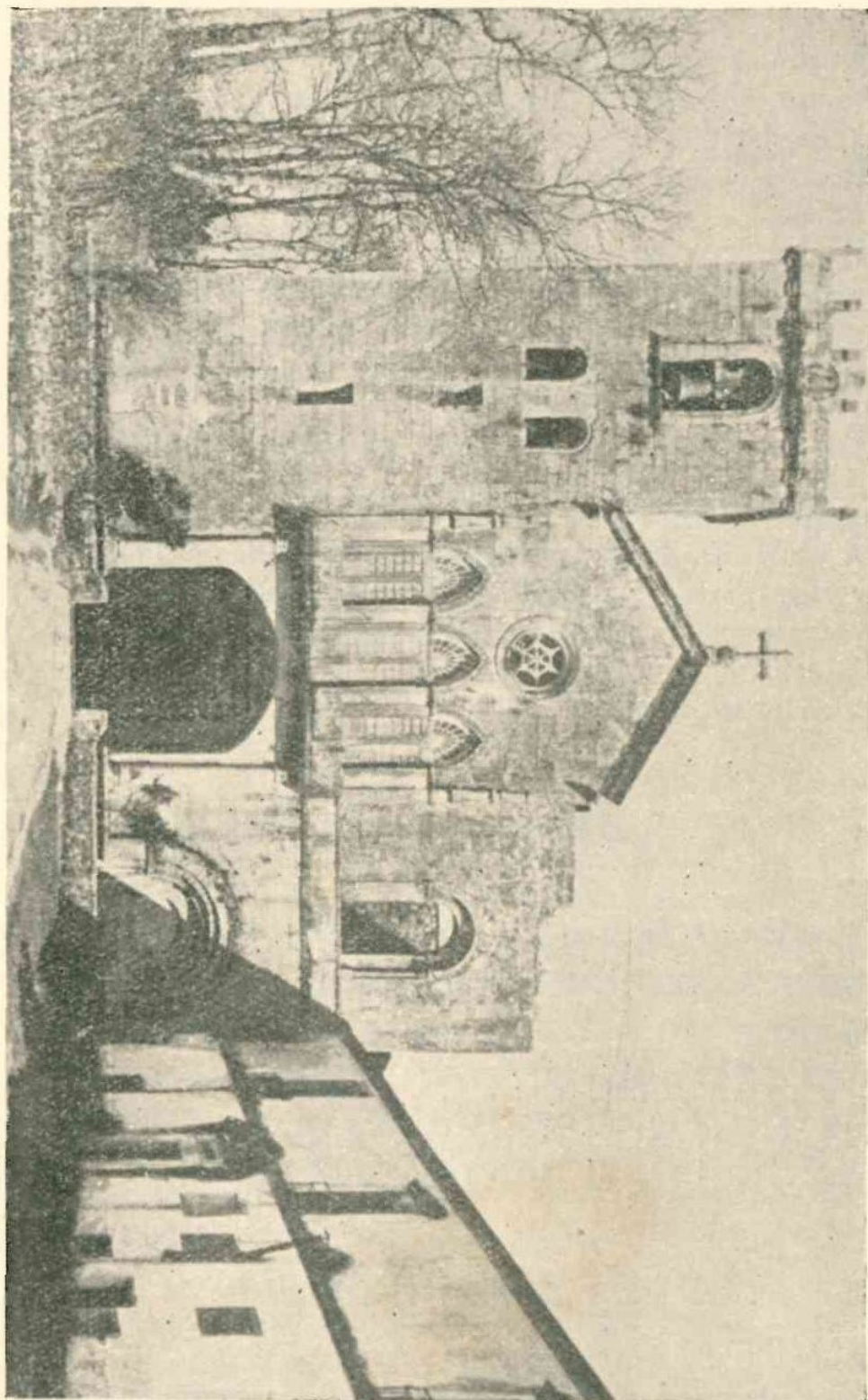
Amedrontados, conseguiram deixar amansar a tempestade, depois da qual se soube que uma mulher possessa do demónio afirmava tentar destruir a igreja e convento naquela noite, mas que o não pudera fazer por ser bento o sino grande da torre e consagrado a S. João Evangelista.

Barragem da Penida

É este o segundo dos motivos na presente viagem. Deixado o convento segue-se um estradão que dá para as margens do Cávado onde pode ser vista a barragem do título. É relativamente pequena comparada com os demais sistemas ou escalões a que já nos referimos quando, no início, descrevemos este rio.

Areal de Caíde

Em frente da barragem e a perder de vista estende-se este enorme areal, antiga quinta desfeita pelo rio. A ele nos referimos também ao descrever o Cávado, limitando-nos à lenda.



Igreja do Convento de Vilar de Frades

IV

Barcelos a Prado

Centros de Olaria, Convento de Manhente, Solar de Azevedo

Depois da Franqueira, é esta a viagem mais recomendável ao visitante de Barcelos. Embora a estrada o não ajude — cremos que em breve melhore — neste percurso terá ocasião de conhecer a mais antiga e característica indústria barcelense — a dos barros.

A nascente do Campo da Feira — Campo da República — parte a estrada que liga com os principais centros de produção da referida indústria, situados em ambas as suas margens, ou a elas ligadas por estradas de acesso. Não citaremos firmas produtoras ou comerciais, por inúmeras, mas localizaremos em cada terra o género preferido aí fabricado. Assim, imediatamente a seguir à passagem de nível entra-se em

S. Veríssimo do Tamel

Esta freguesia possui algumas *telheiras* ou fábricas de produzir tejolo e telha portuguesa, muito usada em abrigos e habitações modestas, atenta a parcimónia do seu preço.

Galegos – Santa Maria

Freguesia da qual falaremos na próxima digressão por ficar mais perto da estrada que de Barcelos segue a Ponte de Lima, por Freixo. Aqui diremos que se pode alcançar por um estradão sinalizado na margem esquerda da estrada que seguimos. E lembramo-lo já porque é na dita freguesia que se fabricam os Galos de Barcelos.

Manhente e seu convento

Dispondo de alguns fornos de coser telha portuguesa é sobretudo ao seu convento que desejamos referir-nos.

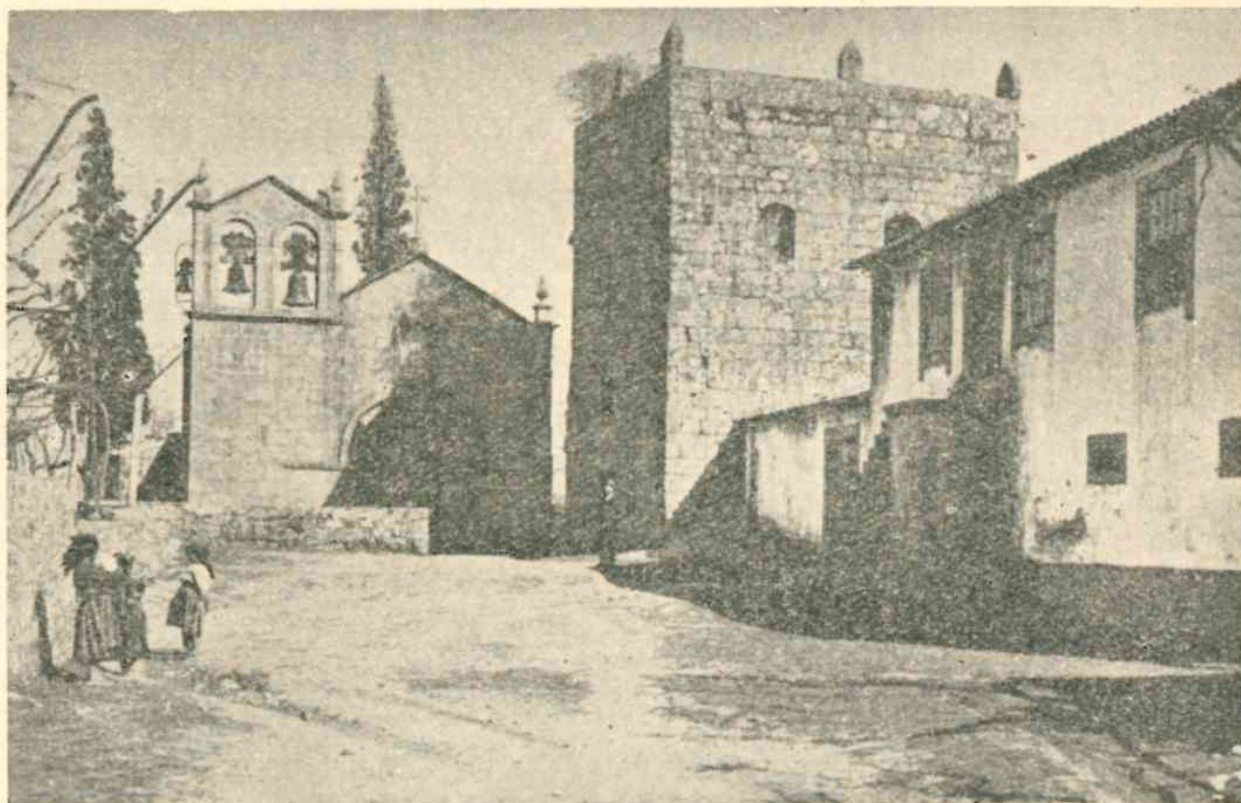
Este é uma velha memória. Fundado por S. Martinho de Dume, sofreu com as invasões dos árabes, tendo sido modificado depois da restauração visigótica, por D. Soeiro Guedes da Várzea. Era beneditino, e teve couto dado por D. Afonso Henriques a 6 de Julho de 1126, quando, ainda infante, se encontrava com sua mãe D. Teresa no Castelo de Faria.

Tinha o couto limites desaforados que incluíam não só Manhente, mas parte de S. Veríssimo do Tamel, Santa Maria de Galegos e S. Vicente de Areias. Era seu alcaide mor, capitão mor, coudel mor, com direito a certas nomeações, o reitor do convento de Vilar de Frades. Esta circunstância vinha de velhas usanças, por causa de graves discórdias que não honraram os conventos de Manhente e Vilar de Frades.

O golpe mortal veio ao primeiro, quando, depois de reduzido a abadia secular em 1403, o papa Nicolau V, a pedido da rainha D. Isabel, o uniu ao de

Vilar de Frades, do outro lado do Cávado. Reservou a independência enquanto fosse vivo o seu abade de então, o que pouco valeu, pois, à sua morte, para cumprir-se o estipulado, houve mosquitos por cordas.

Como Vilar de Frades estivesse desavindo com o Arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, voltou este prelado a prover a abadia de Manhente com o abade Diogo Afonso, tendo, só à morte deste, o novo Arce-



Igreja de Manhente com a sua torre fortaleza

bispo D. Luís Pires feito cumprir a bula de Nicolau V, tomando Vilar de Frades posse de Manhente e seu couto, em 1480.

Hoje resta a velha torre fortaleza e alguns vestígios romanos na sua igreja, sobretudo constituídos pelo pórtico de quatro arquivoltas, apoiadas em colunas com capitéis historiados.

É curiosa a pedra que se encontra do lado direito do pórtico por contar uns dizeres mais velhos que a nossa nacionalidade: *Fez mestre Gondizalves na era de MC25V—1125—*.

Galegos — S. Martinho

É esta uma das freguesias servidas pela estrada em que vamos, cuja principal actividade consiste, precisamente, na fabricação de louça grossa de barro, e bonecada, conhecida entre os fabricantes por *figurado*. Não só há os estabelecimentos próprios para tal fabrico, mas ainda muitas famílias têm-no por afazer constante em suas casas de habitação.

S. Vicente de Areias

Aqui é fabricada a louça de Barcelos. Pelo seu volume e qualidade merece, não obstante as demais terras que a produzem, ter aqui a sua sede. Louça artística como jarros, bilhas, estatuetas, desde tempos remotos aqui é fabricada.

Já em 1706 o P.^e Carvalho a citava com louvor na sua «Corografia Portuguesa».

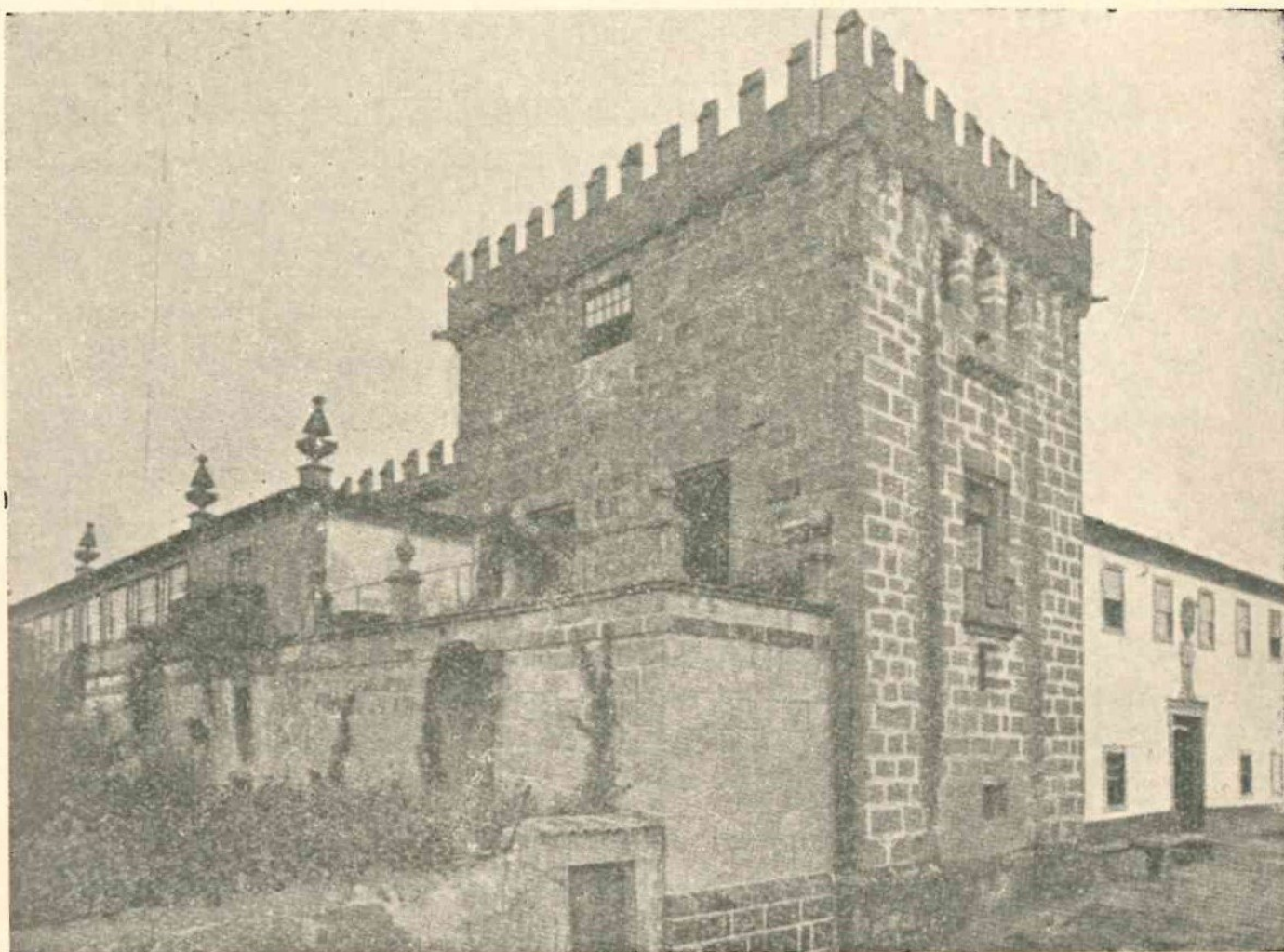
Esta freguesia marginando o Cávado, tem do outro lado a sua homónima Areias de Vilar. Às duas veio o nome dum grande areal que o rio aí possui, nome este susceptível de originar confusões.

Lama

No trajecto que seguimos e em último lugar antes de entrarmos no concelho de Vila Verde, citaremos esta freguesia como centro de produção de tubos de grês, fabricando também a louça grossa de barro vidrado.

Não terminaremos a digressão sem nos referirmos ao

Solar dos Azevedos. Nesta freguesia da Lama situado, de sua fidalguia nos dão testemunho as crónicas mais autorizadas.



LAMA — Solar dos Azevedos

Citaremos de entre alguns dos seus fidalgos D. Paio de Azevedo, combatente na conquista de Sevilha, (1248) D. Vasco Pais e D. Conçalo Vasques de Azevedo, combatentes do Salado, (1340), D. Lopo Dias de Azevedo, combatente e armado cavaleiro por D. João I em Aljubarrota, (1385) e participante com seus filhos da tomada de Ceuta em 1415, Martim Lopo Azevedo, armado cavaleiro em Ceuta e morto com seu filho na expedição a Tânger, (1434). Foi nobre cavaleiro dos Doze de Inglaterra.

Terminamos, lembrando que ao referido solar se acolheu, após a derrota de Alcântara, D. António, prior do Crato.

V

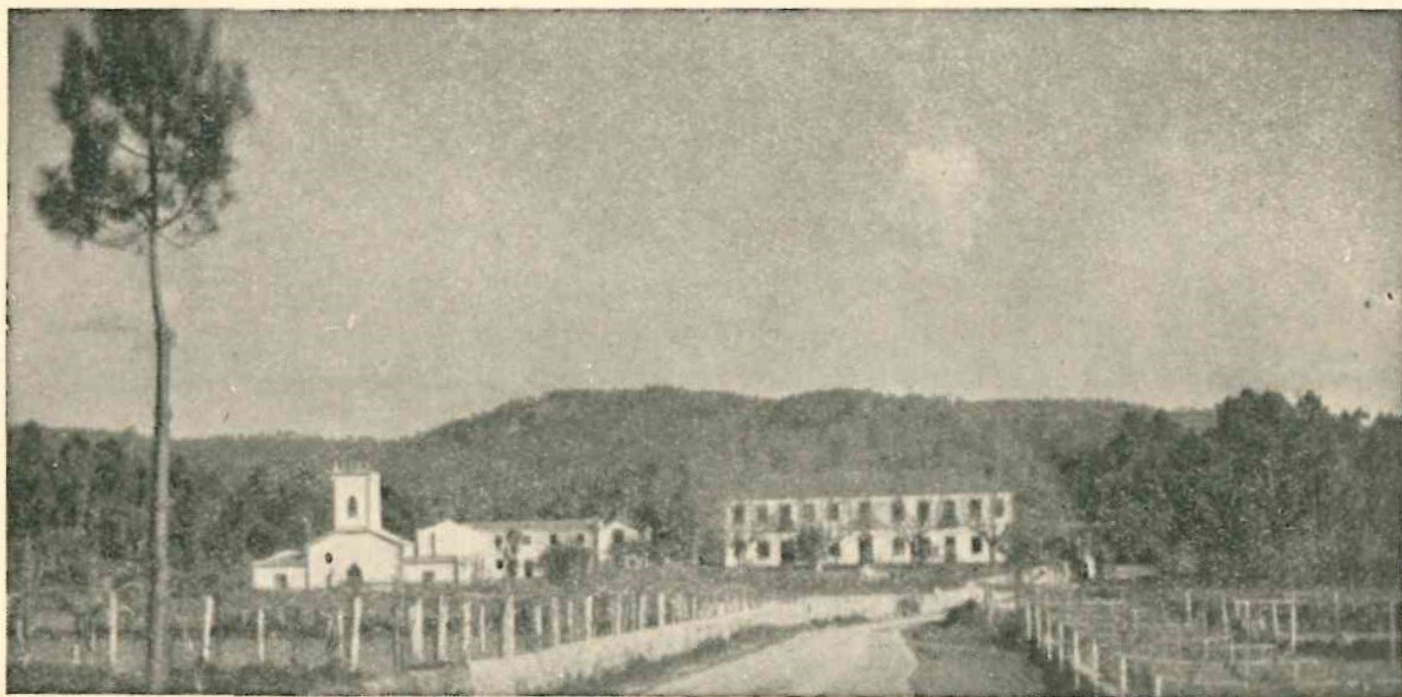
Barcelos a Ponte de Lima (por Freixo)

Caldas do Eirogo e de Lijó; Citânia de Roriz

Uma estrada, em razoável mau estado, liga as terras de que nos estamos ocupando. Toma-se o nordeste do Campo da Feira, pela Avenida Alcaides de Faria até junto da igreja dos Terceiros — dos Capuchinhos — no chamado Campo da Liberdade. Deixado ele e seguindo com a liberdade que já trazíamos, aparece, um pouco adiante e à direita, um estradão para as Caldas do Eirogo.

De águas sulfúreas, mineralizadas pelo ácido sulfídrico, pouco alteráveis e boas para tratamento de moléstias herpéticas e estomacais. Nascem frias e, aquecidas em caldeiras, abastecem as tinas dos banhos. As suas propriedades terapêuticas têm sido muito apregoadas por nomes que fizeram cartaz. Citarei o Doutor António José Lopes que fora lente da Escola Médica do Porto, Dr. Pereira Caldas, professor do liceu de Braga e analista das mesmas águas por ordem do Governo em 1867, Schiappa de Azevedo, F. G. Klass, eng. de minas, José Júlio Rodrigues, químico, a que afirmou serem as melhores águas minerais do reino.

Paulo Leal escreveu que «se estas águas fossem em um reino que tivesse autoridades mais solícitas, seriam famosas em toda a Europa, e com a fonte inigualável de riqueza pública».



Caldas do Eirogo

Falou-se em canalizá-las até Barcelos e aí fazer-lhe conveniente aproveitamento.

Tem balneário com banheiras de 1.^a, 2.^a e 3.^a classes, inalações e duches. Existe ainda uma pensão.

E, já que falamos de águas, não passemos em branco as

Caldas de Lijó

Do nome da terra onde se encontram. São iguais às do Eirogo, mas jazem num completo abandono, estando em ruínas o seu balneário.

Nesta mesma freguesia existe a chamada

Fonte do Leite ou Fonte de Ramos

Não se chamam assim porque delas brote leite, mas porque têm a propriedade extraordinária de curar as mulheres a quem falte este alimento para amamentar os filhos. E conta-se que vêm de longe buscar remédio a esta fonte e que tomam com *apreciáveis resultados*. Algumas só lá iriam se a fonte deitasse vinho! Não se ofenda o sexo fraco porque nisso fica muito áquem das proezas do forte no qual abundam típicos exemplares de «los borrachos», de mestre Ibañez.

Se, depois do Eirogo, retormamos a estrada para S. Julião de Freixo, passaremos em Roriz, grande freguesia deste concelho de Barcelos. Embora dela muito bem haja que dizer, teremos de nos contentar, apenas, com uma referência aos cestos de quatro asas aqui fabricados e dos quais já fizemos menção em «*Artigos Regionais*» e a *Citânia* ou *Eira dos Mouros* no alto da Portela de Roriz, constituída pelo monte do Facho e do Malvazinho.

Em eras pré-históricas e no tempo dos romanos teria existido aqui uma grande e bem defendida povoação. A tríplice muralha, os alicerces de casas circulares, traços de muros e caminhos, desenhos nas pedras e restos de cerâmica constituem sinais evidentes do primeiro aglomerado habitacional que naquele monte dominava o vale do Cávado. Com outros castros já referidos formaria o todo criador dos entrepostos de Barcelos e Barcelinhos, servidos pela barca do rio Celano,

em cujo tráfego estava grande parte do seu comércio de importação e exportação.

A estrada que seguimos entra, depois da ponte românica de Anhel, no concelho de Ponte do Lima.

S. Salvador do Campo, Quinta de Crestes Sá de Miranda

Uns dois quilómetros depois de termos deixado, por esta estrada o Campo da Liberdade, na Cidade. existe, pela esquerda, uma estrada que, passando por Lijó, S. Salvador do Campo e Tamel (S. Fins) liga as que servem esta e a digressão seguinte.

A Lijó me referi, e não devo passar Campo sem duas palavras, tanto mais que é a terra onde me encontro, presentemente.

Mas a razão maior não será esta; é que existe nela uma quinta—Quinta de Crescente, depois Casa de Crestes—. Nesta Casa viveram os Avós de Sá de Miranda e nela nasceu seu pai Gonçalo Mendes de Sá. Ainda no ano de 1600 andava na família do Poeta. Hoje pertence ao Snr. Dr. Alberto Campos de Magalhães Barros.

VI

Barcelos a Ponte do Lima (por Balugães)

Recolhimento, Casa de Saúde, Cadeia, Igreja Românica de Balugães, Templo da Senhora da Aparecida

A norte do campo do feira e no prolongamento da Avenida Dr. Oliveira Salazar começa, sob a designação de Rua Dr. Manuel Pais, a estrada que, pouco adiante se ramifica para Viana do Castelo e Ponte do Lima. Até à separação é comum, portanto, às duas citadas terras, e neste pedaço encontramos já motivos dignos de referência:

Recolhimento Menino Deus

É o primeiro, e que se deve à iniciativa duma escrava — a preta Vitória — ao serviço dum mercador de Barcelos, em tempos remotos. Essa escrava, tendo adquirido e colocado no estabelecimento do seu senhor uma imagem do Menino Deus, logo nele começou a ser venerada.

Foi transferida para a Matriz e daí, por vontade de Vitória, que em 1725 obtivera licença do Arcebispo

de Braga para construção de capela própria, foi trasladada em 1733, com grande festa a que não faltou tou-rada e outros números de regosijo.

A referida escrava foi mais longe nas realizações, pois, construiu, não bem uma capela, mas uma igreja e um recolhimento para educação de meninas pobres, fim que ainda hoje conserva.

Internato de Meninas Pobres

As suas setenta e uma educandas, além da instrução primária são preparadas em todos os trabalhos domésticos próprios de uma dona de casa, seguindo um curso de formação feminina que as tornará aptas a serem, no dia de amanhã, esposas e mães, úteis à Sociedade e à Pátria.

Além disso, procura-se preparar cada uma para poder exercer uma profissão, segundo a sua capacidade. Umas seguem o curso do Magistério Primário, outras o de Enfermagem.

Tem jardim infantil com duzentas crianças

Patronato das raparigas pobres com vinte e seis crianças;

Casa de trabalho, com trinta e duas operárias;

Sopa dos pobres — distribuição diária de setenta sopas e pão.

Há, além disso, o ensino de catequese para as crianças das Escolas o qual funciona todo o ano e todos os dias, preparando para a comunhão particular e solene.

No verão, tem as colónias de férias, não só das internas, como de um grupo dos pequeninos do jardim infantil e da cidade.

Casa de Saúde S. João de Deus

Um pouco mais adiante do Recolhimento e ainda na mesma mão encontra-se, por detrás dum grande e bem cuidado jardim, o elegante frontispício deste vasto estabelecimento para doentes mentais.

Cadeia Comarcã

Quase em frente à Casa de Saúde S. João de Deus fica a cadeia comarcã. Não é de todo um motivo turístico nem tão pouco, na concepção profana, um centro de visita. Se a ela nos referimos, fazemo-lo para evidenciar a nunca desmentida caridade dum ilustre filho de Barcelos que, na estranja, amealhando grosso pecúlio, com ele soube criar tesoiros para a vida eterna e juntar riquezas que pôs a salvo da ruína deste mundo. Esse barcelense ilustre foi o comendador Paulo Felisberto da Fonseca.

A ele se deve o moderno e confortável edifício. Talvez não fique bem o chamar-lhe confortável por se tratar duma cadeia, mas a verdade é que ele resume condições susceptíveis de criar nos pobres delinquentes a ideia de que ali não estão abandonados pela sociedade, mas retirados dela, enquanto se curam do mal que os atormenta. Não são uns proscritos sem possibilidades de voltarem ao bom caminho. Tudo os favorece, até a privação da liberdade para que de novo a saibam apreciar quando a ela voltarem. Para tanto se esforçou o comendador Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca que erguendo esse belo edifício, o dotou com grandes dormitórios, casas de banho, enfermarias, oficinas, secção para menores, aposentos para presos de

categoria social, tudo bem mobilado e arejado, estendendo-lhe para o interior uma grande cerca, onde os reclusos podem ocupar parte do seu tempo, respirar ar puro e viver ao sol.

Quinta de Santa Maria

Prosseguindo para além da Casa de Saúde e Cadeia, do lado da primeira encontra-se a bela quinta de Santa Maria, com culturas esmeradas e criações de raça.

Segue agora, à direita, a estrada para Ponte de Lima. Em relativo bom estado até ao alto do Tamel, aí melhora, em face de se tornar de asfalto até ao fim. Atravessa diversas povoações, passa sobre o túnel da linha férrea do Minho, e que tem 230 metros de comprimento.

Sobrepondo o Neiva, chega a Balugães, terra em que vamos demorar um pouco.

Igreja de Balugães

Ligeiramente adiante do cruzamento desta estrada com outra que de Vila Verde segue para Viana está a igreja da freguesia, antiquíssima igreja romana.

É pequena e, a sua frente, com rosácia e pórtico romano de três arcos sobrepostos, ostenta uma galilé ou alpendre, sustentado por oito colunas lisas com capitéis iguais. Tem cornija sustentada por cachorrões lisos. É raro nela exercer-se o culto, devido a este haver passado para o Santuário de N.^a Senhora da Aparecida.

Santuário de Nossa Senhora da Aparecida (Balugães)

Lembra este majestoso templo a primeira aparição de Nossa Senhora em Portugal. Vale a pena transcrever o que dizem as velhas crónicas sobre tão maravilhoso acontecimento.

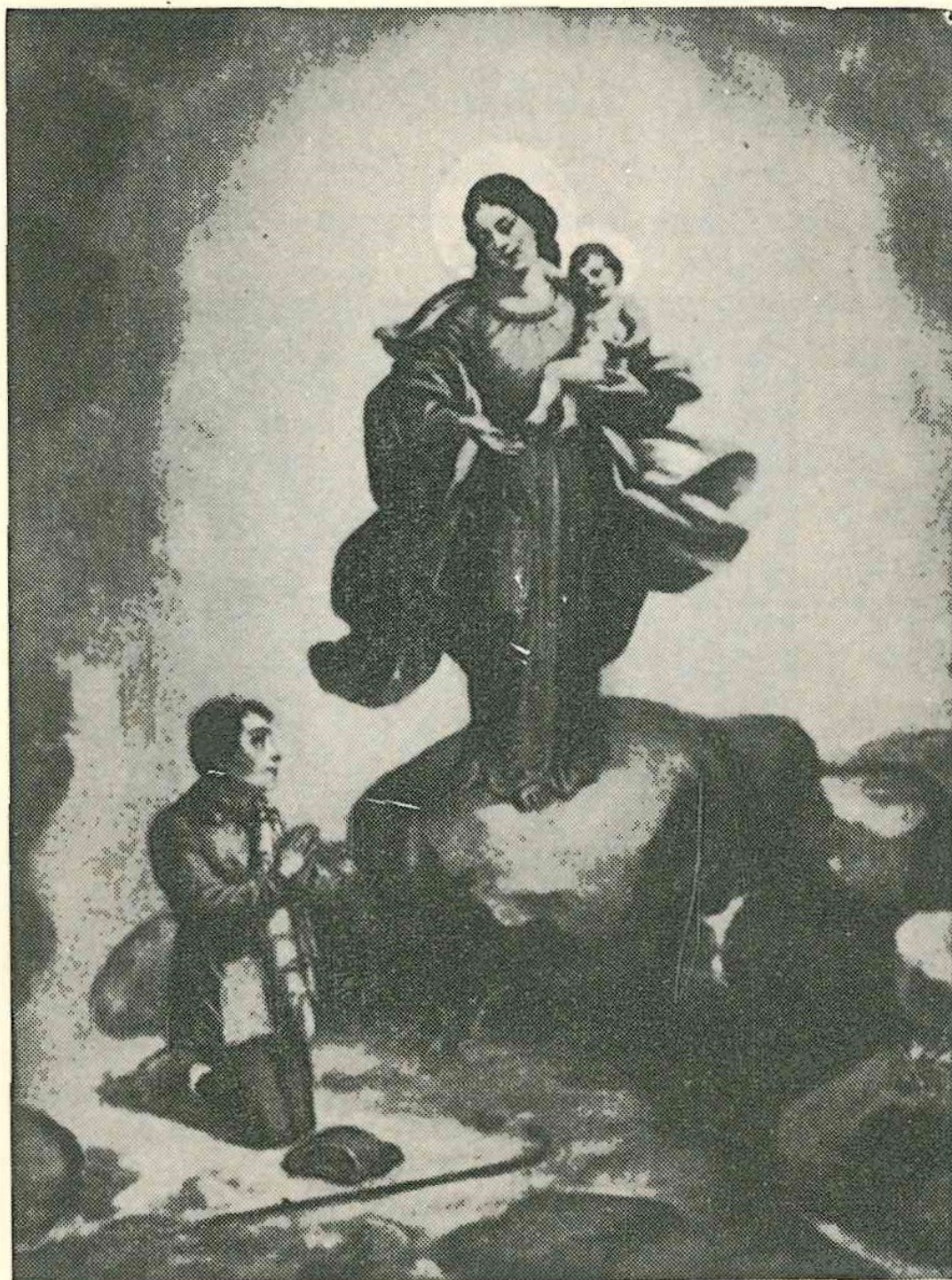
«No termo da Vila de Barcelos, junto à estrada que vai da cidade de Braga, para a vila de Viana, se



Capela construída no local da Aparição

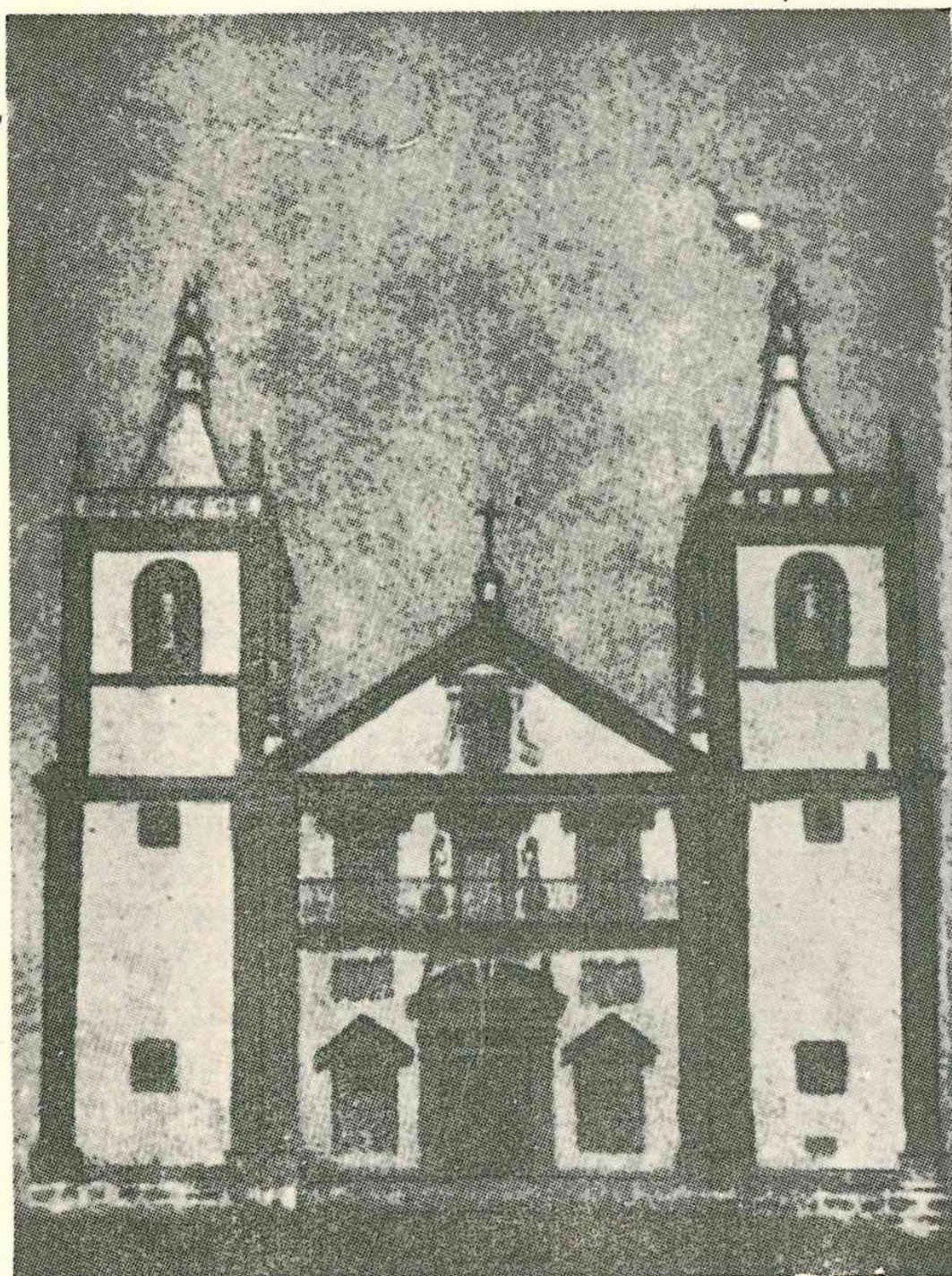
vê em um monte, não muito alto, o Santuário de Nossa Senhora da Aparecida, porque se dignou a Mãe de Deus de se manifestar e aparecer em o ano de 1702 a um cândido e simples moço e tanto que nem sabia benzer-se nem rezar o Padre Nosso; era este moço

filho de um pedreiro que se chamava (porque já é defunto) André Alves, natural e morador na freguesia de S. Bento de Balugães que é abadia.



Nossa Senhora da Aparecida

Referem que aparecendo a Senhora a este moço (que se chamava João e agora João de Nossa Senhora Aparecida) lhe mandara dissesse a seu pai lhe erigisse naquele lugar em que lhe apareceu, uma ermida.



Santuário de Nossa Senhora da Aparecida



**Imagem de Nossa Senhora da Aparecida
que se vê no altar-mor do Santuário**

Não fez André Alves caso do que o filho referia porque o não julgava capaz nem merecedor de tão grande embaixada.

Como não crido, o cândido e singelo moço, nem do pai, nem dos moradores da sua freguesia, recorreu à piedosa Mãe dos pecadores, porque a favor deles se digna de revelar os seus segredos aos pequeninos. A Senhora o consolou dizendo-lhe que ela disporia o ser crido na sua embaixada; e o sinal que a Senhora deu foi o perceber-se um celestial e milagroso cheiro que se reconhecia exalar um pe-

nedo sobre o qual a Senhora se lhe manifestou. Com este misterioso sinal e com os toques da divina graça se acendeu a fé e a devoção, e o pai movido já dos rogos do filho e também de algumas experiências que havia feito resolveu levantar à Senhora uma ermida com as esmolas que pediram para a sua fábrica» (1).

E continua a registar o desenvolvimento material e espiritual que a igreja e a devoção atestam.

Vejamos o que diz a tradição popular conservada pelos velhos de Balugães:

Foi numa tarde de Agosto de 1702. Um pequeno pastor, de nome João, guardava o seu rebanho no monte de Castro, de Balugães. Desencadeia-se medonha trovoada que, amedrontando o rapazito, leva-o a deixar o rebanho e acolher-se debaixo dum penedo.

Neste transe da aflição lhe aparece em meio de suavíssima luz a Senhora que lhe pergunta porque chora. Ele, que até então fora mudo desde o nascimento, consegue desprender a língua e falar, dizendo ser do susto e medo. Consolou-o a Senhora e mandou-lhe que fosse dizer ao pai, que era pedreiro, para lhe fazer ali uma capelinha. O pai não acreditou, porém, nem se impressionou muito com o facto do filho agora falar.

No dia seguinte, de novo o pastor vai com o rebanho, e quando a fome o apertou, de novo se pôs a chorar. Apareceu-lhe novamente a Senhora, lembrando o pedido da véspera, e para prova e auxílio do moço em quem o pai não acreditava, transformaria as migalhas de ruim pão do seu alforge em pedaços de saboroso e alvíssimo pão, como encheria do mesmo alimento o forno vazio de sua casa. Tudo se operou, mas o pai (que se chamava André) não compreendia como a Senhora lhe deu pão e não o dinheiro para a ermida ou, ao menos, para as suas necessidades. E foi-se dilatando na execução do pedido.

Mas um dia em que ele trabalhava na Ponte de Barcelos (2) caíu de grande altura e, teria morrido se não fosse a miraculosa

(1) Frei Agostinho de Santa Maria — Santuário Mariano, vol. IV pág. 220, Edição de 1712. Escrito em 1709.

(2) Em algumas reparações.

intervenção da Senhora, salvando-o. Resolveu-se então a construir a capelazinha que com as muitas esmolas em pouco tempo permitiu a construção do santuário.

Tem este santuário duas torres e, entre elas, três rasgados janelões com varanda corrida, em ferro. Na



Imagem primitiva que foi venerada na capelinha, hoje chamada do Senhor Passos

parte superior do frontispício ostenta um nicho com a imagem de Nossa Senhora da Aparecida e abaixo dos referidos janelões tem, uma de cada lado, duas pedras com inscrições.

Dentro tem trabalho de valor como a talha da majestosa tribuna, em estilo barroco com a imagem de Nossa Senhora da Abadia ao centro. Por estranho que pareça presidir ao templo a imagem sob esta invocação, tem ela duas explicações, sendo uma de ordem topográfica e outra, parece que de ordem económica.

A primeira consiste na conveniência de não ser retirada a imagem da Senhora da Apare-

cida da sua capelinha, que é em frente ao Santuário e voltada para este, no lugar onde houve a aparição e a

segunda estará, segundo se afirma, numa causa mesmo humana e, vá lá, pouco de acordo com a largueza do reino de Deus e protecção universal de Sua Santíssima Mãe: na concorrência que pretenderiam fazer à grande festividade realizada no mesmo dia, à Senhora da mesma invocação no santuário da Abadia, em Bouro, do concelho de Amares.

Mas, há uma terceira explicação:

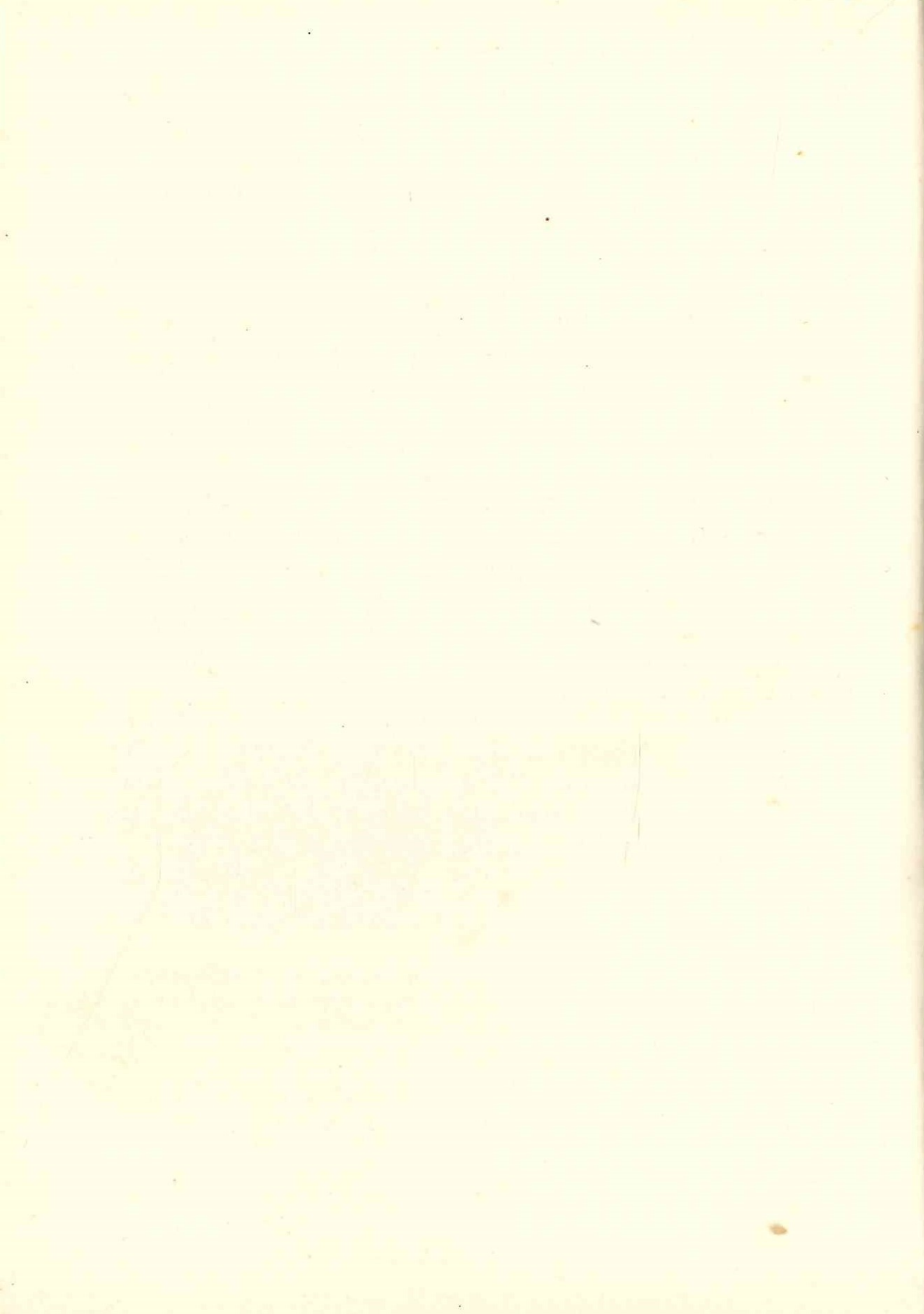
Tendo sido tirada a imagem da capelinha e posta no santuário, esta, por milagre (ou por curiosa maroiteira, apareceu inexplicavelmente no seu primitivo lugar.

Se não é verdade, é bem achado.

O novo templo, como vimos, não desfez a capelinha primitiva. Existe, no entanto, uma terceira capela, muito pequena, por detrás da outra e sobre um penedo, o da aparição, ostentando a imagem do Senhor dos Paços.

Entre as duas há um estreito e baixo corredor, cavado na rocha, com a tradição de só poder passá-lo quem estiver em graça.

Dá acesso a este aprazível lugar donde se divisa um vastíssimo panorama, um grande escadório, ladeado por velhas árvores que lhe emprestam acolhedor ornamento de sombra e frescura, bem apreciadas na sua festa, a 15 do mês de Agosto, de cada ano.



VII

Barcelos a Viana do Castelo

Igreja Românica de Abade do Neiva, Penedo do Ladrão, Sobreiro do Rei

Ligadas estas duas cidades por magnífica estrada a paralelo, distam entre si uns 18 kms.

Saídos de Barcelos exactamente no mesmo sítio onde começou a viagem anterior — Jardim António Fogaça — passados os motivos também nela descritos até à separação que se verifica um pouco a norte da Quinta de Santa Maria, caminharemos agora para Viana do Castelo. Cerca de um quilómetro depois da bifurcação um letreiro assinala

Abade do Neiva

Uns metros, por um travessozito à direita, nos conduzirão a um largo espaçoso e adro da igreja românica — monumento nacional — que preside às funções religiosas da freguesia.

Não vimos descrevê-la, mas lembrá-la. Tem uma larga existência. Foi padroado real até 1301, passando então, por ordem de D. Diniz, a mestre Martinho, cónego de Braga e médico do rei. Por 1310 foi nela instituída uma colegiada com três capelães e um reitor. Passou mais tarde a abadia da apresentação da Casa de Bragança, em que ficou até 1834.

Erguida em local donde se pode admirar um vasto horizonte, é fundação da rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques, no ano de 1152.

Consta ter sido desejo desta Senhora levantar um convento para freiras, neste sítio, do que foi impedida



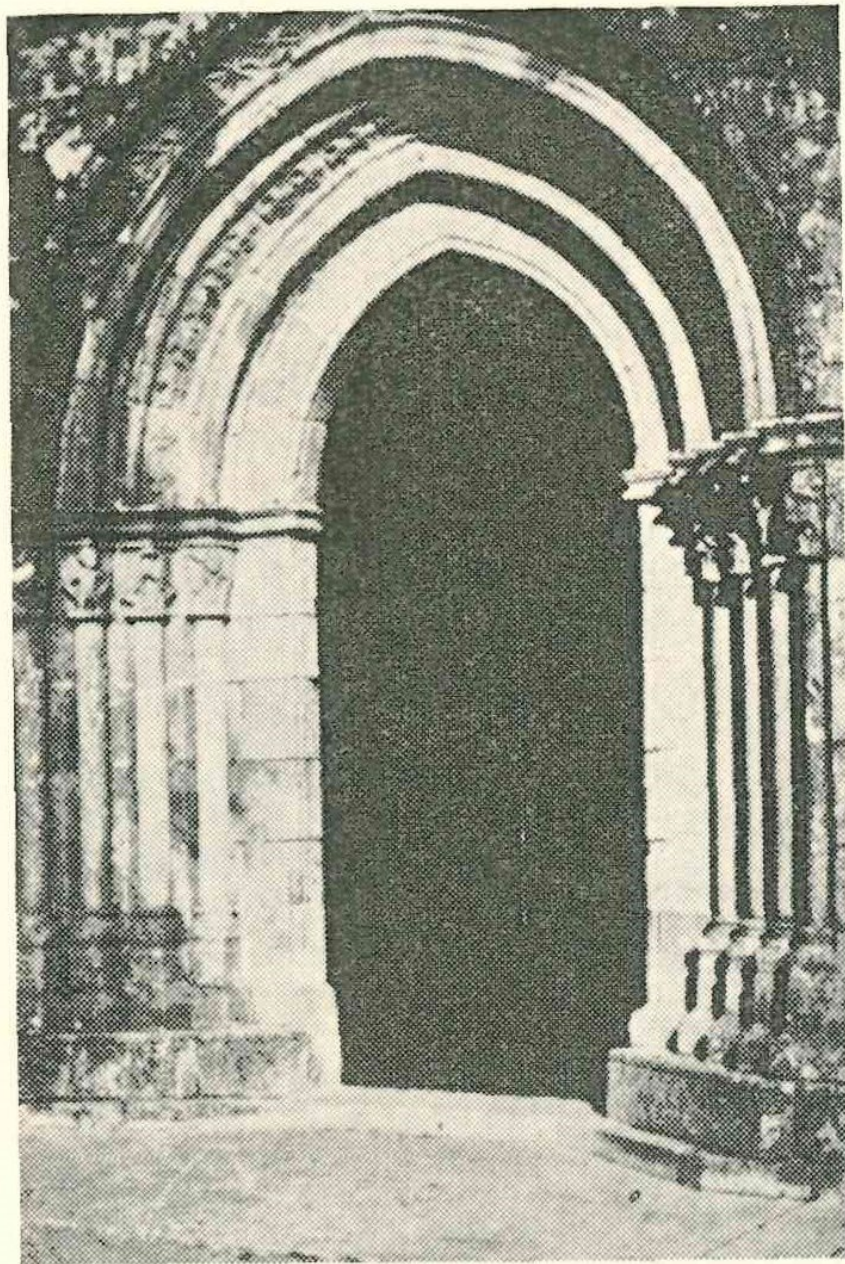
Igreja românica de Abade de Neiva com sua torre fortaleza

pela morte que mal deixou levantar a igreja do apete-cido mosteiro.

De estilo românico foi esta igreja restaurada, conservando hoje as suas linhas gerais de arquitectura.

De interesse, o seu pórtico de quatro arquivoltas, de arco apontado, sobre colunas lisas, com capitéis historiados.

Tem vestígios de alpendres laterais e de galilé no seu desafogado frontispício.



Pórtico da Igreja de Abade de Neiva

É célebre a torre fortaleza que se afirma datar do tempo do rei lavrador, D. Diniz. Os campanários são posteriores, pois julga-se que foram abertos por volta de 1737 para colocação de sinos. À data do presente trabalho acabam, tanto o templo como a torre, de passar por grandes obras de restauro.

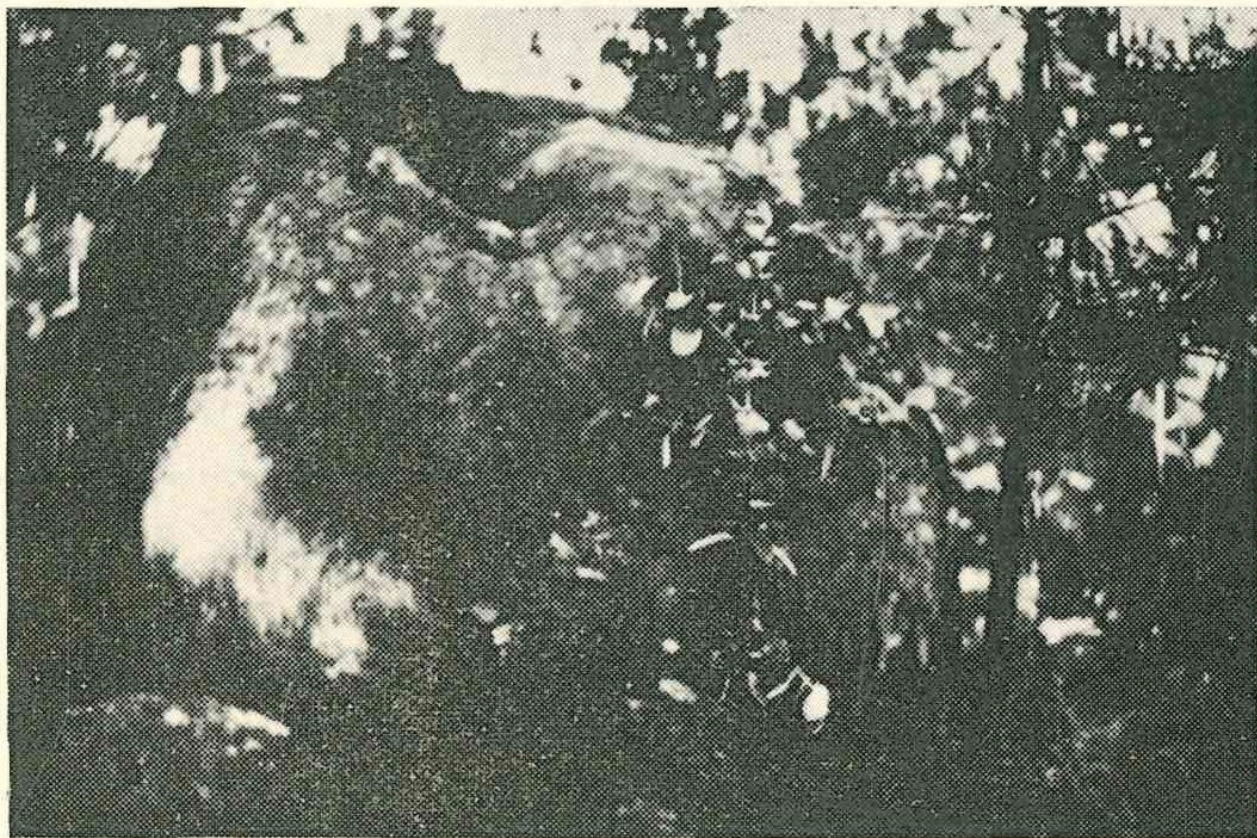
A casa da confraria, no lado norte, merece referência; nela se cumpria um legado, ora extinto, constante duma sardinha e pão a

cada pobre que, em certo dia, assistisse a determinado sufrágio. Bons tempos em que aos pobres se davam sardinhas!

Penedo do Ladrão

Cerca duns três quilómetros depois de Abade do Neiva, quando a estrada atinge o ponto mais elevado da subida, entra numa garganta formada pelo monte de S. Mamede e pelo da Portela do Ladrão.

Desviando nesta garganta e subindo uns metros do monte, acharemos a célebre memória do penedo assim chamado. É um grande bloco de granito com uma espécie de reentrância no cimo, assemelhando-se a cama, e donde o ladrão que o baptizou vigiava a presa.



Penedo do ladrão, vendo-se a cama donde ele vigiava a presa

É fama que, deitado de borco nessa cavidade, de arcabuz em punho, tomava boa nota de tudo quanto lhe passasse ao alcance da sua ladraresca gana.

O horizonte, hoje abafado pela vegetação, era um dos maiores do país, tornando-se, deste modo, fácil e cómoda ao célebre quadrilheiro uma rendosa colheita. Passava perto a estrada real do Porto a Santiago de Compostela, percorrida por nobres e plebeus que, como as diligências, eram presa fácil de assalto. Nela passaram as rainhas D. Mafalda, Santa Isabel, D. Maria II, o rei D. Manuel I, o príncipe D. Pedro e o Infante D. Luís, depois rei.

* * *

Segundo se conta, o malogrado gatuno da triste memória sucumbiu às mãos do sexo fraco. Uma mulher ia, de cesto à cabeça, levar o almoço ao homem, em trabalhos nas proximidades, quando lhe saiu o ladrão.

Ela, que mal ganhara para o susto, ofereceu-lhe a única coisa que lhe ocorreu e parecia aceitável no momento—a cabaça do vinho—.

O ratuço não se mostrou de cerimónias e, aproveitando a oferta, começou por entornar regaladamente nas goelas sedentas o vinho da cabaça. A mulher, rápida que nem gamo, enterrou a faca do pão no pescoço do valente que, por certo, já teria enfrentado perigos... maiores.

O Sobreiro do Rei

Seguindo na estrada, um pouco adiante da Portela do Ladrão, numa curva suave para a direita há um desvio, coberto de bela sombra, parte da qual é produzida por um sobreiro, não muito grande, mas com um pouco de história.

As maiores manobras do tempo da monarquia foram, ao que parece, as do reinado de D. Carlos, que tiveram por campo de operações os montes a norte de Barcelos, destacando-se entre outros, o dos Feitos e Aguiar.

Às manobras presidiu o rei D. Carlos que levantou tenda junto do sobreiro, próximo da estrada real, sobreiro que ficou conhecido por... sobreiro do rei.



Sobreiro do Rei

Quando lá fui levado pela curiosidade, pude ouvir um homenzinho que me disse ter, juntamente com seu pai, dado água às tropas em manobras.

Segunda Invasão Francesa

Para confronto histórico, preambulemos um pouco.

Na segunda metade do séc. XVIII e primeiro quartel do XIX assombrou o mundo com seu génio irrequieto e poderio militar o corso Napoleão Bonaparte.

Aos vinte e sete anos comandava, na Itália, trinta e seis mil homens, aos trinta era cônsul e aos trinta e quatro, imperador dos franceses. Começou do nada, mas, porque havia nascido génio, fez uma carreira militar tão rápida como brilhante, a que não foi estranho o cáos em que jazia a França, após a sua Revolução.

Bateu inumeráveis exércitos, conquistou reinos, abateu tronos, humilhou estados e derrubou imperadores. A sede de glória não lhe poupou ninguém. Portugal foi igualmente alvo da sua cobiça.

Por razões fáceis mandou invadir-nos sob as ordens de alguns dos seus melhores generais para que estes lhe levassem também esta pedra a encastoar na sua já riquíssima e esplendorosa coroa imperial. Por três vezes as suas tropas cá vieram, embora nunca tivessem sido compensadoramente sucedidas senão em espalhar ruína, miséria e pilhagem.

Barcelos pouco ou nada, comparativamente, sofreu. Alguns estigmas ficaram da segunda invasão por ter sido esta feita mais pelas suas proximidades.

Soult, impossibilitado de entrar por Valença, fê-lo por Chaves. Em breve chegou a Braga, e daí fez avançar, em três colunas, as tropas para o Porto.

Ele próprio comandou a que seguia por Famalicão, dando a chefia da que caminhava por Guimarães a Mermet, e a Lorge, a da que seguia por Barcelos à ponte do Ave. Esta não teve trabalho de maior nem mesmo

o deu, salvo na repressão a guerrilhas isoladas que lhe saíam ao encontro.

Barcelos tentou organizar uma coluna que enfren-
tasse os invasores, mas não chegou a fazê-lo. A cidade
viu-se depressa ocupada, e o seu hospital, mobilizado
para recolha dos feridos de Lorge, e onde efectiva-
mente foram tratados, como consta dos seus registos.

Creixomil e os Franceses

Naquela localidade as guerrilhas impediram a pri-
meira tentativa de passagem para Esposende, o que
levou os franceses a buscar reforços deixados em
Barcelos e, na volta, a exercer bárbaras represálias,
escapando só a gente que pôde fugir. Em Mariz houve
uma brava escaramuça — outra coisa não era possível
por falta de tropas regulares — em que os franceses tive-
ram alguns soldados mortos junto à quinta de Argemil.

Do espólio das baixas fazia parte uma caixa que,
a coberto da noite, um lavrador recolheu e abriu na
mira de... tesouros roubados. Mas para seu espanto,
achou grande soma de... ferraduras, cravos e instru-
mentos de ferrador, ofício exercido no destacamento
pelo gaulês abatido.

VIII

Barcelos a Esposende

Vila Cova, Convento do Banho, Convento de Palme

Perpendicularmente à rua Barjona de Freitas e pelo lado sul do mercado diário parte a estrada para Esposende, distante uns 13 kms.

Sofrendo nesta data uma grande reparação, ela liga Barcelos com o mar, a curta distância, portanto.

Uma derivada permite-nos passar pelo maior centro agrícola do concelho — Vila Cova — que é também a maior freguesia de Barcelos.

Convento do Banho

Tem Vila Cova anexa a extinta freguesia do Banho, célebre pelo seu convento, de fundação bem anterior à da nossa nacionalidade e que pertenceu, de início, à ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.

«Exemplar formosíssimo da arquitetura romana», teve uma longa e decadente via sacra, acentuada depois da extinção das ordens religiosas, semelhantemente ao que aconteceu com muitos outros conventos. Da sua

cantaria se aproveitou quem pôde e quem quis, saindo muita para a paroquial de Vila Cova e para restauro da matriz de Barcelos. Pouco resta, mas esse pouco basta para atestar a existência dum próspero convento que as comendadorias, primeiro, e a lei da extinção, depois, reduziram a nada.

Convento de Palme

Situado na freguesia do mesmo nome e que confronta com a parte norte de Vila Cova, constitui outra memória bem digna das comendadorias, cujo estômago insaciável mungia suas vacas até ao sangue, e da febre *fradófaba* de 1834.

É também de fundação anterior à da nossa nacionalidade e pertenceu aos monges beneditinos.

Tinha couto, direitos de apresentação, grande cerca e uma boa livraria, talvez agora ilustrando estantes de algum... curioso.

O edifício e cerca foram arrematados por particulares, dando mostras ainda no que lhe resta, da grandeza de outrora.

ADITAMENTO

I

Comarca Antiga, Concelho Actual,

Barcelos tinha, em tempos afastados, bem diminuta extensão territorial.

Em sua volta, julgados, comarcas, coutos e honras lhe reduziam os limites à cidade e arrabaldes.

Ao norte estava o Couto de Tregosa e o Julgado de Aguiar do Neiva.

A nascente havia o Concelho de Prado que atingia o Ribeiro de Tamel nascido que é em Santa Leocádia do mesmo nome. Havia ainda o Couto de Manhente e de Vilar de Frades.

Ao sul estavam os julgados de Penafiel de Bastuço, de Faria, de Vermoim e o couto da Várzea.

A poente havia o couto de Palme e a comenda do Banho.

As justiças executavam-se no Castelo do Neiva, donde saíram para Barcelos no séc. XIV.

E parece que só depois disso Barcelos começou a crescer pela extinção daqueles julgados e coutos que lhe foram sendo anexos, a ponto de formar-se um concelho cujos limites iam desde o Lima ao Ave e desde Prado até ao mar.

E como comarca ainda foi maior, pois, sob a sua jurisdição encontravam-se vastas regiões, inclusive um bairro de Lisboa que foi, mais tarde, trocado pelas vilas de Pãos, Ois da Ribeira, Eixo, Vilarinho do Bairro com suas anexas.

Abrangia ainda em 1836 todos os concelhos, coutos e honras, desde o Vouga até Castro de Laboreiro. Assim, juntando às 193 freguesias do seu concelho propriamente dito as 103 do resto da comarca, attingia o n.º 296, o que tornava Barcelos a maior comarca do País.

A seguir e a título de curiosidade vão as freguesias que até 1836 formaram a Comarca de Barcelos.

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Abade do Neiva (1)	Santa Maria	Barcelos	Barcelos
Abade de Vermoim	» »	»	Famalicão, V. N.
Aborim	S. Martinho	»	Barcelos
Adães	S. Pedro	»	»
Aguiar	Santa Lucrécia	»	»

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Airó	S. Jorge	Barcelos	Barcelos
Aldreu	S. Tiago	»	»
Alheira	Santa Marinha	»	»
Alhões	S. Pelágio	Ferreiros de Tendais	Sinfães—Viseu
Alvarães	S. Miguel	Barcelos	Viana do Castelo
Alvarenga	Santa Maria	Louzada	Louzada
Alvelos	S. Lourenço	Barcelos	Barcelos
Alvito	S. Martinho	»	»
Alvito	S. Pedro	»	»
Amorim	S. Tiago	»	Póvoa de Varzim
Anha	»	»	Viana do Castelo
Arcos	S. Miguel	»	Vila do Conde
Arcoselo	S. Mamede	Portela de Penela	Barcelos
Arcoselo	»	Barcelos	Vila Verde
Ardegão	Santa Maria	»	Ponte de Lima
Areias de Landim	S. Tiago	»	Famalicão, V. N.
Areias S. Vicente	S. Vicente	»	Barcelos
Areias de Vilar	S. João	»	»
Argivai	S. Miguel	»	Vila do Conde
Arnosinho	Santa Eulália	?	?
Arnosó	Santa Maria	Barcelos	Louzada
Arnosó	Santa Eulália	»	Famalicão, V. N.
Aveleda	D.º Salvador	Louzada	Louzada
Aves	S. Miguel	Barcelos	Famalicão, V. N.
Avidos	S. Martinho	»	»
Baltar	Santa Maria	Baltar	Paredes
Bagunte	»	Barcelos	Vila do Conde
Bairro	S. Pedro	»	Famalicão, V. N.
Balazar	Santa Eulália	»	Vila do Conde
Balugães	S. Martinho	»	Barcelos
Banho	D.º Salvador	»	extinta
Barbudo	»	Vila Chã	Vila Verde
Barcelinhos	Santo André	»	Barcelos
Barcelos	Santa Maria	»	»
Barqueiros	S. João Baptista	»	»
Bastuço	Santo Estêvão	»	»
Bastuço	S. João Baptista	»	»

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Beire	S. Miguel	Louzada	Louzada
Beiriz	Santa Eulália	Barcelos	Vila do Conde
Belinho	S. Pedro	»	Esposende
Bente	D.º Salvador	Landim	Famalicão, V. N.
Bitarães	S. Tomé	Louzada	Louzada
Brufe	S. Martinho	Barcelos	Famalicão, V. N.
Bustelo	S. João	Ferreiros de Tendais	Sinfães—Viseu
Cabeçudos	S. Cristóvão	Barcelos	Famalicão, V. N.
Cabreiros	S. Miguel	»	Braga
Calendário	S. Julião	»	Famalicão, V. N.
Cambezes	S. Tiago	»	Barcelos
Campo	D.º Salvador	»	»
Carapeços	S. Tiago	»	»
Carreira	S. Miguel	»	»
Carreira	S. Tiago	Landim	Famalicão, V. N.
Carreiras	S. Miguel	Vila Chã	Vila Verde
Carreiras	S. Tiago	»	»
Casais	S. Paio	Louzada	Louzada
Carvalhal	»	Barcelos	Barcelos
Carvalhas	S. Martinho	»	»
Carvoeiro	Santa Maria	»	Viana do Castelo
Castelo do Neiva	S. Tiago	»	»
Castelões do Neiva	»	»	»
Castro de Laboreiro	S. ^a da Visitação	Castro de Laboreiro	Melgaço
Cavalões	S. Martinho	Barcelos	Famalicão, V. N.
Cernadelo	S. Tiago	Louzada	Louzada
Chavão	S. João Baptista	Barcelos	Barcelos
Chaviães	S.ta Maria Madalena	Melgaço	Melgaço
Chorente	S. Miguel	Barcelos	Barcelos
Correlhã	S. Tomé	Correlhã	Ponte de Lima
Cossourado	S. Tiago	Barcelos	Barcelos
Courel	S. Martinho	»	»
Couto	S. Tiago	»	»
Crasto	Santa Maria	Castro de Laboreiro	Melgaço
Creixomil	S. Tiago	Barcelos	Barcelos
Cristelo	D.º Salvador	»	»
Cristelos	Santo André	Louzada	Louzada

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Cristoval	S. Martinho	Melgaço	Melgaço
Crujães	Santa Comba	Barcelos	extinta
Cruz	S. Tiago	»	Famalicão, V. N.
Curvos	S. Cláudio	Esposende	Esposende
Dantas	S. Paio	Barcelos	Esposende
Dantas	S. Tiago	»	»
Darque	S. Sebastião	»	Viana do Castelo
Delães	D.º Salvador	»	Famalicão, V. N.
Deu-criste	S. Mamede	»	Viana do Castelo
Doçãos	Santa Maria	Vila Chã	Vila Verde
Duas Igrejas	»	Portela de Penela	» »
Durrães	S. Lourenço	Barcelos	Barcelos
Eixo	Santo Izidoro	Vila d'Eixo	Aveiro
Encourados	S. Tiago	Barcelos	Barcelos
Entre Ambos os Rios	S. Bartolomeu	»	Famalicão, V. N.
Ermida do Douro	S. Pedro	Fer. de Tendais	Sinfães—Viseu
Escariz	S. Mamede	Portela de Penela	Vila Verde
Escariz	S. Martinho	»	» »
Esmeriz	»	Castelo de Paiva	Arouca
Esposende	S.ta Maria dos Anjos	Esposende	Esposende
Esqueiros	S. Pedro	Vila Chã	Vila Verde
Estela	Santa Maria	Barcelos	Póvoa de Varzim
Fão	S. Paio	Barcelos	Esposende
Faria	Santa Maria	»	Barcelos
Feitos	S. Tiago	»	»
Ferreiró	S. Marinha	»	Vila do Conde
Ferreiros de Tendais	S. Pedro	Fer. de Tendais	Sinfães—Viseu
Fonte Boa	D.º Salvador	Barcelos	Esposende
Fonte Coberta	S. Romão	»	Barcelos
Forjães	Santa Marinha	»	Esposende
Formariz	S. Pedro	?	?
Fornelos	D.º Salvador	Barcelos	Barcelos
Fornos	S. Pelágio	Castelo de Paiva	Arouca
Fradelos	Santa Leocádia	Barcelos	Famalicão, V. N.
Fradelos	S. Martinho	»	Braga
Fragoso	S. Pedro	»	Barcelos

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Freixo	S. Julião	Barcelos	Ponte de Lima
Friestelas	S. Martinho	»	» »
Galegos	Santa Maria	Barcelos	Barcelos
Galegos	S. Martinho	»	»
Gamil	S. João Baptista	»	»
Gandra	S. Martinho	»	Esposende
Gavião	S. Tiago	»	Famalicão, V. N.
Gemeses	S. Miguel	»	Esposende
Gemunde	»	»	Famalicão, V. N.
Gilmonde	Santa Maria	»	Barcelos
Ginzo	S. Salvador	»	extinta
Goães	S. Pedro	Portela de Penela	Vila Verde
Godinhaços	Santa Eulália	»	» »
Goios	Santa Maria	Barcelos	Barcelos
Goim ou Gorim	S. Vicente	Louzada	Louzada
Gondifelos	Santa Maria	Barcelos	Famalicão, V. N.
Gondufe	S. Miguel	Gondufe	Ponte de Lima
Gralheira	N. S. da Graça	Fer. de Tendais	Sinfães—Viseu
Grimancelos	S. Mateus	Barcelos	Barcelos
Guardizela	Santa Maria	»	Guimarães
Gueral	S. Paio	»	Barcelos
Guisande	S. Miguel	»	?
Igreja Nova	Santa Maria	Barcelos	Barcelos
Jesufrei	S. Miguel	Barcelos	Famalicão, V. N.
Joane	D.º Salvador	»	»
Junqueira	S. Simão	»	Vila do Conde
Lagoa	D.º Salvador	Barcelos	Famalicão, V. N.
Lama	»	»	Barcelos
Lama	S. Miguel	»	Famalicão, V. N.
Landim	Santa Maria	Landim	»
Laundos	S. Miguel	Barcelos	Póvoa de Varzim
Leitões	S. Martinho	?	?
Lemenhe	D.º Salvador	Barcelos	Famalicão, V. N.
Lijó	Santa Maria	»	Barcelos
Lodares	Santa Marinha	Louzada	Louzada

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Lordelo	S. Tiago	Barcelos	Guimarães
Loureira	Santa Eulália	Vila Chã	Vila Verde
Louro	Santa Lucrécia	Barcelos	Famalicão, V. N.
Louzada	Santa Margarida	Louzada	Louzada
Louzada	S. Miguel	»	»
Louzado	Santa Marinha	Barcelos	Famalicão, V. N.
Macieira	Santo Adrião	Barcelos	Barcelos
Madalena de Vilar	Santa Maria	»	extinta
Manhente	S. Martinho	»	Barcelos
Mar	S. Bartolomeu	Esposende	Esposende
Marinhas	S. Miguel	»	»
Mariz	Santo Emilião	Barcelos	Barcelos
Marrancos	S. Mamede	Portela de Penela	Vila Verde
Martim	Santa Maria	Barcelos	Barcelos
Mazarefes	S. Nicolau	»	Viana do Castelo
Meinedo	Santa Maria	Louzada	Louzada
Midões	S. Paio	Barcelos	Barcelos
Milhazes	S. Romão	»	»
Minhotães	D.º Salvador	»	»
Mogege	Santa Marinha	»	Famalicão, V. N.
Mondim	S. Martinho	Ligada a Panque	Barcelos
Monte de Fralães	S. Pedro	Monte de Fralães	»
Moriz	S. Romão	Baltar	Paredes
Mouquim	S. Tiago	Barcelos	Famalicão, V. N.
Moure	Santa Maria	»	Barcelos
Mujães	» »	»	Viana do Castelo
Nabais	D.º Salvador	Barcelos	Póvoa de Varzim
Navió	» »	»	Ponte de Lima
Negreiros	Santa Eulália	»	Barcelos
Neiva	S. Romão	»	Viana do Castelo
Nespereira	S. João Evangel.	Louzada	Louzada
Nine	Santa Maria	Barcelos	Famalicão
Nogueira	Santa Cristina	Louzada	Louzada
Nogueira	S. Tiago	Nogueira	Cerveira, V. N.
Novais	S. Simão	Barcelos	Famalicão, V. N.
Novegilde	S. Veríssimo	Louzada	Louzada

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Novegilde Novelas	Santa Marinha D.º Salvador	Vila Chã Louzada	Vila Verde Louzada
Oliveira Oliveira do Douro Outeiro Outiz	Santa Eulália S. Miguel S. Martinho S. Tiago	Barcelos Fer. de Tendais Barcelos »	Barcelos Sinfães—Viseu Viana do Castelo Famalicão, V. N.
Paderne Palme Palme Palmeira Panque Parada Paradela Paraíso Passos Passos Pedome Pedorido Pedra Furada Pedregais Pereira Perelhal Pias Poiares Porta da Vila Portela Portela Portela Suzão Pousa Pousada de Saramagos Prado Priscos	S. Paio Santo André D.º Salvador Santa Eulália » » Santo André Santa Marinha S. Pedro S. Julião Santa Ana S. Pedro Santa Eulália Santa Leocádia D.º Salvador » » S. Paio S. Lourenço S. Tiago Santa Maria Santa Marinha D.º Salvador » » Santa Cristina S. Martinho S. Lourenço S. Tiago	Melgaço Barcelos » Esposende Barcelos » » Castelo de Paiva Barcelos Melgaço Barcelos Castelo de Paiva Barcelos Portela de Penela Barcelos » Louzada Barcelos Melgaço Barcelos Portela de Penela » Barcelos » Melgaço Barcelos	Melgaço Barcelos ? Esposende Barcelos Vila do Conde Barcelos Paredes Braga Melgaço Famalicão, V. N. Paredes Barcelos Vila Verde Barcelos » Louzada Ponte de Lima Melgaço ? Vila Verde » Barcelos Famalicão Melgaço Braga
Quintiães Quiraz	Santa Maria D.º Salvador	Barcelos »	Barcelos »

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Raiva	S. João	Castelo de Paiva	Arouca
Ramires	Santa Marinha	Fer. de Tendais	Sinfães—Viseu
Real	» »	Castelo de Paiva	Arouca
Regoufe	D.º Salvador	Barcelos	extinta
Remelhe	Santa Marinha	»	Barcelos
Remoais	S. João	Melgaço	Melgaço
Requião	S. Silvestre	Barcelos	Famalicão, V. N.
Riba d'Ave	S. Cristóvão	»	extinta
Riba d'Ave	S. Pedro	»	Famalicão, V. N.
Riba d'Ave	S. Fins	Landim	extinta
Ribeirão	S. Mamede	Barcelos	Famalicão, V. N.
Rio Covo	Santa Eugénia	»	Barcelos
Rio Covo	Santa Eulália	»	»
Rio Mau	S. Cristóvão	»	Vila do Conde
Rio Mau	S. Martinho	Portela de Penela	Vila Verde
Rio Tinto	Santa Marinha	Barcelos	Esposende
Roriz	S. Miguel	»	Barcelos
Rouças	Santa Marinha	Melgaço	Melgaço
Ruivães	D.º Salvador	Barcelos	Famalicão, V. N.
Sandeães	S. Mamede	Barcelos	Ponte de Lima
Santagões	S. Miguel	»	Vila do Conde
Sardoura	Santa Maria	Castelo de Paiva	Arouca
Sardoura	S. Martinho	» »	»
Seara	»	Correlhã	Ponte de Lima
Seide	S. Miguel	Barcelos	Famalicão, V. N.
Sequeira	Santa Maria	»	Braga
Sequeirô	S. Martinho	Larim	Famalicão, V. N.
Sequiade	S. Tiago	Barcelos	Barcelos
Serzedêlo	Santa Cristina	»	Guimarães
Sezures	S. Mamede	»	Famalicão, V. N.
Silva	S. Julião	»	Barcelos
Silvares	S. Miguel	Louzada	Louzada
Silveiros	S. João Baptista	Barcelos	Barcelos
Silvado	Santo André	»	?
Sobrado	Santa Maria	Castelo de Paiva	Arouca
Soutelo	S. Miguel	Larim	Vila Verde
Sub Arrifana	S. Tiago	Louzada	Louzada

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Sub Portela	S. Pedro	Barcelos	Viana do Castelo
Tadim	S. Bartolomeu	Barcelos	Braga
Tamel	Santa Leocádia	»	Barcelos
Tamel	S. Pedro Fins	»	»
Tamel	S. Veríssimo	»	»
Tebosa	D.º Salvador	»	Braga
Telhado	Santa Maria	»	Famalicão, V. N.
Tendais	Santa Cristina	Fer. de Tendais	Sinfães
Terroso	Santa Maria	Barcelos	Póvoa de Varzim
Touguinha	» »	»	Vila do Conde
Touguinhó	D.º Salvador	»	» »
Travassos	S. Martinho	Vila Chã	Vila Verde
Tregosa	Santa Maria	Barcelos	Barcelos
Turiz	» »	Larim	Vila Verde
Ucha	S. Romão	Barcelos	Barcelos
Vale	S. Cosme	Barcelos	Famalicão, V. N.
Vale	S. Martinho	»	»
Vandoma	Santa Eulália	Baltar	Paredes
Várzea	S. Bento	Barcelos	Barcelos
Vermoim	Santa Maria	»	Famalicão, V. N.
Viatodos	» »	»	Barcelos
Vitorino dos Piães	Santo André	»	Ponte de Lima
Vila Boa	S. João	»	Barcelos
Vilaça	Santa Cecília	»	Braga
Vila Chã	S. João	Vila d'Eixo	Esposende
Vila Cova	Santa Maria	Ois da Ribeira	Barcelos
Vila d'Eixo	Santo Izidoro	Vila de Paos	Aveiro
Vila d'Ois	Santo Adrião	Barcelos	Águeda
Vila de Paos	S. Pedro	Vila de Rates	Resende
Vila de Punhe	Santa Eulália	Vila do Conde	Viana do Castelo
Vila de Rates	S. Pedro	Barcelos	Póvoa de Varzim
Vila do Conde	S. João Baptista	»	Vila do Conde
Vila Franca	S. Miguel	»	Viana do Castelo
Vila Frescaínha	S. Martinho	»	Barcelos
Vila Frescaínha	S. Pedro	»	»

Freguesias	Oragos	Concelhos, julgados antigos	Concelhos actuais
Vila Fria	S. Martinho	Barcelos	Viana do Castelo
Vila N. Famalicão	Santo Adrião	»	Famalicão, V. N.
Vila Seca	S. Tiago	»	Barcelos
Vilar das Almas	Santo Estêvão	Portela de Penela	Ponte de Lima
Vilar de Figos	S. Paio	Barcelos	Barcelos
Vilar do Monte	D.º Salvador	»	»
Vilarinho das Cambas	» »	»	Famalicão, V. N.
Vilarinho do Bairro	S. Miguel	Vilarinho do Bairro	Anadia
Vila Verde	S. Paio	Vila Verde	Vila Verde

II

Algumas Notas

Tem o actual concelho oitenta e nove freguesias, não contando as extintas.

De todas queria dar algum pequeno resumo, sobretudo quanto à origem dos seus nomes e casos raros da sua vida. É tarefa algo ingrata e é de resultados dúbios, até porque a melhor fonte — Tradições Populares, do P.^e Gomes Pereira — em sítios cala e noutros afirma, com honestidade, não saber.

Uma coisa é explicar a formação etimológica dos nomes das terras, e outra, os motivos por que tal nome se aplica a tal terra.

Enquanto o primeiro dos estudos — Etimologia — se rege por regras mais ou menos fixas, o segundo — Toponímia — baseia-se muito em razões de acaso, hoje desconhecidas, mas favoráveis ao labor da imaginação.

Serão estas as registadas.

Antes, devo referir que vários nomes de terras provêm de nomes de pessoas, suas donas ou moradoras antigas, tornando-se facilíma a explicação^a da origem embora nem sempre verdadeira. Outros virão de quaisquer circunstâncias desconhecidas ou inventadas.

Abade do Neiva — Santa Maria de Condovão... de (Santa Maria, ab.) (1) Vado... e de Abade, mais tarde de Abade do Neiva, em Terras de Neiva, para a distinguir da sua homónima na mesma comarca de Barcelos, mas pertencente ao julgado de Vermoim.

Dista da cidade 4,5 kms.

Mais informes, na Viagem de Barcelos a Viana.

Aborim — Antigamente Vorim... e Amorim. Parece (S. Martinho, V.) o seu nome vir de Abovinus, nome gótico «De Sancte Martino de Vorim», na Terra de Ripa de Lima. Inquirições de 1220.

Parte dela pertenceu ao couto de Carvoeiro, a cujo convento era anexa, e a Palme.

Dist. da cid. 10 kms.

Adães — Athanes ou Adalanes, nome próprio, gótico. (S. Pedro V) Aparece já num documento de 1024.

Teve um morgadio que devia conservar-se, contra os usos, na linha feminina, excluindo, portanto os homens.

Duas coisas notáveis se deram, por meados do séc. passado: a Junta exigiu o pagamento de 14.000 réis a todo o indivíduo que para ali fosse morar sem ser por casamento, e a montagem duma fábrica de fazer dinheiro, a qual deu muito que falar.

Dist. da cid. 8 kms.

Aguiar — Aguilaris, de Aguila æ, aguia, nome (Santa Luc. écla, ab.) de família nobre aí vivente no tempo de D. Afonso Henriques.

«De Sancta Lúgricia» em Terra de Aguir de Ripa de Lima: Idem.

Foi vila com foral de D. Afonso III e D. Manuel.

Foi cabeça de Julgado com 17 freguesias.

Teve castelo no monte de Crasto.

Há mais: Aguiar, (Viana do Alentejo) Évora, Aguiar da Beira, (Viseu), Aguiar de Sousa (Paredes) Porto.

Dist. da cid. 13 kms.

Airó — Monte Aureo — donde se extraía ouro.
(S. Jorge, r.) Não parece vir de Aureolus—eira pequena.

«De Sancto Georges de Couto de Várzea» nas Terras de Faria. Idem.

Engloba a antiga freguesia de S. Martinho de Airó.

Também teve anexa a de S. Bento da Várzea.

«Vinho de Airó, bebe-o tu só» por ser bom.

Viveu em tempos aqui um lavrador poeta que suspendia o trabalho para não perder a inspiração.

Tem uma imagem de S. Jorge a pé que substituiu uma a cavalo, e foi retirada do camarim para que ao incessar-se o Santíssimo não se oferecesse incenso ao burro.

Dist. da cid. 8 kms.

Aldreu - Alderedus, nome próprio gótico.

(S. Ilago ab.)

«De Sancto Jacobo de Palmi» de Terra de Nevia. Idem.

Pertencia ao couto do convento beneditino de Palme. Afir-
mou-se existir no adro da Igreja um arcaz tumular com água que
nunca secava; apenas... oscilava com as marés.

Teria operado inúmeros milagres.

Dist. da cid. 14 kms.

Alheira—Alliaria, terra de alhos.

(Santa Marinha, ab.)

«De Sancte Marine de Leira» de Terra de Nevia. Idem.

Engloba parte da antiga freguesia de Regoufe.

Tem uma ponte romana—de Anhel—sobre o rio Neiva.

Dist. da cid. 13 kms.

Alvelos — *Albellus*, nome próprio, gótico.
(S. Lourenço, ab.) Do solar dos Alvelos, aqui moradores e descendentes dos réis de Leão.

Teria sido couto de um convento beneditino lá assente e depois englobado pelo de Vilar de Frades.

Passou a pertencer ao julgado de Faria.

Dist. da cid. 4,5 kms.

Alvito(s) — *Alvitus*, nome próprio, gótico. São duas freguesias, apenas de oragos diferentes
(S. Martinho, ab.)
(S. Pedro, v.) — S. Martinho e S. Pedro.

«De Sancto Martino d'Alviti de Terra de Nevia. Idem. «De Sancto Petro... idem idem.

Esta segunda engloba as restantes freguesias de Ginzo e Regunfe às quais me referirei no lugar próprio.

Há mais: Alvito em Beja, Alvito da Beira — Proença a Nova. Dist. da cid. 10 e 9 kms.

Arcoselo — *Arcu-ellus*, arquinho.
(S. Mamede) «De Sancto Mamemete de Arcuzelo» da Terra de Nevia. Idem.

A cidade penetra nesta freguesia onde conta algumas fábricas, a Estação dos Caminhos de Ferro e a Cadeia Comarcã.

Há mais: Arcoselo em Gaia-Porto, em Ponte de Lima, em V. N. de Tarzem e em Vila Verde.

Ao centro vão 3 kms.

Areias de Vilar — Do areal que a limita pelo rio e de Vila, quinta, povoado.

«De Sancto Johanne de Arenis nas Terras de Penafiel de Bastuzo». Idem.

É formada por três freguesias: S. João Baptista, S. Salvador e Santa Maria Madalena; de Vilar de Frades esta última e de Areias de Vilar as duas primeiras.

Dela falo na viagem «Barcelos a Braga».

Dist. da cid. 8 kms.

Balugães—*Baluganis, Baluga.* Vem dum genitivo (S. Martinho, ab.) gótico que parece significar certo género de botas altas. Assim, seria terra do seu fabrico.

A esta terra fiz referência, na pág. 256, bem como ao santuário de Nossa Senhora da Aparecida, dentro dela situado.

Dist. da cid. 14 kms.

Barcelinhos—Referida na página 205.

(Santo André)

Dist. da cid. 2 kms.

Barcelos—Referida na página 24.

(Sta. Maria Maior p.)

Barqueiros—Referida na página 231.

(S. João Baptista)

Há Barqueiros em Vila Real.

Dist. da cid. 12 kms.

Bastuço(s)—De Basto, denso, com vegetação espessa. De Bastianos, povo de que fala Strabão e Plínio. De Bastião, torre

(S. João Baptista)

(Santo Estêvão)

ou trinheira de fortaleza, talvez do Castelo de Penafiel.

Houve, em tempos recuados, no alto do monte de Bastuço e nos cabeços de montes vizinhos uma povoação que deu origem a uma vila ou mesmo cidade. Teve castelo com o nome de Pena Fiel ou Penafiel, cujo bastião contribuíra para o nome de Bastuço. Ele com o de Faria, Neiva e Aguiar formava a quadrela defensiva de Barcelos e da estrada para Braga. Nele teve sede o antigo julgado de Penafiel.

Dist. da cid. 15 kms. Santo Estêvão e 12 kms. S. João.

Cambezes—Cambenses, curvo. Admite-se vir de

(S. Tiago)

Cambas, nome por que eram conhecidos uns moínhos de mão. Partes de rodas de carros de bois.

Era couto da Sé de Braga. Entre outros privilégios tinha o de varrer a Sé de Braga, todos os sábados.

Há mais: Cambezes em Monção e em Montalegre—Vila Real.

Dist. da cid. 12 kms.

Campo—Referido na página 252.

(D. Salvador, r.)

«De Sancto Salvatore de Campo» de Terra de Nevia. Idem.

É fama ter existido outrora nesta freguesia um convento cujas freiras teriam morrido todas, só de ver um bicho. Na fábula existe um réptil—Basilisco—a que se atribuía o poder de matar com a vista.

Há Campo de terras de Bouro, Campo da Póvoa de Lanhoso, Campo de Reguengos—Évora—Campo, S. Martinho e S. Salvador—Santo Tirso—Porto, Campo de Valongo—Porto, Campo de Besteiros e Campo de Viseu.

Dist. da cid. 8 kms.

Carapeços—De nome próprio.

«De Sancto Jacobo de Carapesos» de Terra de Nevia. Idem.

Teria sido na chã de S. Miguel, dentro desta freguesia que se deu o recontro entre portugueses e castelhanos, como foi dito na página 219.

Da Casa de Carapeços foi dono Pero Coelho, um dos assassinos de D. Inês de Castro, aquele a quem D. Pedro I mandou arrancar o coração pelas costas.

Dist. da cid. 8 kms.

Carreira—Caminho, estrada ou lugar de corridas.

(S. Miguel ab.)

Já foi citada na página 235 por causa dos viveiros e na página 186 por causa das suas rendas.

Tem ainda a indústria de chapéus de palha, peneiras e crivos, marcenaria, tamancos e sogas.

Há Carreira em V. N. de Famalicão e Carreira em Santo Tirso.

Dist. da cid. 14 km.

Carvalhal—De sítio em que há muitos carvalhos.

(S. Palo, r.)

Parece esta terra ter tido outrora grandes devezas. Daí o nome.

«De Sancto Pelágio de Carvalal» nas Terras de Faria.

Idem.

Há mais oito freguesias com este nome, respectivamente, em Meda—Lamego, na Sertã—Portalegre, em Óbidos—Lisboa, em Pinhel—Guarda, em Nelas—Viseu e em Vouzela—Viseu.

Dist. da cid. 4 kms.

Carvalhas—Como a anterior, de haver devezas
(S. Martinho, v.) em que as árvores maiores se chamam
carvalhas e carvalheiras.

«De Sancto Martino de Carvalias» nas Terras de
Faria. Idem.

Na encosta do monte da Saia existiu o «Forno dos Mouros»
curiosa construção romana.

Dist. da cid. 8,5 kms.

Chavão—*Flavianus i*, nome próprio latino.
(S. João Baptista, v.) Foi comenda da ordem de Malta.

Dist. da cid. 12 kms.

Chorente—*Florente*, nome próprio latino.
(S. Miguel, r.) «De Sancto Michaeli de Chorente»,
nas Terras de Faria. Idem.

Dist. da cid. 11 kms.

Cossourado — *Cossus auratus*, rugas douradas.
(S. Tiago, ab.) «De Sancto Jacobo de Cossoi-
rados» de Terra de Nevia. Idem.

Terá sido no monte de S. Simão, nesta freguesia, que no
tempo de D. João IV existiu uma mina de prata mandada fechar
por este monarca.

Há outro Cossourado em Paredes de Coura.

Dist. da cid. 12 kms.

Courel—*Quadrellus i*, variando de quadrella que
(S. Martinho, v.) significa terreno rectangular.

«De Sancto Martino de Coirel» nas Terras de
Faria. Idem.

Dist. da cid. 10 kms.

Couto, Couto do Tamel ou S. Tiago do Couto
(S. Tiago, v.) —Do latim *cautus*, acautelado, guardado—.

Vinha a ser determinada extensão territorial a que
fora concedido algum privilégio favor ou isenção a
disfrutar por quem neles vivesse.

De entre os privilégios contavam-se o das justiças não poderem lá penetrar, de não ser preso quem neles se acolhesse, etc. Houve muitos coutos e terras coutadas.

«*De Sancto Jacobo de Tamial*» de Terra de Nevia.
Idem.

Há mais sete terras com este nome, respectivamente nos Arcos de Valdevez, em Santo Tirso, duas em Viseu, (Couto de Baixo, Couto de Cima), e de Santa Comba Dão.

Dist. da cid. 10 kms.

Creixomil—*De Creixemiro*, nome próprio, gótico.
(S. Ilago, ab.) «*De Sancto Jacobo de Creixemir*» de Terra de Nevia. Idem.

Já a citei, mas aqui refiro o duelo à espada entre Rui Ferreira e o Abade de Creixomil no tempo de D. João III, aquele para desafrontar o pai duma agressão por parte do Abade.

Romantizou-o Camilo em «*Noites de Insónia*» e conta-o Felgueiras Gaio no seu «*Nobiliário*».

Há outro Creixomil em Guimarães.

Dist. da cid. 7 kms.

Cristelo—*Christelus*. Cristo pequeno; do latim (D. Salvador, ab.) *Christus*. Crastelo, castro romano.
«*De Sancto Salvator de Crastelo*» nas Terras de Faria. Idem.

Havia—não sei se ainda dura—o costume, no lugar de Ferreiros, dos moradores rezarem o terço à noite, em comum, chamados por campainha da janela do que «contava».

É fama no monte de Veiros ter existido uma mina de prata, nos tempos dos romanos.

Há mais quatro terras com este nome, sendo uma em Caminha, outra em Valença, outra em Paredes de Coura e a última em Paredes—Porto.

Dist. da cid. 11 kms.

Durrães—*Durra*, *Dorra* ou *Dorla*, nome próprio, (S. Lourenço, v.) gótico. Teria dado Dorlães que significa quinta... do Snr. Dorla.

Pertenceu ao couto do convento de Carvoeiro, terra oriunda duma grande cidade que existiu no monte de Balugães.

Teve este couto privilégios muito curiosos como o de pernada — prestação de certo tributo por toda a mulher ao casar — de não poderem querelar na vila sem licença do abade e o deste julgar verbalmente as questões entre eles e sem apelo.

Dist. da cid. 15 kms.

Encourados — Cobertos de couros, significará os termos. Havia na velha indumentária de guerra uma peça de nome coura, por ser de couro. Era um gibão de abas, designando-se o portador por encourado. Daí ou do solar de Encourados viria o nome à terra.

«De Sancto Jacobo de Encoirados de couto de Martin», nas Terras de Penafiel.

Dist. da cid. 10 kms.

Faria — Há opiniões de ter sido aqui a terra de (Santa Maria, v.) Ophir ou Ophiriana segundo Flávio Dextro. Desta área compreendida por Faria e Rates teria levado Salomão madeiras e oiro para o Templo de Jerusalém. Daí as terras de Ofir e talvez o Ofir de Fão?

«De Sancta Maria de Faria Antiga» nas Terras de Faria. Idem.

Foi Julgado importante até 1835.

De entre os seus homens célebres não esquecerá o Alcaide e seus descendentes, com o nome da Terra — Faria.

Mais informes, na pág. 230.

Dist. da cid. 8 kms.

Feitos — De actos importantes dos quais teria vindo (S. Tlago, v.) o nome ao lugar onde hoje se encontra a Igreja paroquial trazida do lugar de Echate, ou da abundância de feitos — termo popular das criptogâmicas vasculares fetos.

«De Sancto Jacobo de Eixate» de Terra de Nevia. Idem.

Segundo opiniões teria sido um pouco antes da Portela do Ladrão o encontro de portugueses e castelhanos, e o aprisionamento do Alcaide de Faria. Existe uma fonte chamada dos mortos e o lugar de Tantos Mil, indícios de antiga batalha.

Dist. da cid. 8 kms.

Fonte Coberta — Duma fonte que existe perto e
(S. Romão, r.) no lado sul da Igreja, fonte chamada, coberta e que dá origem a um regato.

«De Sancto Romano de Fonte Cooperta» nas Terras de Faria. Idem.

Dist. da cid. 10 kms.

Fornelos — De fornos pequenos, dos quais apare-
(D. Salvador, r.) cem vestígios na Agra da Vila e Boavista.

«De Sancto Salvatore de Faria» nas Terras de Nevia. Idem.

Há Fornelos em Fafe, Ponte de Lima, Vila Real (Santa Marta de Penaguião) e Lamego (Cinfães).

Há ainda Fornelos em Viseu e V. do Conde.

Dist. da cid. 7 kms.

Fragoso — De terreno acidentado, escarpado, ín-
(S. Pedro, ab.) greme.

«De Sancto Vicencio de Fragoso» de Terra de Nevia. Idem.

O saudoso Dr. Teotónio Fonseca, conta em «O Concelho de Barcelos», vol. I, pág. 248 que faleceu nesta terra um ricaço sem herdeiros. Porém, logo vários se propuseram ao bolo, com o auxílio das justiças.

Tudo terminou em bem. Um dos herdeiros — sobrinho — deu aos demais quatro centos contos, e aos advogados e solicitadores uma verbazita ultrapassante os mil e quinhentos contos, cabendo a um sete centos, a outro trezentos e a outro cem. Isto em 1933. Chegou para tudo e deu motivo hílare para a revista, «ai que treta se Mariquinhas».

Dist. da cid. 15 kms.

Galegos — Povoação formada por homens da Galiza. Santa Maria e S. Martinho.
(Santa Maria, ab.)
(S. Martinho, r.)

«De Sancta Maria de Galegos» de Terra de Prado. Idem.

Há as Caldas do Eirogo, dentro de Galegos — Santa Maria — e às quais me referi na pág. 249.

Eirogo virá de eiró ou eiroz, espécie de enguia.

Além destas duas terras com o nome supradito, há Galegos na Lourinha, em Penafiel e na Póvoa de Lanhoso.

Dist. da cid. 6 kms. e S. Martinho 6 kms.

Gamil — *Galamirus i*, ou *Ganamirus*, nome próprio, (S. João Baptista, v.) gótico.

«De Sancto Johanne de Guaamir de Couto de Várzea. Idem.

Nesta freguesia está a antiga carreira do tiro que servia para a instrução dos recrutas dum batalhão do oitavo de Braga, aquartelado em Barcelos.

Também é fama ter vivido aqui uma receptora célebre de colheitas dúbias — a Martinha — lavradeira gorda e ourada.

Dist. da cid. 5 kms.

Gilmonde — De Gil... Ger... Ges ou Gismundus i (Santa Maria, v.) nome próprio, gótico.

«De Sancta Maria de Gesmundi» nas Terras de Faria. Idem.

Há também Gilmonde em Bragança.

Dist. da cid. 5 kms.

Góios — *Gaudius ii*, gozo prazer.

(Santa Maria, v.) Santa Maria de Góios significará, portanto, terra dedicada a Nossa Senhora dos Prazeres.

Pode ter-lhe vindo o nome duma nobre família dos Góios.

«De Sancta Maria de Gouvios, das Terras de Faria». Idem.

Dist. da cid. 8 kms.

Grimancelos — Grimanços, nome próprio, gótico.

(S. Mateus, v.)

Herculano não a refere no seu *Portugaliae Monumenta Historica*, pe'o que não vem nas Inquirições.

Dist. da cid. 13 kms.

Gual — É incerta a origem deste nome.

(S. Palo)

Antigamente esta freguesia parece ter-se chamado Carvalial que alguns autores fazem derivar de Carvalhal.

De Herculano nada se pode tirar.

Dist. da cid. 9 kms.

Igreja Nova — Por opposição a alguma antiga igreja?

(Santa Maria, ab.)

Muito nova não é, porque já vem nas Inquirições de D. Afonso II, 1220, sob a denominação de «*Sancta Maria de Ecclesia Nova*» de Terra de Prado. Idem.

Há Igreja Nova em Ferreira do Zêzere e Mafra.

Dist. da cid. 14 kms.

Lama — *Lama* ae, termo latino que significa lama, atoleiro, lodaçal.

(D. Salvador, ab.)

Vem nas Inquirições de 1258, mas separada da de Sandim que hoje lhe está incorporada.

Há Lama de Vila Nova de Famalicão e Lama de Arcos em Chaves.

Dist. da cid. 10 kms.

Lijó — De *Lagea*, *lageolus*, pequenas lages. Terra

(Santa Maria, v.)

em que abunda a pedra alousada.

«*De Sancta Maria de Ligios*» de Terra de Nevia. Idem.

Tem uma capela — de Santa Cruz — comemorativa do aparecimento duma cruz no chão que ela cobre, em 11 de Junho de 1843.

Tem a Fonte de Ramos e as Caldas a que já me referi na pág. 250.

Dist. da cid. 6 kms.

Macieira — Do solar dos Macieiras, antiquíssima
(Santo Adrião, v.) família que aqui vivera?

«De Sancto Adriano de Magieira» nas Terras de Faria. Idem.

Há Macieira em Sernancelhe (Lamego), em Vila do Conde, Macieira de Alcoba em Águeda, Macieira de Cambra em Vale de Cambra e Macieira da Lixa em Felgueiras e Macieira de Sarnes, na Feira (Porto).

Dist. da cid. 12 kms.

Manhente — Manientus i, termo latino que significa
(S. Martinho) *maníaco, dementado.*

«De Sancto Martino de Manenti de Monasterio» de Terra de Prado. Idem.

Foi mosteiro deneditino da fundação de S. Martinho de Dume. Depois de algumas lutas foi incorporado com seu couto pelo de Vilar de Frades.

Já me referi a esta freguesia na pág. 244.

Dist. da cid. 6 kms.

Mariz — Maricus, Manaricus ou Malaricus ei, nome
(Santo Emilião, v.) próprio, latino. Viria da família deste nome?

«De Sancto Miliano de Maariz» de Terra de Nevia. Idem.

Dist. da cid. 5 kms.

Martim — Martinus ni, nome próprio, latino. Propriedade dum senhor com este nome?
(Santa Maria, v.)

«De Sancta Maria de Martim» na Terra de Penafiel de Dastuzo. Idem.

Entre esta e a freguesia de Cabreiros—do concelho de Braga—fica o porto de Martim a que me referi na pág. 16.

Dist. da cid. 12 kms.

Midões — *Mido nis*, nome próprio.

(S. Palo, v.)

Divergem as opiniões, fazendo vir aquele termo do árabe *midam*, praça de torneios, ou do latim *pilo nis* pilão ou moínho; terra de moínhos, portanto.

«*De Sancto Pelagio de Midões*». Idem.

Há Midões em Táboa, Coimbra.

Dist. da cid. 7 kms.

Milhazes — *Mille acies*, mil fileiras de guerreiros.

(S. Romão r.)

Milhazes, milhares de combatentes perecidos em hipotética batalha. *Milhais* e *milheirais*; da abundância de milho na região.

«*De Sancto Romão de Milazes*» nas Terras de Faria. Idem.

Já a citei na pág. 229.

Dist. da cid. 7 kms.

Minhotães — Terra de minhotos, aves de rapina chamadas milhafres.

(D. Salvador, r.)

«*De Sancto Salvatore de Miotaes*» na Terra de Faria. Idem.

Dist. da cid. 14 kms.

Mondim — *Mondinus i*, nome próprio, gótico. Vem

(S. Martinho)

na Inquirição de 1220 e de 1258. Teve como anexa, muito tempo, a freguesia de Panque, acontecendo hoje o contrário, pois, Mondim está civil e eclesiásticamente unida à de Panque com que faz uma só freguesia. Ver Panque na pág. 301.

Há Mondim da Beira e Mondim de Basto,

Dist. da cid. 13 kms.

Monte de Fralães — *Fragães*, de fragas que abundam em seus montes, sobretudo no da *Saia*, onde tivera sede a freguesia. Também se alvitra a origem de *Farelães*, que significaria terra de farelos.

(S. Pedro)

Foi Honra com longa história e curiosos acontecimentos que bem narra o saudoso Dr. Teotónio da Fonseca no seu valioso trabalho, «O Concelho de Barcelos».

Tem uma festa célebre a Nossa Senhora da Saúde, todos os anos a 15 de Agosto.

Dist. da cid. 11 kms.

Moure — Do latim *Maurus i*, nome próprio latino, (Santa Maria) que nos deu o *Amaro* em português.

«*De Sancta Maria de Mauri de Couto de Varzea*» na Terra de Faria.

Esta freguesia com mais duas — Adães e Encourados — passaram, por troca, da apresentação do Arcebispo de Braga para a do convento de Vilar de Frades.

Este, que tinha a apresentação da de Calvelo pela renúncia do seu último abade, Dias Barros, aceitou, dada a distância desta.

Gonçalo Dias de Barros, natural de Braga e descendente de geração nobre, ordenou-se de presbítero, tendo sido colocado em Calvelo — Ponte do Lima —.

Mais tarde resignou do benefício, recolheu-se ao convento de Vilar de Frades e aí morreu, deixando ao convento a apresentação da dita paróquia.

Em 1441 o convento cedeu-a ao Arcebispo de Braga D. Fernando Guerra, concedendo-lhe este prelado os mesmos direitos sobre as três supramencionadas freguesias.

Teotónio da Fonseca conta no seu valioso trabalho «O Concelho de Barcelos» uma peripécia como sucedida nesta freguesia, embora quemquer a naturalize a seu gosto.

Ouvi-a, mas como passada lá para as bandas de Vieira do Minho, em tempos dos frades e grandes missões, é que é:

Um orador, obeso e mal humorado, dissertava terrivelmente sobre as penas eternas, vivendo, no seu corpo redondo e pesado, a sentença condenatória que começa pelo... *ide, malditos!* Ou porque os malditos não fossem logo ou porque mostrassem mesmo dis-

posição contrária, o nosso orador teria firmado a imprecação com o gesto, todo significativo e convincente, de se erguer nos pés ambos que bateria com estrondo no reforço daquele... *ide.* Mas, coisa terrível! Ele é que foi. O tampo da dorna sobre o qual pregava não aguentou, e toda aquela eloquência desapareceu entre arcos e aduelas, restando de fora os braços a pedir... auxílio.

Há Moure no concelho de Felgueiras, no concelho de Montalegre e no de Vila Verde.

Dist. da cid. 11 kms.

Negreiros — *Nigrarius* a um; adj. latino que significa anegrado.
(Santa Eulália, ab.)

Teria vivido nestas paragens alguém mais carregado na cor, árabes até. Daí, o nome.

Havia moínhos chamados *negreiros*, por oposição aos *alveiros* que moíam milho branco, enquanto aqueles moíam um milho mais negro, talvez o chamado *mouro*. Pode aceitar-se com mais razão esta origem, baseada na existência lá destes moínhos.

Não vem nas Inquirições de 1220.

Dist. da cid. 14 kms.

Oliveira — Antigamente chamada *Ulbeira*, nome de família nobre com solar nesta terra.

«*De Sancta Eolália de Ulveira*» de Terra de Prado. *Idem.*

Antiga freguesia do extinto concelho de Prado fez parte do Couto e Honra de Azevedo na Lama.

No cimo do monte do Facho, dentro desta freguesia, fica parte da Citânia de Roriz, a que me referi na pág. 151.

Há Oliveira no Concelho dos Arcos de Valdevez, de Braga, da Póvoa de Lanhoso, de Vila Nova de Famalicão (duas) de Mesão Frio, da Livração; há ainda Oliveira de Azemeis, do Bairro, do Conde (Viseu) do Douro (duas, sendo uma no Porto e outra em Lamego—Cinfães—) do Hospital, de Frades e do Mondego.

Dist. da cid. 11 kms.

Palme — *Palma æ*, palma; terra onde se fixavam peregrinos vindos da terra Santa ou até de Compostela.
(Santo André)

Traziam com eles ramos de palmeira, pelo que se chamaram palmeiros, e Palmeira, Palma ou Palme às terras onde se fixavam.

Vem nas Inquirições de 1258.

Tinha o Mosteiro de *Palme* que é anterior à fundação de Portugal. Beneditino, foi erguido por um fidalgo — Lovezendo — dono de Palme, então propriedade sua. Teve couto.

Desapareceu, por anexação, em 1834 a outra Palme, Santo André.

Esteve muitos anos unida à dos Feitos.

Dist. da cid. 12 kms.

Panque — De *Pancus*, nome gótico.

(Santa Eulália)

Vem nas Inquirições de 1258 designada por *Sancta Ovaya de Paanqui*.

Anexa à de Mondim já em 1587 a sua igreja tornou-se ermida sob a invocação de Santa Ovaia.

Mais tarde foi construída nova igreja que ficou a servir de Matriz a Panque e Mondim.

Dist. da cid. 14 kms.

Paradela — *Bradella*, pousada, lugar onde se demora ou descansa.

«*De Sancta Marina de Paradela*» nas Terras de Faria. Idem.

Há Paradela em Miranda do Douro, em Montalegre, em Monforte, em Sever do Vouga, em S. Martinho da Cortiça (Coimbra), Mogadouro e em Tabuaço, Lamego.

Dist. da cid. 12 kms.

Pedra Furada — Duma pedra, tampa de sepultura

(Santa Leocádia)

duma santa — Santa Leocádia — enterrada viva.

Miraculosamente se teria furado a pedra e erguido a Santa. É um paralelo com o que se diz de Santa Leocádia martirizada em Toledo no ano 300.

Dit. da cid. 8 kms.

Pereira — De *Piraria* æ, pereira.

«De Sancto Salvatore de Pereira» nas Terras de Faria. Idem.

Dentro dos limites desta freguesia estão os motivos descritos na pág. 226, i. é a Igreja de Nossa Senhora da Franqueira.

Dist. da cid. 6 kms.

Perelhal — Do latim *Piriclale* e significará lugar de
(S. Palo, ab.) peras pequenas.

Ou de perelhal, terra de peras. Vem nas Inquirições de 1220 e 1250.

Nela passaram, ferozmente, os franceses de 1809, onde mataram e chacinaram a garnel. Numas pedras com pintas escuras que há no lugar da Pedreira quer o povo ver sangue de algum inocente.

Dist. da cid. 8 kms.

Pousa — Antigo local de descanso e alimentação
(Santa Cristina) do cobrador de foros reais.

Também se chamava *Santa Cristina de Ulgo*, do latim *uliculus* que significaria terra de urzes.

Vem nas Inquirições de 1220.

Dist. da cid. 12 kms.

Quintiães — *Quintilanis*, do gótico *Quintilla*, nome
(Santa Maria) próprio.

Vem nas Inquirições de 1220 e 1258.

Algumas memórias recordam as pestes do séc. XVI, sobretudo a de 1579 chamada peste grande.

No seu extremo passa a estrada para a Galiza.

Dist. da cid. 12 kms.

Quiraz — *Quiriacus i*, nome próprio.

Vem nas Inquirições de 1220 com o nome «*De Sancto Salvatore de Quiras*» de Terra de Neiva.

Vem também nas Inquirições de 1258.

Foi anexa à de Roriz em 1841.

Nela exerceram estragos, cortando os centeios para os cavalos e perseguindo os habitantes, as tropas francesas que seguiam a Ponte de Lima.

Houve esboço de guerrilhas, pelo que os franceses exerceram represálias.

Dist. da cid. 8 kms.

Remelhe — Do latim *Remiculos i*. diminutivo de
(Santa Marinha) *Remus i*, nome próprio.

Engloba a antiga freguesia de Moldes.

«*De Sancta Marina de Remele*» nas Terras de Faria. Idem.

Terra da naturalidade de D. António Barroso.

Dist. da cid. 5 kms.

Rio(s) Covo(s) — Do rio assim chamado, o qual
(Santa Eugénia e Santa Eulália) banha as duas.

Covo, significará fundo.

«*De Sancta Eugenia de Couto da Várzea*» nas Terras de Faria.

Esta freguesia teve, entre outros, um homem célebre, Gaspar Góis do Rego, senhor do Morgado de Merece em S. Pedro de Calvelo, e que foi o «*Alferes Barcelense*» referido na pág. 59 e 60.

Dist. da cid. respectivamente, 4 e 8 kms.

Roriz — *Rodoricus i*, segundo uns, e *Rox roris*,
(S. Miguel, ab.) *rocio*—segundo outros.

Vem nas Inquirições de 1220 como «*De Sancto Michael de Rooriz*» de Terra de Prado.

Em 1809 quando os franceses se dirigiam para Ponte de Lima acamparam nesta freguesia no lugar do Pateirão. Perseguiram os de Quiraz que ergueram trincheiras no lugar de Real. Aí apareceram ossadas humanas.

A citânia de Roriz fica entre esta freguesia e a de Oliveira, no monte do Facho.

Há mais Roriz em Santo Tirso — Porto — e em Monforte — Vila Real —.

Dist. da cid. 9 kms.

Sequiade — Do árabe *Assequiat* que significa
(S. Tiago, ab.) regato.

«De Sancto Jacobo de Ciquid» nas Terras de Faria. Idem.

Dist. da cid. 12 kms.

Silva — *Silva* æ, bosque e floresta, segundo uns, nome
(S. Julião) duma família vinda da Galiza, segundo outros.

Foi chamada S. Julião do Calendário do Neiva, do Tamel e, finalmente, da Silva.

Vem nas Inquirições de 1220 com a designação «De Sancto Juliano de Calendário» de Terra de Neiva. Vem também nas de 1258.

Tem um grande Seminário dos RR. PP. do Espírito Santo. Há Silva em Valença (duas; S. Julião e Santa Maria) em Viseu (duas; de Baixo e de Cima), na Maia (Silva Escura) e outra também *Escura* em Sever do Vouga.

Dist. da cid. 6 kms.

Silveiros — Do latim *Silva* æ, bosque, significando
(S. João Baptista, r.) Silveiros, homens do bosque.

Compreende duas antigas freguesias — S. João Baptista e S. Salvador —.

Vem nas Inquirições de 1220.

Dist. da cid. 9 kms.

Tamel (eis) — Santa Leocádia, S. Pedro de Fins e S. Veríssimo — três freguesias — Tamel virá do árabe *Thamel*, negligência.

Vêm todas nas Inquirições de 1220.

Distância da cidade, respectivamente, 7, 9 e 3 kms.

Pedro Fins virá duma variante de *Petrus Felix*.

Tregosa — Antigamente Trebousa, Torgoosa, derivado de Torgo, raíz de urze.
(Santa Maria, ab.)

«De Sancta Maria de Torgoosa» de Terra de Nevia. Idem.

Dist. da cid. 15 kms.

Ucha — Do latim *butica æ*, caixa do pão.

(S. Romão, ab.)

«De Sancto Juliano» de Terra de Prado. Idem.

Dist. da cid. 12 kms.

Várzea — Da veiga do Rio Covo.

(S. Bento, r.)

Referida na pág. 234.

Há dezassete terras com o nome de Várzea e Várzea de ...

Dist. da cid. 6 kms.

Viatodos — De ver a todos; expressão vinda do

(Santa Maria, r.)

facto da igreja, estar em sítio de ... ver a todos. De vias todas, concentração de algumas estradas romanas.

«De Sancta Maria de Veatodos» nas Terras de Faria. Idem.

Dist. da cid. 13 kms.

Vila Boa — O termo vila teve antigamente o signi-

(S. João, ab.)

ficado de extensão grande de terra dum só dono.

Seria, portanto, uma região excepcionalmente fértil do vale do Tamel também designado por S. João do Tamel, e Vila Boa do Tamel.

Há mais sete Vilas Boas, não contando a grande variedade de outras Vilas, (três a seguir) com idêntico significado.

Vila Cova — Da sua topografia. Em lugar baixo.
(Santa Maria, ab.) «De Sancta Maria de Villa Cova»
de Terra de Nevia. Idem.

Tem incorporada a antiga freguesia do Banho, que referi
na pág. 273.

Dist. da cid. 10 kms.

Vila(s) Frescaínha(s) — Extensão de terreno dum
(S. Martinho e S. Pedro) só dono (vila).

«De Sancto Martino de Villa Fiscaia» de Terras de
Nevia. Idem.

Dist. da cid. 3 kms.

A de S. Pedro não vem nas Inquirições.

Dist. da cid. 3 kms.

Vila Seca — Extensão de terra que pertencia a um
(S. Tiago) só dono (vila) com poucas ou nenhu-
mas águas.

«De Sancto Jacobo de Villa Secca» nas Terras de
Faria. Idem.

Dist. da cid. 8 kms.

Há Vila Seca em Armamar e em Condeixa.

Vilar de Figos — Na página 222.

(S. Palo)

Dist. da cid. 10 kms.

Vilar do Monte — Da topografia do terreno.
(Div. Salvador) Não vem nas Inquirições
de 1220 nem nas de 1258.

Dist. da cid. 7 kms.

Há Vilar do Monte em Macedo de Cavaleiros e em Ponte
de Lima.

Esta explicação pertence à chamada da pág. 286.

- (1) ab.—abadia
r.—reitoria
v.—vigararia
p.—priorado

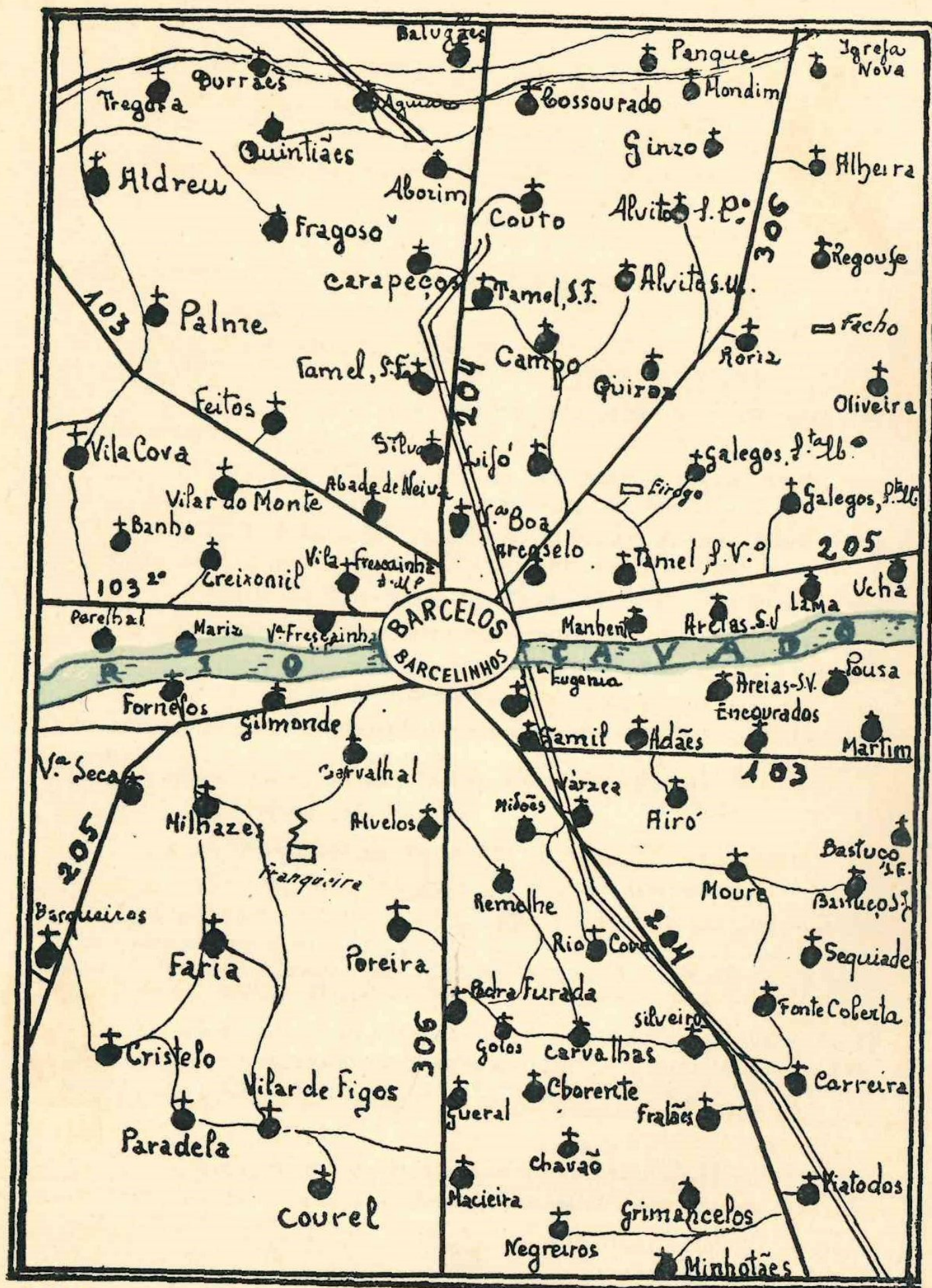


Gráfico do concelho de Barcelos

Agradecimento

A todos quantos me ajudaram com livros e informações; *

Às entidades que me cederam fotografias e fotografuras, destacando:

Câmara Municipal, da presidência do Ex.^{mo} Senhor Dr. Luís José Novais Machado;

Comissão Municipal de Turismo, da presidência do Ex.^{mo} Senhor Dr. Eurípedes E. de Brito;

Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira;

Mesa de Nossa Senhora Aparecida;

Jornal «O Barcelense», propriedade do Snr. Rogério Calás de Carvalho.

E ainda aos Senhores: José Quaresma de Matos, muito competente Chefe da Estação dos C. F. de Barcelos, Augusto Soucaux, António Baptista, José Teixeira e Carlos Basto.

À Biblioteca de Braga;

À Biblioteca de Barcelos;

À Biblioteca Itinerante da zona de Barcelos;

Ao pessoal gráfico da Tipografia «Gil Vicente» João Carlos Gonçalves Calheiros e Joaquim Vilas Boas Teixeira, compositores, José Fernandes Queirós dos Santos, impressor, e António da Silva Peres Filipe, encadernador;

Ao editor José Luís Correia, a cujo entusiasmo e sacrifício se fica a dever a impressão do presente trabalho e o valor estético do mesmo com fotografuras e cromos, propriedade sua.

A sincera gratidão do autor.

Campo, dia da Imaculada Conceição de Nossa Senhora
Dezembro de 1958

BIBLIOGRAFIA

Trabalhos Consultados

- A Igreja de Vilar de Frades, Cónego Aguiar Barreiros;
Arqueologia e Belas Artes, Cónego Aguiar Barreiros.
Céu Aberto na Terra, P.^e Francisco de Santa Maria.
Corografia Portuguesa, P.^e Carvalho.
Crónica da Província da Soledade, Fr. Francisco Santiago.
Fastos Episcopais..., de Mons. J. A. Ferreira.
História de Portugal, A. Herculano.
Lendas de Portugal, Rocha Martins.
Lembranças, Heitor G. Barbosa.
Lendas e Narrativas, A. Herculano.
Memória Histórica, P.^e Domingos Joaquim Pereira.
Minho Pitoresco, Augusto Vieira.
Ninharias, José de Azevedo Meneses.
O Concelho de Barcelos, Aquém e Além Cávado, Dr. Teotónio da Fonseca.
O Sargento Mor de Vilar, Arnaldo Gama.
Portugal Antigo e Moderno, Pinho Leal.
Portugaliae Monumenta Historica, A. Herculano.
Resenha Histórica, Major J. Mancelos Sampaio.
Tradição Popular, P.^e António G. Pereira.
Tratado Panegírico, Fr. Pedro Poiares.
Últimas Gerações, José de Sousa Machado.
Anuário Católico de 1957, Mons. Lopes da Cruz.
Constituições Diocesanas.

ÍNDICES

I

Gravuras coloridas

Turismo, Solar dos Pinheiros e Pelourinho	8-9
Rio, Ponte, Paço Ducal e Igreja Matriz	18-19
Palácio Ducal, 1876	48-49
D. António Barroso	54-55
Jardim das Barrocas	68-69
Templo do Senhor da Cruz.	74-75
Escadaria do Jardim das Barrocas	78-79
Iluminação nas Festas das Cruzes	80-81
Armas de Barcelos	124-125
Lavradeira—traje	178-179
Alcaide de Faria	220-221
Nossa Senhora da Franqueira	228-229
Gráfico do Concelho de Barcelos	306-307

Das Fotogravuras

	Págs.
Capela, Carvalho e Ponte.	11
Ponte sobre o Cávado	13
O Rio	15
A Praia Fluvial.	20
Pelourinho, Solar dos Pinheiros e Jardim do Pelourinho. .	21
Turismo	22
Vista da Cidade	23
Avenida Dr. Oliveira Salazar	32
Pelourinho	36
Solar dos Pinheiros	39
Igreja Matriz	41
» » (interior)	43
Ruínas do Paço	46
Outra vista das Ruínas	47
Vista antiga das Ruínas	52
Câmara Municipal	53
Monumento a D. António Barroso	55
Museu de Cerâmica Regional	56
Largo do Apoio	57
Campo de S. José	60
Externato D. António Barroso	62
Passeio das Obras	65
Torre de Menagem	66
Largo da Porta Nova	67

Templo do Senhor da Cruz	70
Campo da Feira (antiga).	76
» » » nas Cruzes	78
Hospital da Misericórdia	82
Parque	85
»	86
Monumento ao Bombeiro	87
» aos Mortos da Grande Guerra	90
Púlpito da Igreja do Terço	96
Colégio Alcaides de Faria	97
Igreja de Santo António da Cidade.	101
Projecto da Estação	104
Estação Antiga.	105
» Moderna	106
Ponte dos Caminhos de Ferro sobre o Cávado	107
Casa quatrocentista	110
Recolhimento do Menino Deus	128
Pórtico de S. Francisco	129
Casa de José de Beça e Meneses	130
» do Benfeito	131
» das Senhoras Simões.	132
» Machados da Maia	133
» do Dr. Domingos de Figueiredo	134
Chafariz do Campo da Feira	136
Solar dos Pinheiros (interior)	138
Escola Industrial e Comercial	143
Arruamentos e Misericórdia	147
Gráfico da parte Sul da Cidade	148
» » » Norte	151

Um trecho do Cávado	152
Rancho Infantil	167
» Minhoto	169
» de Barcelinhos	171
Feira do Barro	182
» » »	183
Galos	184
»	185
Feira dos Cestos	186
» » Jugos	188
» » Ferros	190
Barcelinhos	205
Capelas do Convento dos Frades	209
Fonte do Cenóbio	210
Igreja do Convento	212
Ruínas do Castelo de Faria	213
A Alcáçova do Castelo	215
Citânia	223
Alto da Franqueira	224
Pousada	225
Igreja da Franqueira.	227
Portão de Pedregais — Faria —	230
Igreja do Convento de Vilar de Frades	242
Igreja de Manhente	245
Solar dos Azevedos — Lama —	247
Caldas do Eirogo	250
Capela da Aparição — Balugães —	257
Nossa Senhora da Aparecida	258
Santuário de Nossa Senhora da Aparecida	259

Imagem de Nossa Senhora da Aparecida.	260
Imagem Primitiva	262
Igreja Românica de Abade do Neiva	266
Pórtico da Igreja	267
Penedo do Ladrão	268
Sobreiro do Rei.	270

III

Dos Assuntos

	Págs.
Aos raros leitores de prólogos.	7
Nota de abertura	9
Capela de N. S. da Ponte, Ponte e Carvalho (Heráldico)	11
Lenda da Ponte	14
O Rio	15
A Praia Fluvial.	20
Sede do Turismo	22
A Cidade.	23
Barcelos e a Dominação Romana	27
» e seu Foral.	28
» e a Restauração.	29
» Moderna	31

I PARTE

Motivos da Cidade

I

Pelourinho	37
Solar dos Pinheiros	39

Igreja Matriz	41
Paço Ducal	45
Museu Arqueológico	49
Lenda do Senhor do Galo	50

II

Paços do Concelho	53
Monumento a D. António Barroso	54
Museu de Cerâmica Regional	56

III

Largo do Apoio	58
Casa do Condestável	58
Casa do Alferes Barcelense	59

IV

Praça D. Pedro V e Capela de S. José	61
Campo de S. José	62

V

Jardim das Barrocas.	63
Passeio das Obras	64
Torre de Menagem	66
Largo da Porta Nova	67
Museu Alcaides de Faria.	68
Templo do Senhor da Cruz	71
O Milagre das Cruzes	73
Lendas	75
As Festas das Cruzes	77

VI

Misericórdia e Hospital	81
Parque	85

VII

O Bombeiro Voluntário	87
Aos Mortos da 1. ^a Grande Guerra	89
Ao Conselheiro Dr. José Novais	94
Igreja do Terço.	95

VIII

Igreja de Santo António da Cidade.	99
Casa dos RR. PP. Capuchinhos	100
Estação dos Caminhos de Ferro	105

IX

Teatro Gil Vicente	109
Judiaria	111
Caixa Geral, Conservatória Registo Predial e Biblioteca	112
Livros e Numismática	115

VÁRIOS

Armas de Barcelos	121
Igrejas, Capelas, Solares e Casas antigas.	127
Fontes e Monumentos Nacionais	135
Ruas, Avenidas, Largos e Praças	139
Gráficos	148 e 151
Homens Notáveis	153

ACTIVIDADES

Barcelos e o seu Folclore.	161
Artigos Regionais	181
Indústria.	191
Comércio	195
Assistência Hospitalar	198
Cultura, Desporto e Recreio	199

II PARTE

Arredores de Barcelos

I

Barcelos à Franqueira e Póvoa de Varzim	205
Barcelinhos	206
Convento dos Frades	209
Castelo de Faria	213
Os Principais de Vilar de Figos	222
A Citânia	222
O Alto da Franqueira	223
Igreja de Nossa Senhora da Franqueira	226
Milhazes	229
Faria.	230
Barqueiros.	231

II

Barcelos a Famalicão (V. N.)	233
S. Bento da Várzea	234
S. Miguel da Carreira	235

III

Barcelos a Braga	237
Convento de Vilar de Frades	237
O Frade e o Passarinho	239
O Sino Bento	241
Barragem da Penida.	241

IV

Barcelos a Prado	243
S. Veríssimo	243

Galegos e Manhente.	244
S. Vicente e Lama	246

V

Barcelos a Ponte do Lima (por Freixo)	249
Caldas do Eirogo e Lijó	250
Fonte do Leite e Citânia de Roriz	251
Crestes e Sá de Miranda	252

VI

Barcelos a Ponte do Lima (por Balugães)	253
Recolhimento do Menino Deus	253
Casa de Saúde S. João de Deus	255
Cadeia Comarcã	255
Quinta de Santa Maria	256
Igreja de Balugães	256
Santuário de Nossa Senhora da Aparecida	257

VII

Barcelos a Viana do Castelo	265
Abade do Neiva.	265
Penedo do Ladrão	268
O Sobreiro do Rei	269
Segunda Invasão Francesa	271
Creixomil e os Franceses.	272

VIII

Barcelos a Esposende	273
Convento do Banho.	273
» de Palme.	274
Aditamento	275
Freguesiás da Antiga Comarca	276 a 285
Algumas Notas	285
Freguesias Actuais.	286

Corrigendum

Págs.	Linha	Onde se lê	Leia-se
76	8	M.tos	M.to
91	25	Este	A este
93	2	barcelenses, que	barcelences que
97	13	Estes	Aqueles
112	24	título:	título.
142	21	S. José	Cândido dos Reis
192	28	defrutar	disfrutar
193	17	por,	por
193	19	traria,	traria
231	1	pelo	por
200	18	saida	saída
200	18	entrada	estrada
210	2	com	como
216	11	facto	feito
216	21	olhos como fez um	olhos, desacatava como fez a um
262	34	aparição e	aparição, e
263	11	maroteira,	maroteira)
276	26	Neiva (1)	Neiva.
286	7	Condovão	Condevão
288	3	réis	reis
288	14	Regunfe	Regoufe
288	18	Mamemete	Mamete
289	16	trinheira	trincheira
291	33	neles	nelas
292	2	neles	nelas
292	22	Salvator	Salvatore
294	7	chamada,	chamada
297	19	ei	ci
299	34	é que é:	e que é:
302	16	garnel	granel
303	3	Neiva	Nevia
303	12	Remiculos	Remiculus
303	12	dimimutivo	diminutivo

Distâncias quilométricas, de Barcelos a...

	Kms.
Amarante, por V. N. de Famalicão e Guimarães	73,5
Arcos de Valdevez, por Balugães, P. do Lima, P. da Barca.	49,5
Braga, por Barcelinhos.	17,5
Braga, por Prado(*)	24,5
Caldas das Taipas, por Braga	34,1
Caldas de Vizela, por V. N. de Famalicão e Guimarães	48,5
Caldelas, por Prado e Ponte do Bico (*)	31
Caminha, por Viana	53
Corunha	166,5
Esposende (**)	13
Fão (**)	16
Gerês, por Prado e Ponte do Bico (*)	61,5
Guimarães, por Braga	41
Guimarães, por V. N. de Famalicão	38,7
Lisboa	367,3
Melgaço, por Viana e Monção	122,5
Moledo do Minho, por Viana	49
Monção, por Viana e Valença	98,7
Monção, por Vila Verde, Ponte da Barca, Arcos.	86
Ofir	17,2
Penafiel, por V. N. de Famalicão e Guimarães	70,5
Peso, Melgaço	118
Ponte da Barca, por Ponte do Lima (*)	45,5
Ponte do Lima (*)	28,5
Porto, por V. N. de Famalicão	46,5
Porto, por Póvoa de Varzim.	45,5
Praia de Âncora	45
Póvoa de Varzim	21
Valença do Minho	80,5
Viana do Castelo.	28,2
Vila do Conde, pela Póvoa de Varzim.	24,8
Vila Nova de Famalicão	17,5

(*) Macadame, parcialmente.

(**) Macadame; totalmente.

Acabou de imprimir-se este livro
no dia 9 de Dezembro de 1958 na
Tip «GIL VICENTE» – Barcelos

35\$00

biblioteca
municipal
barcelos



60227

Barcelos no passado no
presente